



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde**

**TRANSIÇÃO PARA ADOLESCÊNCIA DO PRIMOGÊNITO EM FAMÍLIAS  
DE CLASSE MÉDIA: PADRÕES RELACIONAIS E INTERGERACIONAIS**

**SYLVIA REGINA CARMO MAGALHÃES SENNA**

**Brasília - DF, agosto de 2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde**

**TRANSIÇÃO PARA ADOLESCÊNCIA DO PRIMOGÊNITO EM FAMÍLIAS  
DE CLASSE MÉDIA: PADRÕES RELACIONAIS E INTERGERACIONAIS**

**SYLVIA REGINA CARMO MAGALHÃES SENNA**

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia  
da Universidade de Brasília, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Doutor em Processos de Desenvolvimento  
Humano e Saúde. Área de concentração:  
Desenvolvimento Humano e Educação.**

**ORIENTADORA: PROFa. Dra. MARIA AUXILIADORA DESSEN**

**CO-ORIENTADOR: PROF. Dr. KURT KREPPNER**

**Brasília - DF, agosto 2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde**

TESE APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria Claudia Lopes de Oliveira – Presidente  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Dessen - Membro  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Elizabeth Queiroz - Membro  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Liana Fortunato da Costa - Membro  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Glaucia Ribeiro Starling Diniz - Membro  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Lídia Natália Dobrianskyj Weber - Suplente  
Universidade Federal do Paraná - UFP

Brasília, agosto de 2011

## AGRADECIMENTOS

À finalização deste trabalho, um agradecimento parece pouco para expressar minha gratidão por cada um.

A Deus e a todos os seus mensageiros de luz, que iluminaram e iluminam meu caminho, na figura de anjos, familiares, amigos e contrapontos.

Aos meus pais, Fabio e Anamaria, pelo berço, o solo, a fonte e o colo.

Ao meu marido, Gerson, pelo amor, a fidelidade e a tolerância infinitas.

Aos meus filhos, Hugo e Henrique, minha razão, e noras, Suzzy e Ana, pela juventude instigante e motivadora.

Às minhas irmãs quéris, Flavia, Pop e Jô, pelo afeto e a força incondicionais.

À minha comadre Divina, pela sustentação da fé.

Aos meus sobrinhos-filhos Filippe, Conrado, Amanda, Victória e Victor, pela torcida e trabalho organizados.

À Ritinha, pela constância.

Às famílias de sangue e de alma, os Carmos, Meys, Lusardos, Zottichs, Oliveiras, Limas, Flemings, Guimarães, Fleiths e Rodrigues, pelo incentivo e pela compreensão da minha ausência.

À minha orientadora, profa. Maria Auxiliadora Dessen, pelos ensinamentos em pesquisa e em relações humanas.

Ao prof. Kurt Kreppener, pela base e o modelo.

Às minhas amigas-irmãs, Patrícia e Fabiane, pela parceria carinhosa, otimista e competente.

Aos amigos do grupo do Laboratório de Desenvolvimento Familiar (LabFam), da UnB, Simone, Maíra, Daniela, Ana Carolina e Adriane, pela convivência e o compartilhamento de idéias e ideais; Nara, Frederico e André, pelo apoio e o companheirismo.

Ao Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Saúde, representado por seus professores, Denise Fleith, Silviane Barbato, Áderson Costa Junior, alunos e funcionários, pela oportunidade e acolhida.

Ao meu terapeuta, Carlos Arturo Molina, pelo suporte emocional e profissional.

Aos meus pacientes, pela paciência e confiança com que me aguardaram.

Às famílias participantes, pelo aconchego em suas casas e vidas.

Na certeza de que este é apenas o começo... Que nossa estrada continue...

## RESUMO

A adolescência continua a despertar forte interesse em pesquisadores, clínicos e políticos, por suas inquestionáveis repercussões individuais, relacionais e contextuais. Estudar este período do desenvolvimento humano requer a compreensão de peculiaridades e diversidades existentes nos padrões de comunicação e interação das famílias, especialmente, quanto aos processos de desenvolvimento da autonomia e negociação entre genitores e adolescentes. À luz da perspectiva sistêmica e do Modelo (Bio)Ecológico de Bronfenbrenner, este estudo investigou a transição do filho primogênito para a adolescência, tendo como participantes o adolescente-foco (10 a 13 anos de idade) e os genitores, de 30 famílias de classe socioeconômica média, do Distrito Federal. A coleta incluiu informações provenientes de um Questionário de Caracterização do Sistema Familiar; dois roteiros de entrevista semiestruturada, dirigidos aos genitores e filhos; e um Questionário de Caracterização do Clima Familiar, dirigido ao adolescente-foco. O tratamento dos dados compreendeu uma análise de conteúdo ampliada, que conduziu à elaboração de vários sistemas de categorias. Os resultados priorizaram três eixos: (a) a caracterização das famílias de origem dos genitores (FO) e das famílias atuais dos adolescentes-foco (FA); (b) a transição para a adolescência nas FO e FA; e (c) os padrões de comunicação e desenvolvimento da autonomia e negociação de conflitos nas relações parentais, nas FA. Os dados indicaram semelhanças, mas, principalmente, diferenças entre as FO e FA. Embora os valores familiares tenham se mostrado similares nas duas gerações, atualmente, eles estão menos claros e coerentes; os padrões de comunicação familiar tornaram-se mais diversificados e intensos; genitores e filhos se percebem mais próximos e abertos ao diálogo, à expressão de afeto e ao compartilhamento; genitores ainda abraçam práticas educativas tradicionais, como punições verbais e físicas, mas, as conversas são mais comumente adotadas, prevalecendo, nessas famílias, um clima harmônico. Nas famílias atuais, a liberdade de expressão e a autonomia são valorizadas, especialmente, no momento da transição para a adolescência e, mesmo gerando conflitos, tem propulsionado o desenvolvimento de toda a família. Os conflitos, por sua vez, associaram-se ao cotidiano familiar, tendo sido considerados pouco relevantes e, geralmente, solucionados. As famílias atribuem ao clima positivo e harmônico sua satisfação com a vida familiar, apesar dos genitores revelarem preocupações e dúvidas quanto ao contexto de vida atual e futura do adolescente. Comunicação positiva e negociação entre pais e filhos são necessárias, no sentido de balancear a proximidade e a autonomia durante a transição para a adolescência. São sugeridos ampliação e aprofundamento de estudos sobre o tema, além de propostas de atenção à saúde desta população no país. A integração das áreas educacional, clínica e da saúde pode conduzir a uma visão mais positiva da adolescência, baseada nas potencialidades e possibilidades de participação e contribuição do adolescente para o seu próprio desenvolvimento e o da sociedade.

Palavras-chave: desenvolvimento familiar, adolescência, padrões de comunicação familiar, saúde do adolescente

## ABSTRACT

The period of adolescence continues to arouse the interest of researchers, clinicians and politicians due its unquestionable individual, relational and contextual repercussions. In order to study this period of the human development, it is necessary to understand the peculiarities and diversities in the family communication and interaction patterns, especially regarding the development of autonomy and negotiation processes between progenitors and adolescents. In the lights of the systemic approach and Bronfenbrenner's (Bio)Ecological Model, this study investigated the transition of the oldest child into adolescence, having a focus-adolescent (from 10 to 13 years old) and his/her progenitors, from thirty middle social-economic level families in the Federal District. The collected data included information from a family sociodemographic questionnaire, two semi-structured interview scripts geared to the progenitors and the focus-adolescents, and one questionnaire given to the adolescent to describe the family climate. Data treatment encompassed a broad content analysis and the elaboration of a series of code systems. The results prioritized three axes: (a) the characterization of the progenitors' families of origin and of the current families; (b) the transition into adolescence in the families of origin and current families; and (c) the communication patterns in the current families and the development of autonomy and conflict negotiation in resolution parental relationships. Data indicated similarities, but, mostly, discrepancies between families of origin and current ones. Although family values seem similar in the two generations, nowadays they are less clear and coherent; the family communication patterns became more diverse and intense; progenitors and adolescents see themselves growing closer, and more open to dialogue, display of affection and sharing; progenitors still embrace traditional educational practices, like verbal and physical punishment, but conversations are more commonly adopted, and a harmonious atmosphere prevails in these families. For the current families, the freedom to express themselves and autonomy are especially valued during the transition into adolescence, and, although they lead into conflicts, they also foster family development. Conflicts were linked to everyday problems and are not considered relevant to family members, being solved by family consensus. Families accredit their satisfactory life to the positive and harmonious family climate despite the concerns and doubts about the adolescents' current and the future life contexts. Positive communication and negotiation are necessary in order to balance closeness and autonomy during the transition into adolescence. Suggestions are made in regards to the enlargement and deepening of the topic in study, in addition to proposals directed to the health of this population in the country. The integration of the different areas – educational, clinical and health related – may lead to a more positive perspective of adolescence, based on the potentialities and possibilities of the adolescent him/herself in participating and contributing to his/her own development and that of the whole society.

Key-words: family development, adolescence, family communication patterns, adolescent health

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	iv
<b>RESUMO</b>	v
<b>ABSTRACT</b>	vi
<b>LISTA DE TABELAS</b>	xiii
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	xvii
<b>APRESENTAÇÃO</b>	1
<b>INTRODUÇÃO</b>	5
Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para as Concepções Contemporâneas da Adolescência	5
O Percurso do Estudo Científico da Adolescência no Século XX	6
Primeira Fase: A Descrição dos Processos de Desenvolvimento na Adolescência	7
Segunda Fase: A Visão Contextualista do Desenvolvimento do Adolescente	9
Tendências Atuais: a Visão do Desenvolvimento Positivo	13
Saúde na Adolescência: Reflexões sob a Perspectiva do Desenvolvimento Humano	16
Conceituando e Definindo Limites na Adolescência	17
Mudanças e Indicadores de Saúde na Adolescência	18
As Relações Familiares na Adolescência dos Filhos	22
Relações entre Pais e Filhos Adolescentes	24
Qualidade das Relações Parentais: Influências dos Estilos e Práticas Educativas	25
Reciprocidade nas Relações Parentais e Conjugais	30
A Família como um Sistema Comunicacional	32
O Clima Familiar e os Processos de Comunicação	35
Padrões de Comunicação Familiar	35
Autonomia e Negociação nas Famílias durante a Adolescência dos Filhos	39
Conceitos e Instrumentos de Medida da Autonomia	39
O Processo de Autonomia nas Famílias durante a	39

Adolescência	
Conflitos e Negociações da Autonomia e seus Efeitos sobre as Relações Familiares	46
<b>JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS</b>	50
Relevância Social: A Adolescência no Brasil	51
Relevância Científica: A Família como Unidade Mínima de Análise	52
<b>METODOLOGIA</b>	58
A Transição para a Adolescência sob a Perspectiva Sistêmica	58
O Modelo (Bio)Ecológico de Urie Bronfenbrenner para a Compreensão da Adolescência na Família	61
Método	66
As Famílias Participantes	66
Seleção das Famílias Participantes	67
Caracterização das Famílias Participantes	69
Instrumentos e Procedimentos para a Coleta dos Dados	73
Questionário de Caracterização do Sistema Familiar	74
Roteiros de Entrevista Semiestruturada	75
Questionário de Caracterização do Clima Familiar	76
Procedimentos para a Análise dos Dados	78
Análise dos Questionários	78
Análise das Entrevistas	78
Etapa 1. Análise das Entrevistas de um Grupo de Participantes (Adolescentes-foco)	79
Etapa 2. Elaboração do Novo Sistema Preliminar de Categorias (Adolescentes-foco e Genitores)	80
Etapa 3. Revisão do Sistema Preliminar e Elaboração do Sistema Integrado (definitivo) de Categorias (para cada roteiro de entrevista)	80
Etapa 4. Validação do Sistema Integrado de Categorias	80
<b>RESULTADOS</b>	82
Caracterização das Famílias de Origem e Atual: Semelhanças e Diferenças	82
A Família de Origem dos Genitores: Caracterização e Relações	82

Familiares na Perspectiva dos Genitores	
A Infância dos Genitores em suas Famílias de Origem	84
Fatos Relevantes da História de Vida dos Genitores em suas Famílias de Origem	84
Relações Familiares nas Famílias de Origem dos Genitores	85
A Família Atual do Adolescente-foco: Caracterização e Relações Familiares	91
Caracterização das Famílias Atuais e Atividades da Rotina Familiar	91
As Relações Familiares nas Famílias Atuais dos Adolescentes- foco	96
Semelhanças e Diferenças entre as Famílias de Origem e Atuais, na Perspectiva dos Genitores	104
Concepções de Família: Famílias “Reais” X “Ideais”, na Perspectiva dos Genitores e Filhos	109
A Família “Real”: Avaliação das Famílias de Origem e das Famílias Atuais	109
A Família “Ideal”: Concepções de Família	114
A Adolescência “Nas” e “Para” as Famílias de Origem e as Famílias Atuais	120
A Adolescência dos Genitores nas Famílias de Origem	121
Caracterização do Genitor Adolescente nas Famílias de Origem	121
Marcos da Transição para a Adolescência dos Genitores nas Famílias de Origem	122
Fatos Relevantes da Adolescência dos Genitores nas Famílias de Origem	125
Infância e Transição para a Adolescência nas Famílias Atuais	128
Caracterização do Adolescente-foco e Fatos Relevantes durante a sua Infância	128
Estágio Atual do Desenvolvimento do Adolescente-foco: A Transição para a Adolescência	131
Semelhanças e Diferenças entre a Adolescência nas Famílias de Origem e nas Famílias Atuais, na Perspectiva dos Genitores	141

Concepções de Adolescência: Adolescência “Real” X “Ideal” nas Famílias de Origem e nas Famílias Atuais, na Perspectiva de Genitores e Filhos	144
A Adolescência “Real”: Percepções dos Filhos e dos Genitores sobre Si Mesmos e sobre os Demais Familiares	144
A Adolescência “Ideal”: Concepções de Adolescência	147
Padrões de Comunicação Familiar: O Desenvolvimento da Autonomia e a Negociação dos Conflitos nas Famílias Atuais	154
Liberdade, Autonomia e Estabelecimento de Limites e Regras	155
Conflitos e Negociações nas Famílias Atuais	163
Síntese dos Resultados: Continuidades e Mudanças nas Relações das Famílias de Origem e das Famílias Atuais	171
<b>DISCUSSÃO</b>	176
O Que os Resultados Sugerem?	176
Contextos de Desenvolvimento das FO e das FA: Continuidades e Descontinuidades	176
Histórias de Vida Familiar: Fatores Estressores ao Desenvolvimento	182
Concepções de Família e de Adolescência	185
Percepções de Genitores e Filhos sobre seus Familiares	188
Tarefas de Desenvolvimento das Famílias	190
A Dimensão Afetiva e o Clima Emocional nas Relações entre Genitores e Adolescentes	191
A Dimensão da Autonomia nas Famílias Atuais	197
Conflitos e Negociações nas Famílias Atuais	201
Considerações Metodológicas	206
Considerações Finais: Em Direção a uma Visão Ampliada de Adolescência e de Saúde do Adolescente Brasileiro	213
<b>REFERÊNCIAS</b>	217
<b>ANEXOS</b>	241
ANEXO A – Carta à Instituição de Ensino	242
ANEXO B – Carta-convite para Participação na Pesquisa (Famílias)	244
ANEXO C – Estudo Piloto 2	246

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	250
ANEXO E – Questionário de Caracterização do Sistema Familiar	252
ANEXO F – Roteiro de Entrevista Semiestruturada – Pais e Mães	258
ANEXO G – Roteiro de Entrevista Semiestruturada - Adolescente	262
ANEXO H – Questionário de Caracterização do Clima Familiar	265
ANEXO I – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem - Contexto de Vida	266
ANEXO J – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem - História de Vida	267
ANEXO K – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem - Caracterização do Genitor	268
ANEXO L – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem - Avaliação das Relações Familiares	269
ANEXO M – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem - Relações Parentais	270
ANEXO N – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais - Tipologia e Fatos Relevantes	271
ANEXO O – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais - “Família Real”	272
ANEXO P – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais - “Família Ideal” (1)	273
ANEXO Q – Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais - “Família Ideal” (2)	274
ANEXO R – Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais - Semelhanças	275
ANEXO S – Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais - Diferenças (1) - Adolescente e Adolescência	276
ANEXO T – Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais - Diferenças (2) - Vida Familiar	277
ANEXO U – Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais - Diferenças (3) - Vida Social	278
ANEXO V – Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais - Relações Conjugais	279

ANEXO W – Sistema de Categorias - Relações Familiares nas Famílias Atuais - Relações Parentais (1) - Padrões e Práticas Parentais Educativas	280
ANEXO X – Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais - Relações Parentais (2) - Preocupações/ Dúvidas e Valores	281
ANEXO Y – Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais - Conflitos Familiares nas FA - Conjugais	282
ANEXO Z – Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais - Conflitos Familiares nas FA - Parentais	283
ANEXO AA – Sistema de Categorias: Percepções de Si Mesmos e dos Outros Familiares	284
ANEXO AB – Sistema de Categorias: Concepções de Família (1) - Estrutura Familiar	285
ANEXO AC – Sistema de Categorias: Concepções de Família (2) - Funcionamento e Valor	286
ANEXO AD – Sistema de Categorias: Concepções de Adolescência (1) - Geral	287
ANEXO AE – Sistema de Categorias: Concepções de Adolescência (2) - Fase de Mudanças	288
ANEXO AF – Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente- foco - Infância	289
ANEXO AG – Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente- foco - Transição (1) - Mudanças Pessoais, na Vida Escolar e Social	290
ANEXO AH – Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente- foco - Transição (2) - Mudanças na Vida Familiar	291
ANEXO AI – Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente- foco - Presente	292

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1.</b> Caracterização das Famílias: Tipo, Número de Habitantes, Moradia e Renda	70
<b>Tabela 2.</b> Caracterização dos Filhos Participantes: Gênero, Idade e Escolaridade	71
<b>Tabela 3.</b> Caracterização dos Genitores Participantes: Idade e Escolaridade	72
<b>Tabela 4.</b> Caracterização dos Irmãos dos Adolescentes-foco: Gênero, Idade e Escolaridade	73
<b>Tabela 5.</b> Percentuais de Atividades Domésticas e de Cuidados com os Filhos	93
<b>Tabela 6.</b> Período de Realização de Atividades Familiares por Pais, Mães e Filhos	94
<b>Tabela 7.</b> Tipo e Frequência das Atividades de Lazer em Família, por Configuração Familiar	95
<b>Tabela 8.</b> Tipos e Frequência de Realização de Atividades de Lazer em Família	96
<b>Tabela 9.</b> Frequência dos Temas de Conversação entre Configurações Familiares	102
<b>Tabela 10.</b> Padrões de Comunicação Familiar nas Relações Parentais nas FO e FA	104
<b>Tabela 11.</b> Eventos da História de Vida do Adolescente-foco	130
<b>Tabela 12.</b> Mudanças Pessoais durante a Transição para a Adolescência nas FO e FA	136
<b>Tabela 13.</b> Mudanças nas Relações Parentais durante a Transição para a Adolescência nas FA	139
<b>Tabela 14.</b> Práticas Educativas Parentais nas FO e FA	144
<b>Tabela 15.</b> Tempo de Aplicação dos Instrumentos em Ocasão do Estudo Piloto 2	247

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Composição das famílias participantes	69
<b>Figura 2.</b> Religião das famílias participantes	71
<b>Figura 3.</b> Percentuais das ocupações dos genitores	73
<b>Figura 4.</b> Percentuais das tipologias das FO, segundo os genitores	83
<b>Figura 5.</b> Avaliação da infância nas FO, segundo os genitores	84
<b>Figura 6.</b> Percentuais dos fatos relevantes da infância nas FO, segundo os genitores	85
<b>Figura 7.</b> Percepções das características pessoais dos genitores na infância, segundo os genitores	85
<b>Figura 8.</b> Avaliação das relações conjugais dos pais dos genitores nas FO, segundo os genitores	86
<b>Figura 9.</b> Avaliação das relações parentais dos genitores nas FO, segundo os genitores	87
<b>Figura 10.</b> Percentuais dos padrões de comunicação nas relações parentais nas FO, segundo os genitores	89
<b>Figura 11.</b> Percentuais das práticas educativas parentais nas FO, segundo os genitores	89
<b>Figura 12.</b> Valores transmitidos pelas FO, segundo os genitores	91
<b>Figura 13.</b> Percentuais das tipologias das FA, segundo genitores e filhos	92
<b>Figura 14.</b> Percentuais da frequência no comparecimento das FA às atividades religiosas, segundo os genitores	97
<b>Figura 15.</b> Percentuais dos padrões de comunicação nas relações conjugais nas FA, segundo genitores e filhos	98
<b>Figura 16.</b> Similaridades e diferenças entre os parceiros nas FA, segundo genitores e filhos	99
<b>Figura 17.</b> Percentuais dos padrões de comunicação nas relações familiares nas FA, segundo genitores e filhos	100
<b>Figura 18.</b> Frequência dos temas de conversação entre genitores e filhos nas FA, segundo os genitores	103
<b>Figura 19.</b> Semelhanças entre as FO e as FA, segundo os genitores	105
<b>Figura 20.</b> Percentuais das diferenças entre as relações parentais na adolescência nas FO e FA, segundo os genitores	107
<b>Figura 21.</b> Diferenças entre os valores transmitidos pelas FO e FA, segundo os genitores	107

<b>Figura 22.</b> Diferenças na vida social dos adolescentes nas FO e FA, segundo os genitores	107
<b>Figura 23.</b> Avaliação das FO, segundo os genitores	109
<b>Figura 24.</b> Avaliação das FA, segundo genitores e filhos	110
<b>Figura 25.</b> Avaliação do clima familiar nas FA, segundo os filhos	111
<b>Figura 26.</b> Avaliação da vida familiar nas FA, segundo genitores e filhos	113
<b>Figura 27.</b> Avaliação das relações conjugais nas FA, segundo genitores e filhos	114
<b>Figura 28.</b> Características atribuídas aos parceiros nas FA, segundo os genitores	114
<b>Figura 29.</b> Características da Família “Ideal”, segundo genitores e filhos	116
<b>Figura 30.</b> Percentuais das funções atribuídas aos pais na Educação ‘Ideal’, segundo os filhos	117
<b>Figura 31.</b> Concepções de família, segundo genitores e filhos	120
<b>Figura 32.</b> Mudanças pessoais na transição para a adolescência nas FO, segundo pais e mães	124
<b>Figura 33.</b> Mudanças na vida familiar na transição para a adolescência nas FO, segundo pais e mães	124
<b>Figura 34.</b> Percentuais dos fatos relevantes na adolescência nas FO, segundo os genitores	127
<b>Figura 35.</b> Características pessoais dos filhos na infância nas FA, segundo genitores e filhos	129
<b>Figura 36.</b> Percentuais dos fatos relevantes das FA, segundo genitores e filhos	131
<b>Figura 37.</b> Percepção da fase de desenvolvimento dos filhos, segundo pais, mães e filhos	131
<b>Figura 38.</b> Características pessoais dos filhos nas FA, segundo os genitores	133
<b>Figura 39.</b> Percentuais das mudanças na transição para a adolescência nas FA, segundo genitores e filhos	133
<b>Figura 40.</b> Percentuais das preocupações e dúvidas dos genitores na adolescência nas FA, segundo os genitores	141
<b>Figura 41.</b> Avaliações da infância nas FO e FA, segundo genitores e filhos	141
<b>Figura 42.</b> Percentuais das diferenças na adolescência das FO e FA, segundo os genitores	142
<b>Figura 43.</b> Percentuais das mudanças na adolescência nas FO e nas FA, segundo os genitores e filhos	142
<b>Figura 44.</b> Avaliação da FA, segundo genitores e filhos	145

<b>Figura 45.</b> Características pessoais dos genitores nas FA, segundo genitores e filhos	146
<b>Figura 46.</b> Mudanças pessoais esperadas na adolescência, segundo genitores e filhos	149
<b>Figura 47.</b> Percentuais das mudanças esperadas na vida familiar na adolescência, segundo genitores e filhos	150
<b>Figura 48.</b> Percentuais de mudanças na vida social na adolescência, segundo genitores e filhos	151
<b>Figura 49.</b> Avaliação da adolescência nas FA, segundo pai, mãe, filho e filha	153
<b>Figura 50.</b> Concepções de adolescência, segundo genitores e filhos	153
<b>Figura 51.</b> Mudanças no grau de liberdade dos adolescentes-foco na transição nas FA, segundo genitores e filhos	155
<b>Figura 52.</b> Percentuais da distribuição da rede social de apoio das FA, segundo os genitores	155
<b>Figura 53.</b> Percentuais dos locais de cuidado aos filhos pela rede social de apoio das FA, segundo os genitores	156
<b>Figura 54.</b> Percentuais das atividades compartilhadas por filhos e cuidadores da rede social de apoio das FA, segundo os genitores	156
<b>Figura 55.</b> Percentuais de meninos e meninas no desempenho de atividades autônomas nas FA, segundo os genitores	157
<b>Figura 56.</b> Mudanças no grau de autonomia dos adolescentes-foco na transição nas FA, segundo genitores e filhos	158
<b>Figura 57.</b> Estabelecimento de limites e regras nas FA, segundo genitores e filhos	160
<b>Figura 58.</b> Percentuais da utilização das regras estabelecidas nas FA, segundo genitores e filhos	161
<b>Figura 59.</b> Mudanças no grau de expressão de opiniões dos filhos na transição nas FA, segundo genitores e filhos	162
<b>Figura 60.</b> Percentuais dos motivos dos conflitos conjugais nas FA, segundo genitores e filhos	164
<b>Figura 61.</b> Percentuais das soluções dos conflitos conjugais nas FA, segundo genitores e filhos	166
<b>Figura 62.</b> Conteúdos dos conflitos parentais nas FA, segundo genitores e filhos	167
<b>Figura 63.</b> Frequência dos conflitos parentais nas FA, segundo pais, mães, filhos e filhas	168

**Figura 64.** Percentuais das soluções dos conflitos parentais nas FA, segundo genitores e filhos 171

## APRESENTAÇÃO

O interesse pela adolescência cresceu, gradativamente, no percurso da história e se firmou por volta de 1890 (Ariès, 1978/1981), quando esta fase da vida passou a ser reconhecida por sua importância, além de suas inquestionáveis repercussões pessoais e sociais. Vista por um conjunto de fatores de ordem individual, histórica e cultural, a adolescência passou a ser estudada, no início do século XX, essencialmente, pela descrição, explicação e prevenção do comportamento problemático do adolescente (Goosens, 2006a). Ainda ao final do mesmo século, surgiram tendências a favor da desmistificação deste período do desenvolvimento humano, envolvendo o reconhecimento dos desafios e potencialidades do indivíduo, e não apenas das suas dificuldades sociais, emocionais ou comportamentais (Steinberg, 1999).

Aos poucos, tem se tornado unânime admitir a adolescência como um período de grande relevância, principalmente, pela experimentação de novos valores, papéis sociais e identidades e, também, de mudanças e ambiguidades para o indivíduo, a família e toda a sociedade. A típica crise de identidade da adolescência (Erickson, 1968) passa a ser compreendida não mais pela evitação dos problemas, mas pelo desenvolvimento de competências reais do adolescente (Arnett, 1999).

Na atualidade, o período entre a infância e a idade adulta continua alvo dos pesquisadores, especialmente, daqueles ligados ao desenvolvimento humano e familiar, e à saúde. Com as rápidas mudanças no mundo, nas sociedades e nas famílias, surge um novo espectro de temas e questões, propostas de maneiras diferenciadas, permitindo reflexões aprofundadas e informações mais precisas sobre a adolescência.

Neste sentido, estudos contemporâneos descrevem processos do desenvolvimento do adolescente, nos seus múltiplos contextos - familiar, escolar, em grupos de pares -, e diferentes níveis, individuais, relacionais e sociais (Lerner & Galambos, 1998; Lila, van Aken, Musitu, & Buelga, 2006). As pesquisas passam a analisar o desenvolvimento do adolescente em diferentes subfases, e em contextos mais amplos, com vistas a embasar ações de atenção à sua saúde e programas de preparação para sua atuação no mundo adulto (Arnett, 2002; Brown, 2005; Larson, 2002; Larson, Wilson, Brown, Fustenberg, & Verma, 2002; Larson, Wilson, & Mortimer, 2002; Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006). Nestes estudos, são utilizadas metodologias cada vez mais sofisticadas, que privilegiam a perspectiva contextual e relacional, e visam ultrapassar aportes teóricos que não respondam às necessidades de ajustamento saudável dos adolescentes

(Lerner, Almerigi, Theokas, & Lerner, 2005; O'Brien, 2005; Theokas et al., 2005).

Independentemente das relações existentes dentro e entre diferentes contextos, a família é o principal contexto do desenvolvimento e da socialização do adolescente (Dessen & Braz, 2005; Kreppner, 2003; Parke, 2004; Steinberg, 2001). Os resultados dos estudos sobre as famílias na adolescência confirmam seu papel essencial na vida ecológica, afetiva e sexual do adolescente, na função de transmitir regras e normas sociais, intensificada nesta fase de formação da identidade e do desenvolvimento da autonomia (Kreppner, 2000; Lila et al., 2006).

No contexto familiar, as relações parentais são entendidas como a fonte de influência mais significativa na vida do adolescente (Collins & Laursen, 2004a; Lila et al., 2006). Por meio dos padrões de comunicação estabelecidos nas relações entre pais e filhos, pode-se compreender melhor os mecanismos adotados pela família para os ajustes das tarefas do desenvolvimento (Beaumont & Wagner, 2004). Na adolescência, ênfase é dada à identificação dos estilos e das práticas adotados pelos genitores para o controle e monitoramento dos filhos (Arum & Shapka, 2007; Buehler, 2006; Fletcher, Steinberg, & Williams-Wheeler, 2004; Jacobson & Crockett, 2000; McGue, Elkins, Walden, & Iacono, 2005; Milevsky, Schlecter, Netter, & Keehn, 2006; Simons & Conger, 2007).

Baseadas, especialmente, nas abordagens sistêmicas (Minuchin, 1985, 1988) e na perspectiva bioecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996), as pesquisas atuais têm enfatizado as relações estabelecidas dentro das famílias, de modo a substituir os padrões unidirecionais pelos relacionais (Hinde, 1979, 1997); ultrapassar a visão da relação pai/mãe-criança/adolescente, incluindo as demais relações e a interdependência, direta ou indireta, de papéis e funções atribuídas aos familiares (Minuchin, 2002; Parke, 2004), incluindo o papel ativo do adolescente nestas relações. Estes aspectos são melhor percebidos nos momentos de transição familiar (Parke), quando são exigidos novos arranjos e adaptações à família.

Particularmente, no momento de transição da infância para a adolescência dos filhos, ocorrem mudanças na vida familiar, principalmente, quanto ao grau de abertura e flexibilidade na regulação do espaço e das fronteiras entre os familiares; à mediação das regras e dos valores internos; e ao balanceamento da intimidade e da autonomia, especialmente, entre pais e filhos. Surge a necessidade do encorajamento de comportamentos positivos que conduzam à orientação para competências, à expressão de afeto, à regulação das emoções e à comunicação positiva entre o adolescente e os

demais membros da família (Kreppner & Ullrich, 1999; Le Poire, 2006).

Neste período, os padrões de comunicação familiar têm um papel crucial no cumprimento das tarefas de reorganização da dinâmica e no entendimento das relações familiares. Os padrões refletem a forma como essas relações são estabelecidas, mantidas e modificadas e, principalmente, como os membros da família interpretam e atribuem diferentes significados às mudanças, em direção aos diversos caminhos de desenvolvimento (Kreppner, 1999; Kreppner & Ullrich, 1998, 1999).

Portanto, reconhecendo o caráter imprescindível da investigação dos padrões de comunicação familiar, especialmente na adolescência, este estudo teve por objetivo investigar os padrões de comunicação utilizados por famílias brasileiras na fase de transição do filho primogênito para a adolescência, com destaque para os processos de desenvolvimento da autonomia e de negociação dos conflitos entre pais e filhos. Participaram do estudo 30 famílias de classe socioeconômica média, com um adolescente-foco com idade entre 10 e 13 anos e seus genitores.

Priorizando uma perspectiva bidirecional e uma abordagem multimetodológica (Fleith & Costa Junior, 2005), foram coletadas informações com diferentes membros familiares a respeito do funcionamento dos subsistemas parental e conjugal. De modo a capturar informações intrínsecas e extrínsecas aos processos familiares, foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) Questionário de Caracterização do Sistema Familiar; (b) roteiros de entrevista semiestruturada, dirigidos aos genitores e aos filhos(as); e (c) Questionário de Caracterização do Clima Familiar, dirigido ao adolescente-foco. A análise dos dados foi feita reconhecendo-se tanto o conteúdo quanto a qualidade dessas relações (Kreppner, 2003), na origem e extensão do seu impacto sobre o desenvolvimento.

Pretendeu-se compreender melhor o curso de desenvolvimento familiar, identificando características específicas dessas famílias no momento de transição do primeiro filho para a adolescência, com especial atenção aos padrões de interação e relação e à comunicação estabelecida entre seus membros, para lidar com processos de autonomia e negociação dos conflitos nas famílias. Assim, procurou-se contribuir com subsídios para a área de desenvolvimento do adolescente, no sentido de ultrapassar a idéia de ‘vulnerabilidade e risco’, ainda presente nas teorias e pesquisas, nos meios de comunicação e na literatura de ficção (Hines & Paulson, 2006). Além disso, visou-se embasar a busca pela identificação de diferentes estratégias para auxiliar adolescentes e genitores a administrarem positivamente as transições do desenvolvimento, exigidas por esta fase (Kreppner, 2003).

Finalmente, buscou-se, com este estudo, oferecer informações mais precisas ao adolescente, à família e à sociedade, em resposta às necessidades e preocupações sociais, que estão mais amplamente associadas à violência crescente, ao abuso das drogas, à gravidez precoce e às doenças e mortes provocadas pelo excesso de risco. Tais informações podem permitir não só a elaboração de ações de atenção e novas políticas preventivas e protetivas dirigidas a esta população, mas, a promoção de melhores níveis de qualidade de vida para todos (Lerner & Steinberg, 2009).

## INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem por finalidade apresentar, na primeira seção, a evolução do conceito de adolescência ao longo da história, culminando com a atual concepção, sob a perspectiva da ciência do desenvolvimento humano. Na segunda seção, o objetivo é discorrer sobre as relações entre adolescência e saúde na contemporaneidade. Na terceira seção, busca-se descrever as relações estabelecidas pelas famílias com adolescentes, destacando os padrões de comunicação entre pais e filhos, particularmente, aqueles que envolvem o desenvolvimento da autonomia e a negociação de conflitos.

### **Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para as Concepções Contemporâneas da Adolescência**

As primeiras tentativas de descrever a adolescência datam do início do século XV, embora esta fase tenha passado a ser reconhecida como crucial ao desenvolvimento humano somente a partir dos anos de 1890 (Ariès, 1978/1981). Porém, particularmente no século XX, marcado por grandes avanços teóricos nas ciências em geral, advindos da adoção de modelos sistêmicos para a compreensão de fenômenos do desenvolvimento, é que inicia uma visão da adolescência como um conjunto de fatores inter-relacionados, de ordem individual, histórica e cultural.

Ao adotar uma visão relacional e contextual, as pesquisas na área do desenvolvimento do adolescente começaram a estabelecer relações específicas entre os aspectos do indivíduo e de seus contextos, e a identificar desafios, potencialidades e possibilidades de desenvolvimento das reais competências do adolescente (Lerner & Steinberg, 2009). A ênfase maior na adolescência, enquanto período decisivo do curso de vida, passou a ser deslocada para os fatores de mudança e plasticidade, bem como para a diversidade social e cultural, que podem ser mais pronunciados neste período.

Recentemente, sobretudo nas três últimas décadas, as rápidas mudanças no mundo, nas sociedades ocidentais e nas famílias vêm gerando novas preocupações e questionamentos entre estudiosos e leigos. Por exemplo, como compreender as influências mútuas entre os fatores individuais e as forças contextuais no curso do desenvolvimento individual e vice-versa (Brown, 2005)? Como promover relações entre o indivíduo e seu contexto que sejam mutuamente benéficas à saúde do jovem, de sua

família e de sua nação (Lerner & Overton, 2008)?

Pesquisadores da área preocupam-se com as diversas possibilidades de trocas dinâmicas entre o adolescente e seus diferentes contextos, de modo que ele possa seguir caminhos marcados por oportunidades de saúde e desenvolvimento positivo (Lerner & Overton, 2008). Os estudos atuais buscam apresentar dados que sirvam de base para programas dirigidos à adolescência, fase em que um grande potencial pode ser desenvolvido, preparando os adolescentes para melhor enfrentarem desafios e atuarem no mundo adulto (Larson, Wilson, & Mortimer, 2002; Roth & Brooks-Guhn, 2003; Smetana et al., 2006).

Reconhecendo a adolescência como um período do curso de vida essencial ao desenvolvimento do indivíduo, esta seção apresenta o percurso do estudo científico da adolescência, com base em duas fases sobrepostas da história das teorias do desenvolvimento humano, propostas por Lerner e Steinberg (2009) e reiteradas por Goosens (2006a). No primeiro tópico, serão apresentadas as fases históricas que caracterizaram o estudo científico da adolescência no século XX. Considerando a importância das teorias do desenvolvimento elaboradas até os anos de 1970 para a compreensão e concepções atuais da adolescência, breve menção é feita às contribuições das diversas teorias clássicas. Em seguida, é apresentada uma visão mais integradora e contextualista exemplificada pelo o modelo bioecológico do desenvolvimento humano. O segundo tópico trata dos avanços nos estudos empíricos da adolescência, no século XXI, apontando as tendências da ciência e a emergência de uma nova fase caracterizada pela aplicação das teorias e por uma visão de adolescência saudável.

Ao buscar compreender a adolescência com base nas explicações teóricas que orientam suas concepções ao longo do tempo, espera-se contribuir para uma discussão atualizada, que não se restrinja às fronteiras e características do adolescente, mas que considere as inter-relações dos recursos individuais e contextuais que promovem as trajetórias de desenvolvimento positivo.

### ***O Percurso do Estudo Científico da Adolescência no Século XX***

As teorias do desenvolvimento têm um papel bastante importante na história da psicologia do adolescente. Ao longo do tempo, teóricos dessa área têm descrito mudanças sistemáticas do comportamento em um ou outro aspecto particular (ex. cognição, emoção) ou das relações entre esses aspectos. Tais teorias organizaram e

deram significado e coerência aos fatos relativos à adolescência, a princípio isolados, e permitiram a dedução e testagem efetiva em trabalhos empíricos subsequentes (Dubas, Miller, & Petersen, 2003; Goosens, 2006a).

Na história do estudo científico da adolescência, é possível identificar duas fases teóricas sobrepostas (Goosens, 2006a; Lerner & Steinberg, 2009; Steinberg & Lerner, 2004). A primeira delas ocorreu do início do século XX até os anos de 1970 e é caracterizada pela realização de estudos descritivos e não-teóricos. Na segunda, que começa por volta dos anos de 1970, a ciência passa a ter seu foco na avaliação de modelos teóricos e hipóteses, com vistas a justificar os processos de desenvolvimento humano influenciados por contextos amplos e diversificados. Esse período se destacou pelo interesse crescente por modelos sistêmicos e estudos longitudinais e, também, pela plasticidade e diversidade dos processos, no curso de vida.

No decorrer da história, evidencia-se a responsabilidade das principais teorias do desenvolvimento pela explicação do fenômeno da adolescência, com base em duas questões principais: se a adolescência é uma fase distinta no desenvolvimento, e se é caracterizada ou não por crescentes e inevitáveis níveis de turbulência. Tais questões organizaram as teorias da adolescência sob princípios organísmicos ou contextualistas, diferenciando-as em teorias biológicas, psicanalíticas, socioculturais e cognitivas. Na sua maioria organísmicas, estas teorias tinham como fundamento o mundo como um organismo vivo e o indivíduo como um agente ativo em seu próprio desenvolvimento, sendo o resultado de suas propriedades e metas (Goosens, 2006a).

### ***Primeira Fase: A Descrição dos Processos de Desenvolvimento na Adolescência***

Na primeira fase do estudo científico da adolescência, destaca-se a obra de G. Stanley Hall, intitulada ‘Adolescência’, publicada em 1904. Com ênfase na teoria biológica, baseada no desenvolvimento das espécies (filogênese) e na recapitulação do desenvolvimento do indivíduo (ontogênese), Hall define a adolescência como um período de transição universal e inevitável, considerando-a como um segundo nascimento. Inovador e provocativo para sua época, um precursor das teorias contextualistas contemporâneas, Hall reconhece a influência da cultura ao mesmo tempo em que valoriza as diferenças individuais e a plasticidade (maleabilidade) do adolescente (Arnett, 1999).

Um segundo grupo, o das teorias baseadas nos pressupostos da psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939), não identificou a adolescência como fase distinta no

desenvolvimento, apesar de considerá-la crucial. Esta perspectiva preconizou a pessoa como dotada de um reservatório de impulsos biológicos básicos, identificando a emergência de determinado aspecto da sexualidade humana, a cada fase distinta do curso de vida. Assim, na adolescência, ocorre a reativação, de forma madura e genital, de vários impulsos sexuais e agressivos anteriormente experimentados pela criança, nas fases iniciais do seu desenvolvimento (oral, anal e edípica). A intelectualização é o mecanismo de defesa adotado pelo adolescente para lidar com a sua revolta emocional, conduzindo-o a mudar seus interesses de questões concretas do corpo para questões mais abstratas, isentas de emoção. Logo, os conflitos da puberdade são, sob esta perspectiva teórica, considerados “normais” e até necessários ao funcionamento adaptativo, na busca por um novo sentido de personalidade e papel social (A. Freud, 1968/1982).

Com a teoria do desenvolvimento psicossocial, Erik Erikson (1968/1976) integra a psicanálise ao campo da antropologia cultural, enfatizando a interação entre as dimensões intelectual, sociocultural, histórica e biológica (Lopes de Oliveira, 2006). Ao afirmar que o desenvolvimento é descrito por uma série de estágios previsíveis, Erikson destaca a influência dos ambientes e o impacto da experiência social, durante todo o curso de vida. Sob esta perspectiva, a cada estágio do desenvolvimento, a pessoa se depara com um conflito central, isto é, uma crise normal e saudável a ser ultrapassada. Em se tratando da adolescência, essa crise se caracteriza pelo desenvolvimento da identidade, que está em constante mudança, e que depende das experiências e informações adquiridas nas interações diárias do adolescente com outros. Como consequência, os adolescentes recebem encorajamento e reforço apropriados para sua exploração pessoal e tendem a emergir desse estágio com um sentido mais forte de si mesmo e um sentimento de independência e controle.

O terceiro grupo de teorias de desenvolvimento é reconhecido por priorizar aspectos socioculturais da adolescência e preconizar que o comportamento do adolescente é moldado, até certo ponto, pelo ambiente social imediato (pais e pares) e amplo (cultura). Na busca por examinar a universalidade da idéia de turbulência atribuída à adolescência, antropólogos sociais e culturais, com destaque para Margaret Mead, relacionam a rebeldia da puberdade (fase universal) contra a autoridade dos pais ao idealismo do jovem, o que depende do estilo de vida e da cultura na qual ele está inserido (Mead, 1928/1979).

Ainda nesta primeira fase, merece destaque um quarto grupo de teorias da

adolescência, que tem como precursor Jean Piaget. Estas teorias privilegiam os processos cognitivos do desenvolvimento e afirmam que os comportamentos adolescentes que geram preocupações aos adultos têm origem nas mudanças na sua forma de pensar, característica do início desta fase. Com o desenvolvimento do pensamento formal, por meio da assimilação e da acomodação de novas estruturas, o adolescente revela uma maneira própria de compreender a realidade e constrói sistemas filosóficos, éticos e políticos, na tentativa de se adaptar e mudar o mundo (Inhelder & Piaget, 1958/1976). Ao perceber que as soluções baseadas apenas no raciocínio lógico não são possíveis, o adolescente adentra à idade adulta, inserindo-se na sociedade.

Apesar de as teorias clássicas descreverem as várias mudanças durante a adolescência, tendo como foco diferentes aspectos do indivíduo (sentimentos, cognições e interações), elas não foram suficientes para explicar o desenvolvimento humano nesta etapa do curso de vida. De acordo com Goosens (2006a) e Lerner e Steinberg (2009), essas teorias se limitavam a apresentar dicotomias entre aspectos maturacionais e genéticos, e aspectos exclusivamente contextuais: herdado *versus* adquirido, continuidade *versus* descontinuidade, estabilidade *versus* mudança, que representavam o conhecimento da época e que tiveram sua importância para a construção do conhecimento que atualmente temos de adolescência. No entanto, na medida em que as evidências empíricas foram sendo produzidas, surgiram novos modelos relacionais do desenvolvimento, e que reconheciam o caráter fundamental e integrador das influências dos diferentes níveis de organização da ecologia do desenvolvimento humano, gerando a necessidade de novos aportes integradores e culminando, assim, na segunda fase dos estudos científicos.

### ***Segunda Fase: A Visão Contextualista do Desenvolvimento do Adolescente***

Esta fase dos estudos científicos sobre a adolescência teve início na década de 1970, na medida em que as pesquisas empíricas se tornavam desvinculadas dos modelos teóricos clássicos, e que novos modelos e questões sobre desenvolvimento humano no curso de vida surgiam. Estes modelos refletiam uma visão contextualista, que enfatiza o indivíduo e o ambiente na sua dinâmica de relações bidirecionais, bem como o papel do tempo e do espaço no desenvolvimento humano. As interações pessoa-contexto passaram a ser vistas como um fenômeno do desenvolvimento psicológico que implica considerar: a pessoa em constante desenvolvimento, devido ao fluxo de contínuas mudanças nas relações estabelecidas com o ambiente; o desenvolvimento humano

caracterizado pelo grande potencial para mudança sistemática (plasticidade), em qualquer ponto no curso de vida; e o seu significado no contexto sócio-histórico em que ele acontece (Goosens, 2006b).

Naquela época, um grupo de estudiosos do desenvolvimento se reuniu com o apoio do *Carolina Consortium on Human Development* (CCHD, 1996), no intuito de organizar uma síntese das diferentes disciplinas e teorias sociais, psicológicas e biocomportamentais, que servisse para orientar as pesquisas em diversos níveis da organização humana. Seus participantes propuseram um modelo abrangente, denominado *ciência do desenvolvimento*, que compreende o desenvolvimento humano como um fenômeno multifacetado, composto pelo conjunto de processos de mudanças progressivas, estruturais e organizacionais, ocorridos nas interações entre pessoas e sistemas biológicos, dentro de grupos sociais e ambientes, e no decorrer do tempo (Cairns, Elder Jr., & Costello, 1996; Magnusson & Cairns, 1996). Para compreender o seu funcionamento, faz-se necessário investigar as propriedades estruturais e funcionais da pessoa e do ambiente, e como elas interagem e produzem constâncias e mudanças no desenvolvimento do indivíduo (Dessen & Costa Junior, 2005).

Esta visão estabelece que o desenvolvimento de cada indivíduo é delineado por inúmeros fatores, variáveis de acordo com o tempo, o contexto e o processo, e geradores de novas possibilidades, a cada etapa deste processo (Sifuentes, Dessen, & Lopes de Oliveira, 2007). O desenvolvimento, sob esta perspectiva, ocorreria por meio de forças internas e externas, denominadas de co-ação, que atuam de modo complementar e bidirecional, no sentido de adaptar e manter o equilíbrio e a harmonia do sistema diante de situações novas ou adversas (Gottlieb, 1996; Van Geert, 2003).

O desenvolvimento, então, passou a ser visto como epigenético e probabilístico, na medida em que fatores biológicos e contextuais foram considerados reciprocamente interativos, tornando-se um grande desafio para a área. Como compreender os múltiplos sistemas que influenciam o desenvolvimento individual, desde os processos genéticos até os eventos culturais, desde os eventos fisiológicos até as interações sociais? Como estes sistemas interagem ao longo do tempo, para produzir, ou não, saúde e funcionamento adaptativo? Tais questionamentos exigiram a integração de disciplinas de diversas áreas, dirigidas a desvelar os complexos processos que levam os seres humanos a se desenvolverem dentro de uma dinâmica de forças existentes em um mundo em constante transformação.

Neste sentido, a perspectiva sistêmica foi fundamental para a compreensão das

questões de investigação sobre o desenvolvimento humano, tanto no que tange a relação mútua entre sistemas e entre os componentes de um sistema, como a sua evolução em padrões no tempo. Dentre as orientações teóricas que representam essa perspectiva do desenvolvimento, destaque é dado à abordagem (Bio)Ecológica de Bronfenbrenner (1979/1996).

O modelo (Bio)Ecológico, apresentado por Urie Bronfenbrenner, postula que, para compreender o desenvolvimento humano, é preciso incorporar, nas análises, não somente o indivíduo e as suas capacidades perceptuais, motoras ou cognitivas; mas, também, as interações e os padrões relacionais que se estabelecem em diferentes contextos, ao longo do tempo. Isto significa analisar as influências múltiplas dos diferentes ambientes, diretos ou indiretos ao ser humano (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Compreender o desenvolvimento humano com base neste modelo implica identificar quatro elementos básicos, inter-relacionados e dinâmicos: o *processo* (P), a *pessoa* (P), o *contexto* (C) e o *tempo* (T) (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Ao longo do desenvolvimento, a pessoa (P) se envolve em processos (P) de interações recíprocas, com outras pessoas, objetos ou símbolos. Essas interações podem variar de acordo com as características pessoais, contextuais e do momento em que elas acontecem, podendo produzir tanto *competência* como *disfunções* no desenvolvimento (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Neste modelo, o adolescente, como qualquer pessoa, apresenta características próprias - psicológicas e biológicas - além de uma forma única de lidar com suas experiências de vida. Ele é visto como um sujeito ativo, produto e produtor do seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999), que ocorre na interação com o contexto (C). Este é definido por uma hierarquia de sistemas interdependentes – *micro*, *meso*, *exo* e *macrossistemas* - e é composto pelas atividades, papéis e relações interpessoais que ocorrem, por exemplo, nas suas famílias, nos grupos de amigos, na vizinhança, na comunidade, e nas instituições educacionais e de saúde, sociais e políticas.

Na adolescência, a família continua a ser considerada o principal contexto microssistêmico do desenvolvimento, pois nela acontecem as interações mais diretas e as experiências mais significativas para a pessoa. Reconhecida na sua complexidade, a família é responsável por conduzir o adolescente à compreensão de conceitos e valores básicos, ao engajamento na realização de tarefas e papéis sociais cada vez mais diversificados e complexos, e ao desenvolvimento de competências sociais. Durante a adolescência, as interações no cotidiano da vida familiar, isto é, os *processos proximais*,

continuam particularmente importantes, sobretudo no engajamento em práticas educativas e nos processos de comunicação, tais como diálogos, negociações e trocas de argumentos e de opiniões.

Entretanto, o funcionamento interno do microsistema familiar recebe influências, também, de outros contextos em que os familiares vivem e crescem. E, à medida que o adolescente passa a participar de outros microsistemas e a ampliar sua rede de relações interpessoais, torna-se evidente a formação de novas relações, e as influências interdependentes entre a família, o adolescente e os demais contextos de interações proximais (mesossistema). Além disso, mesmo quando o adolescente não tem um papel diretamente ativo, como, por exemplo, em decisões tomadas em contextos sociais do trabalho dos pais, por dirigentes da escola ou por agentes responsáveis pelo lazer e cultura, ele, indiretamente, recebe influências provenientes destes ambientes (exossistema). Por outro lado, decisões tomadas nas esferas macrossistêmicas, tais como leis que regulam o sistema educacional e de saúde pública, interferem em sua vida e na vida de sua família ao promoverem contextos mais ou menos favoráveis ao seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Os efeitos diretos ou indiretos gerados pelas mudanças e estabilidades sucessivas, ocorridas na adolescência, podem ser reconhecidos não somente nas características individuais, mas, sobretudo, nas transformações histórico-culturais, sociais, políticas e econômicas, atribuídas à época em que ela é vivida (Bronfenbrenner, 1999). Algumas dessas transições são esperadas ou *normativas* (namoro, entrada em novo ciclo escolar), enquanto outras são imprevistas ou *não-normativas* (mortes inesperadas, guerras mundiais e catástrofes). Porém, ambas devem ser vistas nos níveis do *micro, meso e macrotempo* que compõem o *cronossistema* (T). Consequentemente, as influências bidirecionais entre a pessoa e os contextos - sistemas ideológicos de crenças e valores, sistemas governamentais e políticas públicas, aspectos étnicos e religiosos, família de origem e disponibilidade de recursos e oportunidades - devem ser consideradas ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 1979/1996).

À parte as dificuldades na operacionalização integral do modelo, em um único projeto de pesquisa, sua adoção parcial em estudos sobre a adolescência tem sido especialmente útil. O modelo auxilia na investigação de como os adolescentes estão situados em seus contextos específicos, como esses contextos influenciam o curso do seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, como eles influenciam esses contextos direta ou indiretamente. Estes conhecimentos têm permitido avanços, no sentido de ultrapassar

as questões iniciais de turbulência e instabilidade, e de considerar uma visão positiva do desenvolvimento do adolescente.

### *Tendências Atuais: a Visão do Desenvolvimento Positivo*

Problemas inter-relacionados, referentes ao desenvolvimento econômico e tecnológico, à qualidade ambiental, à saúde e aos cuidados ao próximo, à pobreza, ao crime e à violência, às drogas, aos abusos, ao sexo inseguro e ao fracasso escolar, resultaram em efeitos desastrosos para populações em todo o mundo (Lerner, Wertlieb, & Jacobs, 2005). Assim, a chegada do século XXI foi marcada por um contexto de rápidas mudanças, que estimularam o interesse conjunto de pesquisadores, políticos e profissionais, conduzindo a pesquisas voltadas para questões sociais, além da aplicação e utilização desses resultados em direção ao progresso da sociedade.

Somente na última década, o foco científico no discurso coletivo orientado para a “falta” começou a ser paulatinamente substituído por uma mentalidade mais positiva, associada ao desenvolvimento de recursos do indivíduo e do ecossistema (Theokas et al., 2005). Conforme afirmou Bronfenbrenner (1979/1996), a colaboração mútua entre produtores e consumidores do conhecimento científico, entre teoria e prática, tem sido essencial para legitimação da visão otimista do potencial para intervenções no curso de vida, e para o fortalecimento da idéia do desenvolvimento positivo (Lerner, Fisher, & Weinberg, 2000).

Sob esse ponto de vista, busca-se ultrapassar uma visão deficitária da adolescência que dominou os campos da ciência, no século XX, e propor não somente uma nova compreensão baseada na plasticidade e nas relações entre indivíduos e contextos ecológicos do mundo real, mas, também, nas intervenções feitas nas comunidades, por meio de programas dirigidos aos jovens com comportamentos de risco (Lerner, Phelps, Forman, & Bowers, 2009). Embasada na concordância de cientistas, terapeutas e educadores, esta perspectiva preconiza que tanto os adolescentes são fontes de recursos e forças internas a serem desenvolvidos, como todas as famílias, escolas e comunidades têm “nutrientes” que, alinhados, podem promover o seu “florescimento” saudável (Benson, 2003; Lerner et al., 2009).

Além dos recursos e das mudanças pertinentes aos adolescentes, é preciso identificar os recursos de suas famílias, instituições e comunidades, com a finalidade de fortalecer conexões positivas entre eles. Não pode ser negligenciado o tempo

despendido com adultos cuidadores e com pares, em diferentes ambientes, especialmente em atividades que reforçam valores, asseguram seu sucesso escolar e garantem o desenvolvimento de novos comportamentos relativos à consciência social, liderança, solidariedade e valorização da diversidade (Benson, 2003; Roth & Brooks-Guhn, 2003; Theokas et al., 2005; Theokas & Lerner, 2006). Tais conexões dependem de um compromisso mútuo, no qual o adolescente tanto exerce um papel pró-ativo no seu desenvolvimento, como atua em parceria com sua família e com a comunidade, da mesma maneira que a sociedade deveria ser capaz de oferecer suporte ao desenvolvimento dos seus cidadãos (Lerner, Almerigi, Theokas, & Lerner, 2005).

Não se pode negar, entretanto, que nos tempos atuais, os adolescentes se deparam com mais chances, mas, também, com mais desafios do que os adolescentes das gerações precedentes. Muitas vezes, diante desses desafios, a adesão a escolhas negativas e destrutivas acaba por comprometer seu desenvolvimento saudável. Porém, a promoção do desenvolvimento positivo não significa, apenas, a prevenção de comportamentos de risco; tampouco, que manter o adolescente livre de problemas é certificar-se que ele esteja preparado ou engajado em seu próprio desenvolvimento e no da sociedade (Benson, 2003; Theokas et al., 2005). É preciso que ele seja acompanhado e estimulado, além de reconhecido nas suas peculiaridades, estabilidades e mudanças sistemáticas, que ocorrem concomitantes às transições dos seus contextos.

Neste movimento, emerge uma nova proposta de estudo, denominada *ciência aplicada* do desenvolvimento, visando compartilhar conhecimentos científicos com a comunidade e propondo aprimoramentos nas chances de vida de crianças, adolescentes, famílias e comunidades, nas suas trajetórias no curso de vida (Lerner et al., 2005). Por meio da descrição e explicação dos processos normativos e da ênfase nos aspectos saudáveis, esta ciência norteia intervenções no sentido de se prevenir riscos e otimizar sucessos, ao invés de remediar problemas, deficiências ou fraquezas dos indivíduos e dos contextos (Lerner et al., 2000). As ações propostas reforçam as diferenças interindividuais (diversidade de raça, etnia, classe social e gênero) e intraindividuais (como aquelas esperadas pelas transições da puberdade), bem como a centralidade do contexto e das relações bidirecionais entre os diferentes níveis ecológicos do desenvolvimento.

Nesse *continuum* entre a geração e a aplicação do conhecimento, atualmente, são propostas pesquisas que envolvam contextos naturais, ecologicamente válidos, e a avaliação de intervenções e programas, por meio da construção e do uso de

delineamentos e instrumentos sensíveis ao desenvolvimento e aos contextos. A ênfase dada aos aspectos relacionais, à plasticidade e à diversidade, à metodologia longitudinal e à aplicação das teorias do desenvolvimento vem se expandindo gradualmente, tanto qualitativa como quantitativamente (Lerner & Steinberg, 2009). No âmbito internacional, um grande avanço nos trabalhos sobre a genética do comportamento tem ampliado, em muito, a visão do desenvolvimento e contribuído para a compreensão da influência conjunta da biologia e do ambiente (Plomin, 2000), e entre os fatores biológicos e neuropsicológicos do desenvolvimento cerebral na adolescência (Dahl & Hariri, 2005).

Nesses estudos, o desafio se traduz na integração de diversos conhecimentos, a respeito de uma só pessoa; no caso do adolescente, sobre mudanças biológicas na puberdade; desenvolvimento do cérebro; influências genéticas; ritmos de sono; saúde física; transições sociais; além de influências religiosas, educacionais e culturais, típicas desta fase. Ultrapassar esse desafio conduzirá a uma melhor compreensão dos ajustamentos positivos na adolescência; ao reconhecimento dos aspectos ditos normativos, necessários ao desenvolvimento; e à possibilidade de oferta de contextos de relações mais positivas, sustentadoras e contínuas, de proximidade e aceitação, que dão a tônica da adolescência saudável (Theokas et al., 2005).

Considerando os jovens empreendedores vitais para o futuro, tanto da ciência como da sociedade, Lerner e Overton (2008) reforçam a necessidade de compreendê-los melhor para, assim, fornecer-lhes suporte e mais oportunidades de maximizarem suas chances de desenvolvimento saudável e positivo. Afinal, “eles representam, em qualquer ponto da história, aqueles que vão assumir a liderança nas famílias, comunidades e sociedades, e manter e trazer progressos à vida humana” (p. 252).

### **Saúde na Adolescência: Reflexões sob a Perspectiva do Desenvolvimento Humano**

Processos de desenvolvimento implicam mudanças constantes, sistemáticas e sucessivas, que produzem continuidades e descontinuidades nas características e nos padrões de comunicação, ao longo do curso de vida. Estas transformações demandam adaptações não somente do indivíduo, mas, também, das pessoas com quem ele convive e dos contextos nos quais está inserido; transformações essas que são decisivas para o seu desenvolvimento e saúde.

No que se refere ao desenvolvimento e à saúde do adolescente, são necessários alguns ajustes e condições para que ele possa solucionar e transpor problemas típicos

dessa fase. Tais condições se expressam por meio de fatores psicológicos, estilos de vida e comportamentos dele e dos grupos, que se manifestam nas suas interações com o meio (Jenkins, 2007).

A saúde é considerada “o alicerce essencial que sustenta e alimenta o crescimento, a aprendizagem, o bem-estar pessoal, a satisfação e o enriquecimento social, a produção econômica e a cidadania construtiva” (Jenkins, 2007, p. 15). É a primeira e mais importante forma de riqueza para a vida, construída pelos próprios indivíduos, no seu cotidiano, e dentro de suas possibilidades (Fleury-Teixeira et al., 2008; Horta & Sena, 2010; Jenkins). Vista como um fenômeno multidimensional, a saúde abrange uma combinação de fatores biológicos, genéticos, organicistas, físicos, psicológicos e sociais, que mapeiam os diferentes contextos nos quais o ser humano se insere (Costa Junior, 2005). Mais ainda, ela envolve um conjunto de direitos de todos os seres humanos, em seus ambientes mais diversificados (Ministério da Saúde, 2005a).

Assim como em outras etapas do desenvolvimento humano, na adolescência, a saúde não se encerra, apenas, na ausência de doenças ou na prevenção de comportamentos de risco. Ela está relacionada à qualidade de vida do adolescente, alcançada por meio da satisfação pessoal, do desenvolvimento de competências sociais e, também, da manutenção relativamente duradoura de comportamentos que promovam o seu desenvolvimento (Costa Junior, 2005). Portanto, o desenvolvimento saudável do adolescente não está pautado, unicamente, na garantia de sobrevivência ou no cuidado de problemas denominados orgânicos, mas, também, nas condições físicas e em aspectos psicológicos e socioambientais, que lhe permitem lidar com as transformações esperadas para esta fase e com os desafios impostos pelo contexto social e histórico em ele que vive.

As repercussões individuais e sociais da adolescência e o número expressivo de adolescentes no mundo (mais de um bilhão) fazem com que a saúde do adolescente seja uma área de atenção de pesquisas e das agendas das políticas mundiais (OMS, 2009; OPAS, 2007). Por isso, analisar as questões do desenvolvimento e da saúde do adolescente requer, primeiramente, repensar o conceito de adolescência e os delimitadores que, indiretamente, conduzem à identificação dos principais indicadores de saúde do adolescente, enfatizando as peculiaridades da realidade brasileira.

### *Conceituando e Definindo Limites da Adolescência*

Os indicadores físicos, biológicos e sociais de saúde do adolescente são considerados determinantes para os processos de saúde de uma população, expressando, inclusive, a organização social e econômica de uma dada sociedade (Fleury-Teixeira et al., 2008). Estes indicadores são interligados ao próprio conceito de adolescência que vigora na atualidade. A literatura psicológica e sociológica, por exemplo, tem tratado este conceito ora como uma categoria sociodemográfica, que remete a parâmetros etários; ora como uma categoria descontextualizada, fase do desenvolvimento ou etapa da vida, que remete à biologia e a estados do corpo (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002).

Para a Organização Mundial da Saúde - OMS (2009), a adolescência é um fenômeno contemporâneo. Ele pode ser tanto breve e passar despercebido em sociedades ditas simples, quanto bastante prolongado, como em sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002). Apesar da delimitação pouco precisa, admite-se que este período tenha o início nos marcos biológicos da puberdade e fim com a entrada do jovem na vida adulta, quando ele tende a assumir responsabilidades e deveres estabelecidos pela cultura (Arnett, 2000, Petersen, 1988).

Outra forma de delimitar o período da adolescência é pela adoção de um critério cronológico, bastante útil na identificação de parâmetros importantes para a investigação epidemiológica, e para a elaboração de políticas de desenvolvimento coletivo e de programas de serviço social e saúde pública. Este critério, adotado pela OMS e reconhecido pelo Ministério da Saúde e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), define a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano compreendida entre os 10 e os 19 anos de idade. Já, para efeitos da Lei 8069, de 13/07/1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a pessoa é considerada criança até os 12 anos de idade incompletos e adolescente entre 12 e 18 anos (Brasil, 1990).

No âmbito da pesquisa científica, devido às especificidades observadas durante a adolescência, esta pode ser dividida em subfases - inicial, intermediária e final - variando em função das idades de início e fim. O adolescente é, então, classificado em: adolescente precoce, abaixo dos 15 anos; adolescente-jovem, entre os 15 e os 19 anos; e adulto-jovem, dos 20 aos 24 anos (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006). Nas últimas décadas, a OMS (2009) vem utilizando o termo 'juventude' para evocar a faixa etária entre 15 e 24 anos, ao identificar particularidades deste grupo referentes ao adiamento

para assumir responsabilidades, tais como: iniciar e concluir um curso de graduação, entrar no mercado de trabalho, casar e formar a própria família (Arnett, 2000).

Traverso-Yépez e Pinheiro (2002) apontam que a ambiguidade ao redor dessa delimitação tem provocado problemas operacionais que dificultam uma conceituação mais precisa e uma definição de limites etários comuns aos diversos atores sociais. Apesar da importância do critério etário, cabe reconhecer certa arbitrariedade que, de fato, não demonstra a diversidade da condição socioconstruída do adolescente (Horta & Sena, 2010). A adolescência implica na complexidade das experiências diversificadas, que variam em função de características individuais e socioculturais, de gênero, classe social, região geográfica, cultura, entre outras.

Portanto, é preciso ter em mente o fato de que a delimitação da adolescência envolve tanto critérios cronológicos e físicos, quanto sociais e culturais, e sua definição se pauta, essencialmente, na ideia das transformações múltiplas e simultâneas, fundamentais ao desenvolvimento humano. Tais transformações acontecem tanto no próprio indivíduo quanto nas suas relações com os contextos dos quais ele faz parte. Coerentemente com a etimologia do termo *adolescere*, em que ‘*ad*’ significa ‘*para*’ e ‘*olescere*’ significa ‘*crescer*’, a adolescência é definida pela condição ou processo de crescimento, isto é, de mudanças que ocorrem em determinada etapa do desenvolvimento humano, entre a infância e a vida adulta.

### ***Mudanças e Indicadores de Saúde na Adolescência***

Os indicadores de saúde na adolescência podem variar de acordo com as diferentes características das subfases deste período de intensas mudanças. No início da adolescência, geralmente, as primeiras mudanças identificadas estão associadas às questões biológicas, ou seja, à aceleração do crescimento físico e da composição corporal, à eclosão hormonal e à maturação cognitiva e sexual. Avanços nos conhecimentos das áreas de neurociências, neuroimagens e meta-cognição revelam a integração das mudanças do funcionamento cognitivo do adolescente com outras do seu desenvolvimento (Keating, 2004; Smetana et al., 2006), demonstrando que, gradativamente, o adolescente desenvolve novos interesses e habilidades de pensar criticamente, elabora novas perspectivas sobre o mundo e se torna capaz de tomar decisões ao avaliar as possíveis consequências de seus comportamentos e atitudes.

Paralelamente, no âmbito escolar, ao adolescente são demandadas habilidades

mais rápidas e eficientes no processamento de informações, promovendo mudanças, também, nos contextos em que ele precisa desempenhar essas tarefas cognitivas (Ceci & Bronfenbrenner, 1985). Em função do desenvolvimento dessas habilidades, os indicadores de saúde do início da adolescência estão atrelados, principalmente, às condições e aos hábitos de estudo, higiene, alimentação, prática de exercícios físicos e sono (Jenkins, 2007). Nesse momento, estes hábitos de saúde são mais influenciados pelas situações e necessidades de bem-estar imediato dos adolescentes, do que pelas conseqüências que eles podem ter em longo prazo (Jenkins; Michaud, Chossis, & Suris, 2006).

Durante a puberdade, esportes e atividades físicas tornam-se meios de adaptação ao próprio corpo e de experimentação de novas sensações e, na adolescência intermediária, eles constituem um forte meio de integração social do adolescente. Mais tarde, quando eles são substituídos por saídas frequentes e namoros, o sedentarismo passa a ser uma limitação ao seu desenvolvimento saudável (Michaud et al., 2006), tornando-se uma questão importante para as famílias. Nesta direção, os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense - IBGE, 2009), com mais de 600 mil estudantes de capitais do País, com idades entre 13 e 15 anos, revelaram que menos da metade dos entrevistados (43,1%) executava o tempo mínimo recomendado de 300 minutos de atividade física semanal. Cabe ressaltar que a forma como os adolescentes brasileiros utilizam seu tempo livre também está relacionada à oferta de recursos e à desigualdade econômica, sendo este um problema da esfera da saúde (Gonçalves & Garcia, 2007; IBGE).

Hábitos e escolhas alimentares e nutricionais do adolescente também são indicativos de saúde, visto que eles estão diretamente relacionados à prevenção de doenças. Devido a novas influências ambientais (pressão dos pares, preocupação com a imagem corporal e mudança nos padrões de comunicação e rotinas), os adolescentes desenvolvem diferentes hábitos, nem sempre muito saudáveis, como alimentar-se fora de casa e recorrer a comidas de fácil acesso. E isto, por si só, justifica o investimento na pesquisa e na oferta de informações à população, visando prevenir problemas e distúrbios alimentares, tais como anorexia, bulimia e compulsão (Michaud et al., 2006).

Durante a fase intermediária da adolescência, além das transformações no corpo, no modo de pensar e de agir, na forma de desempenhar papéis sociais e na maneira de se perceber e ser percebido, outras influências sociais são responsáveis por mudanças significativas nas interações e relações do adolescente com seus contextos (Lerner,

1998). Além dos pais, amigos e professores, o aumento de suas redes sociais gera uma variedade de novas experiências, que incluem a ação mais intensa dos grupos de pares, mídias de comunicação de massa, vizinhança, grupos religiosos, ambientes de trabalho e lazer. Gradativamente, por meio dessas experiências, o adolescente vai modificando valores e hábitos de vida, ganhando mais independência e autoconfiança, e sua saúde se torna, progressivamente, relacionada aos aspectos psicossociais.

Na busca por sua identidade e autonomia, os adolescentes podem experimentar sentimentos de invulnerabilidade e impulsividade, e demonstrar escolhas e decisões que, geralmente, exigem deles mais responsabilidade e que, se inadequadas, terão conseqüências mais negativas do que durante a infância (Jenkins, 2007; Lerner, 1998). Neste momento, torna-se essencial a prevenção contra os perigos e ameaças provocados por forças externas e internas, próprias do adolescente.

Os anos finais da adolescência, por sua vez, podem significar um momento de estresse familiar porque, segundo Zimmer-Gembeck e Skinner (2008), ocorre uma crise na saúde da família e do adolescente, quando ele se envolve mais frequentemente em situações de risco e vulnerabilidade, como o suicídio e o consumo de substâncias psicoativas que podem, eventualmente, desencadear comportamentos adversos. Estes comportamentos estão associados a diversos fatores sociodemográficos (idade, sexo e classe social) e psicossociais (relações familiares, com amigos e na escola) e têm efeitos sobre o desenvolvimento do adolescente, merecendo a atenção diferenciada e urgente de todos (Araújo, Costa, & Blank, 2009; Ministério da Saúde, 2005a, 2005c).

A saúde sexual e reprodutiva do adolescente também deve ser destacada entre os temas importantes na atualidade, uma vez que a puberdade vem ocorrendo cada vez mais cedo e, conseqüentemente, a vida sexual está cada vez mais precoce (UNICEF, 2002). Nos anos mais recentes, inclusive, houve um aumento na taxa de gravidez e suas complicações são as principais causas de morte entre mulheres nesta faixa, no mundo (Gonçalves & Garcia, 2007; UNICEF, 2011). Na realidade brasileira, este fato está associado à baixa renda e à pouca escolaridade, e é um dos responsáveis pelo crescente número de atendimentos nos serviços de pré-natal e maternidade (Ministério da Saúde, 2010; UNICEF, 2011).

Assim, os indicadores de saúde da fase final da adolescência estão mais relacionados aos aspectos socioculturais, a partir dos quais se espera que o jovem desempenhe tarefas de desenvolvimento, como: (a) assumir papéis, responsabilidades e privilégios do adulto; (b) ter sua identidade estabelecida; (c) demonstrar capacidade de

manter uma relação afetiva estável; (d) assumir e manter compromisso escolar, acadêmico e/ou profissional; e (e) participar das decisões como cidadão. Para isso, em princípio, supõe-se que ele tenha adquirido um sistema próprio de valores (estima por si mesmo, respeito ao próximo e cidadania) e que, ao mesmo tempo, mantenha certa reciprocidade com a geração precedente. Isto implica separar-se emocionalmente de sua família de origem, estabelecendo vínculos emocionais mais estáveis e, quase sempre, constituindo a própria família. Logo, nesta fase, manter um estilo saudável de vida significa ultrapassar esses desafios, estabelecendo o controle sobre si mesmo, evitando comportamentos pouco saudáveis e traçando metas e perspectivas de vida (Jenkins, 2007).

Os contextos mais próximos de desenvolvimento do adolescente, como a família, são centrais para a promoção da saúde do adolescente (Matos, 2008; Steinberg & Morris, 2001). Uma pesquisa de âmbito nacional, denominada *A voz do adolescente* (UNICEF, 2002), realizada com 5.280 adolescentes de diversas origens étnicas e regionais, confirma a importância dos processos familiares para a vida dos adolescentes. Para eles, a família continua a ser o primeiro e principal contexto do seu desenvolvimento, tendo papel fundamental nas suas vidas e para a sociedade (95%), sendo, inclusive, responsável pelos seus direitos e bem-estar. Estes adolescentes revelaram sentimentos de respeito pela forma como eram educados, percebendo-se como mais felizes estando em família (70%) e mais infelizes quando em conflito com ela (61%).

A escola, por sua vez, pode ser considerada como o segundo contexto mais importante do desenvolvimento do adolescente, espaço único de educação e promoção de saúde. Ela serve como mecanismo de identificação, monitoramento e vigilância de comportamentos de risco, sendo que as condições de saúde refletem, diretamente, no rendimento acadêmico do adolescente (Araújo et al., 2009). Segundo os adolescentes brasileiros, apesar de, muitas vezes, a escola não ser um espaço físico agradável e seguro, ela significa melhores condições de vida e um futuro profissional mais promissor para eles do que representou para a geração de seus pais (UNICEF, 2002). Tanto dentro quanto fora da escola, comportamentos relacionados aos hábitos e estilos de vida, quando adquiridos na adolescência, têm efeitos potenciais sobre a sua saúde, a curto e longo prazos (Michaud et al., 2006).

É imprescindível reconhecer que nem todos os comportamentos adolescentes devem ser considerados, necessariamente, problemáticos. Eles podem ser momentâneos e, até mesmo, meramente experimentais ou exploratórios (Michaud et al., 2006), e envolver conflitos normativos, esperados e necessários ao seu desenvolvimento. O que

se sabe é que a maioria das trajetórias do desenvolvimento do adolescente envolve ajustamentos positivos, fato que desmistifica a ideia do ‘adolescente-problema’ e conduz à interpretação de que quando estes conflitos são resolvidos em contextos de relações familiares sustentadoras e contínuas, de proximidade e aceitação, eles dão a tônica de uma adolescência mais saudável (Brazelton & Greenspan, 2002).

Portanto, considerando que a adolescência é um período especial do desenvolvimento humano, ela pode significar uma fase de grandes oportunidades para os próprios adolescentes, suas famílias, a comunidade, o governo e a sociedade. Os adolescentes enquanto construtores ativos do seu desenvolvimento podem ser capazes de pensar e agir criativamente, de fazer escolhas e modelar seus ambientes, tomando decisões sobre seus comportamentos de relevância à saúde, com base em seus próprios valores, metas e planos de vida. Assim, torna-se unânime o propósito de incluí-los como protagonistas no planejamento, no desenvolvimento, na divulgação e na avaliação de ações dirigidas à própria saúde (Fleury-Teixeira et al., 2008; Ministério da Saúde, 2008; UNICEF, 2011).

Para isso, é preciso ter em mente que nenhuma mudança esperada para a adolescência, seja biológica, social ou psicológica, pode ser vista como a principal responsável pelo desenvolvimento do adolescente (Lerner, 1998), mas, ao contrário, todas elas devem ser avaliadas em conjunto, nas suas inter-relações, de modo a fornecer uma melhor compreensão da adolescência e auxiliar na identificação dos diversos indicadores de saúde. Compreender os processos de saúde na adolescência é reconhecer a importância dessas múltiplas dimensões, individuais e contextuais.

### **As Relações Familiares na Adolescência dos Filhos**

Esta seção trata das questões referentes à família, sua importância e papel no desenvolvimento do adolescente. Apresenta, ainda, as relações estabelecidas entre os familiares durante a adolescência dos filhos e aspectos referentes aos processos de comunicação familiar, com ênfase nos padrões de autonomia e negociação dos conflitos entre os genitores e seus filhos, nesta fase do desenvolvimento.

As famílias vêm sofrendo modificações ao longo do tempo, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, em decorrência das próprias transformações nas sociedades ocidentais contemporâneas (Dessen, 2010). Alguns elementos precipitaram essas importantes mudanças, entre eles, a emergência de novos arranjos familiares, tais

como, o das famílias recasadas e o casamento ‘experimental’, o declínio da fertilidade e a diminuição do número de filhos, o adiamento da parentalidade, a participação da mulher no mercado de trabalho e o aumento nas taxas de divórcio (Lila et al., 2006).

Estas transformações têm implicações para o próprio conceito de família na atualidade que, embora possa parecer óbvio, se torna cada vez mais complexo e de difícil definição, devido à multiplicidade de estruturas dentro e entre diferentes culturas. Sua abrangência inclui aspectos estruturais, raciais, étnicos, demográficos e interativos; tarefas psicossociais de percepção, interpretação e condução de situações críticas da vida (Fitzpatrick & Caughlin, 2002) e/ou laços de intimidade e afetividade (Koerner & Fitzpatrick, 2004; Petzold, 1996). Assim, concepções que reconhecem a família, simplesmente, por meio de contratos formalizados, pelos elos estabelecidos legalmente, através do casamento ou da consangüinidade, estão atualmente em desuso.

Com isso, na atualidade, são identificadas diferentes tipologias familiares, com estruturas cada vez mais variadas, que vão além das famílias nucleares e tradicionais, e que incluem, por exemplo, famílias reconstituídas, extensas, de pais únicos, homossexuais ou coabitantes (Lila et al., 2006; Petzold, 1996; Stratton, 2003). Elas refletem a amplitude, diversidade e complexidade deste “grupo social, caracterizado por relações de intimidade e intergeracionalidade” (Petzold, p. 39).

Porém, apesar desta diversidade, existe certa estabilidade nas famílias, comunidades e culturas, indicando que a família ainda mantém sua função principal no desenvolvimento dos seus membros (MacMillian & Copher, 2005). Isto é, ela continua responsável por garantir a sobrevivência e a proteção da espécie humana, fornecendo afeto e suporte emocional e psicológico a seus membros, e propiciando um clima adequado para a aprendizagem de competências de regulação, socialização e monitoramento de escolhas sociais (Kreppner, 2000). Visto que é no contexto familiar e, principalmente, das relações proximais, que ocorre o processo de socialização do indivíduo, este contexto tem papel decisivo na transmissão de informações e aceitação de padrões relacionais, valores, crenças e cultura (Collins & Laursen, 2004a). Dentro das famílias, esses padrões são construídos a cada geração e, aos poucos, são interiorizados, refletidos e/ou modificados (Grusec & Davidov, 2007). Quando o processo de socialização é favorecido pelo ambiente familiar, ocorre o desenvolvimento de potencialidades individuais, que facilitam trocas adaptativas e o ajustamento às mudanças no ambiente social e cultural.

Tendo como tarefa fundamental a educação formal e informal do indivíduo

(Grusec & Davidov, 2007; Kaloustian & Ferrari, 1994), as famílias estabelecem normas e limites para as relações entre as gerações mais novas e mais velhas (Simionato-Tozo, 1998). Nelas, são aprendidas estratégias que envolvem, por exemplo, a regulação das emoções, a solução de problemas e a percepção e a avaliação das relações estabelecidas entre seus membros (Clarke-Stewart & Dunn, 2006).

As famílias passam por diferentes estágios de desenvolvimento, durante os quais devem se adaptar, constantemente (Carter & McGoldrick, 1980/1995). A adolescência é um dos estágios no curso de vida familiar no qual ocorrem grandes mudanças, exigindo ajustes bastante importantes para o desenvolvimento saudável de todos os familiares. Este processo de ajuste e conscientização ocorre por meio de novas tarefas de desenvolvimento, tais como a regulação no grau de proximidade e distância entre o adolescente e a família, isto é, entre as demandas por autonomia e as preocupações dos genitores frente aos novos desafios. O sucesso desta etapa dependerá não só de significados, expectativas e conhecimentos atribuídos à adolescência, mas, também, de habilidades pessoais e do bem-estar emocional e físico de todos os envolvidos.

A transição da infância para a adolescência é compreendida como um processo contínuo do desenvolvimento humano, quando ocorre uma passagem das condições de vida infantil para um novo período de maior estabilidade e desempenho de novos papéis. Ao mesmo tempo em que a família trabalha no sentido de se transformar para desenvolver outro tipo de relação, o adolescente se modifica física, emocional, cognitiva e socialmente. Alcançar um equilíbrio entre estas tarefas exige um processo longo de renegociação das relações, que pode começar antes mesmo da adolescência e, às vezes, tornar-se desgastante para todos. Neste sentido, investigar as relações familiares durante a transição dos filhos para a adolescência pode trazer subsídios relevantes para a compreensão do contexto de desenvolvimento e socialização do indivíduo, no qual toda a família está envolvida.

### ***Relações entre Pais e Filhos Adolescentes***

Dentro das famílias, o subsistema parental continua a ser reconhecido como a fonte mais significativa de influências sobre o desenvolvimento do adolescente (Collins & Laursen, 2004b). Os pais/cuidadores são agentes decisivos no processo de socialização (Grusec & Davidov, 2007), pois, são os principais responsáveis por promover o clima necessário para introdução de novos padrões relacionais durante a adolescência.

Uma vez que o processo de parentalidade se forma e se transforma dentro de um sistema de relações que também estão em constante mudança, ele se torna complexo e deve ser avaliado no contexto da qualidade dessas relações. Em condições ideais espera-se que, desde o princípio, genitores e filhos desenvolvam um vínculo de confiança e de afeto, por meio do qual as expectativas e regras presentes no ambiente familiar e social possam ser expressas com clareza e consistência (Jenkins, 2007). Espera-se, ainda, que as crianças sejam motivadas a seguir estas regras, uma vez que elas estão ligadas e próximas aos seus pais (Grusec & Davidov, 2007).

Gradativamente, na medida em que as crianças vão crescendo e se desenvolvendo, as crenças e expectativas se transformam e os padrões de interação entre elas e seus pais também se modificam (Collins & Steinberg, 2009). Aos pais, cabe a tarefa de lhes oferecer oportunidades que permitam a construção de competências necessárias ao seu desenvolvimento em diferentes contextos, como na escola, na comunidade e, mais tarde, no mercado de trabalho.

Aos poucos, os pais passam a permitir que os filhos se engajem na administração da própria vida, sem, contudo, prescindir de supervisão e apoio. Além de dar o estímulo e o espaço para a expansão das competências e responsabilidades, os pais devem manter padrões que forneçam o conforto e a segurança necessários ao desenvolvimento dos filhos (Jenkins, 2007). Para a realização de suas tarefas de parentalidade, os pais utilizam diferentes estratégias que refletem suas metas, sua história de interação e sua disposição pessoal em direção aos filhos (Maccoby & Martin, 1983). Entre pais e filhos é estabelecido um estilo de interação cuja qualidade varia bastante de uma família para outra, e ao longo do curso de vida. Dentre os aspectos das relações familiares, os estilos e as práticas educativas adotados pelos genitores são extremamente relevantes, pois, visam garantir a proteção, o afeto e o suporte necessários ao desenvolvimento adequado dos filhos, particularmente, na adolescência.

### ***Qualidade das Relações Parentais: Influências dos Estilos e Práticas Educativas***

A qualidade de uma relação parental é construída ao longo da vida da família, por meio das influências consistentes - estilos e práticas - estabelecidas entre pais e filhos. Um estilo parental pode ser definido pelo conjunto de atitudes e ações educativas utilizadas pelos pais para socialização, controle, desenvolvimento de valores e atitudes nos filhos (Carvalho & Gomide, 2005; Darling & Steinberg, 1993). Já as práticas parentais são comportamentos específicos, gerados por determinadas metas, através dos

quais os pais cumprem suas tarefas (Darling & Steinberg).

Os estilos parentais foram, inicialmente, identificados por Baumrind (1966) como ‘autoritativo’, ‘autoritário’ ou ‘permissivo’, com base no grau de controle (exigência) e na sincronicidade (responsividade) entre pais e filhos. Assim, em contextos em que os pais incentivam o diálogo com seus filhos e reconhecem seus interesses, mas, colocam limites firmes, os estilos são denominados autoritativos; quando pais exigem obediência, por meio de medidas punitivas, autoritários; e quando são pouco exigentes e preocupados em realizar os desejos do filho, são vistos como permissivos. Ainda, quando eles não se envolvem, não incentivam ou fazem exigências aos filhos, eles são classificados como ‘negligentes’, como propuseram Maccoby e Martin (1983) mais tarde. De modo geral, filhos atribuem benefícios ao estilo autoritativo e relacionam efeitos negativos acumulativos ao estilo negligente que, por sua vez, está associado a menor envolvimento e afetividade parentais (Fletcher, Steinberg, & Williams-Wheeler, 2004).

A complexidade dos estilos e práticas parentais está relacionada a outros aspectos da relação, como, por exemplo, ao apego e à coparentalidade (McElhaney, Allen, Stephenson, & Hare, 2009; Salvador & Weber, 2008; Simons & Conger, 2007). Adolescentes que têm famílias com apego seguro, isto é, cujos pais estabelecem limites claros e dão apoio necessário, são mais competentes socialmente, mais aceitos pelos grupos e desenvolvem relações de mais suporte com seus amigos (McElhaney & Allen, 2001). Ainda, mesmo sem se saber a razão para a adoção de um estilo ou prática parental, há unanimidade entre os pesquisadores em se considerar que o melhor estilo é aquele em que ambos, pai e mãe, são autoritativos; seguido daquele em que, pelo menos um dos genitores é autoritativo. Neste caso, este estilo impede consequências mais graves para os comportamentos inadequados do outro sobre o filho adolescente (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004; Whitbeck et al., 1999).

Para socializar e assistir aos filhos, geralmente, os pais fazem uso de uma combinação de estratégias específicas de disciplina e cuidado, que podem variar de acordo com a situação em que eles se encontram e com as características individuais dos pais e dos filhos, tais como idade, temperamento, comportamento e psicopatologias (Grusec & Kuczynski, 1980; Pacheco, 2004). As estratégias também variam em função de aspectos relacionais (coparentalidade), intergeracionais (crenças e valores) ou contextuais (estrutura ou classe social das famílias) (Bates & Pettit, 2007; Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000; Tudge et al., 2000).

A qualidade das relações parentais também é influenciada pelas crenças que pais, educadores e os próprios filhos têm sobre a adolescência. Para Hines e Paulson (2006), quando os pais relacionam a adolescência a conflitos e riscos, eles criam expectativas e adotam posturas que acabam por encorajar a demonstração de outros comportamentos problemáticos nos adolescentes, que, por sua vez, se comportam de modo a confirmar estas visões distorcidas. Por outro lado, a qualidade das relações entre pais e filhos também depende dos comportamentos gerados pelas percepções e interpretações que os filhos têm da própria relação parental. Adolescentes se orgulham quando percebem comportamentos de justiça, compreensão e confiança por parte de seus pais (Parker & Benson, 2004), assim como, práticas que envolvem o monitoramento e o conhecimento sobre seus amigos, e sobre a administração que eles fazem do seu tempo e do seu dinheiro (Kerr & Stattin, 2000; Tilton-Weaver & Galambos, 2003).

No Brasil, os estudos sobre as percepções das relações do adolescente com sua família, mostram a importância da família e, particularmente, da convivência com os familiares, como uma experiência satisfatória que envolve união, senso de pertencimento, clima emocional de alegria, compartilhamento de experiências, trocas emocionais de sentimentos positivos e ausência de conflitos (Lemos, Santos, & Pontes, 2009; Pratta & Santos, 2007; Wagner et al., 2005). Ferreira e Marturano (2002) enfatizam a importância da percepção positiva que os filhos têm sobre a família, como um ambiente preventivo e protetivo.

As práticas parentais podem ser avaliadas como positivas ou negativas, indutivas ou coercitivas (Hoffman, 1975; 1979; 1994; Pacheco, 2004), e podem produzir efeitos marcantes sobre o desenvolvimento da criança. Aquelas que incluem disciplina, indução da obediência da criança e modificação do comportamento indesejado, por meio da conscientização de suas conseqüências, facilitam o comportamento autônomo na adolescência. A abertura ao diálogo e as trocas afetivas positivas, o reforço positivo e a consistência, o suporte e o afeto emocional dos pais, são considerados práticas positivas, pois, estão associados à autoestima, ao bem-estar e ao desenvolvimento do adolescente (Steinberg, Blatt-Eisengart, & Cauffman, 2006).

Em contrapartida, a exposição dos adolescentes a práticas parentais inadequadas ou negativas, isto é, por negligência, rejeição, monitoramento negativo, falta de diálogo, disciplina excessivamente rígida ou relaxada, punição inconsistente e coerção, podem trazer grandes prejuízos ao indivíduo (Carvalho & Gomide, 2005). Elas podem influenciar seus futuros relacionamentos de amizade e amor (Collins, 2003; Neal &

Frick-Horbury, 2001), assim como, estimular comportamentos sexuais precoces, depressão e gravidez (Whitbeck, Yoder, Hoyt, & Conger, 1999); ou acarretar problemas de comportamentos interiorizados e exteriorizados ou anti-sociais (Barber & Harmon, 2002; Carvalho & Gomide, 2005; Grusec & Davidov, 2007).

Quanto às características individuais das crianças, por exemplo, Bates e Pettit (2007) apontam que aquelas com temperamentos mais medrosos tendem a desenvolver mais problemas de ansiedade, e internalizam melhor as regras transmitidas em contextos mais afetuosos. Por outro lado, as crianças emocionalmente negativas tendem a ser mais afetadas pela qualidade da parentalidade, visto que necessitam de mais diretividade e da inibição de certos comportamentos indesejáveis.

Em relação ao gênero, Booth, Johnson, Granger, Crouter e McHale (2003) revelaram evidências de que meninos, mais do que meninas, reagem mais negativamente às práticas que incluem o controle parental rígido, assim como são mais propensos a se envolver em círculos coercitivos de comportamentos negativos com suas mães. Isto mostra que existe uma dinâmica de relação diferente nas díades dos filhos com pais e com mães.

Como as condutas educativas se constituem historicamente, elas também se transformam, em função da evolução das crenças e valores de uma sociedade. Montandon (2005) aponta que as relações entre pais e filhos, no Ocidente, têm sofrido mudanças importantes, particularmente, com relação à autoridade, que passou de um modelo baseado na imposição de regras e controle, para outro, fundamentado na participação e na negociação. Os jovens, hoje, têm mais liberdade, seus pais são menos coercitivos e autoritários na sua educação, e as relações entre eles envolvem mais igualdade e cooperação do que antes (Salles, 2005; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Wagner et al. (1995) afirmam que as famílias com adolescentes são compostas pela convergência de diferentes gerações e valores, e que, por esta razão, precisam estar abertas para reinventar novos padrões, relações e vínculos.

As práticas parentais sofrem adaptações ao longo do tempo e se transformam na medida em que o indivíduo avança em seu curso de vida. Em outras palavras, os conceitos e objetivos da parentalidade se modificam. No início da adolescência, espera-se que novas trocas emocionais e formas de controle parental (comportamental ou psicológico) passem a permear as relações entre pais e filhos (Arum & Shapka, 2007; Buehler, 2006; Fletcher, Steinberg, & Williams-Wheeler, 2004; Freeman & Newland, 2002).

Entre outras práticas, o estabelecimento de limites ou reforço de regras torna-se

especialmente importante na adolescência. Esta prática passa a envolver, também, o monitoramento das atividades dos filhos, isto é, saber por onde anda, com quem, ou até que horas vai ficar fora de casa (Grusec & Davidov, 2007; Soenens & Vansteenkiste, 2005; Steinberg, 1990; Tilton-Weaver & Galambos, 2003). Porém, na medida em que as regras e os limites são compreendidos e incorporados pelos adolescentes, o sistema parental faz menos uso dessa prática (Grusec & Davidov).

Segundo Freeman e Newland (2002), se os pais se envolvem mais e apóiam seus filhos, por exemplo, conhecendo suas amizades e os ajudando nos seus deveres, eles podem compreender melhor seus pontos de vista, que são considerados nos processos decisórios da família. Quando os pais percebem que os filhos estão integrados em instituições protetoras e promotoras do desenvolvimento fora da família, adotam outras estratégias educativas menos limitadoras (Grusec & Davidov, 2007).

Ainda, a adoção de determinadas práticas parentais varia entre diferentes culturas. Investigações transculturais possibilitam identificar estas diferenças entre famílias de culturas e etnias variadas, mesmo dentro de uma mesma cultura (Gelhaar et al., 2007; Hardway & Fuligni, 2006). Por exemplo, Chao (2001) apontou que famílias americanas de origem chinesa eram mais propensas a utilizar uma orientação cultural específica, adotando, com os filhos, treinamentos baseados no desenvolvimento do caráter, do sucesso escolar e da rigidez. Outro estudo, com adolescentes afroamericanos de classe média (Smetana, Crean, & Daddis, 2002) concluiu que o ajustamento saudável do adolescente estava relacionado à adequação gradativa da autonomia, da autoridade e do controle dos pais.

Baumrind, Larzerele e Owens (2010) trazem à tona outra questão. Para eles, não é o uso, em si, de uma ou outra prática parental, mas, a forma como ela é utilizada, o que importa. Eles indagam se, por exemplo, o controle psicológico e a hostilidade verbal frequentes e intensos não podem provocar efeitos mais marcantes e permanentes do que a dor temporária da palmada. Apesar disso, ainda há consenso de que um estilo parental autoritativo, baseado em práticas que permitam mais liberdade na formação da identidade do adolescente, pode promover um contexto de maior controle dos pais e autonomia dos filhos que, por conseguinte, produz efeitos mais significativos sobre seu ajustamento psicológico e desempenho escolar (Smetana, 1995; Steinberg, Blatt-Eisengart, & Cauffman, 2006; Weber et al., 2004).

Considerando que a relação parental não é mais entendida dentro de um modelo unidirecional de transmissão vertical de valores (pais transmitindo aos filhos), os

adolescentes têm um papel fundamental nesse processo. Ao mesmo tempo em que eles interiorizam as atitudes, regras e expectativas de seus pais, também influenciam-nos, questionando-os e transmitindo novos valores e conhecimentos (Crouter, Bumpus, Davis, & McHale, 2005; Pinquart & Silbereisen, 2002, 2004; Spring, Rosen, & Matheson, 2002). Assim, espera-se que a influência dos filhos seja maior em famílias com estilo mais autoritativo, nas quais os pais mostram um maior interesse pelo filho, dando-lhe mais suporte e poder de decisão nas questões familiares (Almeida & Galambos, 1993; Pinquart & Silbereisen, 2002; Steinberg, 1999). Ao contrário, contextos onde há relações excessivamente rígidas e inflexíveis podem distanciá-lo e reduzir a possibilidade de transmissão mútua de valores (Pinquart & Silbereisen, 2002).

Sendo a família composta por subsistemas interligados, os processos de parentalidade e de desenvolvimento do adolescente influenciam e são influenciados por outras relações familiares, entre elas, a conjugal (Dessen & Braz, 2005; Kreppner, 2000). As relações conjugais antecedem os processos parentais e são importantes, na medida em que servem de modelo para os comportamentos da criança e do adolescente (McGue, Elkins, Walden, & Iacono, 2005; Steinberg, 2001; Steinberg & Morris, 2001), conforme tratado a seguir.

### ***Reciprocidade nas Relações Parentais e Conjugais***

A qualidade das relações conjugais tem impacto sobre o desenvolvimento da criança (Cummings & Davies, 2002; Davies & Cummings, 1998; Erel & Burman, 1995) e podem se refletir, anos mais tarde, na adolescência dos filhos. Por exemplo, quando negativa, ela pode gerar estresse e baixa efetividade na tarefa parental, menos envolvimento e rigidez, além de inconsistência no uso de práticas educativas (Cummings & Davies; Erel & Burman; Steinberg & Silk, 2002), culminando na má adaptação no desenvolvimento de crianças e adolescentes (Fincham & Grych, 2001); problemas cognitivos e perceptivos (Davies & Cummings); e dificuldades na autorregulação das emoções (Gottman & Fainsilber-Katz, 1989).

No curso do desenvolvimento familiar, o casal necessita gerenciar as trocas do dia-a-dia, a produção de significados e as atividades, no sentido de conduzir à qualidade das relações. Na adolescência dos filhos, aos parceiros são demandadas tarefas domésticas e parentais, relativas à educação dos papéis sociais, hábitos de higiene, processos acadêmicos, transporte e relacionamentos com irmãos, colegas e pares. Além do desenvolvimento de novas habilidades sociais, outras questões, relacionadas à família de

origem, ao apego ou à disputa de poder e imposição de limites, podem exigir posicionamentos muitas vezes não-compartilhados pelos cônjuges (Steinberg & Silk, 2002).

Mudanças no desenvolvimento da família podem contribuir para o aprofundamento de crises anteriores, às vezes não ultrapassadas e camufladas, que tanto estão relacionadas às experiências individuais, na dinâmica da própria adolescência, quanto às maritais (Carter & McGoldrick, 1980/1995; Gottman & Levenson, 1999; Lachman, 2003; Whiteman, McHale, & Crouter, 2003). Na tentativa de manter o *status quo*, as famílias podem enfrentar patologias na interação e comunicação (Kreppner, 1992) e conflitos, nem sempre atribuídos às mudanças características da adolescência.

Na transição para a adolescência, a criança começa a perceber diferenças entre seus pais e passa a questionar seus comportamentos, relacionamentos e valores. Ela começa a se posicionar e a argumentar mais efusivamente, criando, inclusive, mecanismos para tirar proveito da situação (Carter & McGoldrick, 1980/1995), influenciando o subsistema parental (Vandervalk, De Goede, Spruijt, & Meeus, 2007). Apesar de pouco se saber sobre a influência dos filhos na relação do casal, Bradbury, Fincham e Beach (2000) apontam que o estresse provocado pelos ajustes desta fase pode minar a relação conjugal.

No entanto, o estresse suscitado pelas mudanças normativas da vida, como na entrada da adolescência (diferentemente do estresse crônico, provocado por doenças ou problemas contínuos), depende, também, de experiências prévias e das condições da família, no momento (Umberson, Kristi, Powers, Hui, & Needham, 2005). Adolescentes não ajustados emocionalmente podem provocar estresse nas relações familiares, como um todo (Kim, Conger, Elder, & Lorenz, 2003), variando de acordo com o gênero e a idade (Vandervalk et al., 2007), assim como, por outro lado, os filhos ajustados, geralmente, aprendem com seus genitores a lidar com os eventos estressores do cotidiano (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008).

Em geral, nesta fase, ocorre um declínio na qualidade das relações entre os parceiros e no nível de satisfação marital e da vida. Para Steinberg e Silverberg (1987), isto acontece quando a criança mais velha da família é um adolescente que está entre os 13 e os 17 anos de idade. No entanto, este fato pode estar associado tanto a fatores individuais quanto relacionais e não necessariamente aos conflitos atribuídos às mudanças características da adolescência. De qualquer forma, cabe ao casal ajustar a própria relação, se unindo e se fortalecendo para ajudar os filhos a superarem possíveis dificuldades e, com isso, ganhar mais intimidade e compartilhar mais tempo juntos.

Podem, ainda, se entusiasmar pela juventude dos filhos e buscar novos amigos, novas possibilidades de parcerias e interesses e, assim, conciliar o exercício de seus papéis parentais com seus próprios ideais e metas.

Em suma, a disfuncionalidade familiar e, mais especificamente, relações conjugais infelizes, com divórcios ou separações, podem aumentar o risco de psicopatologias, o surgimento de problemas de comportamento e mau-ajustamento do adolescente (desvios de conduta, abusos e delinquência), além do desenvolvimento de habilidades sociais pobres (Cui, Conger, & Lorenz, 2005; Fincham & Grych, 2001; Fletcher, Steinberg, & Sellers, 1999; Kreppner & Ullrich, 1998; Schultz, Waldinger, Hauser, & Allen, 2005). Contudo, estes problemas não devem ser considerados isoladamente, pois, não decorrem apenas das experiências vividas pelo adolescente em famílias divorciadas (Schultz et al.) ou cujos pais mantêm relações conjugais infelizes ou insatisfatórias.

Portanto, compreender o desenvolvimento do adolescente nas famílias implica reconhecer o papel das relações entre os subsistemas parental e conjugal, e de todo o contexto familiar. A educação e a promoção de clima familiar mais favorável são fundamentais para a expressão de necessidades e para o crescimento de todos (Baumrind, 1991; Darling & Steinberg, 1993; Milevsky et al., 2006; Simons & Conger, 2007; Weber et al., 2004). Por isso, a seguir, é apresentado um panorama da família como um sistema comunicacional, priorizando dois aspectos: os padrões de comunicação nas famílias durante a adolescência dos filhos e o clima familiar.

### *A Família como um Sistema Comunicacional*

Uma das formas de investigar a família é reconhecer a existência de processos de comunicação familiar, definidos como atividades de troca constante, por meio das quais cada membro da família pode se expressar e compartilhar sua subjetividade e, simultaneamente, mudar seu comportamento (Bienvenu, 1969). A comunicação familiar é essencial para a constituição e a delimitação das fronteiras (identidade) face aos demais sistemas, pois, permite a entrada e a saída de informações (permeabilidade), facilitando trocas, influenciando e sendo influenciada por eles.

Os processos de comunicação familiar são considerados grandes facilitadores de potencialidades humanas, e saber conduzir uma conversa de modo inteligente é parte essencial da competência social do indivíduo. Porém, a linguagem não é o único meio

de comunicação, uma vez que esta abrange aspectos não-verbais referentes ao clima emocional de uma relação e o conteúdo que está por trás das conversações. A comunicação ocorre pela transmissão não só de ideias, informações, atitudes, fatos e crenças, mas, também, de outros elementos externos ao meio imediato, envolvendo a escuta atenta, expressões faciais, silêncios, gestos, posturas e toques, entre outros símbolos e pistas usados para dar e receber significados. Assim, mais do que o conteúdo veiculado nas conversações, torna-se importante a forma como cada um percebe e interpreta a comunicação (Hinde, 1997).

Como a comunicação não é algo estático, fatores como experiências anteriores, estados de humor, expectativas futuras e características de determinada cultura podem influenciar o rumo da comunicação e as percepções de cada um. Durante as conversações, podem ocorrer mudanças na percepção da qualidade da relação, reduzindo ou não expectativas e ansiedades, e modificando pensamentos e experiências subsequentes (Hinde, 1997).

De acordo com Watzlawick, Bavelas e Jackson (1996), seria impossível para o ser humano, nas suas constantes trocas internas e externas com o meio, não se comunicar. Ele, por si só, é um ser relacional e comunicacional, um sistema complexo e aberto ao meio, que traz, na sua herança genética, potencialidades para relacionar-se com outros e se integrar ao mundo por meio de padrões de funcionamento, valores, normas e rituais próprios (Dias, 2001). Assim, a família torna-se o principal contexto de comunicação, sendo que a comunicação pode variar de família para família ao longo do tempo (Kreppner, 2003).

A qualidade das interações e das relações familiares é, em grande parte, determinada pela comunicação estabelecida dentro das famílias. Padrões de comunicação efetivos, quando compartilhados nas famílias, trazem significados e criam uma atmosfera honesta, na qual seus membros expressam suas necessidades, desenvolvem capacidades, reconhecem e convivem com suas diferenças, com respeito às crenças e comportamentos dos outros. Além disso, eles estabilizam estas diferenças, fornecendo conformidades nas maneiras de pensar, sentir e agir de cada um, além de permitir a interiorização de elementos socioculturais, constituindo, assim, uma ferramenta essencial ao processo de socialização. Em famílias onde isso acontece de modo apropriado, os familiares têm suas incertezas e ambiguidades reduzidas; conseqüentemente, elas procuram razões para se auto-organizarem, pessoal e socialmente e, assim, resolverem seus problemas (Turner & West, 1998); e revelam

prazer na companhia uns dos outros, tendo menos problemas e administrando melhor as situações de estresse (Foreman & Long, 2002; Weichold, Bütlig, & Silbereisen, 2008).

Entretanto, mesmo quando os familiares são capazes de articular diferentes pontos de vista, defender posições e clarificar mal entendidos, nem sempre a comunicação familiar é praticada e vista da mesma maneira. Diferenças de identidade e de metas podem afetar a comunicação nas famílias, e conduzir a um clima tanto de bem-estar e harmonia, quanto de tensão e angústia, gerado por imprevisibilidades e desigualdades entre seus membros. Neste caso, bloqueios e conflitos nos sistemas familiares serão ou não ultrapassados, clarificados ou dirimidos (Turner & West, 1998). Cabe reconhecer os aspectos positivos e negativos da comunicação familiar e, assim, melhor compreender como as famílias funcionam.

As famílias podem ser concebidas por meio dos padrões de comunicação estabelecidos entre seus membros. Koerner e Fitzpatrick (2004) identificaram tipos distintos de família de acordo com seus modos de comunicação: ‘consensuais’, quando há certo grau de concordância e interesse em comunicar e explorar novas idéias; ‘pluralísticas’, onde a comunicação é aberta, frequente e não reprimida, e seus membros são encorajados a pensar de modo independente; ‘protetoras’, que enfatizavam a conformidade e a obediência; e ‘laissez-faire’, onde existem poucas interações sobre tópicos limitados, e baixo envolvimento emocional. Já, Epstein, Bishop e Levin (2007) representaram um modelo de funcionamento familiar identificando quatro estilos básicos de comunicação nas famílias: clara e indireta; clara e direta; velada e direta; e velada e indireta. Para eles, a comunicação clara e direta é mais saudável para todos.

Independentemente do tipo de família, o processo de comunicação familiar é uma habilidade fundamental, pois, facilita os processos de coesão, além de dar condições de reajuste e adaptação às constantes mudanças do desenvolvimento (Olson, Sprenkle & Russell, 1979; Olson et al., 1983). Neste sentido, famílias que mantêm canais abertos e claros são identificadas pelo grau de empatia, escuta atenta, prontidão para auto-revelação e compartilhamento de sentimentos (Stanley, Markman & Whitton, 2003), fundamentais para a compreensão da comunicação familiar.

Dada a diversidade de modelos familiares, os processos de comunicação nas famílias também não ocorrem de um modo único e restrito. Um processo dinâmico de comunicação no sistema familiar se caracteriza por certa intencionalidade, isto é, tem determinada finalidade, dependendo de características de vários elementos que o constituem, como: pessoas envolvidas, mensagem ou tema comunicado, e contexto ou

clima em que ocorre a comunicação. Nesse sentido, o *clima familiar* é um conceito fundamental para a compreensão da comunicação familiar.

### ***O Clima Familiar e os Processos de Comunicação***

Nas famílias, o clima é determinado pelas relações interpessoais estabelecidas entre seus membros, que enfatizam o crescimento pessoal e a manutenção do sistema familiar (Moos & Moos, 1994). Ele pode ser percebido por meio do ambiente físico em que a família vive e se desenvolve. No ambiente físico, as condições de moradia, infraestrutura e/ou lazer em determinado lugar, bem como o tamanho da habitação ou número de residentes em casa podem ter um impacto considerável no bem estar pessoal e na dinâmica de vida da família. No que tange ao ambiente social, o clima é constituído pelos indivíduos, seres sociais, e suas características e comportamentos individuais ou em grupos, e a percepção subjetiva que eles têm de suas relações interpessoais.

O clima familiar pode ser entendido pela atmosfera estabelecida entre os familiares, gerada pelas interações entre eles no desempenho de suas funções e tarefas adaptativas. Inclui o ‘clima emocional’, ou seja, as qualidades particulares das relações interpessoais associadas às trocas afetivas, na maioria, não-verbais. Apesar de ser um conceito muitas vezes confundido e mal interpretado (pois é visto como algo incidental ou à margem da relação), o clima emocional nas famílias é um atributo essencial ao desenvolvimento do adolescente (Kreppner, 1992, 2003).

Como as predisposições emocionais podem ser consideradas os principais determinantes dos pensamentos e dos comportamentos individuais, é possível cultivar a regulação do afeto e facilitar a comunicação das emoções (Kreppner, 2003), ao longo do curso de vida familiar. Portanto, o modo como os familiares se comunicam e mantêm o clima emocional é um indicador importante da dinâmica e da qualidade de suas relações (Kreppner, 1992).

### ***Padrões de Comunicação Familiar***

Os padrões de comunicação familiar podem ser observados de diversas maneiras: (a) por indicadores de coesão (importância dada à proximidade ou à comunicação no vínculo familiar); (b) por meio dos rituais definidos em atividades repetidas e esperadas nas famílias (horário das refeições); (c) pelas conversas do cotidiano (em aspectos como auto-revelação, grau de abertura, gentileza e respeito); (d) pelo grau de domínio/ controle sobre a situação; (e) por coalizões ou igualdades

estabelecidas entre os familiares; (f) pela forma de estabelecer limites e enfrentar conflitos; (g) pelo grau de humor, sarcasmo ou afeto expresso; e/ou (h) pelo nível de suporte oferecido dentro da família (Caughlin, 2003). Para Segrin e Flora (2005), um clima comunicacional pode revelar uma atmosfera que pode tanto reforçar a homogeneidade de atitudes, valores e crenças (alta conformação), quanto incentivar atitudes heterogêneas, de mais individualidade e independência (baixa conformação). As diferenças no grau de encorajamento e na participação dos familiares nas suas interações (alta ou baixa conversação) explicam, em parte, o modo como as famílias criam uma realidade social compartilhada (Koerner & Fitzpatrick, 2004).

Por outro lado, as famílias estabelecem ideais de comunicação familiar que, quando não atingidos, geram insatisfação. Em momentos de estresse, provocados por eventos normativos ou não, são exigidos novos padrões, que, quando não adotados, podem levar a disfunções no funcionamento familiar, patologias de interação e comunicação, crises e até cisões (Caughlin, 2003; Kreppner, 1992).

Além disto, padrões de comunicação familiar podem mudar qualitativa e quantitativamente ao longo de todo o curso de vida da família (Laursen & Collins, 2004). Em função das mudanças típicas da adolescência, nesta fase, eles estão mais claramente associados às divergências e adaptações entre as expectativas dos pais e as dos adolescentes (Collins & Laursen, 2004b; Kreppner, 1992). A forma com que pais e filhos interagem e conversam uns com os outros, por meio de diferentes estratégias de comunicação, é tanto uma característica central, como um fator prioritário na dinâmica dessa relação, e influencia as relações de modo processual e contínuo (Hinde, 1997).

De modo geral, as famílias encaram os desafios da transição para a adolescência estabelecendo novas trocas comunicacionais. Espera-se que os adolescentes participem mais ativamente da dinâmica familiar, selecionando estratégias para garantir privilégios e vantagens em seu desenvolvimento (Kreppner & Ullrich, 1999), para expressar suas emoções, perceber e avaliar os outros dentro do modelo relacional específico da família, em um contexto de regras geralmente ditadas pelos pais e pelo modo de se comunicar com cada um.

De acordo com os modos como as relações são redefinidas durante a adolescência, o clima emocional se transforma, em geral, ocorrendo um esfriamento e um decréscimo no grau de expressividade, principalmente, nas relações dos filhos com as mães (Kreppner, 1992). A comunicação, que revela uma estreita associação com o afeto, também experimenta um declínio durante esta fase (Oliva, 2006). Ao mesmo

tempo, os adolescentes manifestam comportamentos de mais questionamento, argumentação e assertividade.

Porém, apesar do distanciamento afetivo e comunicativo, produzido pela transição para a adolescência, filhos podem continuar se beneficiando dos padrões de comunicação próximos e afetuosos dos pais, quando estes dão o suporte necessário para o enfrentamento dos desafios desta fase. Quando o afeto, o apoio e a comunicação positiva caracterizam as relações com os pais, os filhos tendem a apresentar melhor ajustamento social, autoconfiança e maior autoestima, além de bem-estar psicológico (Steinberg & Silverberg, 1986).

Um estudo feito por Saphir e Chaffee (2002), para compreender a família na adolescência dos filhos, identificou padrões de comunicação presentes nas interações verbais diárias entre pais e filhos, com foco nas expressões mútuas de sentimentos, questionamentos, discussões de idéias, argumentações e negociações. Os dados gerados mostraram que os padrões de comunicação familiar podem variar em função da fase do desenvolvimento, pois, à medida que o adolescente adquire novas habilidades cognitivas, seus pais diminuem as demandas orientadas para sua socialização e passam a encorajar discussões mais voltadas para conceitos de modo geral.

Porém, muitos fatores moderam a qualidade da comunicação familiar, tais como: o gênero e os papéis (marido e mulher, pai e mãe, etc.); os estilos de comunicação e as práticas educativas; a fase do desenvolvimento da família dentro do curso de vida, os conteúdos veiculados pela mensagem, as expectativas, crenças, percepções de cada um, e o meio social e cultural. Todos estes fatores, presentes nos processos de comunicação nas famílias, devem ser avaliados nas suas peculiaridades e complexidades (Dias, 2001).

Dados de estudos conduzidos no Brasil mostram que a comunicação na família é percebida pelos adolescentes como sendo de um bom nível, sendo que 96% consideraram-na algo muito importante (Wagner, Falcke, Silveira, & Mosmann, 2002). Eles relataram passar mais tempo com suas mães do que com seus pais, e expressaram sua preferência por se aconselharem com elas (49,8%), pois, disseram perceber, nelas, uma comunicação mais aberta, igualitária e íntima. Estes dados corroboram os de estudos internacionais que revelaram que as mães demonstraram mais afeto positivo, enquanto os pais se mostravam mais neutros (Beaumont & Wagner, 2004; Wagner et al., 2002; Youniss & Smollar, 1985), fato que pode estar associado aos papéis parentais por eles exercidos.

Com relação à fase do desenvolvimento da família, Sillars, Koerner e

Fitzpatrick (2005) investigaram a compreensão que cada familiar tinha sobre suas relações, em 50 tríades de pais, mães e filhos americanos, por meio de questionários de auto-relato e situações de observação. Durante as gravações, foi perguntado como pais e adolescentes compreendiam três de oito áreas de conflito familiar, e, posteriormente, ao assistirem aos vídeos, separadamente, como percebiam os comportamentos observados.

A hipótese inicial era de que adolescentes e pais que compartilhassem um ambiente rico de informações, um laço intenso e uma longa história de familiaridade e intimidade se comunicariam mais e com maior compreensão mútua. Porém, os dados mostraram que a ‘compreensão intersubjetiva’ (congruência entre a estimativa da perspectiva do outro e aquilo que o outro realmente pensa), além de estar relacionada a outros aspectos não investigados, era dificultada pelas mudanças do desenvolvimento na adolescência. Isto é, os adolescentes demonstraram oscilar entre a habilidade de compreender, ou não, as perspectivas dos pais, enquanto os pais mostraram dificuldade em antecipar e entender as mudanças momentâneas dos adolescentes, o que gerava uma diminuição nos níveis de comunicação entre eles (Sillars, Koerner, & Fitzpatrick, 2005).

Kreppner e Ullrich (1999) investigaram aspectos da comunicação nas díades pais-adolescentes com idade média de 11,5 anos. Utilizando questionários e técnicas de observação, os autores identificaram comportamentos de comunicação verbal e não-verbal, estilos de comunicação e diferentes níveis de regulação da proximidade e da distância entre os membros da família. Os resultados mostraram que, na transição para a adolescência, a criança passa por mudanças que afetam as famílias, e que podem variar de acordo com os graus de dependência, ambivalência e intensidade presentes nas interações entre seus membros. Ao identificar três grupos familiares – ‘habitual’, ‘ambivalente’ e ‘seguro’ -, eles concluíram que pais mais seguros discutiam entre si, chegando a um alto nível de concordância nas trocas de opinião e mais proximidade nas interações não-verbais; e que adolescentes em famílias ambivalentes ou inseguras, por receberem mais críticas de seus pais tinham sua autoestima, consideravelmente, mais baixa.

Portanto, os processos de comunicação presentes nas relações familiares e, especificamente, nas relações parentais, são essenciais para o desenvolvimento do adolescente. Nesta fase do curso de vida, novas habilidades são desenvolvidas e a autonomia torna-se condição para independência, funcionamento e crescimento do indivíduo (Soenens & Vansteenkiste, 2005).

### ***Autonomia e Negociação nas Famílias durante a Adolescência dos Filhos***

Conforme mencionado anteriormente, as mudanças da adolescência provocam transformações nas relações do adolescente, estabelecidas nos diferentes contextos do seu desenvolvimento. Aumentam seus relacionamentos sociais, responsabilidades e direitos, e, na medida em que novas competências são desenvolvidas, as habilidades adquiridas anteriormente declinam e as mudanças exigem novos comportamentos. Estas mudanças evidenciam um aumento na auto-suficiência e na capacidade de tomada de decisões pessoais, na consolidação do sentido de si mesmo e de sua identidade, e na regulação das emoções, comportamentos e pensamentos, conduzindo à aceleração do desenvolvimento da autonomia.

No entanto, teoricamente, a autonomia ainda se configura uma questão polêmica, não totalmente resolvida do ponto de vista científico. Isto dificulta, inclusive, defini-la operacionalmente e estudar o seu funcionamento, conduzindo à necessidade de ampliar as discussões a respeito deste conceito, das pesquisas sobre ele e, mais do que isto, de como ocorre o processo de construção da autonomia na adolescência, envolvendo o adolescente e a sua família.

#### ***Conceitos e Instrumentos de Medida da Autonomia***

Teóricos do desenvolvimento têm proposto uma variedade de definições para a autonomia. Sendo seu significado de difícil especificação, por vezes, ele se mostra confuso e gera diferentes tratamentos entre os pesquisadores (Spear & Kullbok, 2004; Steinberg & Silverberg, 1986; Zimmer-Gembeck & Collins, 2005). O significado e a aplicação da autonomia variam, amplamente, em função do contexto, podendo ser observada em indivíduos, famílias, instituições e comunidades, e ser genericamente definida pelo estado de ser independente, de se autogovernar (Spear & Kullbok).

O conceito envolve aspectos psicossociais das relações estabelecidas com os outros, e é definido como um sentido de separação, independência emocional e liberdade a ser conquistada, por exemplo, nas relações parentais e sociais (Cellen, Cok, Bosma, & Djurre, 2006). Entretanto, mesmo considerada como um processo inserido no contexto interpessoal, a autonomia é, muitas vezes, tratada como uma qualidade atribuída ao indivíduo, sendo enfatizados aspectos intrapsíquicos do desenvolvimento e não os processos relacionais.

Por outro lado, estudos que enfatizam as relações interpessoais (Collins, 1990;

Collins & Steinberg, 2006; Hill & Holmbeck, 1986), em geral, incorporam os vários fatores que compõem o funcionamento autônomo, socialmente responsável e ideal. Assim, a autonomia é relacionada à manutenção contínua da conexão com padrões sociais, ao mesmo tempo em que ocorre um aumento na auto-regulação, na motivação e na independência do indivíduo (Collins & Repinski, 1994).

Independentemente de a autonomia ser tratada como um constructo individual ou interpessoal, ela também pode ser vista como um ideal, um produto a ser alcançado ou adquirido, ou como um processo (Collins & Steinberg, 2006). Ela pode manter um alto grau de subjetividade e se referir a um estado de auto-suficiência e liberdade de escolha, e/ou de administração própria, a ser alcançada; e pode estar associada à competência acadêmica, laboral e social, e à regulação de emoções e impulsos (Spear & Kullback, 2004).

Considerando que o próprio conceito de autonomia é multifacetado (conceito ‘guarda-chuva’) e se sobrepõe a outros termos que também descrevem a crescente maturidade do funcionamento individual (Steinberg & Silverberg, 1986), ele deve ser compreendido nesta complexidade e investigado por meio de diferentes instrumentos e medidas, de modo a garantir sua amplitude.

Ao analisar artigos sobre a autonomia publicados entre 1985 e 2001, Spear e Kullback (2004) concluíram que o conceito, realmente, não estava claramente definido na literatura, ainda permanecendo ambíguo. Em muitos estudos, Spear e Kullback notaram que, mesmo quando a autonomia era compreendida em relação a diferentes atributos - individuais, holísticos, contextuais e de desenvolvimento -, o contexto era utilizado apenas para auxiliar a definição do termo. Em função dessa imprecisão, pesquisadores têm proposto diferentes formas de investigar a autonomia (Collins & Steinberg, 2006; Goosens, 2006c), por exemplo, por meio de sistemas de categorias observacionais, construídos para mensurar interações, escalas de auto-relato e instrumentos que investigam aspectos do funcionamento individual.

As dimensões mais comumente estudadas a respeito da autonomia na adolescência, especificamente, incluem padrões de tomada de decisão familiar, avaliados por meio da estimativa de conflito entre familiares, e de quem, geralmente, toma a decisão final: pais, adolescentes ou ambos. Ainda, a autonomia pode ser avaliada pelo grau e pelas formas de monitoramento e controle parental, ao investigar o quanto os pais sabem sobre o cotidiano de seus filhos (Steinberg, 2001).

A maior parte dos estudiosos concorda que os adolescentes podem mostrar

diferentes tipos de autonomia nas suas relações com seus pais, que divergem quanto à sua natureza (Goosens, 2006b; Sessa & Steinberg, 1991; Spear & Kullback, 2004; Steinberg 1990; Steinberg & Silverbeg, 1986). De modo geral, esses estudiosos adotam a definição de autonomia como um constructo interpessoal, que inclui dimensões caracterizadas por aspectos cognitivos, emocionais/ afetivos e comportamentais dos indivíduos, e apresentam classificações específicas para cada uma dessas áreas, definindo-as por meio de diferentes tipologias.

A ‘autonomia cognitiva’ (ou de valor), por exemplo, refere-se à habilidade do adolescente de criar seus próprios pensamentos, valores e opiniões. Ela é revelada por meio da autonomia verbal, a habilidade de se expressar claramente e/ou declarar os próprios pensamentos no contexto interpessoal e de tomar suas próprias decisões, cuja expressão dispensa uma validação social excessiva (Sessa & Steinberg, 1991).

A ‘autonomia emocional’, por sua vez, envolve um sentido de individuação, ou seja, de ‘deixar’ a dependência, a regulação e o suporte emocional dos genitores para adquirir o seu próprio. Isto significa um processo de reflexão e mudança de conceitos e avaliação das relações existentes entre adolescentes e seus pais, que incluem concepções mais amadurecidas e não-idealizadas dos primeiros sobre os segundos (Steinberg & Silverberg, 1986). Mais recentemente, foi proposto que esse constructo fosse ampliado, de modo a abranger um sentido intraindividual e subjetivo, a percepção do próprio adolescente quanto à sua autonomia (Collins & Steinberg, 2006).

Já a ‘autonomia comportamental’ é definida pelo funcionamento ativo e independente do adolescente, e inclui a administração de si mesmo e a regulação do próprio comportamento, além da tomada de decisões. É baseada na autoconfiança crescente e nos processos de decisão pessoal, podendo ser considerada a medida mais operacional, com relação ao funcionamento das relações pais-adolescentes (Sessa & Steinberg, 1991).

Pesquisas que avaliam estes três constructos mostram uma sobreposição nas dimensões da autonomia, sugerindo que eles não se desenvolvem de modo independente (Youniss & Smollar, 1985). Porém, há necessidade de mais informações sobre a constituição dessas inter-relações e comportamentos, uma vez que eles são igualmente significativos para o desenvolvimento psicológico do adolescente, o que conduz à importância de se compreender melhor o processo de autonomia nas famílias, durante a adolescência (Collins et al., 2000).

### ***O Processo de Autonomia nas Famílias, durante a adolescência***

Durante a adolescência, a autonomia inclui um conjunto de questões psicológicas e se manifesta por meio do aumento da capacidade de auto-regulação (Fleming, 1993; Zimmer-Gembeck & Collins, 2005). Para que o indivíduo se torne autônomo, ele deve ser capaz de: monitorar, refletir e rever os seus modelos e os dos outros; receber, entender e transmitir informações; refletir e realizar escolhas com certo grau de independência, bem como prever riscos, benefícios e danos, considerando as múltiplas conseqüências; e interiorizar um conjunto relativamente estável de valores.

Este processo, todavia, não depende apenas do curso do desenvolvimento normativo do adolescente enquanto indivíduo isolado de seu contexto. Vista como uma tarefa crucial deste período do desenvolvimento, a autonomia é descrita como um processo que se desenvolve por meio de experiências e interações sucessivas e cotidianas do adolescente, particularmente, no ambiente familiar (Bronfenbrenner, 1979) e, mais especificamente, nas relações parentais. Ou seja, ocorre no contexto das relações do adolescente com seus ambientes mais próximos e envolve, principalmente, a família, nas suas complexidades e diversidades. Portanto, um desenvolvimento autônomo saudável envolve a negociação gradual da independência do adolescente, em conexão contínua com a família (Larson, Pearce, Sullivan, & Jarrett, 2007).

O processo de autonomia se inicia quando as crianças começam a funcionar de maneira mais independente, regulando suas próprias condutas, ao mesmo tempo em que diminui a participação e o controle dos pais. Nesse momento, os filhos tendem a se engajar em um maior número de atividades fora de casa e a interagir com um círculo social mais amplo, passando menos tempo com seus pais. Além disso, começam a formar suas próprias ideias, valores e opiniões, passando a ter mais liberdade para tomar suas decisões, inclusive, com demanda de mais privacidade (Smetana, Metzger, Gettman, & Campione-Barr, 2006). Assim, ocorre um processo normativo diádico, no qual o adolescente começa a se regular mais, enquanto os pais, em contrapartida, reduzem a vigilância em relação às suas atividades.

Ganhar autonomia e, ao mesmo tempo, se manter conectado à família, envolve ambas as partes que têm prioridades diferentes e até divergentes. Enquanto os adolescentes querem que seus pais lhes dêem liberdade para tomar decisões e fazer escolhas sobre suas atividades, os genitores relutam, apesar de compartilharem desta meta, pois se perguntam se o filho já é suficientemente responsável para se autogerir diante dos perigos e riscos do dia-a-dia (Smetana, Crean, & Daddis, 2002).

Especialmente no início da adolescência, é possível identificar certa tensão entre a busca do adolescente por sua independência e a manutenção de um forte elo com sua família. Falhas decorrentes do não cumprimento das tarefas de regulação entre estas forças – tornar-se independente e manter-se conectado – podem marcar uma ampla variedade de problemas.

Historicamente, a busca pela independência e a manutenção de um forte vínculo com a família eram vistas como forças diametralmente opostas, de modo que acreditava-se que o adolescente deveria se afastar de sua família, em especial, de seus pais, para que pudesse se estabelecer como um indivíduo autônomo e atingir um novo estágio no desenvolvimento. Entretanto, nas perspectivas atuais, tais forças não são vistas como contraditórias, mas, sim, consideradas conjuntamente e de maneira complexa (Goosens, 2006c).

Além disso, o processo de tornar-se autônomo está relacionado a vários fatores como gênero, idade, configuração e tamanho da família, posição no nascimento, concepções atribuídas à autonomia, entre outros. Um aspecto importante, porém controverso, refere-se à posição dos filhos na hierarquia familiar. Para Campione-Barr e Smetana (2004), filhos mais novos mostram desejo por independência mais cedo do que seus irmãos primogênitos e os pais revelam saber mais sobre suas experiências, caminhos e atividades. Já Bumpus, Crouter e McHale (1998; 2001) concluíram que os filhos mais velhos demonstram mais autonomia, especialmente os do gênero feminino, principalmente, quando têm um irmão mais novo.

Ainda, um estudo clássico realizado por Steinberg e Silverberg (1987) com 865 adolescentes, entre 10 e 16 anos de idade, que avaliou aspectos da autonomia emocional em relação aos pais, mostrou que, apesar de a transição ser importante para meninos e meninas, elas se mostravam emocionalmente mais autônomas do que eles. Mais recentemente, outro estudo longitudinal investigou o suporte parental para a autonomia e a tomada de decisão entre crianças, adolescentes e jovens, de 9 a 20 anos de idade, procedentes de famílias euro-americanas, com dois filhos. Nele, constatou-se que a tomada de decisões foi mais alta entre as meninas cujos pais eram mais instruídos e as percebiam como mais fáceis de serem supervisionadas (Wray-Lake, Crouter, & McHale, 2010). Por outro lado, no estudo de Bumpus et al. (2001) com famílias mais tradicionais, as meninas tendiam a ter menos oportunidades de autonomia do que meninos.

Fleming (2005) desenvolveu um estudo com o objetivo de investigar a percepção

da autonomia entre 994 adolescentes, entre 12 e 19 anos de idade. Foram elencados 11 itens de autonomia comportamental para avaliar a frequência do desejo do jovem em ser autônomo, o alcance da autonomia e o grau de desobediência aos pais, em diferentes momentos do desenvolvimento. Quando comparados dois grupos de adolescentes - de 12/13 anos (início da adolescência) e de 18/19 anos (fim da adolescência) - os resultados revelaram que o desejo por autonomia estava presente em meninos e meninas desde a puberdade; porém, para as meninas, a autonomia estava mais relacionada à auto-imagem e à escolha da roupa e estilo de cabelo, enquanto que, para os meninos, ela tinha relação com a liberdade para sair e explorar ambientes fora da família. Porém, a maior diferença entre os gêneros se revelava próximo aos 16 anos, quando meninos alcançavam a autonomia antes das meninas.

No entanto, para alguns outros pesquisadores, as meninas eram consideradas mais autônomas nas suas decisões do que meninos (Wray-Lake et al., 2010), embora outros (Fuligni & Eccles, 1993; Smetana et al., 2004), ainda, não tenham observado diferenças de gênero, atribuindo os resultados ao tipo de amostra pesquisada (Wray-Lake et al.). Independentemente disso, a autonomia não pode ser vista como unidirecional; ela deve ser reconhecida como um processo de negociação entre partes, nem sempre ameno, e que envolve o desenvolvimento, na família, de uma série de habilidades.

O incentivo à autonomia está frequentemente associado à satisfação pessoal, ao aumento da produtividade e do autoconceito positivo, entre outras competências pessoais (Spear & Kullback, 2004), e conduz a benefícios importantes para o ajustamento dos adolescentes fora da família (Grusec & Davidov, 2007). Eles são vistos como mais competentes e são mais aceitos socialmente, além de desenvolverem relações de suporte e amizade com seus pares (McElhaney et al., 2009).

Quando, ao contrário, as relações parentais envolvem controle excessivo, pressão e manipulação, há restrição da autonomia, além de acarretar problemas de funcionamento social, tais como índices elevados de hostilidade, rejeição e distanciamento dos pares, e baixa competência social (Allen, Hauser, Bell, & O'Connor, 2002; Barber & Harmon, 2002; Soenens & Vansteenkiste, 2005).

É preciso ressaltar que as relações significativas com os pais, que promovem a autonomia socialmente adaptativa, também permitem o desacordo e a expressão de pontos de vista diferentes. Entretanto, eles devem ser equilibrados com a necessidade do adolescente de se manter conectado à família e, se houver muita intrusão, envolvimento exagerado ou manipulação, eles podem gerar mal estar e impedir seu ajustamento

saudável alguns anos mais tarde (Allen, Hauser, Bell, & O'Connor, 1994; Steinberg, 1990; Zimmer-Gembeck & Collins, 2005). O estudo de Allen et al. revelou que as interações entre adolescentes de 14 anos de idade e seus pais caracterizados pela invalidação da posição uns dos outros e pela pouca atenção às instruções, estavam relacionadas à depressão desses jovens aos 16 anos de idade.

Os processos de autonomia são diferentes em função do contexto, da classe social e do clima familiar. Estudos transculturais demonstram diferenças entre o valor atribuído à autonomia e entre padrões de desenvolvimento nas famílias, sendo que naquelas que valorizam a autonomia individual, os desacordos familiares pelas diferentes culturas eram manifestos mais diretamente, além de permitidos e, até, esperados como uma forma de os familiares compreenderem os diferentes pontos de vista e resolverem as diferenças entre eles (Daddis & Smetana, 2005; Gelhaar et al., 2007).

Em um estudo sobre os diferentes padrões de desenvolvimento em famílias americanas e japonesas, Rothbaum, Pott, Azuma, Miyake e Weiz (2000) concluíram que, nas culturas americanas, adolescentes se independem de seus pais e transferem essa fidelidade para seus pares, enquanto que nas famílias japonesas, eles mantêm maior ênfase na estabilidade e continuidade de suas relações parentais. Em outro estudo com pais e adolescentes de áreas rurais e urbanas da China, Zhang, Wang e Fuligni (2006) examinaram a autonomia individual e a parental, o conflito e a coesão familiar. Ao serem entrevistados, 704 adolescentes com idades entre 10 e 12 anos revelaram que, apesar da reforma social e econômica no país, ambos os grupos têm fortes relações com a autoridade parental e com as expectativas em relação à própria autonomia comportamental, sendo que, nos grupos urbanos, adolescentes discordavam mais abertamente de seus pais e demonstravam suas expectativas mais precocemente, tendo relações mais conflituosas e, frequentemente, menos coesas.

Quanto à classe social à que a família pertence, espera-se, na classe média, a emergência de comportamentos autônomos mais cedo do que em outras classes sociais (Fleming, 2004). Ainda assim, os padrões podem ser diferentes até mesmo dentro de uma mesma família, e tanto o início do treino quanto a quantidade de autonomia concedida podem variar em função do tipo de atividade desempenhada, por exemplo, fora ou dentro de casa.

### *Conflitos e Negociações da Autonomia e seus Efeitos sobre as Relações Familiares*

Uma das principais áreas de construção do sentido da autonomia do adolescente é o conflito (Smetana, 1995), definido como um desentendimento ou oposição entre pelo menos duas pessoas. Apesar de ainda se saber pouco a respeito, Beveridge e Berg (2007) sugerem que a autonomia, em longo prazo, emerge de interações conflituosas entre o adolescente e seus pais.

Os conflitos podem ser vistos como padrões de interação saudável ou adaptativa, quando fornecem o desafio necessário para gerar mudanças e o conseqüente desenvolvimento de habilidades específicas, tais como assertividade e autocontrole (Adams & Laursen, 2007; Collins & Laursen, 2004b). Entretanto, a maioria das interpretações é negativa, pois, os identifica como fonte de prejuízos importantes para os envolvidos, ao gerarem estresse, tensão e crises, nem sempre superáveis.

Os conflitos estão presentes em todas as relações. Nas relações familiares, eles são mais evidentes durante a transição para a adolescência devido às mudanças normativas, características deste período e à conseqüente necessidade de adaptações rápidas. Porém, eles dependem de características da família, assim como da aprendizagem de padrões específicos de cada membro, e são do interesse de estudiosos da área, sobretudo, pelo seu potencial para desestabilizar o sistema familiar (Smetana et al., 2006).

Apesar de grande parte das famílias ser capaz de negociar seus conflitos com sucesso, reestabelecendo um novo equilíbrio ao sistema, as mudanças desafiam os recursos emocionais até das famílias funcionais (Steinberg & Silk, 2002), visto que nem sempre os adolescentes funcionam dentro dos limites da aprovação dos pais e, assim, esse processo de regulação gradual de fronteiras pode não ser tranquilo. Na maior parte das vezes, inclusive, desencontros desta fase são considerados inevitáveis e até esperados, ainda mais se o grau de coesão familiar for considerado significativo para a relação e a vida em família (Arnett, 1999).

Ao buscarem formar sua própria identidade, explorando outros ambientes com novas experiências com pares e grupos (Silverberg & Steinberg, 1990), os adolescentes também testam as fronteiras de suas habilidades auto-reguladoras recém desenvolvidas, inclusive, com a tendência de se expressarem de modo mais direto em seus ambientes, ao defenderem e elaborarem seus pontos de vista (Kreppner & Ulrich, 1998; McElhaney & Allen, 2001; Pinquart & Silbereisen, 2002). Na medida em que vão desenvolvendo sua autonomia e independência e os padrões de comunicação com seus familiares vão

mudando, os adolescentes sentem necessidade de participar mais dos processos decisórios, se expressar mais, questionar as regras e os padrões existentes, manifestar seu desagrado e desafiar seus pais. Como consequência, são esperadas discrepâncias entre as visões de pais e de filhos, principalmente, com relação às competências e à independência destes. Vistas dentro do contexto, elas guiam o comportamento e o bem-estar diário da família e, até que um novo equilíbrio seja estabelecido e novos papéis sejam aprendidos, podem gerar situações de estresse para todos.

Quando a família passa pela adolescência de um de seus membros percebe-se que, geralmente, os conflitos descritos por pais e filhos adolescentes não são tão graves que não possam ser resolvidos com o enfrentamento e a busca por soluções mediante diálogo, negociação e compromisso (Laursen & Collins, 2004; Steinberg & Silk, 2002). Porém, a reorganização do sistema vai depender das atividades de socialização das famílias e da forma como seus membros encaram essas mudanças e retomam a estabilidade do clima familiar (Kreppner & Ullrich, 1999).

Se os conflitos são expressos e resolvidos, podem ter efeitos positivos sobre a relação entre pais e filhos, desenvolvendo habilidades de adaptação às mudanças em experiências de aprendizagem importantes para os envolvidos. E, mesmo que a persistência do conflito esteja relacionada a um mal estar, ela pode ser atribuída ao crescimento positivo e ao ajustamento do adolescente e dos demais membros da família (conflito saudável), quando levam à criação de novas estratégias na direção do equilíbrio e harmonia entre o controle e a autonomia na relação (Adams & Laursen, 2007).

Entretanto, os conflitos também podem ter valor negativo, frente à falta de comunicação entre pais e filhos, ou quando os pais não ponderam as opiniões dos filhos, fazendo-os sentirem-se inseguros e vulneráveis. Pesquisas revelam que a maior parte dos desentendimentos entre pais e filhos adolescentes é resolvida pela submissão ou ruptura de uma das partes envolvida, e que o comprometimento, que seria uma experiência verdadeira de aprendizagem, é relativamente raro (Collins & Laursen, 2004a). Ainda assim, o conflito em si não deveria ser motivo de preocupação, na medida em que ele não é tão incomum e inevitável como se acreditava anteriormente. Ele se restringe a um limitado número de famílias (5 a 10%), a maioria com longas histórias de disputas internas desde a infância. Geralmente, ele não apresenta nenhum dano maior ao desenvolvimento do adolescente (Allison & Schultz, 2004), sendo que, para Montemayor (1983), o conflito entre pais e filhos está presente em todas as famílias em parte do tempo e em algumas famílias o tempo todo.

O conteúdo dos conflitos entre pais e filhos se resume a um número limitado de questões, que também mudam ao longo do tempo. A maioria envolve tópicos da vida cotidiana, tais como tarefas de casa, horários ou formas de se vestir (Prinz, Foster, Kent, & O'Leary, 1979), e está associada ao ganho de experiências que facilitam sua diferenciação e seu afastamento da unidade familiar. Porém, a queda expressiva no tempo que os familiares passam juntos não se mostra relacionada à quantidade de conflito, e não pode ser interpretada como a única variável explicativa para as mudanças nesta fase (Bronfenbrenner, 1996; Reichert & Wagner, 2007a).

A frequência dos conflitos também muda ao longo dos anos da adolescência. Em uma metanálise feita por Laursen, Coy e Collins (1998), pode-se constatar que tende a haver um crescimento na fase inicial e declínios gradativos nos anos subsequentes. Porém, quanto à intensidade, ocorre um aumento desses desacordos do início até meados da adolescência, com pouca mudança até o final dessa fase. Mas, apesar dos conflitos, a maior parte das relações parentais mantém um laço próximo e afetivo (Baumrind, 1991; Grotevant & Cooper, 1986), e essas perturbações tendem a se equilibrar, na medida em que os adolescentes atingem a fase adulta, quando os conflitos decrescem e a harmonia familiar aumenta (Jensen, Arnett, Feldman, & Cauffman, 2004; Smetana et al., 2006).

Uma das razões para a ocorrência de conflitos familiares, nesta fase, está na tendência do adolescente de violar normas e demonstrar comportamentos de mentira ou desobediência (Perkins & Turiel, 2007). Na tentativa de explorar o comportamento adulto e ganhar novas habilidades, esses comportamentos são, usualmente, atribuídos à maior autonomia de pensamento, quando o adolescente passa a definir melhor as áreas de escolha pessoal, às vezes até, desafiando seus pais.

As divergências entre pais e filhos adolescentes e a possível ruptura entre as partes, que antes eram entendidas como parte do desenvolvimento saudável do adolescente (Blos, 1994; Freud, 1968) parece uma visão, hoje, superada. Grotevant e Cooper (1986) sugerem que o caminho saudável de desenvolvimento da autonomia está na negociação gradual da independência, em um contexto de conexão com a família. Esse caminho envolve ações recíprocas, nas quais os adolescentes demonstram, progressivamente, maior capacidade de auto-regulação, e seus pais, por sua vez, lhes proporcionam mais liberdade e responsabilidade (Kreppner & Ullrich, 1998; Steinberg, 2001).

Pouco se sabe sobre as condições que favorecem esses processos de negociação ao longo do tempo. Os ambientes de desenvolvimento nos quais o adolescente se insere

podem fornecer oportunidades favoráveis às mudanças no seu pensamento, sentimentos e comportamentos, e ativar ou inibir seu processo de autonomia. Como este processo ocorre, inicialmente, nas famílias, torna-se importante identificar como essas negociações evoluem durante a adolescência dos filhos, que tanto podem acontecer sem complicações, como mediante um alto custo de energia para toda a família (Weichold et al., 2008).

O que se sabe é que a negociação nas famílias está associada tanto à sensibilidade quanto ao nível de abertura e flexibilidade por parte dos pais, que fazem crescer as chances de que não somente os filhos adolescentes, mas, também, eles próprios, os pais, possam reconhecer e se adaptar às mudanças do desenvolvimento e se tornarem autônomos. Na adolescência, os contextos que envolvem a renegociação de papéis e metas familiares são promotores da autonomia, pois incluem relações parentais apoiadoras, afetuosas e envolventes; trocas comunicacionais sincronizadas e recíprocas; tomadas de decisão conjunta; e manutenção de limites; e exigem comportamentos de maturidade, capacidade de funcionamento independente, responsabilidade e compromisso de todos (Segrin & Flora, 2005; Steinberg, 1990).

Para finalizar este capítulo, reitera-se a importância de se compreender os processos de interação nas famílias durante a adolescência dos filhos, que implicam em considerar dois focos primordiais. Por um lado, é necessário compreender a adolescência e suas concepções, bem como o adolescente, em suas peculiaridades e potencialidades. Por outro lado, é essencial identificar as famílias, como um contexto primeiro, único e complexo, dentro do qual ocorrem processos relacionais que atuam decisivamente sobre o desenvolvimento de seus membros.

## JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

As inúmeras transformações do século XXI têm traduzido mudanças significativas nas sociedades, sobretudo no Ocidente, com os processos de urbanização e industrialização, os avanços tecnológicos, o empobrecimento, a participação da mulher no mercado de trabalho, entre outros. Estas mudanças têm proporcionado transformações intensas nas famílias, nas suas configurações e tipologias, concepções e dinâmicas de funcionamento. Acrescido a isto, as famílias enquanto grupos sociais passam, também, por transformações que são típicas de sua evolução no curso de vida. Neste contexto, as transformações da adolescência trazem repercussões de extrema importância para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Na adolescência, a família continua a exercer o papel principal na socialização do adolescente (Collins & Roisman, 2006; Kreppner, 2000; Steinberg, 2001; Steinberg & Morris, 2001), apesar da crescente influência de outros contextos sobre o seu desenvolvimento. Além de oferecer aos adolescentes a proteção e o cuidado necessários ao seu funcionamento, ela é responsável por proporcionar oportunidades e espaços de aprendizagem e crescimento efetivos, e transmitir padrões relacionais que, durante a adolescência são avaliados e renegociados.

Uma visão mais ampliada e sistêmica desta fase de vida pode ajudar a compreender esses processos, nas suas especificidades e possibilidades, e a ultrapassar a visão deste período como problemático e pouco saudável. As pesquisas atuais precisam apresentar uma perspectiva mais positiva da adolescência, baseando-se em um conjunto de possibilidades e expectativas de mudanças que promovem a aprendizagem de habilidades e capacidades, e que estabelecem o clima de saúde e bem-estar para o desenvolvimento dentro e fora do grupo familiar.

Para isso, é fundamental que adotar metodologias mais apropriadas, que possam responder mais precisamente às questões atreladas à atual perspectiva contextual e relacional do desenvolvimento humano e do adolescente. Mais ainda, que seus resultados se dirijam não só às intervenções clínicas como também, à promoção de ações e programas de saúde e educação, dirigidos à população adolescente e às famílias (Smetana et al., 2006).

Assim, baseados nesta visão do desenvolvimento humano, e procurando atender à tradição e às especificidades da área, e aos critérios de relevância deste trabalho científico, são apresentadas, a seguir, as justificativas científicas e sociais, assim como

os objetivos propostos para esta tese de doutorado.

### **Relevância Social: A Adolescência no Brasil**

Conforme mencionado no capítulo introdutório desta tese, a primeira grande razão para os estudos das famílias durante a adolescência dos filhos está no fato de que o Brasil é um país jovem, com uma população de 17% entre crianças e adolescentes, que necessitam de atenção e cuidados, pois são vulneráveis a riscos, respondendo a 3% da mortalidade total (IBGE, 2010). Atender bem a esta população constitui um desafio para as autoridades, mas, também, para os profissionais, principalmente das áreas de saúde e educação, mas, também, para a comunidade, em geral.

Os estudos sobre a adolescência no Brasil têm enfatizado questões emergenciais diretamente relacionadas ao adolescente e alguns comportamentos desviantes, tais como o uso e abuso de álcool e outras drogas, a gravidez não planejada, a transmissão de doenças, os transtornos mentais e suicídios, fatores considerados como as principais causas desencadeadoras das situações de vulnerabilidade nesta fase (Cerqueira-Silva, Senna, & Alves, 2007; Ministério da Saúde, 2010). Geralmente, eles são dirigidos a identificar condições vinculadas às estruturas sociais em que os adolescentes estão inseridos, condições essas nitidamente marcadas por desigualdades, baixa renda e baixa escolaridade (Ministério da Saúde, 2005b).

Apesar da importância destes grupos de risco, outras camadas igualmente importantes da população precisam ser consideradas. É fundamental ampliar os focos de investigação, reconhecendo fatores, além dos sociodemográficos (idade, sexo e classe social) e psicossociais (relações com a família e pares) que influenciam os comportamentos, o desenvolvimento e o tratamento dos problemas do adolescente brasileiro. Neste sentido, os estudos na área ainda são incipientes e pouco fidedignos, tornando-se essencial implantar investigações que considerem as condições de pluralidade e diversidade da adolescência.

As pesquisas no País precisam atingir o maior número possível de camadas desta população, conforme prevê a Constituição Brasileira (1988), de modo a identificar sua diversidade e trazer subsídios para a implantação de políticas públicas mais eficientes, programas de atenção à saúde do adolescente e promoção da educação familiar. Especificamente no Distrito Federal, ainda há poucos estudos, sobretudo com recorte psicológico e na perspectiva do desenvolvimento humano, que revelem o perfil bastante

peculiar da adolescência brasileira no sistema familiar.

Neste contexto, é essencial propor investigações que considerem as condições social, histórica, econômica e cultural da adolescência, permeada por experiências diversificadas, sobretudo no ambiente familiar no qual este adolescente vive e convive. Os estudos sobre adolescência devem, ainda, ter a família como foco de análise, investigando seus processos com profundidade, no sentido de responder as atuais questões sobre o desenvolvimento neste período do curso de vida.

### **Relevância Científica: A Família como Unidade Mínima de Análise**

Sob o enfoque científico, os estudos sobre a adolescência ainda não contemplam a importância da família. Vista enquanto um grupo também em desenvolvimento, inserido em um contexto social e cultural específico, os estudos que levam em consideração o microsistema familiar e suas inter-relações com os demais microsistemas, como escola, pares e vizinhança, possibilitam uma compreensão melhor sobre como os fatores associados à adolescência podem influenciar e serem influenciados pelos fatores sociais e culturais do desenvolvimento da família e do indivíduo. Reconhecidas como “constructos mais ou menos frágeis que devem se adaptar constantemente aos desafios gerados pelos processos de desenvolvimento” (Kreppner & Ullrich, 1999, p. 18), as famílias devem ser vistas a partir de suas relações contínuas, ou não, e consideradas nas suas diferenças e necessidades, e na forma como seus membros funcionam, buscando soluções para se ajustarem e darem continuidade à sua vida.

Investigar as famílias nos momentos de transição no curso de vida familiar constitui um desafio para os atuais pesquisadores dos processos de desenvolvimento familiar, não só pela especificidade das características que ocorrem nesta fase, como também, pelas possíveis e importantes influências dessas mudanças sobre o indivíduo, a família e toda a sociedade. Além de serem pouco visíveis em outros momentos, essas mudanças exigem novas tarefas de desenvolvimento e recursos emocionais até mesmo das famílias mais funcionais (Freeman & Newland, 2002; Steinberg & Silk, 2002).

Menos ainda tem sido proposto em termos da investigação dos padrões de comunicação e interação familiar na transição para a adolescência. É esperado que os familiares sejam capazes de negociar com sucesso essas mudanças, logo, investigar a qualidade das interações entre eles pode gerar a identificação de demandas e de

possibilidades alternativas para sua adaptação às condições impostas pelo momento.

Tradicionalmente, os estudos sobre as famílias na adolescência têm como foco principal de análise o adolescente, e, em busca por explicações e, conseqüentemente, intervenções que respondam às preocupações e necessidades das famílias e sociedades, poucas pesquisas têm conseguido ultrapassar a identificação de seus comportamentos desajustados e problemáticos. Neste sentido, torna-se importante apontar outras alternativas metodológicas que permitam identificar aspectos do desenvolvimento saudável do adolescente, desmistificar a idéia de ‘vulnerabilidade e risco’, e contribuir para análises cujo foco seja o indivíduo em suas relações com seu contexto ecológico, principalmente nas famílias.

Os estudos se concentram nas relações entre o adolescente e um dos seus genitores, em geral a mãe, impedindo a compreensão mais ampla do sistema familiar e, com destaque para o subsistema parental, considerado o mais importante no desenvolvimento dos filhos. Para isso, faz-se necessário propor investigações das interações e relações entre pais, mães, filhos e filhas, nas diferentes díades e tríades, dentro do sistema familiar (Kreppner, 2003; Lila et al., 2006).

A maior parte das investigações ainda se concentra nas influências dos pais sobre o ajustamento do filho, investigando variáveis isoladas, como, por exemplo, o estilo parental (Salvador & Weber, 2008). Estas investigações, apesar de relevantes, já não respondem mais às questões contemporâneas do desenvolvimento humano e familiar, que apontam para as influências bidirecionais das relações familiares (Kuczynski, 2003; Pinquart & Silbereisen, 2004).

Portanto, este estudo pretendeu ultrapassar estes aportes, considerando que, por um lado, há pais adultos, geralmente de meia idade, com comportamentos próprios e perspectivas sobre a família e a adolescência, baseadas nas experiências de sua própria adolescência, nas crenças, valores, bem como metas de desenvolvimento (Steinberg, 1990; Vangelisti, 2004). Em contrapartida, existem adolescentes que, com características, experiências, indagações e expectativas próprias, estão em busca de formar sua identidade e atingir autonomia e independência.

A influência na transmissão de valores entre pais e filhos é mútua, isto é, ocorre tanto dos pais para os filhos como dos filhos para os pais, e, por esta razão, deve ser investigada bidirecionalmente (Kuczynski, 2003; Pinquart & Silbereisen, 2004). Logo, para permitir uma melhor compreensão dos processos de interação entre eles, é preciso que seja adotado um delineamento que privilegie informações fornecidas tanto pelos

genitores quanto pelos adolescentes-foco, reconhecendo as percepções de cada um sobre si mesmo, sobre o outro, sobre a família e sobre as relações estabelecidas entre eles (Dekovic & Buist, 2005). Além disso, devido às experiências diferenciadas de cada um, a discrepância se torna ainda mais acentuada na adolescência (Steinberg, 2001), o que confirma a idéia de que todos os familiares devem ser vistos como informantes igualmente influentes e necessários para a compreensão das relações dentro da família.

Considerando que os pais tendem a agir de modo diferente com seus filhos nas diferentes díades, e quando estão juntos ou não (Beaumont & Wagner, 2004; Dessen & Lewis, 1998; Hinde, 1997; Kreppner, 1992), é fundamental que os delineamentos de pesquisa sejam baseados na visão sistêmica, considerando-se as percepções de cada parte nas suas relações diádicas e triádicas. Contemplar este aspecto permite uma melhor compreensão dos processos de interação e relação entre pais e filhos adolescentes, dentro da família. Avançar nas investigações significa descrever padrões de comunicação que ocorrem simultaneamente nas relações conjugais e parentais, focalizando, por exemplo, díades pai-filho, mãe-filho e pai-mãe, assim como tríades pai-mãe-filho, abordadas, mais recentemente, em pesquisas na área (Beaumont & Wagner; Dessen & Braz, 2005; Kreppner, 2001).

Procura-se, também, considerar as influências mútuas entre o subsistema conjugal e o parental, já amplamente pesquisado na área durante a infância (Erel & Burman, 1995), mas que também merece a atenção dos pesquisadores durante a adolescência. A identificação dos conteúdos associados à qualidade das relações nos diferentes subsistemas familiares (Kreppner, 2003) e dos padrões de comunicação que promovem relacionamentos mais positivos, pode possibilitar o desenvolvimento de ações dirigidas à educação e à saúde da família.

Nesta direção, para investigar a qualidade das relações entre pais e filhos e o desenvolvimento socioemocional do adolescente, este trabalho se propôs a focar as interações cotidianas e os modos de comunicação existentes entre os familiares durante a transição para a adolescência. Com foco na parentalidade, propõe-se uma investigação em que são considerados pelo menos dois diferentes níveis do sistema ecológico, o individual e o familiar, sem com isto desmerecer as influências de outros contextos, como o da comunidade e o da cultura, dentro dos quais as famílias estão inseridas.

Assim, busca-se não só identificar características pessoais dos filhos e dos pais como idade, gênero, nível de escolaridade, e do grupo familiar, como arranjos de moradia, número de habitantes e de crianças nas famílias, status marital, rede social de

apoio e religião, modos de vida e atividades; mas, também, as inter-relações entre elas e o contexto social e cultural. Isto implica levar em conta os efeitos das oportunidades e recursos socioeconômicos oferecidos por e para estas famílias, e do impacto das ações institucionais e governamentais sobre seu crescimento e desenvolvimento.

A identificação dos conteúdos associados à qualidade das relações familiares e dos padrões de comunicação que promovem relacionamentos mais positivos (Kreppner, 2003) pode possibilitar o desenvolvimento de ações dirigidas à educação e à saúde da família. Neste sentido, o interesse deste trabalho está, na prática, em colaborar com o aperfeiçoamento das relações familiares, identificando aspectos construtivos nestas relações, que possam vir a modelar comportamentos de comunicação mais apropriados para o desenvolvimento saudável da família, isto é, das competências sociais esperadas pelos familiares nesta fase (Kreppner, 2000).

Como grande parte das pesquisas é dedicada a identificar padrões problemáticos, particularmente os conflitos familiares, visando modificá-los ou controlá-los (Sillars, Canary, & Tafoya, 2004), este estudo se propõe a investigar os padrões familiares saudáveis como forma de promover o desenvolvimento familiar, de maneira que os resultados possam alavancar intervenções dirigidas ao aprendizado de habilidades específicas. Destas, as habilidades especialmente relacionadas à autonomia, à regulação das emoções, às negociações e resoluções de problema nas relações parentais, pode trazer, também, resultados importantes para as relações extrafamiliares.

Portanto, o presente trabalho teve como objetivo principal investigar os padrões de comunicação utilizados por famílias brasileiras, de classe socioeconômica média, com destaque para os processos de desenvolvimento e negociação da autonomia, que ocorrem entre pais e filhos primogênitos, durante a transição da infância para a adolescência. Independente das influências de outros níveis contextuais, estruturas sociais e processos psicológicos presentes no desenvolvimento das famílias e do adolescente, neste estudo procurou-se priorizar o caráter processual do curso do desenvolvimento familiar, ao investigar as continuidades e mudanças nas relações e nos papéis exercidos por pais e filhos adolescentes ao longo do tempo.

Três eixos norteiam as questões a serem respondidas: 1. Caracterização das famílias de origem e atuais; 2. Caracterização do adolescente nas famílias durante a transição para a adolescência; 3. Padrões de comunicação nas famílias durante a transição para a adolescência e processos de autonomia e negociação entre pais e filhos. Na tentativa de compreender estes eixos norteadores, este trabalho pretende responder

as seguintes questões:

1. Caracterização das Famílias de Origem dos Genitores (FO) e das Famílias Atuais do Adolescente-foco (FA):
  - 1.1. Famílias de origem dos genitores:
    - (a) Quais as características da estrutura das FO dos genitores?
    - (b) Que fatos de sua história de vida foram relevantes para o desenvolvimento dos familiares?
    - (c) Quais as características do funcionamento das FO? Que padrões, práticas educativas e valores estavam presentes nas FO dos genitores?
  - 1.2. Famílias atuais do adolescente-foco:
    - (a) Quais as características da estrutura das FA dos adolescentes-foco?
    - (b) Quais as características do funcionamento das FA? Que padrões, práticas educativas e valores estão presentes nas FA? Pais e filhos percebem suas famílias de modo diferente?
  - 1.3. Semelhanças e diferenças entre as FO e as FA:
    - (a) Quais as semelhanças entre as características das famílias de origem (FO) e as atuais (FA)?
    - (b) Quais as diferenças entre as características das famílias de origem (FO) e as atuais (FA)?
  - 1.4. Como genitores e filhos concebem a 'família' nos dias atuais?
2. Caracterização do Adolescente nas Famílias de Origem (FO) e nas Famílias atuais (FA) durante a Transição da Infância para a Adolescência:
  - 2.1. Quais as características dos genitores quando adolescentes nas FO?
  - 2.2. Quais as características dos adolescentes-foco nas FA?
  - 2.3. Há diferenças na transição para a adolescência dos genitores, nas FO, e dos adolescentes-foco, nas FA?
  - 2.4. Como genitores e filhos concebem a 'adolescência' nos dias atuais?
3. Padrões de Comunicação nas Famílias Atuais e o Desenvolvimento da Autonomia e Negociação entre Pais e Filhos:
  - 3.1. Mudanças percebidas nos padrões de comunicação nas famílias atuais, no momento da transição dos adolescentes-foco:
    - (a) Que padrões se mantêm e que padrões se modificam, na transição, em termos

de proximidade/união, abertura ao diálogo, expressão de afeto e clima emocional da família?

(b) Que práticas educativas se mantêm e que práticas se modificam, na transição para a adolescência?

3.2. O desenvolvimento da autonomia na adolescência:

(a) Como ocorre o processo de desenvolvimento da autonomia na adolescência, nas famílias atuais?

(b) Que padrões de comunicação estão envolvidos no desenvolvimento da autonomia dos filhos?

(c) Quais os aspectos que interferem, favorecendo ou dificultando esse processo, na perspectiva dos genitores e dos filhos adolescentes-foco?

3.3. Negociação de conflitos nas famílias atuais:

(a) Como as famílias atuais se engajam em situações de conflito durante a transição dos filhos para a adolescência?

(b) Como genitores e filhos percebem e reagem aos conflitos parentais?

(c) De que forma essas famílias negociam as questões da adolescência?

Por meio dos resultados desta tese, espera-se contribuir para a proposição de ações que possam suprir solicitações de ambos, pais e filhos, quer dando respaldo aos pais para enfrentar as mudanças desta fase, quer dando suporte aos adolescentes, promovendo espaços de voz e negociações, estabelecendo limites claros e firmes, e desencorajando a prática de atos que ferem a sua saúde e as normas sociais e legais. É ressaltada a importância da família na adolescência dos filhos, particularmente, no que tange à ocorrência de relações mais positivas na direção do desenvolvimento saudável do adolescente, da família e da sociedade como um todo.

Além disso, pretende-se contribuir para o avanço científico da área, no sentido de nortear novas pesquisas com orientações mais abrangentes e integradas da família e do adolescente; fornecer subsídios para um olhar mais acurado sobre a adolescência enquanto um estágio de desenvolvimento contínuo e, como tal, dependente da trajetória probabilística do indivíduo inserido em um dado contexto familiar, social e cultural; e gerar informações que possam ser utilizadas na elaboração de programas de promoção e prevenção da educação e da saúde do adolescente e de sua família, aumentando a eficácia de tais programas.

## METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os referenciais teóricos adotados - a Abordagem Sistêmica da Família (Minuchin, 1985, 1988) e o Modelo (Bio)Ecológico de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1979/ 1996) , além do método utilizado para a coleta de dados. Na primeira e na segunda seções, são apresentados os componentes dos dois modelos teóricos e, na terceira seção, que inclui procedimentos de coleta dos dados, os critérios de seleção e de caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados, bem como os procedimentos para a análise de dados.

### **A Transição para a Adolescência sob a Perspectiva Sistêmica**

O estudo dos processos de comunicação nas famílias abrange questões importantes do desenvolvimento humano e familiar, que perpassam as inter-relações do indivíduo com o ambiente. Em importantes momentos de transição, como na passagem da infância para a adolescência, estes processos devem ser investigados levando em conta sua complexidade, suas diferenças e similaridades, assim como o contexto relacional da família e da família com os demais contextos.

Para compreender os processos que ocorrem dentro das famílias, incluindo o período de transição do primeiro filho para a adolescência, a Abordagem Sistêmica da Família tem sido apontada como a mais proeminente abordagem teórica da atualidade (Kreppner, 2003; Lerner, Lerner, De Stephanis, & Apfel, 2001; Lila et al., 2006; Minuchin, 1985, 1988; Parke, 2004). Esta teoria focaliza as características processuais e dinâmicas do sistema familiar, e busca integrar os momentos de estabilidade e de mudança, peculiares aos sistemas em desenvolvimento.

Em consonância com as teorias e pesquisas contemporâneas sobre o desenvolvimento humano, a abordagem sistêmica reconhece a família como uma entidade social complexa, única, aberta e contínua, composta por um grupo de unidades organizadas e interdependentes (Dessen & Braz, 2005; Kreppner, 2005; Lila et al., 2006). Os elementos do sistema familiar, sejam eles os diferentes subsistemas (ex: parental, marital, ou fraternal) ou as díades (ex: filho-pai e filho-mãe) ou tríades (filho-pai-mãe), funcionam tanto de acordo com suas peculiaridades, quanto em função das características do sistema como um todo (Minuchin, 1985, 1988; Vasconcellos, 2003).

O sistema familiar se caracteriza pelas fronteiras internas e externas, visíveis ou

invisíveis, literais ou simbólicas, que separam os membros, os subsistemas e o próprio sistema familiar do contexto social. Cada família tem uma forma específica de se organizar, tem papéis e regras de funcionamento, além de adotar um processo de comunicação próprio. Por meio de rotinas e rituais diários, as famílias regulam a proximidade e a distância estabelecidas entre seus membros; negociam espaço, tempo e energia empregados nestas barreiras; e buscam estratégias de resolução de problemas cotidianos, revelando, assim, uma cultura familiar particular (Kantor & Lehr, 1975; Kreppner, 2000).

Na transição para a adolescência, a família vive um dos momentos de maiores mudanças, pois experimenta novas necessidades em termos de ajustes, renegociações e tarefas diferenciadas para sua adaptação e entrada em outro nível do desenvolvimento familiar (Duvall, 1971; Kreppner, 2000). Os papéis e as regras estabelecidos dentro delas indicam a forma como cada membro, individualmente, e a própria família, como um grupo, respondem às demandas e se adaptam às mudanças. Estas adaptações dependem, em parte, dos comportamentos individuais estabelecidos nas relações entre os diferentes subsistemas familiares.

Uma vez que os sistemas familiares são regidos pelo princípio da equifinalidade, pais e filhos adolescentes buscam atingir metas comuns, de diferentes formas e por percursos alternativos, baseados nos próprios objetivos, crenças e valores, e, também, nas características do meio em que vivem. Durante a transição para a adolescência, a autonomia torna-se uma das principais metas para as famílias, sendo, inclusive, associada ao desenvolvimento satisfatório e à manutenção da unidade funcional familiar.

Os familiares negociam a autonomia utilizando-se da comunicação para expressarem suas visões sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmos, buscando, assim, criar e manter o funcionamento do sistema (Kreppner, 2003). Principalmente na adolescência, mas, também em outros momentos de transição familiar, as famílias estabelecem uma definição compartilhada dos eventos da vida familiar, avaliando e reavaliando seus comportamentos e as relações que se estabelecem entre seus membros. As famílias compartilham suas realidades sociais, resultando em padrões que são definidos como formas típicas, não-acidentais e previsíveis de funcionamento e comunicação (Koerner & Fitzpatrick, 2004).

Os padrões de interação familiar envolvem os graus de flexibilidade e coesão existentes nas relações (Kantor & Lehr, 1975; Kreppner, 2000), bem como a abertura e

o afeto utilizados por seus integrantes para se organizarem e se auto-regularem. São os padrões de comunicação que tanto dão o suporte necessário, quanto impedem o desenvolvimento de várias habilidades e competências do adolescente (Kreppner, 2003). Logo, o modo como os familiares travam suas conversas cotidianas permite que seus membros tenham oportunidade de verbalizar suas interpretações, revelando não apenas uma meta ou comportamento individual, bem como um ideal ou padrão compartilhado, nem sempre consciente ou definido (Mathews & Conger, 2004).

Esta abordagem permite ampliar o olhar do desenvolvimento individual do adolescente para uma visão dos subsistemas familiares, nas suas relações com seus pais, por exemplo. Além disso, ela reconhece a interdependência entre o indivíduo e os subsistemas do sistema familiar e sua organização hierárquica, compreendendo, entretanto, que a soma desses elementos não pode explicar o funcionamento global da família.

Neste momento da vida familiar, os padrões refletem a liberdade e o espaço existentes dentro da família, bem como as mudanças requeridas para que o desenvolvimento possa ocorrer. Então, sob a perspectiva sistêmica, os padrões de comunicação nas famílias constituem uma unidade apropriada de análise das relações entre pais e filhos adolescentes, uma vez que eles tornam possível a identificação da dinâmica dentro do subsistema parental e de outros subsistemas familiares.

Por outro lado, desorganizações, rupturas, perdas ou mortes, não previsíveis, podem demandar mudanças aos membros da família, que reagem e buscam readquirir a homeostase desejada nas suas relações com o meio (Minuchin, 1985, 1988). Esta homeostase se caracteriza por um equilíbrio dinâmico em que a família procura o tempo todo se adaptar, revelando, ao longo do tempo, respostas prováveis e não-determinísticas, consoantes com o atual conceito de desenvolvimento humano epigenético e probabilístico (Cairns et al., 1996; Gottlieb, 1996; Winegar, 1997).

Investigar as famílias sob esta perspectiva implica em identificar não somente a dinâmica das relações existentes entre seus membros, e delas com os outros contextos socioculturais nos quais estão inseridas (Hinde, 1979, 1997; Kreppner, 1989, 1999; Parke, 2004). Uma vez que o desenvolvimento do adolescente ocorre em diferentes níveis, do individual ao relacional, por exemplo, tornam-se necessárias análises que contemplem o maior número possível dos subsistemas familiares, ultrapassando o nível diádico (ex.: pai-filho, mãe-filho) para incluir outras composições familiares. Como estas relações dentro da família influenciam e são influenciadas por sistemas extrafamiliares, os contextos sociais e culturais dos quais eles fazem parte também

constituem aspectos importantes para a compreensão do seu funcionamento familiar (Parke, 2004). Além disso, a visão sistêmica enfatiza os processos bidirecionais na dinâmica das interações familiares, reconhecendo o papel ativo do adolescente no seu desenvolvimento e no desenvolvimento da família, que influencia a dinâmica de socialização e as práticas parentais adotadas. Nesta direção, cabe reconhecer a dinâmica relacional e fundamental do adolescente, que também influencia seus pais e participa da transmissão de valores e cultura (Kuczynski, 2003; Pinquart & Silbereisen, 2004).

Em síntese, esta abordagem teórica permite que sejam investigadas mais amplamente as questões relativas à autonomia e negociação nas famílias, tarefa básica desta etapa do desenvolvimento, por meio da avaliação dos processos de interação e comunicação estabelecidos entre pais e filhos.

### **O Modelo (Bio)Ecológico de Urie Bronfenbrenner para a Compreensão da Adolescência na Família**

Em concordância com a noção de desenvolvimento como conjunto de processos de interação entre a pessoa e o ambiente, o Modelo (Bio)Ecológico de Urie Bronfenbrenner (1979/1996) foi adotado para embasar o presente estudo. Esta análise visou incorporar não somente o nível do indivíduo, o adolescente e suas capacidades perceptuais, motoras ou cognitivas, como, também, o das interações e padrões relacionais que se estabelecem entre ele e os seus diferentes contextos de desenvolvimento, e ao longo do tempo.

Este modelo propõe quatro elementos básicos, a pessoa (P), o processo (P), o contexto (C) e o tempo (T), que se inter-relacionam, influenciando direta ou indiretamente o desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Neste estudo, o adolescente e seus genitores constituem o nível das pessoas (P) que, ao longo do seu desenvolvimento, se envolvem em processos (P) de interações recíprocas com outras pessoas, objetos ou símbolos que, por sua vez, variam em função das características e circunstâncias em que essas interações acontecem. Os processos proximais são aqui investigados com base nas interações vividas no cotidiano das famílias com adolescentes, quando seus membros se engajam em atividades que envolvem a realização de tarefas e papéis específicos exigidos pela entrada do filho primogênito na adolescência. As interações recíprocas e regulares entre os genitores e seus filhos são particularmente importantes, uma vez que ambos passam a cumprir funções cada vez

mais diversificadas e complexas, além de se engajarem em novas tarefas e papéis de educação que visam alcançar a satisfação de necessidades e o desenvolvimento favorável do adolescente.

Considerados na sua complexidade, esses processos implicam, por exemplo, nas práticas diárias de suporte parental e no envolvimento dos pais com o monitoramento dos filhos em atividades de aprendizagem. Revelando diferentes comportamentos de comunicação - diálogo, troca de argumentos, expressão de opiniões, negociações e reflexões -, são responsáveis por conduzir ao conhecimento mútuo e à compreensão dos valores básicos adotados por uma família (Biasoli-Alves, 2001).

Como resultados destas constantes interações durante o desenvolvimento da pessoa, são produzidas tanto competências como disfunções (Bronfenbrenner & Evans, 2000). As competências referem-se a conhecimentos e capacidades intelectuais, físicas, sócio-emocionais, entre outras, que o adolescente adquire e desenvolve, e que são necessárias para a condução autônoma do seu próprio desenvolvimento e evolução. As disfunções, ao contrário, são resultantes das dificuldades em lidar com as situações do desenvolvimento, nas diferentes áreas (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Nesse contexto e momento do desenvolvimento humano, além do próprio adolescente, os genitores, cuidadores primários, são considerados as principais pessoas envolvidas nesses processos, que são compreendidas por meio de características individuais herdadas, assim como, por suas representações psicológicas e comportamentos próprios. As características, de *disposição*, de *recurso* e de *demanda*, moldadas pelas interações estabelecidas com o meio, influenciam os processos proximais promovendo ou inibindo o desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, cabe identificar quais são estas características e como elas estão presentes nas interações do adolescente com suas famílias, além de reconhecer como elas se inter-relacionam com as demais.

As características de disposição promovem curiosidade, auto-eficácia, engajamento em atividades progressivamente mais complexas, respostas positivas à iniciativa de outros, seleção do ambiente físico e social, capacidade de conceituar experiências e elaborar crenças a respeito de si e do ambiente, e o autocontrole. Elas, portanto, podem colocar os processos proximais em movimento e sustentar sua operação (generativas), mas, também, podem interferir ativamente de maneira negativa, colocando obstáculos ou mesmo impedindo que tais processos ocorram (inibidoras). Esta função inibidora pode dificultar a manutenção do controle sobre as emoções e

comportamentos, e gerar impulsividade, apatia, desatenção, irresponsabilidade, insegurança e/ou timidez excessivos (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Os recursos bioecológicos também atuam sobre o desenvolvimento do adolescente, na medida em que representam capacidades, conhecimentos, habilidades e experiências que evoluem durante o curso de vida. Eles podem ampliar os domínios nos quais os processos proximais operam construtivamente; favorecendo o desenvolvimento do indivíduo. No entanto, eles também pode se constituir por experiências limitantes ou inibidoras, ou de incapacidades da pessoa para se engajar efetivamente nesses processos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, faz-se necessário considerar as condições que revelam o funcionamento do organismo, tais como o baixo peso no nascimento, as doenças ou deficiências. Portanto, as características de demanda que se referem a atributos pessoais, como a aparência física, hiperatividade, doenças, são capazes de requerer ou impedir reações do ambiente social, inibindo ou favorecendo a operação dos processos proximais no crescimento psicológico. As características demográficas, como idade, sexo, nível educacional influenciam os processos proximais ao longo do curso de vida e são identificadas por diferenças e efeitos sobre o desenvolvimento, em combinação com as demais identificadas em cada adolescente ou genitor.

Entretanto, não se pode negar a forte influência do potencial genético para a predisposição de manifestações de competência e/ou disfunção no desenvolvimento. Sendo um dos elementos chave nos processos proximais, a herança genética revela os mecanismos através dos quais o genótipo se transforma em fenótipo (Bronfenbrenner & Ceci, 1994), influenciando a forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais. Mas, esta herança é, ao mesmo tempo, influenciada pela interação conjunta do processo, da pessoa, do contexto e do tempo, sofrendo mudanças ou mantendo-se contínua ao longo do curso de vida (Bronfenbrenner, 1999). Neste sentido, o adolescente, como qualquer pessoa, é considerado um sujeito ativo, produto e produtor do seu próprio desenvolvimento, que tem características individuais, psicológicas e biológicas próprias, mas que assume uma forma particular de lidar com suas experiências de vida. Ele recebe influências e influencia os contextos de desenvolvimento em que vive, quer direta ou indiretamente (Bronfenbrenner, 1979/1996).

O modelo enfatiza, ainda, que o impacto no desenvolvimento da pessoa será maior quando em ambientes desfavoráveis ou desorganizados, ou quando em ambientes mais favoráveis ou estáveis, visto que, neles, as manifestações, respectivamente, de disfunção e de competência são mais frequentes e intensas (Bronfenbrenner, 1999).

Portanto, o contexto (C) é considerado um dos elementos principais no modelo bioecológico, sendo definido por uma hierarquia de sistemas interdependentes denominados micro, meso, exo e macrosistemas. Na adolescência, em particular, é composto pelo conjunto das características, atividades, papéis e relações interpessoais que ocorrem dentro da família, dos grupos de amigos, da vizinhança e da comunidade, bem como das instituições educacionais e de saúde, sociais e políticas.

Mesmo o adolescente buscando novos espaços e contextos nesta fase do curso de vida, a família continua a ser o principal microsistema do desenvolvimento, pois nela acontecem as interações mais diretas e as experiências mais significativas na história de vida da pessoa. Nas investigações dentro do contexto microssistêmico das famílias, em especial naquelas que focalizam as interações entre pais e filhos adolescentes, torna-se possível observar como cada um lida com as mudanças cronológicas, biológicas ou sociais da adolescência, como elas se engajam em seus papéis e reagem aos acontecimentos do cotidiano, revelando suas habilidades na resolução de problemas relativos às tarefas do desenvolvimento. Em outras palavras, pode-se observar determinados padrões, comportamentos e estilos que refletem as mudanças adaptativas desse momento de transição da família (Bronfenbrenner, 2005) e que terão resultados, também, em etapas posteriores do desenvolvimento.

No que tange ao funcionamento interno da família, isto é, seu desenvolvimento, bem-estar e clima emocional, ela recebe influências também dos outros contextos em que os familiares vivem e crescem. Logo, à medida que o adolescente passa a participar de outros microsistemas e a formar e ampliar sua rede de relações interpessoais, torna-se evidente a formação de novas relações e influências interdependentes entre ele, a família e os demais contextos de interações proximais (mesossistema). E, mesmo quando o adolescente não tem um papel diretamente ativo nesses outros contextos sociais (exossistema), como, por exemplo, diante de decisões tomadas no trabalho dos pais, pelos dirigentes da sua escola ou por agentes responsáveis pelo transporte, lazer e cultura na sua cidade, ele, indiretamente, recebe influências destes contextos (Bronfenbrenner, 1986).

Decisões tomadas nas esferas macrosistêmicas, tais como leis que regulam o sistema educacional e de saúde pública, interferem na vida do adolescente e de sua família, ao promoverem contextos mais ou menos favoráveis ao seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996). Compostos por ideologias, crenças, valores, religiões, classes sociais, raças, etnias, recursos e oportunidades materiais, disponíveis para a

comunidade e presentes no cotidiano, estes contextos, manifestos concretamente nos micro, meso e exossistemas, afetam o adolescente e sua família. Eles são concebidos e examinados não apenas em termos estruturais, mas como portadores de informação e ideologias que, implícita e explicitamente, dão significado e motivação aos agentes particulares, às redes sociais, papéis e atividades e às suas inter-relações.

O que acontece no macrosistema é de suma importância para determinar como o adolescente e seus genitores interagem uns com os outros, nos diferentes tipos de contextos. Assim, a cultura na qual os genitores foram educados, os valores e as crenças transmitidos por suas famílias de origem, bem como o momento vivido na sociedade atual, podem interferir em maior ou menor grau na maneira como eles educam seus filhos e na maneira como os filhos negociam suas questões na adolescência.

Nesta fase, podem ser reconhecidos os efeitos diretos ou indiretos gerados por mudanças e estabilidades sucessivas, que ocorrem não somente nas características do adolescente, mas, sobretudo, nas transformações histórico-culturais, sociais, políticas e econômicas, atribuídas à época em que a adolescência está sendo vivida (Bronfenbrenner, 1999). Algumas destas transições são esperadas ou normativas (a chegada de um irmão, uma mudança de cidade ou escola, doença ou perda, namoro ou entrada em novo ciclo escolar), enquanto outras são imprevistas ou não-normativas (a morte inesperada de um ente querido ou a queda do muro de Berlim). Porém, essas transições devem ser vistas nos níveis do micro, meso e macrotempo que compõem o cronossistema (T).

O microtempo refere-se ao que acontece nos episódios de interação ocorridos no processo proximal; o mesotempo se refere, em nível mais elevado, à periodicidade destes episódios, que ocorrem em intervalos de tempo maiores, de dias e semanas, gerando efeitos acumulativos; e o macrotempo está relacionado aos eventos que ocorrem e se transformam dentro de uma sociedade mais ampla, através das gerações. Assim, a adolescência é aqui analisada, considerando-se a maneira como estes eventos afetam e são afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento, no curso de vida da família, com especial atenção aos fatos presentes no seu cotidiano e no microsistema familiar, mas, também, à história de vida pregressa, do período em que os genitores viveram e dos aspectos temporais e intergeracionais.

Apesar das dificuldades na operacionalização integral do modelo em um único projeto de pesquisa, a sua adoção parcial em estudos sobre a adolescência tem sido especialmente útil. O modelo auxilia a investigação da forma como as famílias com

adolescentes estão situadas em seus contextos específicos, como estes contextos influenciam o curso do seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, como os próprios adolescentes influenciam esses contextos direta ou indiretamente. Além disso, ao ultrapassar as dimensões das características físicas e/ou do funcionamento psicológico do adolescente, em especial aquelas que estão relacionadas a grupos de risco e aos problemas de comportamento associados a esta fase, rompe-se com questões que denotam uma concepção subjacente de adolescência como um período de turbulência e instabilidade (Hall, 1904). A busca por identificar os nichos favoráveis (boa ecologia) que possam gerar o desenvolvimento e uma visão positiva da adolescência é coerente com os avanços na ciência do desenvolvimento e com a concepção contemporânea de adolescência, conforme apresentado no capítulo introdutório desta tese.

### **Método**

Nesta seção, são apresentados os procedimentos adotados para a coleta dos dados desta pesquisa, que incluem critérios de seleção e de caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados e, por final, os procedimentos adotados para a análise dos dados.

#### ***As Famílias Participantes***

Participaram deste estudo, 30 famílias do Distrito Federal, compostas por um adolescente primogênito, seu pai e sua mãe biológicos<sup>1</sup>. Os critérios para a seleção da amostra incluíram famílias com: um adolescente-foco, com idades entre 10 e 13 anos, podendo ter ou não um ou mais irmão(ã)(s) mais novo(a)(s), e seus pais, legalmente casados ou habitando a mesma residência com o(s) filho(s), pelo menos nos últimos três anos; e pertencentes à classe socioeconômica média e média alta, com base no Critério de Classificação Econômica Brasil fornecido pela ABEP (2003)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A identificação dos participantes foi feita por siglas, seguidas do número da família participante (1 a 30), onde FAM significa “família”; F, filho(a); P, pai e M, mãe.

<sup>2</sup> O Critério divide a população em classes econômicas, a partir dos dados com base no Levantamento Sócio-Econômico do IBOPE, 2000, utilizando o grau de instrução dos chefes das famílias e a posse de itens materiais: televisores, rádios, banheiros, automóveis, empregadas mensalistas, aspiradores de pó, máquinas de lavar, geladeiras e *freezers*. Disponível em: <[www.abep.org](http://www.abep.org)>.

### *Seleção das Famílias Participantes*

Inicialmente, foram feitos contatos com as coordenadoras de duas instituições de ensino localizadas na cidade de Brasília, no Plano Piloto, a fim de que indicassem famílias em potencial para este estudo. Uma das coordenadoras fazia parte de um centro de ensino de língua e divulgação de cultura estrangeira que abrange cinco filiais no Distrito Federal; e a outra, de uma escola de ensino regular, da pré-escola ao 9º ano. As instituições foram procuradas por conhecimento prévio da pesquisadora, portanto, uma seleção por conveniência. Primeiramente, foi agendada uma entrevista individual com cada uma das coordenadoras, com a finalidade de apresentar o projeto e fornecer explicações sobre os objetivos, procedimentos e finalizações do estudo (ver Anexo A, p.242). Esta entrevista tinha por objetivo obter a permissão para o acesso da pesquisadora aos dados dos alunos e desenvolver estratégias específicas para o contato com suas famílias.

Na primeira instituição, foi discutido um procedimento de acesso aos participantes por meio de carta-convite dirigida às famílias (ver Anexo B, p.244) e encaminhada pelos alunos, que a retornariam no prazo de uma semana com a resposta e um canhoto preenchido com a confirmação da visita, além dos dados de endereço e telefone das residências. Assim, foi feito um levantamento inicial com as turmas que teriam alunos na faixa etária desejada, identificados os professores destas turmas e analisada a disponibilidade dos mesmos para auxiliar o andamento da pesquisa junto aos seus alunos. Entretanto, entraves colocados pela direção da escola impediram o encaminhamento desta proposta; entre eles, a possibilidade de se causar constrangimentos aos pais e alunos da escola, em virtude de uma possível exclusão, conduzida pelo estabelecimento dos critérios de seleção.

Na segunda instituição de ensino, foi feito, junto à coordenadora, um levantamento prévio de dados documentais dos alunos e de suas famílias, sendo identificados aqueles que preenchiam os critérios exigidos pelo estudo. As famílias que preenchiam os critérios de seleção ( $n=8$ ) seriam contactadas pela coordenação da escola e convidadas a conhecer o projeto e a pesquisadora, em ocasião oportuna. Para a autorização da pesquisa, foi necessária uma entrevista com a direção, que, após algumas tentativas, não manifestou interesse, sendo esta instituição considerada desistente, e novo processo seletivo avaliado.

O acesso às famílias participantes foi feito, então, por meio da rede de relacionamentos pessoais da pesquisadora, associado a um procedimento de 'bola de

neve', em que cada família participante indicava pelo menos outra família para participar da pesquisa. As famílias indicadas ( $n=89$ ) foram contatadas por telefone e/ou endereço eletrônico, e foram convidadas a participar por meio de uma carta-convite, cujo conteúdo descrevia os objetivos, os procedimentos e os encaminhamentos da pesquisa, além do compromisso da pesquisadora com o sigilo dos dados e seus contatos.

Das 63 famílias contatadas por telefone, 31 famílias foram indicadas por relacionamentos da pesquisadora, enquanto 32 pelas próprias famílias participantes, sendo a mãe a primeira interlocutora em 52 ( $n=82,5\%$ ) delas. No ato do telefonema, eram fornecidas informações complementares a respeito do estudo, bem como a reiteração do convite. Um segundo telefonema da pesquisadora confirmava o consentimento dos mesmos e a disponibilidade de datas para o agendamento da(s) visita(s) da pesquisadora à sua residência.

Outras 26 famílias não se dispuseram a participar, alegando os seguintes motivos: indisponibilidade de horário ( $n=10$ ), incompatibilidade de idade do adolescente ( $n=5$ ), separação recente dos pais ( $n=2$ ), problema de saúde de um dos familiares ( $n=2$ ), ou não-concordância de um deles ( $n=2$ ), geralmente o pai, entre outras razões ( $n=3$ ). Em alguns casos ( $n=2$ ), as famílias não apresentaram justificativas.

Das 34 famílias selecionadas, quatro foram eliminadas do estudo durante ou depois da coleta dos dados: a primeira por problemas técnicos durante as gravações das entrevistas (FAM3); a outra, por ter sido identificado um caso clínico (uma criança portadora de Síndrome de Asperger), durante as entrevistas com os pais (FAM7), impossibilitando a aplicação dos demais instrumentos na criança/adolescente-foco; a terceira (FAM1) foi descartada em razão do pai não se prontificar a responder à entrevista, em ocasião da segunda visita à residência; e com a quarta família (FAM18), parte dos instrumentos foi aplicada na primeira visita, sendo inviabilizada a segunda visita por dificuldade de horário da família, apesar do re-agendamento do encontro por cinco vezes.

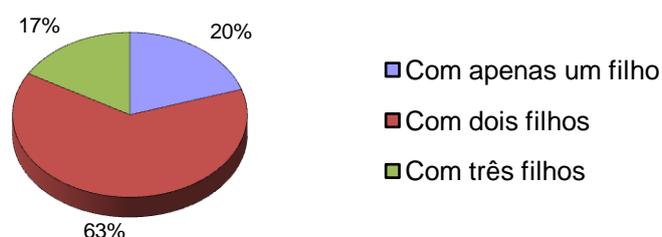
Dois estudos pilotos foram feitos durante a elaboração da metodologia do projeto. O Estudo Piloto 1 foi realizado com uma família, no mês de outubro de 2008 e o Estudo Piloto 2, com duas, entre os meses de março e abril de 2009 (ver Anexo C, p. 246). Eles tiveram como objetivos: (a) verificar a adequação dos instrumentos e procedimentos para a coleta dos dados, certificando a compreensão dos participantes quanto às instruções e às questões de entrevista; (b) mensurar o tempo aproximado para a aplicação de cada instrumento; (c) treinar o pesquisador no uso dos materiais e

técnicas de coleta a serem aplicados; e (d) avaliar, preliminarmente, os procedimentos de análise (Isaac & Michael, 1995).

Os estudos piloto 1 e 2 forneceram novas ideias e subsídios às decisões de pesquisa, e geraram reflexões e sugestões oferecidas tanto por parte dos orientadores do projeto, quanto dos próprios participantes e demais envolvidos. Os resultados destes estudos foram apresentados à banca por ocasião do exame de qualificação, em abril de 2009, no sentido de subsidiar novas discussões para os ajustamentos da metodologia do projeto, que se resumiram no aperfeiçoamento dos instrumentos e na adequação da metodologia.

### ***Caracterização das Famílias Participantes***

As 30 famílias participantes deste estudo eram compostas por pai, mãe e filho(a) adolescente. A maioria dos adolescentes possuía um irmão(ã) mais novo(a), conforme mostra a Figura 1.



*Figura 1.* Composição das famílias participantes.

Com exceção de um pai, todos eram brasileiros, moradores do DF. Todos os casais estavam na primeira união e tinham, em média, 15 anos de relacionamento, em regime de casamento com união legal (83,3%) ou união estável (17,7 %). As famílias moravam em 8 diferentes regiões administrativas do DF, principalmente na Asa Norte ( $n=9$ ), Asa Sul ( $n=5$ ), Lago Sul ( $n=5$ ) e Parkway ( $n=4$ ), entre outras localidades. Quanto ao tipo de moradia, 17 (56,7%) famílias residiam em apartamentos e 13 (43,3%), em casas, sendo a maioria, imóveis próprios ( $n=22$ ; 73,3%), 3 (10%) alugados e os demais, funcionais ou cedidos pela família. Quanto ao número de coabitantes, 46,7% ( $n=14$ ) eram de 4 habitantes; em 23 (76,7%) residências viviam apenas membros da família nuclear e, no restante, também havia membros da família extensa e/ou empregadas/babás. A Tabela 1 sumariza as informações sociodemográficas das famílias participantes.

Tabela 1

*Caracterização das Famílias Participantes: Tipo, Número de Habitantes, Moradia e Renda*

Características	Famílias	
	<i>n</i>	%
<b>Tipo de União</b>	Legalmente casados	25 83,3
	União estável	5 16,7
<b>Tipo de Família no Domicílio</b>	Nuclear	23 76,7
	Extensa	3 10,0
	Nuclear com empregados	4 13,3
<b>Número de Habitantes no Domicílio</b>	3	5 16,7
	4	14 46,7
	5	9 30,0
	6	2 6,7
<b>Local de Moradia (região administrativa)</b>	Asa Norte	9 30,0
	Asa Sul	5 16,7
	Lago Sul	5 16,7
	Parkway	4 13,3
	Lago Norte	3 10,0
	Sobradinho	2 6,7
	Sudoeste	1 3,3
	Águas Claras	1 3,3
<b>Área de Moradia</b>	Urbana	28 93,3
	Rural	2 6,7
<b>Tipo de Moradia</b>	Casa	13 43,3
	Apartamento	17 56,7
<b>Situação de Moradia</b>	Própria	22 73,3
	Alugada	3 10,0
	Funcional	2 6,7
	Outros (posse ou cedida)	3 10,0
<b>Classe Social - Critério Brasil</b>	A2	8 26,7
	B1	14 46,7
	B2	8 26,7

*Notas.* O *n*=30 se refere ao número de familiares respondentes.

Os genitores, juntos, tinham renda familiar média de R\$17.400,00, correspondente a 37,33 salários mínimos<sup>3</sup>. Todos os *pais* trabalhavam e 26 (86,7%) *mães* relataram ter uma ocupação remunerada, e todos tinham renda individual variando entre R\$2.000,00 e R\$20.000,00. Com base no Critério Brasil, descrito anteriormente, as famílias foram classificadas, principalmente, como oscilando entre os níveis A2 (*n*=8; 26,7%) e B2 (*n*=8; 26,7%), com a maior parte (*n*=14; 46,7%) classificada no nível B1.

Dentre as famílias participantes, 28 alegaram seguir uma religião, na maioria católica (*n*=19, 63,3%), enquanto o restante se dividiu entre espírita, evangélica e

<sup>3</sup> O salário mínimo vigente à época era de R\$465,00.

outras; em 2 famílias, pai e mãe possuíam religiões diferentes; e 1 não declarou uma religião, conforme mostra a Figura 2.

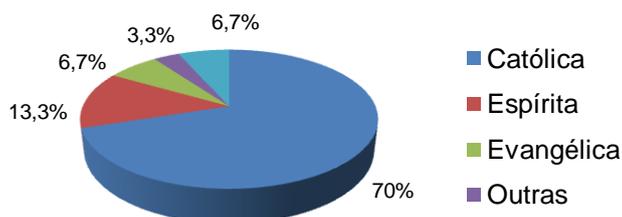


Figura 2. Religião das famílias participantes.

*Os adolescentes-focos: sexo, idade e escolaridade.* Dos 30 adolescentes-focos participantes deste estudo, 20 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Eles tinham idades entre 10 anos e 7 meses e 13 anos e 11 meses (IM=11,8), sendo que 5 (16,7%) tinham 10 anos completos; 4 (13,3%), 11 anos; 12 (40%), 12 anos; e 9 (30%), 13 anos de idade. Eles cursavam entre o 5º e o 9º anos do Ensino Fundamental, sendo que, a maioria ( $n=16$ ; 53,3%) estava no 7º ano, conforme apresenta a Tabela 2.

Tabela 2

*Caracterização dos Filhos Participantes: Sexo, Idade e Escolaridade*

Características	Filhos Participantes						
	Masculino ( $n=10$ )		Feminino ( $n=20$ )		Total ( $n=30$ )		
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
<b>Idade</b> (em anos)	10	3	30,0	1	5,0	4	13,3
	11	2	20,0	3	15,0	5	16,7
	12	1	10,0	11	55,0	12	40,0
	13	4	40,0	5	25,0	9	30,0
<b>Escolaridade</b> (anos do EF)	5º	2	20,0	1	5,0	3	10,0
	6º	3	30,0	2	10,0	5	16,7
	7º	1	10,0	15	75,0	16	53,3
	8º	3	30,0	2	10,0	5	16,7
	9º	1	10,0			1	3,3

Nota. EF - Ensino Fundamental.

*Os genitores: idade, escolaridade e ocupação.* Quanto aos genitores participantes, os pais tinham entre 37 e 52 anos de idade (IM=44,1). A maior parte ( $n=37$ ; 61,6%) havia completado o Ensino Superior, ou feito especialização, mestrado ou doutorado, e o restante terminou o Ensino Médio ( $n=2$ ) ou Fundamental ( $n=1$ ). As

mães tinham idades entre 32 e 48 anos (IM=40,9), e metade delas ( $n=15$ ; 50%) havia concluído um curso de especialização; 8 (26,7%), o Ensino Superior; e o restante havia cursado doutorado ( $n=1$ ) ou mestrado ( $n=2$ ), ou concluído o Ensino Médio ( $n=4$ ). A Tabela 3 revela os dados de caracterização dos genitores participantes.

Tabela 3

*Caracterização dos Genitores Participantes: Idade e Escolaridade*

Características		Genitores Participantes					
		Pais		Mães		Total	
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<b>Idade</b> (em anos)	31 a 40	7	23,3	12	40,0	19	31,7
	41 a 50	21	70,0	18	60,0	39	65,0
	51 a 60	2	6,7			2	3,3
<b>Escolaridade</b>	Ensino Fundamental	1	3,3			1	1,7
	Ensino Médio	2	6,7	4	13,3	6	10,0
	Ensino Superior	15	50,0	8	26,7	23	38,3
	Especialização	5	16,7	15	50,0	20	33,3
	Mestrado	4	13,3	2	6,7	6	10,0
	Doutorado	3	10,0	1	3,3	4	6,7

*Nota.* O  $n=30$  se refere ao número de familiares respondentes, o que corresponde a um total de 60 genitores.

Quanto às ocupações dos 30 pais, 14 exerciam funções públicas e 10 eram profissionais liberais, tendo tido diferentes formações nas áreas de engenharia ou militarismo. Com um tempo médio de 19 anos de serviço, a maioria ( $n=21$ ; 70%) dos pais trabalhava cinco dias por semana, e destes, a metade trabalhava mais de 8 horas diárias. Quanto às mães, 18 (60%) eram funcionárias públicas, 2 (6,7%) eram donas de casa e 2 (6,7%) estavam desempregadas, com uma formação predominante em direito ( $n=7$ ; 23,3%) e psicologia ( $n=4$ ; 13,3%). Com a média de 14 anos de serviço, grande parte delas ( $n=24$ ; 80%) trabalhava cinco vezes por semana, em jornadas de 8 horas diárias ( $n=12$ ; 40%). A Figura 3 apresenta o percentual de distribuição de ocupações exercidas pelos pais e pelas mães.

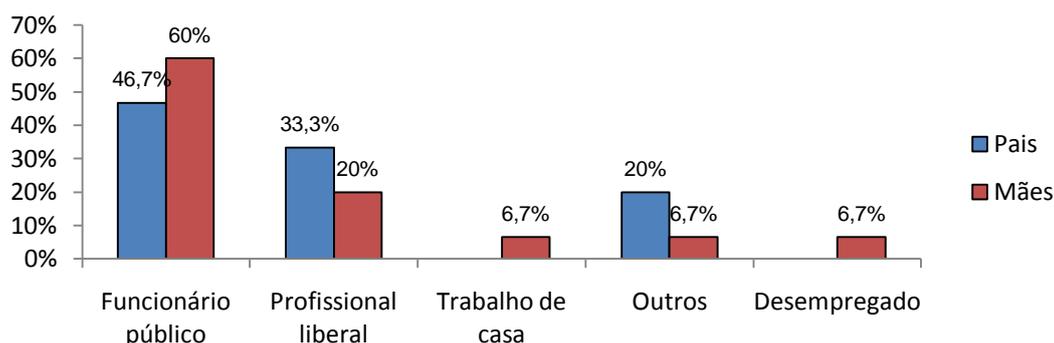


Figura 3. Percentuais das ocupações dos genitores.

*Os irmãos: sexo, idade, escolaridade.* Os adolescentes-foco deste estudo poderiam ou não ter irmãos, sendo que 6 ( $n=20\%$ ) eram filhos únicos; 19 ( $n=63,3\%$ ) possuíam mais um(a) irmão(ã); e 5 ( $n=16,7\%$ ) tinham mais dois irmãos. Do total de 29 irmãos, 14 eram do sexo masculino e 15, do feminino; eles tinham idades entre 2 e 12 anos; e cursavam do maternal ao 6º ano do Ensino Fundamental, conforme a Tabela 4.

Tabela 4

*Caracterização dos Irmãos dos Adolescentes-foco: Sexo, Idade e Escolaridade*

Características	Irmãos dos Adolescentes-foco						
		1º		2º		Total	
		$n=24$	%	$n=5$	%	$n=29$	%
<b>Sexo</b>	Masculino	12	50,0	2	40,0	14	48,3
	Feminino	12	50,0	3	60,0	15	51,7
<b>Idade (em anos)</b>	2 a 5	4	16,7	2	40,0	6	20,7
	6 a 9	11	45,8	3	60,0	14	48,3
	10 a 13	9	37,5			9	31,0
<b>Escolaridade</b>	Educação Infantil	4	16,7	4	80,0	8	27,6
	EF - ciclo I	12	50,0	1	20,0	13	44,8
	EF - ciclo II	8	33,3			8	27,6

Nota. EF – Ensino Fundamental.

***Instrumentos e Procedimentos para a Coleta dos Dados***

A coleta dos dados foi efetuada pela própria pesquisadora, nas residências das famílias, entre abril e setembro de 2009. Foram previstas uma ou duas visitas, conforme a disponibilidade das famílias. Do total de 54 visitas, em 20 (66,7%) foram feitas coletas em duas etapas; em 8 (26,7%), em uma etapa; e em 2 (6,6%), três visitas foram

necessárias.

Na primeira visita, foi fornecida uma explicação detalhada aos participantes (pai, mãe e adolescente-foco) quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa. Todos os 90 participantes - isto é, filhos(as), pais e mães - assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo D, p.250) em duas vias, uma para a pesquisadora e outra para a própria família participante. Ainda, nesta primeira visita, previa-se a aplicação de três instrumentos: (a) um questionário de caracterização do sistema familiar, respondido pela mãe ou por ambos os genitores; (b) uma ou duas sessões para a entrevista semiestruturada com cada um dos participantes, individualmente; e (c) um questionário de clima familiar, dirigido ao adolescente-foco. Durante a segunda e/ou terceira visitas, ficou estipulada a realização da(s) entrevista(s) restante(s).

De acordo com a disponibilidade de horários das famílias, as 54 visitas foram realizadas ou nos finais de semana ( $n=13$ ; 43,3%), durante a semana ( $n=11$ ; 36,6%), ou em ambos ( $n=6$ ; 20%); e a coleta de dados se deu no período da tarde em 11 (36,6%) famílias, à noite ou de manhã em 8 (26,6%), e o restante em diferentes turnos. Apesar do reagendamento, a aplicação dos instrumentos seguiu a ordem previamente estabelecida. A seguir, serão descritos os instrumentos.

### ***Questionário de Caracterização do Sistema Familiar***

No intuito de investigar os dados demográficos das famílias participantes do estudo, este instrumento (ver Anexo E, 252) foi adaptado do questionário proposto por Dessen (2009), visando contemplar as especificidades deste estudo. O questionário, adaptado para este estudo, foi dividido em quatro partes e incluiu aspectos referentes a: I. Dados de identificação do casal (tipo e tempo de união), ocupação, renda e moradia dos membros da família; II. Caracterização dos familiares, quanto ao sexo, idade, nacionalidade, grau de parentesco, nível de escolaridade e religião; III. Aspectos da vida diária e da rotina familiar em termos de: tipos de atividades de rotina da família; divisão das tarefas domésticas; rede de apoio; atividades desempenhadas pelo filho adolescente; tipo e frequência de atividades de lazer compartilhadas pela família; e temas e frequência das conversações estabelecidas entre os familiares; e IV. Aspectos marcantes da história de vida do adolescente-foco, que constituíam fonte potencial de influência ao seu desenvolvimento.

### ***Roteiros de Entrevista Semiestruturada***

Dois roteiros de entrevista semiestruturada foram elaborados especialmente para este estudo, um para ser utilizado com o adolescente-foco (ver Anexo F, p.258) e outro, com os genitores (ver Anexo G, p.262), tendo sido aplicados ao pai e à mãe, separadamente. As entrevistas tiveram por finalidade buscar informações sobre a percepção de cada participante a respeito dos aspectos da vida familiar, identificando características da história de vida familiar até os dias atuais, com foco nas relações existentes dentro e entre os subsistemas parental e conjugal. Cada versão dos roteiros continha seis partes, a saber: 1. Concepções de Família e de Adolescência; 2. O Adolescente e sua Trajetória de Desenvolvimento; 3. A Relação Conjugal; 4. A Relação Parental: Práticas, Conflitos e Negociações; 5. Inter-relações da Relação Parental e Conjugal; e, 6. Vida em Família.

Na versão dirigida ao adolescente-foco, na Parte 1, foram indagadas as concepções que os participantes tinham de família e adolescência, além de aspectos relativos à história da família até o momento atual. Na Parte 2, foi investigada, particularmente, a história de vida e desenvolvimento do adolescente-foco, com fatos relevantes e características de sua infância e das suas relações com outros, em especial, quanto ao desenvolvimento de sua autonomia. Na Parte 3, o adolescente foi questionado a respeito de sua percepção da relação conjugal dos pais, traçando a trajetória de vida do casal até o momento presente, com ênfase no nível de satisfação interpessoal, conflitos e negociações entre eles. A Parte 4 foi dirigida à investigação da relação parental, destacando a qualidade dessas relações ao longo da vida e as práticas educativas utilizadas, bem como a forma adotada pelas famílias para lidar com os conflitos e soluções de problemas. A Parte 5 visou verificar as inter-relações dos subsistemas parental e conjugal, naquilo que o adolescente considerava que pudesse influenciar um ao outro. Na Parte 6, a investigação se dirigiu aos aspectos da vida da família como um todo, no que tange ao nível de satisfação, ao tempo e às atividades compartilhadas pelos seus membros.

Na versão para os pais, na Parte 1, foram investigadas as concepções atribuídas por pais e mães à família e à adolescência, abordando aspectos das famílias de origem dos genitores, eventos ocorridos ao longo de suas trajetórias de vida, bem como as características de sua família atual. A Parte 2 indagou sobre a história de vida do adolescente-foco, isto é, características e eventos importantes de sua infância e de seu desenvolvimento, e inter-relações, com especial atenção para os aspectos relativos ao

desenvolvimento de sua autonomia e para as estratégias adotadas para negociar os conflitos. A Parte 3 foi dedicada a investigar os aspectos da vida conjugal, tais como a trajetória de vida do casal, a qualidade da relação, similaridades e diferenças entre eles, seu modo de vida, além das estratégias adotadas para lidar com os conflitos. Foram investigadas, na Parte 4, características da relação parental com destaque para a qualidade da mesma e às práticas educativas adotadas na educação dos filhos. Além disso, esta parte visou identificar como a família estabelecia limites, como ocorriam as situações de conflitos entre pais e filhos, e como a família administrava e negociava as possíveis divergências. A Parte 5 se dirigiu à investigação das inter-relações dos subsistemas parental e conjugal com ênfase na percepção dos participantes sobre as possíveis influências entre esses subsistemas. Na Parte 6, buscou-se identificar características do sistema familiar referentes à rotina de vida da família e ao nível de satisfação de seus membros.

Todas as entrevistas foram gravadas em gravador Panasonic Modelo 1.0 e armazenadas em dispositivo HD Noteship e em DVDs virgens, para posterior análise.

### ***Questionário de Caracterização do Clima Familiar***

Este instrumento (ver Anexo H, p.265) foi elaborado para este estudo com a finalidade de avaliar a percepção do adolescente a respeito da qualidade das relações interpessoais estabelecidas na sua família, no que tange aos aspectos mais globais, relativos ao nível de satisfação, coesão e comunicação familiar, e à expressão de sentimentos na família. Neste estudo, o clima familiar é definido pela atmosfera emocional existente dentro do ambiente familiar, promovida pelas trocas e regulações de ideias e sentimentos entre os familiares, tal qual percebida pelo adolescente.

O questionário foi construído com base em uma revisão de escalas e inventários encontrados na literatura, que mediam a qualidade das relações familiares, a comunicação familiar e o clima existente nas famílias. Após análise dos itens destes instrumentos, foram selecionadas dimensões para compor este instrumento, das seguintes escalas: (a) construídas e validadas no Brasil (ex. *Escala da Qualidade das Interações Familiares* [EQIF] (Weber, Prado, Salvador & Brandenburg, 2003); *Inventário de Percepção de Suporte Familiar* [IPSF] (Baptista, 2005); (b) apenas traduzidas para o Português (Brasil) e validadas no país (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales* [FACES] (Olson, Gorall & Tiesel, 2004); ou mesmo (c) não-validadas, mas com versão em Português, como: *Family Environment Scale* [FES]

(Vianna, Silva & Souza-Formigoni, 2007), e *Revised Family Communication Pattern Instrument* [RFCPI] (Sillars, Koerner & Fitzpatrick, 2005). Dentre os itens selecionados, buscou-se priorizar aqueles relacionados às dimensões que se referiam à identificação do clima no contexto de vida das famílias dos adolescentes. Os itens escolhidos foram adaptados de modo a abranger a percepção da família como um todo, e o critério utilizado, principalmente no caso de escalas estrangeiras, foi o de maior similaridade com a cultura brasileira.

Seis dimensões foram selecionadas e são aqui definidas por:

- Satisfação com a Vida Familiar: se os membros da família expressam satisfação por estarem juntos, fazerem coisas juntos e compartilharem suas vidas e tempo livre. Os itens 1 e 7 contemplam esta dimensão: “Os membros da minha família estão felizes com a forma como vivemos”; “As pessoas em minha família gostam de passar o tempo juntas”.

- Coesão Familiar: se os membros da família percebem um sentido de unidade familiar, de estarem próximos de sua família, e o grau de envolvimento, ajuda e suporte que fornecem uns aos outros. Esta dimensão é abordada nos itens 5 e 11, respectivamente: “Os membros da minha família se sentem próximos uns dos outros”; “Os membros de minha família estão sempre prontos para ajudar e apoiar uns aos outros”.

- Expressão de Sentimentos: dimensão à qual os membros da família são encorajados a expressarem seus sentimentos diretamente uns para os outros. Os itens 4 e 6 são exemplos desta dimensão: “Costumamos demonstrar nossos sentimentos e emoções, em minha família”; “Os membros de minha família são capazes de expressar livremente seus medos e preocupações”.

- Comunicação Positiva: se os membros da família se sentem à vontade para expressar opiniões, ideias e comportamentos de modo construtivo, claro e direto, compreensível e respeitoso. Os itens 2 e 8 estão relacionados a esta dimensão: “Em minha família, costumamos conversar sobre as coisas que cada um faz durante o dia”; “Na minha família, nos sentimos à vontade para expressar nossas opiniões, mesmo que elas não sejam compatíveis com/ iguais às dos outros”.

- Comunicação Negativa: se os membros da família demonstram dificuldade em expressar suas opiniões, ideias e comportamentos, fazendo-o por meio de conflitos, agressividade e diálogos negativos. Os itens 3 e 9 se referem a esta dimensão: “As pessoas da minha família costumam brigar e gritar umas com as outras”; “Meus familiares costumam criticar uns aos outros de forma negativa”.

- Clima Global: percepção que os membros da família têm sobre o funcionamento global da família. Os itens 10 e 12 dizem respeito a esta dimensão: “Em minha família, as coisas são harmônicas e pacíficas”; “Em minha família, nós nos amamos e nos sentimos amados”.

Portanto, este instrumento contém 12 questões, duas de cada dimensão, avaliáveis por meio de três níveis de respostas: não-verdadeira, parcialmente verdadeira, verdadeira. Os resultados visaram agrupar os dados em função dos contextos familiares, considerados, pelo adolescente-foco, como: mais harmônico/positivo, moderado ou conflituoso/negativo, como uma tentativa de compreender melhor as diferenças entre as famílias, nos seus processos de comunicação.

### ***Procedimentos para a Análise dos Dados***

#### ***Análise dos Questionários***

As respostas às questões fechadas do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar foram tabuladas pelo *Statistical Package of Social Sciences*, SPSS, versão 12.0. As questões abertas foram analisadas qualitativamente, considerando-se que esses dados e os dados obtidos nas entrevistas fossem avaliados juntos, sendo focalizados aqueles que se tornassem relevantes, não apenas nas suas diferenças, mas, principalmente, nas suas complementaridades.

#### ***Análise das Entrevistas***

As questões abertas das entrevistas foram analisadas com base na análise qualitativa, proposta por Dessen e Cerqueira-Silva (2009). Essa análise de dados empíricos combina métodos qualitativos e quantitativos e foi desenvolvida com base na experiência de 20 anos de pesquisas na área de desenvolvimento humano, implementadas no Laboratório de Desenvolvimento Familiar (LabFam), do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília - UnB. Com essa técnica, os dados são analisados mediante quatro etapas sucessivas: as duas primeiras consistem na técnica usual da Análise de Conteúdo – AC (Bardin, 1977) e as duas seguintes ampliam as análises iniciais à medida que geram sistemas integrados de categorias, conforme descrito a seguir.

### *Etapa 1. Análise das Entrevistas de um Grupo de Participantes (Adolescentes-foco)*

Após a transcrição integral das entrevistas (N=90) na primeira etapa, buscou-se a exploração (pré-análise) do material por meio de leitura prévia, de verbalizações e catalogação das informações coletadas conforme a semelhança dos temas. Os temas base selecionados, tais como história de vida da família de origem, fatos relevantes da vida do adolescente-foco ou concepções de família, foram agrupados em categorias, seguindo três critérios principais: (a) exclusão mútua, isto é, as verbalizações não poderiam estar contidas em mais de uma categoria, e que as categorias não poderiam se sobrepor, sendo mutuamente excludentes; (b) homogeneidade, sendo que os temas agrupados deveriam ser homogêneos de modo a estabelecer uma relação entre si, de oposição ou complementaridade; e (c) pertinência dos assuntos, ou seja, as categorias deveriam ser pertinentes ao objeto investigado pela pesquisa (Bardin, 1977).

Assim, nesta etapa, todas as entrevistas do grupo de adolescentes-foco (N=30) passaram pelo processo de categorização que envolveu várias versões de um sistema preliminar de categorias, uma vez que, inicialmente, as categorias são aproximativas, e, aos poucos, elas vão sendo mais elaboradas e enriquecidas, tornando-se mais completas e precisas. Tendo em vista não só as falas dos adolescentes-foco, como as próprias definições apresentadas pela literatura da área, foram atribuídos nomes às categorias. Em seguida, foram eleitas as categorias mais representativas do grupo.

Foram elaboradas ‘categorias-síntese’, reunindo as verbalizações mais representativas do grupo, considerando-se as informações presentes na maioria das entrevistas realizadas, de acordo com o roteiro de entrevistas. Isto é, as categorias-síntese foram elaboradas para cada tópico do roteiro, tendo em vista as próprias verbalizações dos adolescentes-foco e os conceitos básicos da literatura da área. Com base no sistema inicial de categorias, foi realizada, então, a classificação dos temas de todas as entrevistas do grupo, e, por fim, foram nomeadas as categorias formadas (inferência).

Todas as entrevistas feitas em cada grupo de participantes passaram por este procedimento de categorização separadamente, sendo elaboradas várias versões do sistema, e as categorias e suas respectivas subcategorias refeitas e refinadas a cada mudança, gerando um novo sistema de categorias.

### *Etapa 2. Elaboração do Novo Sistema Preliminar de Categorias (Adolescentes-foco e Genitores)*

Os sistemas de categorias gerados por meio das análises das entrevistas com os

três grupos – filhos, pais e mães – foram reagrupados em um único sistema, gerando a primeira versão de um sistema integrado. Assim, o sistema integrado preliminar foi se constituindo na medida em que as análises das entrevistas dos demais grupos eram incluídas. Isto exigiu novas adaptações aos sistemas previamente elaborados, sendo criados novos subtemas, itens e subitens, conforme o conteúdo das respostas inseridas.

### *Etapa 3. Revisão do Sistema Preliminar e Elaboração do Sistema Integrado (definitivo) de Categorias (para cada roteiro de entrevista)*

Posteriormente, foi necessária a revisão do sistema como um todo, sendo efetuada nova leitura exaustiva do sistema integrado previamente construído, incluindo as verbalizações de todos os entrevistados (filhos, pais e mães) e, em seguida, um reagrupamento de categorias em *categorias-síntese*, quando necessário (Dessen & Cerqueira-Silva, 2009). Obedecendo ao critério de significado e relevância para os objetivos da pesquisa, buscou-se uma ordenação lógica, significativa e relevante e os diferentes níveis foram renomeados, quando necessário.

Depois da reorganização e reclassificação dos sistemas componentes da estrutura geral foram calculadas as frequências, absoluta e relativa, e realizados cálculos de estatística descritiva para os últimos níveis do sistema, isto é, os subtemas, itens ou subitens. Ao final, nova revisão foi feita em todo o banco de dados, novas categorias-síntese foram elaboradas quando necessário, e só então, foi possível efetivar abstrações e interpretações do material.

### *Etapa 4. Validação do Sistema Integrado de Categorias*

A última etapa da análise visou garantir validade e objetividade das categorias, e, para isso, foi utilizado um critério de ajuizamento por pares, quando avaliadores treinados pelo Laboratório de Desenvolvimento Familiar (LabFam) da Universidade de Brasília, processaram a análise de 15% dos registros do sistema de categorias às ‘cegas’, visando a comparação com a classificação das verbalizações efetuadas pela pesquisadora. Ao final, as duas análises foram comparadas e, com base em discussões, buscou-se um consenso entre os juízes, de modo a garantir o significado, a relevância e a objetividade da categorização.

Cabe ressaltar que o Sistema de Categorias gerado para a análise dos dados não levou em conta as repetições de uma mesma categoria por um mesmo participante. Portanto, as tabelas e gráficos gerados na seção de Resultados referem-se ao número de

participantes que mencionaram uma dada categoria. No entanto, um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria.

Os sistemas de categorias gerados por esta análise estão do Anexo I ao Anexo AI, das páginas 266 a 292, e serão mencionados no próximo capítulo de resultados.

## RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados, divididos em três seções, que correspondem aos eixos que nortearam as questões de pesquisa, e uma quarta seção conclusiva. Na primeira seção, é apresentada a caracterização, tanto das famílias de origem, quanto das famílias atuais dos adolescentes-foco, as relações nelas estabelecidas, bem como as semelhanças e diferenças entre elas; ainda, são apresentadas as concepções que os participantes têm de família. A segunda seção trata da adolescência “nas” e “para” as famílias de origem e atuais, em especial, no que tange aos marcos de transição. As concepções dos participantes sobre adolescência também são relatadas. Na terceira seção, são descritos aspectos referentes ao desenvolvimento da autonomia e aos processos de negociação nas famílias, durante a adolescência dos filhos. A última seção apresenta uma síntese conclusiva dos resultados deste trabalho, com foco nas continuidades entre as relações familiares nas FO e FA.

### **Caracterização das Famílias de Origem e Atual: Semelhanças e Diferenças**

Os dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com as famílias – filhos(as), pais e mães -, acrescidos das informações obtidas por meio dos questionários, são sumarizados em quatro tópicos: (a) famílias de origem dos genitores (FO); (b) famílias atuais dos adolescentes-foco (FA); (c) semelhanças e diferenças entre as duas gerações de famílias; e (d) concepções de família. Para a análise dos resultados, ao tratar dos dados de caracterização demográfica das famílias, foi adotado o número de famílias participantes; já para os dados fornecidos pelas entrevistas, foi considerado o número de verbalizações dos participantes que mencionaram aquela categoria.

### ***A Família de Origem dos Genitores: Caracterização e Relações Familiares na Perspectiva dos Genitores***

Ao falarem sobre suas histórias de vida nas famílias de origem, 48 (80%) dos 60 genitores descreveram suas famílias em termos de estrutura, destacando aquelas tipicamente ‘nucleares’ ( $n=37$ ; 77%), ou seja, compostas por pai, mãe e filhos, em geral, com mais de dois filhos ( $n=27$ ; 73%). A Figura 4 mostra o percentual de cada configuração das famílias de origem dos genitores, tal qual percebida por eles.

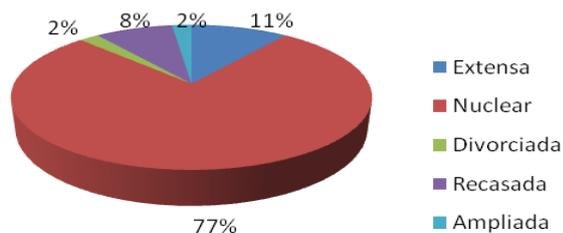


Figura 4. Percentuais das tipologias das FO, segundo os genitores.

Ao serem perguntados sobre suas histórias de vida, em suas famílias de origem, foram fornecidas informações referentes ao contexto social e econômico em que viveram, além da procedência e do nível educacional e ocupacional de seus pais. Do total de 60 genitores participantes, 39 relataram informações sobre a procedência de suas famílias de origem, descrevendo seus familiares como, na maioria, brasileiros ( $n=34$ ; 87,2%), dentre os quais 14 (41,2%) eram procedentes da região Sudeste e 11 (32,3%) do Centro-Oeste; tanto de capitais ( $n=14$ ; 51,9%) como do interior ( $n=13$ ; 48,1%) do país.

Dos 21 genitores que relataram sobre o contexto socioeconômico de suas famílias de origem, 12 (57,1%) revelaram ter vivido em locais pouco favorecidos e pobres, com dificuldades, mas, também, com vantagens para seu crescimento pessoal: *Eu nasci num lugar pooobre, muito pobre, muito, muito deserto, não tinha nada perto. Fiquei até os 15 anos na roça [...] a gente trabalhava demais na roça, no serviço da casa. A gente foi muito pobre, não tinha nem o que comer. Aquilo ali deu ânimo pra gente querer crescer (FAM22M).*

De acordo com 14 genitores que mencionaram o nível educacional de seus pais, 5 (35,7%) completaram o Ensino Fundamental; 3 (21,4%), o Médio; 5 (35,7%), o Superior, e apenas um (7,1%) fez pós-graduação. Os genitores que revelaram as profissões de seus pais ( $n=26$ ) disseram que eles exerciam, principalmente, funções de funcionários públicos ( $n=11$ ; 42,3%), entre outras, como profissionais liberais, educadores ou donas de casa. Interessante ressaltar que dois genitores destacaram terem vivido a ditadura política no país, quando adolescentes/ jovens, o que, de certa forma, interferiu no seu modo de vida: *Era época da ditadura militar. A gente saía, aquela coisa da polícia nas ruas, que o Brasil tinha muito disso. Não podia fazer rodinha de três que já era motim (FAM19P).*

### ***A Infância dos Genitores em suas Famílias de Origem***

A própria infância foi citada por 53 genitores que a avaliaram como ‘tranquila/normal’ (n=42; 79,2%), com ‘conflitos normais’ (n=5; 9,4%), ou ‘difícil/ complicada’ (n=6; 11,3%), conforme apresentado na Figura 5.

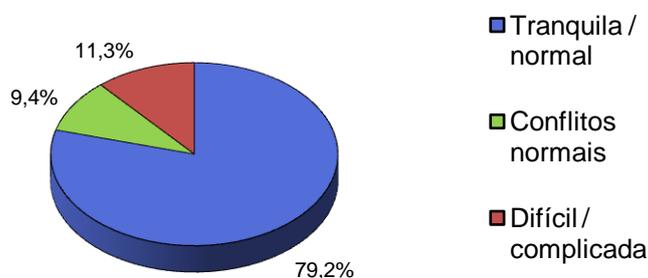


Figura 5. Avaliação da infância nas FO, segundo os genitores.

Quando ‘tranquila’ (n=42), a infância foi descrita como tendo sido rica em: ‘brincadeiras e liberdade’ (n=19; 45,2%); ‘convivência com familiares e amigos’ (n=9; 21,4%); ‘educação e produtividade’ (n=3; 7,1%), entre outras características não explicitadas (n=11; 26,1%). Eles contaram, por exemplo: *Tive mais liberdade do que se morasse numa cidade grande (FAM4P)*. / *Brincavam os adultos com as crianças. Dias de chuva, várias rodas de baralho, de canastra de truco [se emociona] [...] (FAM5M)*.

Entretanto, algumas famílias (n=5; 9,4%) tinham ‘conflitos normais/ superáveis’: *Tudo muito tranqüilo; conflitos, lógico, porque era uma família com muitas mulheres, então tinha briga, confusão (FAM2M)*; outras foram avaliadas como ‘difíceis/ complicadas’ (n=6; 11,3%), segundo os genitores, devido às condições de vida e/ou clima familiar conturbado: *Era um ambiente complicado lá em casa. [...] difícil, com a doença do meu irmão (FAM32M)*.

### ***Fatos Relevantes da História de Vida dos Genitores em suas Famílias de Origem***

Dos fatos relevantes (n=52) citados sobre a infância dos genitores, as ‘mudanças de moradia’ (n=20; 38,5%) foram as mais destacadas: [...] *fui criada assim: “Você tem que aproveitar o lado bom que a cidade tem pra te dar; se você não aproveitar, você vai embora daqui a dois anos, não aproveitou nada” (FAM25M)*. ‘Doenças, deficiências e acidentes’ (n=11; 21,2%) também foram mencionados: *Eu tinha 9 anos, caí do cavalo e quebrei a perna*. Além desses fatores considerados relevantes para a sua

própria infância, os genitores também apontaram outras experiências vividas pelas famílias, nesta fase, que são descritas na Figura 6.



Figura 6. Percentuais dos fatos relevantes da infância nas FO, segundo os genitores.

De acordo com a percepção que os genitores tinham de si mesmos enquanto crianças, expressas em 35 verbalizações, eles se consideraram, principalmente, ‘quietos e tímidos’ ( $n=9$ ; 25,7%): *Cresci com essa história, muito rígido, muito fechado, muito, muito reservado (FAM12P)*; ‘responsáveis e obedientes’ ( $n=6$ ; 17,1%): *Cresci muito responsável, obediente. Sempre boazinha com minha mãe (FAM5M)*; ou mesmo, ‘levados e respondões’ ( $n=8$ ; 22,9%): *Tinha aquela coisa de traquinagem, de esconder, fazer escondido da mãe (FAM33M)*. As percepções dos genitores a respeito de suas próprias características durante a infância estão classificadas na Figura 7.

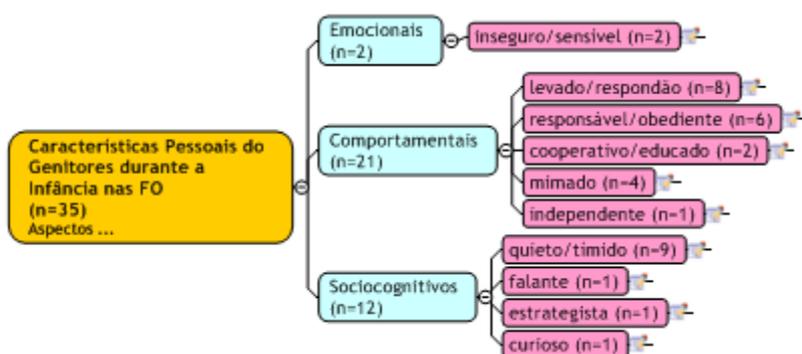


Figura 7. Percepções das características pessoais dos genitores na infância, segundo os próprios genitores.

### **Relações Familiares nas Famílias de Origem dos Genitores**

Os genitores descreveram, também, as relações estabelecidas nas suas FO, entre seu pai e sua mãe (conjugais), e entre eles próprios e seus pais (parentais). Eles destacaram alguns padrões de comunicação familiar, como: proximidade e união; abertura

para o diálogo; expressão de sentimentos e opiniões; cooperação/ compartilhamento; e cuidado/ proteção, entre outros, presentes nas diferentes relações, detalhadas a seguir.

Nos relatos sobre as relações existentes entre os pais e as mães dos genitores ( $n=13$ ), elas foram avaliadas, na maior parte das vezes ( $n=10$ ; 76,9%), como ‘conflituosas’, pois eles não manifestavam afeto, algumas, inclusive, culminando em separações: [...] *nunca vi meus pais darem um beijo, um abraço. Sempre foram muito secos, sempre teve aqueles negócios de vai separar [...] mas não se separavam (FAM4M).* / *Era briga o tempo todo! Quando eles resolveram se separar, achei ótimo (FAM30M).*

Porém, as relações conjugais de seus pais também foram descritas pelos genitores como sendo ‘boas/ harmônicas’ ( $n=3$ ; 23,1%), quando o casal compartilhava de uma vida de ‘união, com pouco ou nenhum conflito’: *Eu via, do relacionamento deles, uma coisa que eu queria ter. Meu pai teve os defeitos, minha mãe tem os dela, mas eles não brigavam (FAM4P).*

A Figura 8 mostra a forma como os genitores percebiam as relações entre seus pais nas suas famílias de origem, de acordo com aqueles que mencionaram este aspecto.

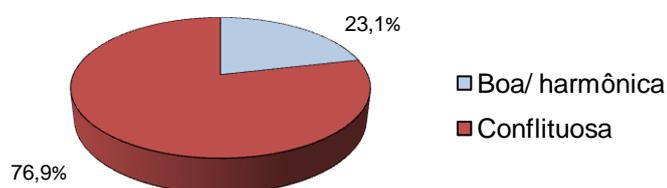


Figura 8. Avaliação das relações conjugais dos pais dos genitores nas FO, segundo os genitores.

As relações dos genitores com seus pais, descritas em 12 verbalizações, foram classificadas como ‘boas/ tranquilas’ ( $n=2$ ; 16,7%); com ‘conflitos normais’, porém ‘superáveis’ ( $n=3$ ; 25%); ou, em maior número, ‘ruins/ conflituosas’ ( $n=7$ ; 58,3%), conforme os respectivos exemplos: *A gente teve e tem um relacionamento muito bom (FAM25P).* / *Teve uns conflitos normais, de um casal, uma família. Eu não discutia com meu pai; quando discutia, acabava perdendo (FAM10P).* / *Minha mãe tinha um comportamento temperamental difícil, não tinha meio termo; muito mais linha dura (que o pai) [...] tratava a gente com ferro e fogo, nada do que foi diferente do pai dela com ela (FAM6P).*

A Figura 9 ilustra os percentuais dos modos como os genitores avaliaram a relação que tinham com seus pais, nas suas famílias de origem.

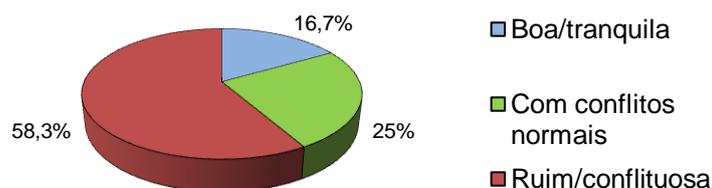


Figura 9. Avaliação das relações parentais dos genitores nas FO, segundo os genitores.

Quanto aos relatos a respeito dos padrões de comunicação presentes nas relações entre os genitores e seus pais e mães ( $n=79$ ), as categorias ‘proximidade/ união’ ( $n=26$ ; 32,9%) e ‘expressão de afeto’ ( $n=17$ ; 21,5%) foram as mais destacadas. As relações foram consideradas ‘distantes’ ( $n=11$ ; 13,9%), isto é, sem a presença e o convívio regular com os pais: *A minha mãe sempre fala disso com um pouco de culpa, de sempre me deixar (FAM9M)./ Ele era muito ausente no que diz respeito à educação, a formação (FAM32M)*. Porém, para outros genitores, elas eram ‘próximas e unidas’ ( $n=10$ ; 12,7%): *É uma família que veio de uma família que também era muito ligada. Uma família muito unida, com todo mundo curtindo muito junto [...]. Fui criada com mãe e pai muito presentes, os irmãos muito próximos (FAM33M)*. Vale salientar que os genitores destacaram que, em alguns casos, a ‘proximidade’ era ‘com apenas um’ de seus pais ( $n=5$ ; 6,3%), isto é, que ocorria mais facilmente com um do que com o outro, como no exemplo: *Na verdade, nós tínhamos uma ligação muito mais forte com a minha mãe, porque era mais presente (FAM28P)*.

A ‘participação/ compartilhamento’ ( $n=1$ ; 1,3%) dos pais dos genitores, pouco citada, é ilustrada no exemplo: *A gente compartilhou muito, tudo: as facilidades, as dificuldades [...] sempre foi muito efetivo dentro de casa (FAM29P)*. Enquanto a ‘ausência de participação’ ( $n=4$ ; 5,1%), um pouco mais constante nestas famílias, pode ser demonstrada através do relato: *Eles trabalhavam demais. Eles não tinham a preocupação se a gente tirava nota boa ou não, sabiam que a gente era dedicado (FAM13M)*.

Outro aspecto apontado pelos genitores, nas suas relações com seus pais, refere-se à ‘abertura ao diálogo’ ( $n=2$ ; 2,5%): *Tudo resolvido por diálogo, por debate [...] sem rancores, sem mágoas. [...] falar sobre qualquer assunto e de curtir as coisas com eles (FAM33M)*. Por outro lado, em alguns casos, foi relatada certa ‘dificuldade de diálogo’ ( $n=5$ ; 6,3%) com ambos, ou, mais comumente, ‘com apenas um dos genitores’ ( $n=8$ ;

10,1%), como mostram os exemplos: *Mamãe já não dava muita liberdade (de falar). Mas, também, ela não me proibia. (FAM15M). / Eu queria perguntar, mas não tinha coragem ou não tinha abertura. Era uma família que tinha pouco diálogo, apesar de ter muita paz; a gente não conversava coisas importantes (FAM16P).*

Com relação às manifestações de afeto, mais frequente era a ‘não expressão/ pouco afeto’ ( $n=10$ ; 12,7%), fato justificado tanto pela criação recebida quanto pelo temperamento dos familiares, mas que, segundo uma mãe, não impediu que os filhos considerassem suas qualidades: *Meus pais nunca foram de muito ‘mais, mais’ mas eles não deixavam faltar nada (FAM11M). / A gente sabe que ele tem o coração maravilhoso, é uma pessoa muito boa, mas ele tem essas dificuldades, porque ele foi criado dessa forma: não mostrar sentimentos (FAM14P).* Em contrapartida, também havia relações que eram tidas como ‘afetuosas’ ( $n=7$ ; 8,9%), como nos exemplos: *Meu pai é uma pessoa muito amorosa, um doce de pessoa. Aquela pessoa super tranqüila (FAM31M).*

Em suas famílias de origem, havia ‘cooperação/ apoio’ ( $n=4$ ; 5,1%): *Sempre muito apoio do meu pai, da minha mãe (FAM23P). / (Por eu ser a mais velha) ajudava sempre minha mãe (FAM26M), apesar deste apoio nem sempre ser possível ( $n=2$ ; 2,5%), devido às limitações dos próprios pais, como no exemplo: Mesmo porque, ela não conseguiria ajudar [...] porque ela não estudou o suficiente (FAM31M).*

Quanto aos ‘cuidados e proteção’ despendidos a eles (filhos), estes foram considerados, por vezes, ‘excessivos’ ( $n=3$ ; 3,8%): *[...] excessos da minha mãe; eram excessos de mãe zelosa. Pecou por isso (FAM25P); e, em outras situações, ‘limitados’ ( $n=2$ ; 2,5%): Nunca tiveram aquela preocupação com a educação, com os estudos, com uma rotina; nunca teve isso na minha casa. Era mais com uma coisa mais de alimentação, de horário, da roupa. Não sabia o que se passava na minha vida (FAM31M).* E eles foram vistos, ainda, como ‘adequados’ ( $n=5$ ; 6,3%), conforme a verbalização: *Eu acho ela uma heroína, porque ela nunca teve empregada, cuidava dos três filhos, levava pra cima e pra baixo de ônibus (FAM12M).*

A frequência absoluta dos relatos dos padrões de comunicação, existentes entre os pais/ mães e os filhos, nas famílias de origem dos genitores, segundo as opiniões destes, revela que, em síntese, estas relações eram vistas como distantes, pouco afetuosas, porém, permeadas de cuidados, conforme representadas na Figura 10.

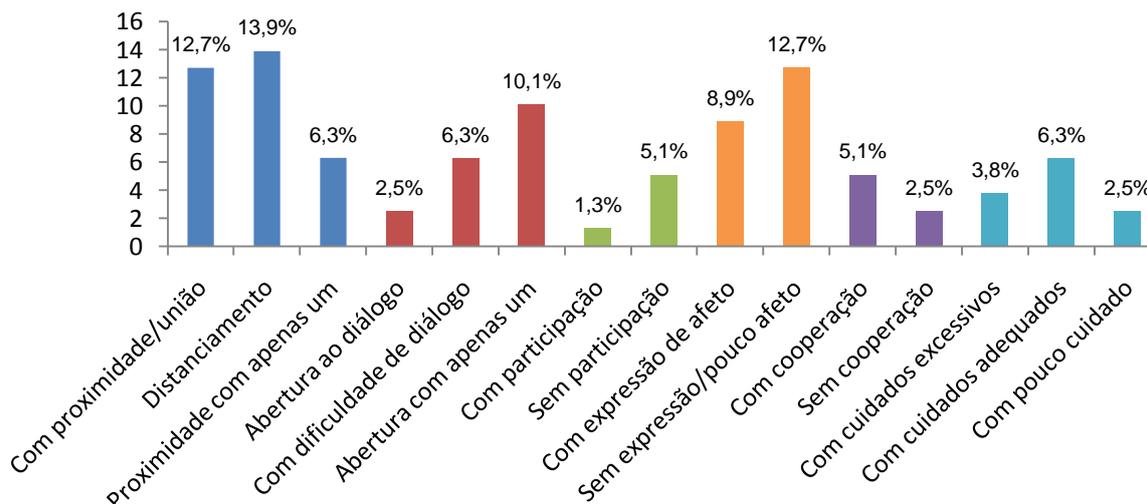


Figura 10. Percentuais dos padrões de comunicação nas relações parentais nas FO, segundo os genitores.

Outro aspecto, abordado pelos participantes, sobre a relação parental em suas famílias de origem, foi o uso de práticas educativas parentais. Segundo eles, seus pais adotaram diferentes práticas ( $n=72$ ), consideradas ‘positivas’ ( $n=14$ ; 19,4%), e, principalmente, ‘negativas’ ( $n=58$ ; 80,6%), divididas em subcategorias na Figura 11.

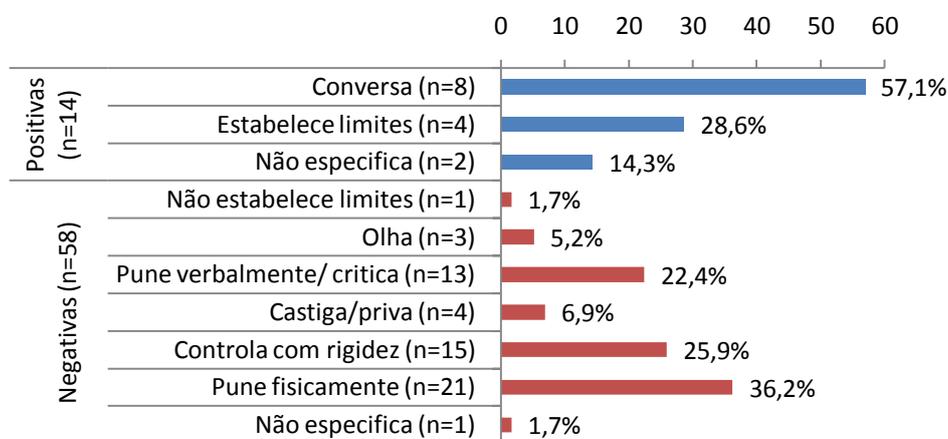


Figura 11. Percentuais das práticas educativas parentais nas FO, segundo os genitores.

Do total de práticas parentais, dentre as classificadas como positivas ( $n=14$ ), a ‘conversa’ ( $n=8$ ; 57,1%), com o intuito de mostrar conseqüências e gerar reflexões e responsabilidades nos filhos, foi a prática mais citada pelos genitores como tendo sido adotada por seus próprios pais/mães: *Os meus pais, por conhecerem a gente e investir muito nessa autonomia, eles acreditavam que a gente podia manejar isso sozinho, tipo hora de chegar, com quem ir [...] não ficavam numa cobrança, uma proibição (FAM33M).*

As práticas negativas ( $n=58$ ) foram descritas pelos genitores como priorizadas

na educação por eles recebidas de seus pais/mães, e incluíam: ‘punição física’ ( $n=21$ ; 36,2%) e ‘verbal’ ( $n=13$ ; 22,4%), e o ‘controle rígido’ ( $n=15$ ; 25,9%), entre outras. A punição física era ‘frequente e intensa’ ( $n=14$ ; 66,7%) na maioria das famílias que a adotavam; outras vezes, foi citada como ‘esporádica’ ( $n=7$ ; 33,3%), e envolvia diferentes formas, conforme o relato, a seguir: *E minha mãe também tinha o costume de punir as filhas com a “chamarrita”, é uma varinha, eu já levei surra de cinta do meu pai [...] foi uma boa surra. Frequentemente a minha mãe, quando eu aprontava, é lógico, era reguada, chinelada, esse tipo de coisa (FAM21P).*

Dentre as ‘punições verbais/ críticas’ ( $n=13$ ), ‘repreensões, gritos e brigas’ ( $n=11$ ; 84,6%) e, também, ‘ameaças’ ( $n=2$ ; 15,4%), foram as mais comumente citadas por eles, como tendo sido utilizadas nas suas FO: *Ela era muito barulhenta, gritava. Ele dava uma repreensão, a gente sentia muito (FAM32M).* Eles também relataram o uso de ‘castigo/ privação’ ( $n=4$ ; 5,6%), que foi por eles avaliado negativamente: *Um castigo de 1 hora, 2, que você ficava ali, pensando, bem mal (FAM32P). / Essa coisa de castigo acabou comigo (FAM23P).* O ‘olhar’ ( $n=3$ ; 5,2%), também incluso nas práticas negativas, pode ser exemplificado: *[...] se orgulhava de dizer que bastava olhar pros filhos (FAM32M).* O ‘controle rígido’ sobre os filhos ( $n=15$ ; 25,9%) estava presente, como mostram os exemplos: *Foi muito controle com essa coisa de sair, de voltar. Minha mãe era dureza (FAM23P). / Os pais botavam muito medo dos perigos, que tinha uns ‘tira-sangue’, no caminho da escola (FAM22M).* E, apenas um genitor considerou que a sua própria educação tenha sido permeada pela ‘ausência de limite’: *Fui criado totalmente solto; minha mãe não sabia por onde eu tava (FAM33P).* Cabe apontar que, 3 genitores sabiam avaliar as práticas educativas adotadas por seus pais como positivas ou negativas, mas não souberam especificar quais e em que sentido elas foram consideradas como tal.

Dos 60 genitores participantes, 55,7% ( $n=34$ ) abordaram valores que permeavam as práticas educativas de seus próprios pais, nas suas FO. Dentre as 61 verbalizações que emitiram a este respeito, seus pais estavam baseados em valores ‘morais’ ( $n=28$ ; 45,9%), tais como respeito ao próximo, honestidade, responsabilidade: *Eles me criaram pra que eu desse valor à honestidade (FAM12P).* A formação dos filhos por meio de valores ‘educacionais’ ( $n=9$ ; 14,8%) e ‘familiares’ ( $n=7$ ; 11,5%) foi apontada em verbalizações como: *Sentia que isso (estudo) era uma coisa muito valorizada, tanto pelo meu pai, quanto pela minha mãe (FAM9P).* Além da ‘religião’ ( $n=4$ ; 6,5%) e do ‘trabalho’ ( $n=6$ ; 9,8%), a ‘autonomia/ liberdade’ ( $n=7$ ; 11,5%) também era valorizada e

estimulada por seus pais, na opinião dos genitores: *Foi a melhor coisa que ele (pai) fez pra mim. Essa liberdade, de ter que se virar sozinha [...] (FAM19P)*. A Figura 12 mostra a categorização dos valores transmitidos por seus pais, em suas FO, segundo os genitores.

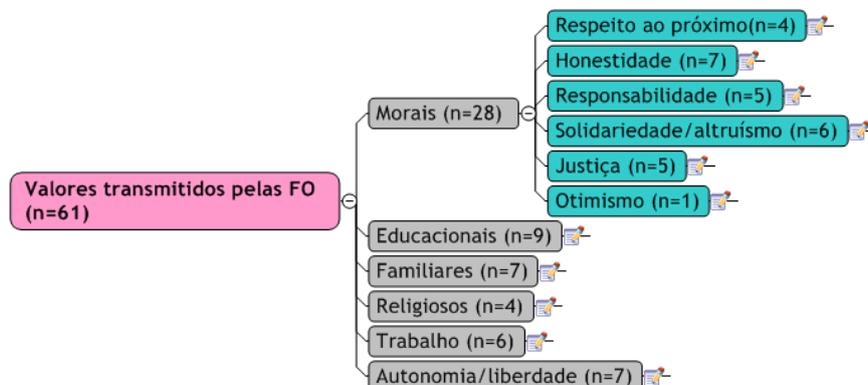


Figura 12. Valores transmitidos pelas FO, segundo os genitores.

### ***A Família Atual do Adolescente-foco: Caracterização e Relações Familiares***

As famílias atuais dos adolescentes-foco são aqui descritas por meio dos dados dos questionários de caracterização (N=30) - respondidos ou apenas pelas mães (n=17; 56,7%), ou por ambos os genitores (n=13; 43,3%) -, e das entrevistas (N=90) com os três participantes de cada família, filho(a), pai e mãe. Eles são apresentados nesta seção, que descreve a tipologia e o modo de vida das famílias, de acordo com as atividades compartilhadas pelos familiares. As FA também são descritas em termos das relações existentes entre seus membros, conforme as informações fornecidas por genitores e filhos durante as entrevistas.

### ***Caracterização das Famílias Atuais e Atividades da Rotina Familiar***

Ao serem questionados sobre quem fazia parte de sua família, um mesmo participante descreveu-a de diferentes maneiras. Das 48 verbalizações a este respeito, 35 (72,9%) consideravam que suas famílias eram compostas por pais, mães, filhos e outros parentes, como avós, tios e primos (famílias extensas). Porém, em 7 delas (14,6%), as famílias foram consideradas como compostas por pai/ mãe, cônjuge e filhos/ irmãos (famílias nucleares); e, em 6 (12,5%), foram incluídos cachorros, amigos e empregadas (famílias ampliadas), conforme mostram os exemplos: *A J. (empregada). Eu também considero ela parte da minha família, porque ela trabalha aqui desde 10 meses, e ela é muito legal (FAM20F)*. / *Algumas*

*peças, amigos que a gente convive muito (FAM24F)*. A Figura 13 mostra o percentual de tipologias atribuídas pelos participantes que citaram esta categoria, em suas verbalizações, à configuração de suas famílias atuais.

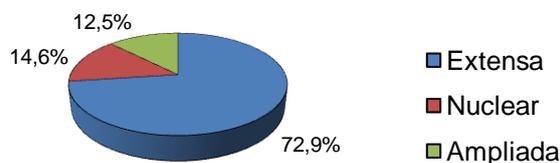


Figura 13. Percentuais das tipologias das FA, segundo genitores e filhos.

Quanto ao modo de vida das famílias atuais, os participantes (N=90) revelaram que, nas suas rotinas, eles desempenhavam atividades diversificadas, compartilhadas ou não por pais, mães e filhos. Diante de uma lista com 11 tarefas domésticas, as mães/pais que responderam aos 30 questionários, disseram desempenhar 8 delas juntos, tais como: (a) transporte dos filhos para atividades escolares ( $n=17$ ; 63%), atividades extras ( $n=16$ ; 64%) e de lazer ( $n=20$ ; 66,7%); acompanhamento dos filhos nos estudos ( $n=17$ ; 56,7%); e compras da casa ( $n=11$ ; 40,7%); entre outras. A empregada foi apontada como a principal responsável pela limpeza da casa ( $n=21$ ; 80,8%); cuidado com as roupas ( $n=20$ ; 76,9%) e preparo da alimentação ( $n=15$ ; 57,7%), sendo que cabia principalmente à mãe, a tarefa de orientá-la ( $n=19$ ; 65,5%).

Do total das tarefas apresentadas, a mãe sozinha (22,1%) ou acompanhada do pai (36,8%) era a principal responsável. Outras tarefas, tais como o cuidado com a área externa e jardins da casa, além do pagamento de contas, foram apontadas como parte da rotina domiciliar, sendo atribuídas aos pais ( $n=6$ ; 20%), que, aos poucos, já assumiam o transporte e as compras da casa. Filhos sozinhos, e pais, mães e filhos juntos desempenhavam poucas tarefas ( $n=1$ ; 0,4%).

A Tabela 5 revela os percentuais das verbalizações a respeito das atividades exercidas pelos familiares nas famílias atuais, citadas pelos participantes (genitores e filhos).

Tabela 5

*Percentuais de Atividades Domésticas e de Cuidados com os Filhos, segundo os Genitores*

Tarefas	P		M		F		O		PM		PO		MO		PMF		PMO	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Preparo da alimentação</b>			2	7,7			15	57,7			2	7,7	2	7,7			5	19,2
<b>Transporte para a escola</b>			6	22,2			2	7,4	17	63,0							2	7,4
<b>Transporte para atividades extras</b>			6	24,0			3	12,0	16	64,0								
<b>Transporte para atividades de lazer</b>	2	6,7	6	20,0					20	66,7							2	6,7
<b>Estudos/ reuniões escolares</b>			12	40,0	1	3,3			17	56,7								
<b>Limpeza da casa</b>							21	80,8					2	7,7	1	3,8	2	7,7
<b>Lavar e guardar a louça</b>							19	79,2	2	8,3			3	12,5				
<b>Cuidado com as roupas: lavar e passar</b>			2	7,7			20	76,9					2	7,7			2	7,7
<b>Compras</b>	7	25,9	9	33,3					11	40,7								
<b>Cuidado aos animais</b>									10	100,0								
<b>Orientações às empregadas(os)</b>			19	65,5					10	34,5								

Notas. P – pai; M- mãe; F - filho(a); O - outros.

O questionário foi respondido por mães, ou por mães e pais, totalizando n=30 famílias.

Quando perguntados sobre o envolvimento dos familiares em outras atividades além das domésticas, os participantes relataram um grande número de atividades ( $n=244$ ), que foram categorizadas como: (a) ‘atividades produtivas’, ou seja, aquelas relativas ao trabalho, no caso dos genitores e à escola, tarefas de casa e aulas de reforço escolar, no caso dos filhos; (b) ‘atividades extracurriculares’ (aulas de esportes, dança, escotismo, etc.); (c) ‘atividades de lazer’; (d) ‘atividades religiosas’; e (e) ‘refeições’. O maior número de atividades citadas se referiu às atividades produtivas ( $n= 91$ ; 37,3%) e, em seguida, de lazer ( $n=81$ ; 33,2%, cada). Todas as atividades eram exercidas, principalmente, durante a semana, exceto as atividades de lazer que ocorriam, especialmente, nos finais de semana, conforme apresenta a Tabela 6, com os tipos e a frequência das atividades desempenhadas pelos familiares.

Tabela 6

*Período de Realização de Atividades Familiares por Pais, Mães e Filhos, segundo os Genitores*

Atividades	Tempo															
	Durante a semana								Fim de semana							
	Pai		Mãe		Filho(a)		Subtotal		Pai		Mãe		Filho(a)		Subtotal	
<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
<b>Produtivas</b>	30	34,1	28	31,8	30	34,1	88	51,8	1	33,3	1	33,3	1	33,3	3	4,1
<b>Extracurriculares</b>	8	17,0	13	27,7	26	55,3	47	27,6	2	18,2	1	9,1	8	72,7	11	14,9
<b>Lazer</b>	9	33,3	8	29,6	10	37,0	27	15,9	18	33,3	17	31,5	19	35,2	54	73,0
<b>Religiosas</b>	1	12,5	3	37,5	4	50,0	8	4,7	1	16,7	1	16,7	4	66,7	6	8,1
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>28,2</b>	<b>52</b>	<b>30,6</b>	<b>70</b>	<b>41,2</b>	<b>170</b>	<b>100,0</b>	<b>22</b>	<b>29,7</b>	<b>20</b>	<b>27,0</b>	<b>32</b>	<b>43,2</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

*Notas.* Os totais correspondem ao número de verbalizações para cada categoria, sendo que um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria.

Dentre as atividades de lazer relatadas pelos genitores e filhos, encontravam-se: (a) atividades ‘culturais’, que incluíam cinema, teatro, festas, leitura e, principalmente, TV; (b) ‘encontros’ em locais públicos/ ‘passeios’ a parques, *shopping centres*, fazendas, viagens e boliche; (c) ‘brincadeiras’ com cachorro, jogos de *ping pong*, futebol e banho de piscina; (d) ‘atividades desportivas e hobbies’: clubes, escotismo, futebol; (e) atividades esportivas; e (f) ‘visitas’ a parentes e amigos. ‘Assistir TV’ e ‘encontros com familiares’ eram comuns a todas as famílias participantes, sendo que, os encontros com familiares e os eventos sociais eram compartilhadas, por todos os membros da família, em 29 (96,7%) delas. Das 27 (90%) famílias que praticavam atividades esportivas como forma de lazer, em 16 (59,3%), elas eram realizadas pelos familiares em conjunto e com regularidade por 15 delas (55,6%). A Tabela 7 mostra as atividades de lazer praticadas pelos familiares.

Tabela 7

*Tipos de Atividades de Lazer Realizadas em Família, segundo os Genitores*

Atividades de Lazer	Configuração Familiar									
	PM		PF		MF		MFF		T	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
TV, música, vídeo game e computador			3	10,0	1	3,3			26	86,7
Esportivas	1	3,7	6	22,2	1	3,7	3	11,1	16	59,3
Religiosas, missas e cultos em geral	2	9,5	1	4,8	4	19,0			14	66,7
Estudo/ trabalhos escolares					3	11,5	4	15,4	19	73,1
Assistência à comunidade, trabalho voluntário			1	14,3					6	85,7
Eventos sociais, festas e comemorações									29	100,0
Encontros com familiares/ amigos							1	3,3	29	96,7
Visitas a parentes							1	4,0	24	96,0
Eventos culturais, cinema, teatro, exposições			2	7,1	1	3,6	2	7,1	23	82,1
Encontros em locais públicos/ alimentação					1	3,4	1	3,4	27	93,1
Festas típicas	1	3,6					1	3,6	26	92,9

Notas. P – pai; M- mãe; F - filho(a); T - todos.

O questionário foi respondido ou pelas mães ou por mães e pais, totalizando  $n=30$  famílias.

A Tabela 8 mostra que, em geral, as atividades de lazer eram muito frequentes ( $n=175$ ; 62,5%), assim como as viagens, que foram acrescentadas pelos participantes, como comuns ao cotidiano desses grupos familiares.

Tabela 8

*Frequência de Atividades de Lazer Realizadas em Família, segundo os Genitores*

Atividades de Lazer	Frequência					
	Sempre		Frequentemente		Raramente	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
TV, música, vídeo game e computador	26	86,7	3	10,0	1	3,3
Esportivas	15	55,6	6	22,2	6	22,2
Religiosas, missas e cultos em geral	9	42,9	7	33,3	5	23,8
Estudo/ trabalhos escolares	16	61,5	7	26,9	3	11,5
Assistência à comunidade, trabalho voluntário	1	14,3	1	14,3	5	71,4
Eventos sociais, festas e comemorações	19	65,5	8	27,6	2	6,9
Encontros com familiares/ amigos	21	70,0	6	20,0	3	10,0
Visitas a parentes	18	72,0	4	16,0	3	12,0
Eventos culturais, cinema, teatro, exposições	10	35,7	8	28,6	10	35,7
Encontros em locais públicos/ alimentação	20	69,0	3	10,3	6	20,7
Festas típicas	20	71,4	1	3,6	7	25,0

Notas. P – pai; M- mãe; F - filho(a); T - todos.

O questionário foi respondido pelas mães ou por mães e pais, totalizando  $n=30$  famílias.

Da mesma forma, diferentes práticas esportivas também faziam parte da rotina semanal das famílias, principalmente, dos filhos ( $n=26$ ; 86,7%) e, em menor frequência,

dos genitores ( $n=8$ ; 26,7%). Além dos esportes, as famílias também relataram se engajar em atividades físicas não tão regulares, como caminhadas, corridas, ciclismo, motociclismo e automobilismo; atividades musicais, como aulas de instrumento ou canto; lutas, artes marciais ou jogos de capoeira; e, atividades socioculturais, tais como aulas de línguas e artes.

Quanto às atividades religiosas, dentre as famílias que disseram adotar uma religião ( $n=28$ ; 93,3%), 15 (53,6%) revelaram freqüentar cursos, aulas de catequese, cultos, missas e grupos e trabalhos assistenciais, geralmente em conjunto, e 7 (46,7%) delas, com freqüência semanal. Os trabalhos de assistência à comunidade foram citados em 12 verbalizações, sendo que, em 5 (41,7%) todos participavam, e destas, 4 (80%), apenas raramente. A Figura 14 ilustra a freqüência com que as famílias participantes relataram comparecer às atividades religiosas.

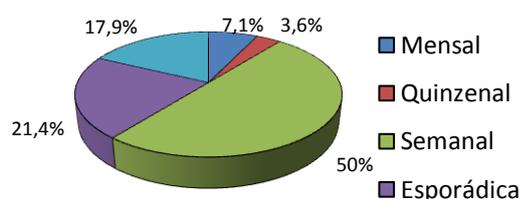


Figura 14. Percentuais da freqüência no comparecimento das FA às atividades religiosas, segundo os genitores.

### ***As Relações Familiares nas Famílias Atuais dos Adolescentes-foco***

Assim como os genitores relataram suas percepções a respeito das relações conjugais de seus próprios pais/mães, em suas famílias de origem, também houve relatos a respeito destas relações nas famílias atuais, por parte dos participantes (genitores e filhos). As 114 verbalizações a respeito da relação entre os parceiros conjugais foram categorizadas em 7 padrões de comunicação, a saber: ‘proximidade/união’, ‘cumplicidade/ amizade’, ‘abertura ao diálogo’, ‘cooperação/ apoio’, ‘expressão de sentimentos’ e ‘participação/ compartilhamento’. Em algumas de suas verbalizações, os participantes reconheceram a relação entre eles como pautada na ‘proximidade/união’ ( $n=6$ ; 5,8%): *Desde que nos mudamos pra Brasília, ficamos mais unidos (FAM2P)*. Eles se consideraram ‘cúmplices/ amigos’ ( $n=6$ ; 5,8%) e ‘abertos ao diálogo’ ( $n=5$ ; 4,8%): *[...] é muito companheiro, paizão, maridão. A minha relação com ele é de muita cumplicidade (FAM8M)*. Eles se ‘apoiavam’ ( $n=6$ ; 5,8%): *Passei onze anos*

*estudando pra concurso e ele sempre me deu muita força (FAM22M); e, principalmente, se sentiam a vontade para ‘expressar seus sentimentos’ pelo(a) parceiro(a) (n=20; 19,2%), tais como carinho/ amor e respeito/ confiança: Ela não me impede de fazer nada, eu não impeço de fazer nada. Quer dizer, não vou chegar em casa uma hora da manhã [risos] (FAM19P).*

No entanto, segundo genitores e filhos, o que mais caracterizava as relações entre os casais era o grau de ‘participação/ compartilhamento’ (n=71; 62,3%) entre eles, tanto das responsabilidades com a casa e os filhos, quanto do tempo livre para o casal ou para atividades de lazer em família. Apesar de consideradas permeadas por afeto e cumplicidade, os genitores revelaram, em 34 verbalizações (47,9%), que ‘compartilhavam’ tais responsabilidades e/ou atividades, enquanto que em outras 37 (52,1%), eles ‘não compartilhavam ou compartilhavam pouco’.

Das verbalizações em que era descrito que os familiares ‘compartilhavam muito’ (n=34), eles dividiam, principalmente, as tarefas domésticas e de cuidado com os filhos: *Aqui em casa a gente faz tudo [...] não tem serviço doméstico nenhum que considero que “tá” me ajudando; “tá” fazendo o papel dele [...] cada um tem um papel e não tem muito esse modelo, assim, mais machista, de que ele tem alguma coisa esperada (FAM33M). / A gente faz compras de mercado juntos, ou então eu faço. Eu levo A. pra escola, A. leva o P.. Final de semana, eu que me preocupo mais com a comida, a A. cuida mais da parte de roupa, coisa da limpeza (FAM9P).* E os momentos de lazer ou o tempo livre, juntos, também tinham significado importante para eles: *A gente procura ficar o tempo todo junto, em casa, a gente caminha junto, faz ginástica junto, sai sexta-feira prum bar com os amigos (FAM19P).*

Porém, eles mencionaram ‘compartilhar pouco ou não compartilhar’ (n=37) pelo menos uma das quatro atividades – domésticas, de cuidado aos filhos, tempo livre e lazer – sendo que as tarefas domésticas regulares, quando não compartilhadas eram atribuídas, principalmente, à parceira/ mãe (n=10), assim como o cuidado dispensado aos filhos (n=5): *Ela assumiu os encargos da casa mesmo. Compras, faz sozinha, muito independente, tudo, carro, resolve tudo. Então quando eu posso ajudar, eu tô sempre tentando e eu não consigo [...] perdi o costume dessa coisa de pagar conta (FAM23P).* Os casais alegaram terem pouca/nenhuma disponibilidade de tempo juntos, especialmente, para o lazer, conforme apontam os exemplos: *Ela já me cobrou pra sair mais, estar mais tempo sozinho, de casal. [...] a gente sempre achou meio ruim sairmos pra ir curtir uma viagem e não levar os nossos filhos (FAM2P).*

A Figura 15 mostra os padrões de comunicação entre os parceiros nas FA.

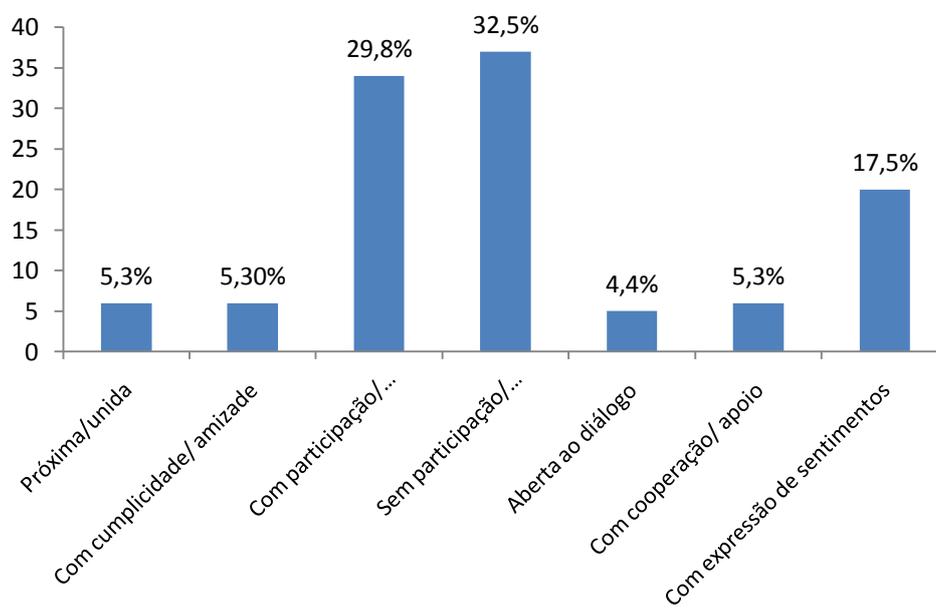


Figura 15. Percentuais dos padrões de comunicação nas relações conjugais nas FA, segundo genitores e filhos.

Por outro lado, das 184 verbalizações emitidas por genitores e filhos, a respeito da opinião se o casal combinava, 114 (62%) foram positivas, enquanto 70 (38%) foram negativas. Para os que relataram que ‘combinavam’ ( $n=114$ ), foram atribuídas, principalmente, ‘semelhanças’ ( $n=82$ ; 71,9%), mas, também, ‘diferenças’ entre eles ( $n=32$ ; 28,1%). As semelhanças se referiram, especialmente, ao valor atribuído à família e aos filhos, além de interesses comuns e ideologias/valores semelhantes: *A visão que a gente tem em relação à família, nisso a gente é totalmente igual (FAM16M)*. Mas, os participantes alegaram, também, ambições profissionais, classe social, sexo, moradia, finanças, temperamentos, entre outros aspectos comuns, como citou uma filha: *Eles são bem parecidos, e às vezes eles brigam igual [...] falam as mesmas coisas (FAM26F)*. Porém, os participantes consideravam que as ‘diferenças’ entre o casal, referentes a temperamentos, ideologias e interesses, entre outras, eram ‘complementares’ na relação, justificando a forma como percebiam que combinavam entre si: *Eu acho que o que combina na gente é que a gente é muito diferente. Ela segura as pontas em casa, e consegue levar essa parte toda mais da iniciativa. Se deixar por minha conta eu num sou muito organizado (FAM8P)*.

Entretanto, os participantes também alegaram a existência de diferenças, que

faziam com que eles ‘não combinassem’ ( $n=70$ ). Apesar de muitos não identificarem quais, foram consideradas questões divergentes, como a respeito de família e filhos; interesses pessoais; origem/ formação e ideologias/valores: *A C. é mais passível, eu sou meio retraído. A C. gosta de festa, de beber, eu já não gosto tanto de festa, gosto de beber mais moderado, gosto de esporte (FAM19P)*. A Figura 16 mapeia as diferenças e semelhanças entre os parceiros, nas relações conjugais apontadas pelos participantes nas famílias atuais.

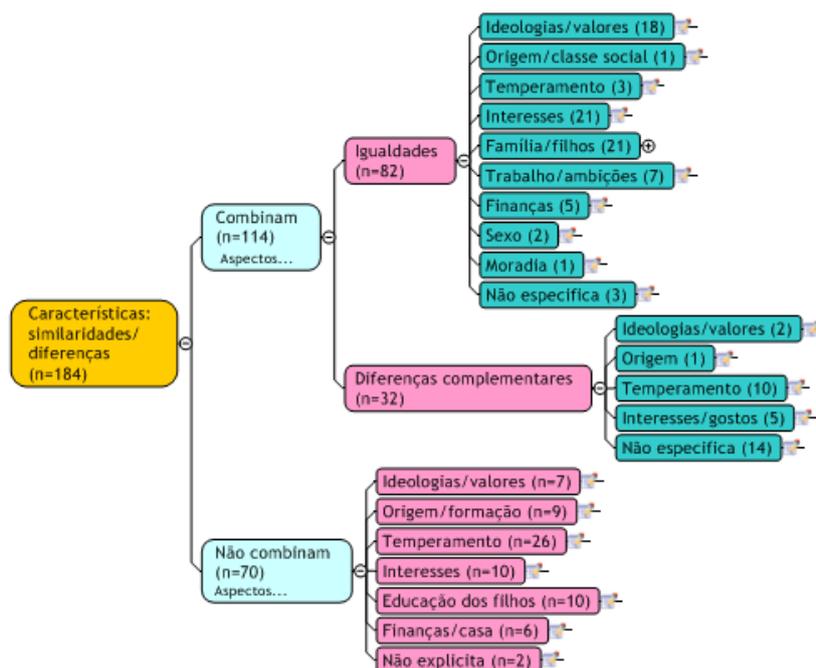


Figura 16. Similaridades e diferenças entre os parceiros nas FA, segundo genitores e filhos.

As verbalizações a respeito das relações parentais nas FA foram classificadas em padrões de comunicação existentes entre eles: ‘proximidade’, ‘participação’, ‘abertura para o diálogo’, ‘expressão de afeto’, ‘cooperação e cuidado’, conforme mostra a Figura 17.

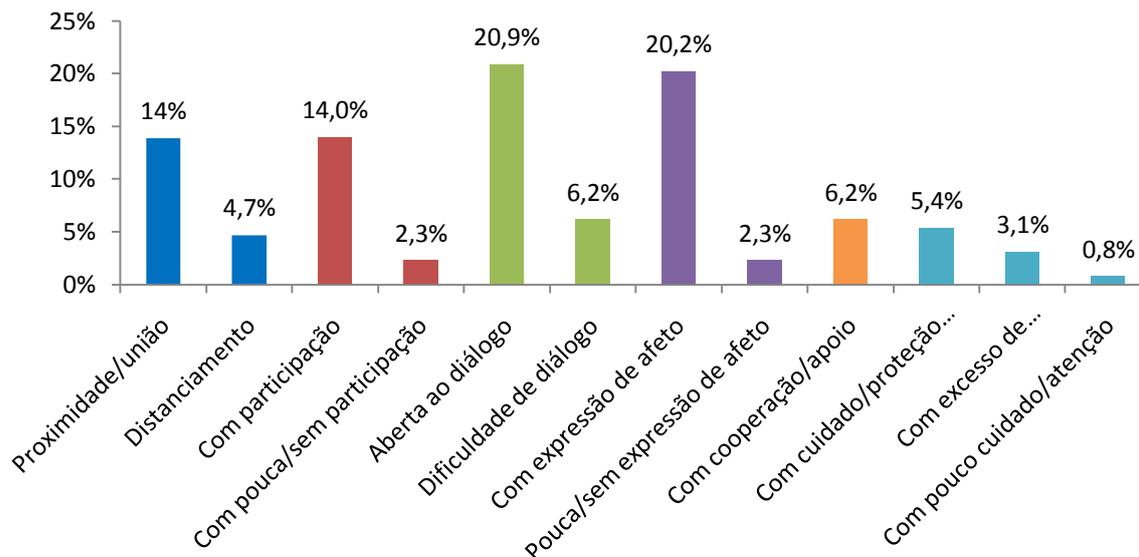


Figura 17. Percentuais dos padrões de comunicação nas relações familiares nas FA, segundo genitores e filhos.

Das 129 verbalizações que revelaram padrões de comunicação familiar nas FA, genitores e filhos mencionaram que, quanto ao grau de proximidade entre os familiares, eles eram ‘próximos/ unidos’ ( $n=18$ ; 14%): *Eles (filhos) tão sempre junto conosco (FAM21M). / A gente tem uma relação muito boa. É muito legal. Meus pais são muito presentes até hoje. Minha mãe, agora, que ela trabalha mais. Souberam lidar muito bem, dando tudo de melhor (FAM33F)*. Entretanto, em algumas verbalizações ( $n=6$ ; 4,7%), eles demonstraram se ver como ‘distantes/ desunidos’, devido à formação de alianças, isto é, quando um se afastava ou era afastado pelos outros membros: *Muitas vezes, é muito eu e a A.L. (filha). Eu e a A.L. colocamos ele (pai) de fora em algumas coisas, e ele se coloca de fora (FAM10M). / Afasto ele, anulo, às vezes, ignoro, distancio. Eu compartilho e divido muito com filho, mas com marido eu não consigo. É difícil ter essa união (FAM17M)*.

Para eles, era importante compartilhar o tempo e as atividades em família ( $n=18$ ; 14%), seja fazendo as refeições juntos, como em atividades de lazer em família ou entre outras situações do cotidiano familiar: *Consigo, hoje, praticamente todos os dias deixar meus filhos na escola, buscar (FAM11P). / Eu estudo com meu pai [...] mas eu prefiro estudar (a conversar) com ele (pai) (FAM30F)*. Porém, havia dificuldades e, quando ‘não participavam’ ( $n=3$ ; 2,3%): *Percebo que ela gosta de participar, e a gente, às vezes, não dá tanto espaço. É o jeito de ser criado (FAM14M). / Sou mais pra brincar.*

*Saio com eles (meninos, e mais novos), sempre, pra uma chácara (FAM17P).*

Segundo os familiares, a maior parte deles era ‘aberta ao diálogo’ ( $n=27$ ; 20,9%), pois: *Todos tentam ter uma sintonia [...] É sempre se comunicar, sempre opinar, falar como foi o seu dia [...] (FAM11F).* No entanto, também havia ‘dificuldade de diálogo’ ( $n=6$ ; 6,2%) entre eles, observado, principalmente, pelas mães: *Não conversam, não tem um assunto agradável. Em geral, quando a gente inicia uma conversa, logo, já tem algum conflito (FAM10M). / Não sei se ele está expondo o que ele pensa, não (FAM24M).*

Quando questionados a respeito de com quem os adolescentes-foco gostavam de conversar, dos 13 relatos, 8 (61,5%) revelaram preferência pelas mães, como no caso da filha que considerou que a mãe ‘se põe no lugar dela’; eles também alegaram que isto ocorria porque a mãe *é mais calma e entende determinadas coisas* (meninos) que os pais não. Para 2 pais, os filhos preferiam conversar com a mãe, pois ela *sabia ouvi-los*, e porque eles *sentiam medo ou respeito* por ele (pai). Já para 3 mães, isso acontecia porque elas perguntavam muito, estavam mais abertas para ouvir, e brincavam, ‘não levando tão a sério as coisas’, como mostra o exemplo: *Pergunto muito. Pego ela na escola todo dia, vou ‘na oratória’, bem light, brincando; não dou muita conversa, que tem coisas que eu acho que não tem que ficar com muito...(FAM15M).* Uma mãe alegou que o pai era mais paciente, por isso a preferência do filho: *O H. tem a paciência de sentar, de conversar: "Vou viajar essa semana, sua mãe tá de TPM, ajuda ela, obedece. Eu já não tenho essa paciência (FAM2M).* Ainda, 3 filhos e 1 mãe alegaram que os filhos não tinham preferências; conversavam com ambos igualmente.

Entretanto, dentre os que demonstraram ter ‘dificuldade de diálogo’ ( $n=8$ ): um pai desconfiava se seu filho lhe contava tudo; dois alegaram que seus filhos não gostavam de falar com eles; e um disse que percebia esta dificuldade em si mesmo, e tentava vencer. Uma mãe alegou que a filha era muito calada e tentava trazê-la mais próxima: *Tenho tentado trazer ela um pouco mais pra próximo, mas ela é muito caladona, como eu sempre fui também. Parece que eu não consigo descer ao nível dela; quero que ela entenda exatamente o que eu quero dizer, e nem sempre ela entende (FAM31M).*

Os temas mais frequentemente tratados nas conversas familiares são mostrados na Tabela 9.

Tabela 9

*Frequência dos Temas de Conversação em Família, segundo os Genitores*

Temas	Configuração Familiar							
	PM		PF		MF		T	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<b>Finanças: mesada, despesas</b>	5	16,7	2	6,7			23	76,7
<b>Trabalho</b>	13	43,3	2	6,7	3	10,0	9	30,0
<b>Rotina e tarefas de casa</b>	13	43,3			3	10,0	9	30,0
<b>Rendimento acadêmico</b>			1	3,3			28	93,3
<b>Amizades</b>			3	10,0	3	10,0	26	86,7
<b>Higiene e saúde</b>			2	6,7	1	3,3	25	83,3
<b>Religião</b>	1	3,3	1	3,3	3	10,0	15	50,0
<b>Namoro e Sexo</b>			1	3,3	5	16,7	16	53,3
<b>Bebida/drogas</b>			1	3,3			23	76,7
<b>Horários: de chegar, dormir</b>			5	16,7	1	3,3	27	90,0
<b>Modo de vestir</b>							18	60,0
<b>Lazer e férias</b>							28	93,3

*Notas.* P – pai; M- mãe; F - filho(a); T - todos.

Em relação à frequência dos assuntos por eles tratados, de acordo com o total de famílias (N=30): (a) os temas estavam relacionados às ‘amizades’ dos filhos ( $n=26$ ; 86,6%), ‘lazer’ ( $n=25$ ; 83,3%), ‘escola e rendimento acadêmico’ ( $n=24$ ; 80,3%) e ‘horários’ ( $n=23$ ; 76,7%); (b) 10 dos 12 temas apresentados eram conversados com mais frequência por todos os familiares; (c) os pais conversavam entre si sobre seus próprios trabalhos ( $n=13$ ) e sobre a rotina da casa ( $n=13$ ); e (d) 11 famílias nunca conversavam sobre ‘religião’ ( $n=11$ ; 36,7 %), enquanto que 9 (30%) não abordavam o assunto ‘namoro e sexo’, alegando que os filhos: [...] *não tocaram no assunto ainda, não perguntaram sobre isso (FAM8P)*. Ainda, outros temas de interesse da família foram apontados, dentre eles: história da família de origem, história, ciências, realidade/violência, conteúdos da mídia, música, filmes, esportes, carros, e valores. A Figura 18 mostra a frequência com que os familiares conversavam sobre esses temas.

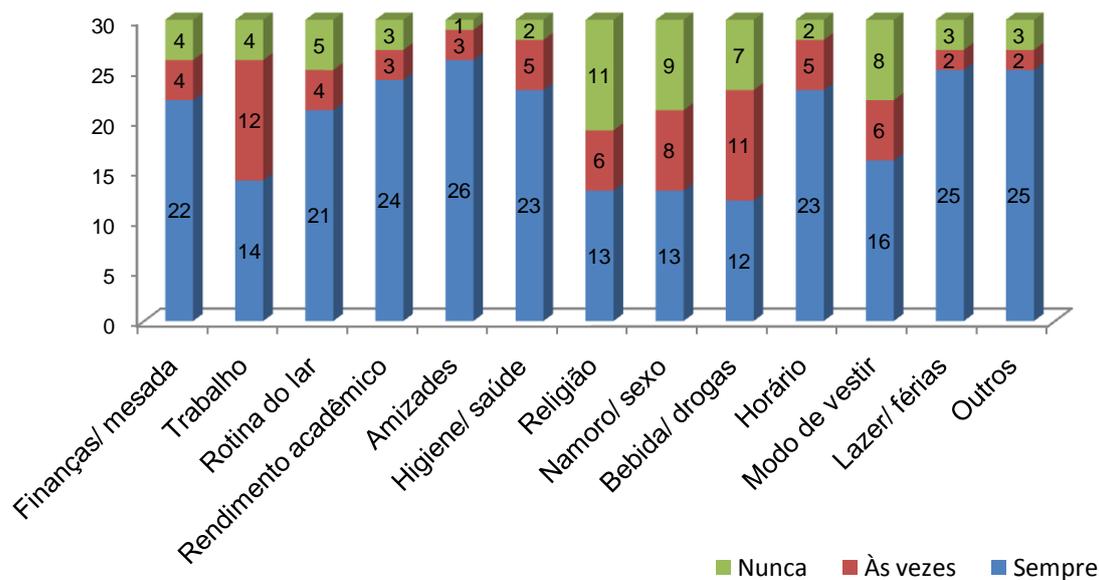


Figura 18. Frequência dos temas de conversação entre genitores e filhos nas FA, segundo os genitores.

Ainda, filhos e genitores eram ‘cooperadores’ ( $n=8$ ; 6,2%), se apoiando uns aos outros nos seus projetos: *(Na minha família somos) Quatro indivíduos, que procuram viver e se apoiar, fazer com que cada um consiga realizar seus projetos (FAM9M).*

Quanto à ‘expressão de sentimentos’ ( $n=29$ ), eles se diziam ‘carinhosos/ amorosos/ amigos’ ( $n=26$ ; 20,2%); se percebiam alegres e se divertiam em família, além de terem respeito uns para com os outros, conforme mostram os exemplos: *Acho que ela é uma família onde há respeito, acho que é importante também, pra saber, pra falar de frustrações, de medos, um monte de coisa (FAM11M). / Meu pai, sempre com piadinha, meus tios, muito engraçados. Não tem aquela cara fechada e só dá ordem (FAM33F).*

Importante notar que, nas FA, tanto a expressão de afeto quanto, principalmente, a abertura para o diálogo, foram destacadas pelos genitores, e não pelos filhos. Mães ressaltaram mais estes padrões, enquanto que pais percebiam mais os padrões relacionados ao grau de participação e compartilhamento dos familiares.

A Tabela 10 mostra os padrões de comunicação familiar presentes nas FO e nas FA, segundo genitores e filhos.

Tabela 10

*Padrões de Comunicação Familiar nas Relações Parentais nas FO e FA, segundo Genitores e Filhos*

Categorias	FO						FA							
	Pai		Mãe		Total		Pai		Mãe		Filho(a)		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<b>Proximidade</b>														
Proximidade/ união	4	13,3	6	20,0	10	12,7	8	26,7	8	26,7	2	6,7	18	14,0
Distanciamento	5	16,7	6	20,0	11	13,9	3	10,0	3	10,0			6	4,7
Proximidade com apenas um	2	6,7	3	10,0	5	6,3								
<b>Subtotal</b>	<b>11</b>	<b>13,9</b>	<b>15</b>	<b>19,0</b>	<b>26</b>	<b>32,9</b>	<b>11</b>	<b>8,5</b>	<b>11</b>	<b>8,5</b>	<b>2</b>	<b>1,6</b>	<b>24</b>	<b>18,6</b>
<b>Participação</b>														
Participação/ compartilhamento	1	3,3			1	1,3	8	26,7	7	23,3	3	10,0	18	14,0
Sem participação	1	3,3	3	10,0	4	5,1	2	6,7	1	3,3			3	2,3
<b>Subtotal</b>	<b>2</b>	<b>2,5</b>	<b>3</b>	<b>3,8</b>	<b>5</b>	<b>6,3</b>	<b>10</b>	<b>7,8</b>	<b>8</b>	<b>6,2</b>	<b>3</b>	<b>2,3</b>	<b>21</b>	<b>16,3</b>
<b>Abertura para o diálogo</b>														
Abertura para o diálogo			2	6,7	2	2,5	9	30,0	15	50,0	3	10,0	27	20,9
Dificuldade de diálogo	5	16,7			5	6,3	2	6,7	5	16,7	1	3,3	8	6,2
Abertura com apenas um	2	6,7	6	20,0	8	10,1								
<b>Subtotal</b>	<b>7</b>	<b>8,9</b>	<b>8</b>	<b>10,1</b>	<b>15</b>	<b>19,0</b>	<b>11</b>	<b>8,5</b>	<b>20</b>	<b>15,5</b>	<b>4</b>	<b>3,1</b>	<b>35</b>	<b>27,1</b>
<b>Expressão de afeto</b>														
Expressão de afeto	4	13,3	3	10,0	7	8,9	5	16,7	13	43,3	8	26,7	26	20,2
Não expressão/ pouco afeto	3	10,0	7	23,3	10	12,7	1	3,3	1	3,3	1	3,3	3	2,3
<b>Subtotal</b>	<b>7</b>	<b>8,9</b>	<b>10</b>	<b>12,7</b>	<b>17</b>	<b>21,5</b>	<b>6</b>	<b>4,7</b>	<b>14</b>	<b>10,9</b>	<b>9</b>	<b>7,0</b>	<b>29</b>	<b>22,5</b>
<b>Cooperação</b>														
Cooperação/ apoio	3	10,0	1	3,3	4	5,1	2	6,7	3	10,0	3	10,0	8	6,2
Sem cooperação			2	6,7	2	2,5								
<b>Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>3,8</b>	<b>3</b>	<b>3,8</b>	<b>6</b>	<b>7,6</b>	<b>2</b>	<b>1,6</b>	<b>3</b>	<b>2,3</b>	<b>3</b>	<b>2,3</b>	<b>8</b>	<b>6,2</b>
<b>Cuidado</b>														
Cuidado/ proteção adequada	1	3,3	4	13,3	5	6,3	1	3,3	3	10,0	3	10,0	7	5,4
Cuidado excessivo	1	3,3	2	6,7	3	3,8	2	6,7	2	6,7			4	3,1
Pouco/ nenhum cuidado	1	3,3	1	3,3	2	2,5					1	3,3	1	0,8
<b>Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>3,8</b>	<b>7</b>	<b>8,9</b>	<b>10</b>	<b>12,7</b>	<b>3</b>	<b>2,3</b>	<b>5</b>	<b>3,9</b>	<b>4</b>	<b>3,1</b>	<b>12</b>	<b>9,3</b>
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>41,8</b>	<b>46</b>	<b>58,2</b>	<b>79</b>	<b>100,0</b>	<b>43</b>	<b>33,3</b>	<b>61</b>	<b>47,3</b>	<b>25</b>	<b>19,4</b>	<b>129</b>	<b>100,0</b>

Notas. FO – Família de Origem; FA – Família Atual.

Os totais correspondem ao número de verbalizações para cada categoria, sendo que um mesmo participante pode ter mencionado mais de uma categoria.

### *Semelhanças e Diferenças entre as Famílias de Origem e Atuais, na Perspectiva dos Genitores*

Mesmo sem terem sido perguntados, os genitores ( $n=58$ ; 96,7%) participantes deste estudo compararam suas famílias de origem (FO) com as famílias atuais (FA) e, de um total de 295 verbalizações a este respeito, foram apontadas ‘semelhanças’ ( $n=25$ ; 8,5%), mas,

principalmente, ‘diferenças’ ( $n=270$ ; 91,5%) entre suas famílias. Semelhanças nas ‘concepções e importância atribuída à família’ ( $n=1$ ; 4%) e aos ‘valores e ideologias’ ( $n=5$ ; 20%) foram apontadas, sendo que estes últimos transmitidos se referiam à solidariedade, honestidade e respeito ao próximo e à família, como mostra um exemplo: (Como os pais) *Dar, não ter tanto egoísmo, apego a algumas coisas. Sempre procuro passar pra ela (FAM22P)*. Em uma verbalização, a mãe revelou que ela e o parceiro receberam modelos de família que continuavam seguindo em suas famílias: *As nossas famílias são famílias que também foram muito modelares pra gente, os pais dele são casados, os meus também e a gente se dá muito bem com as famílias (FAM33M)*.

Algumas semelhanças entre as características da ‘adolescência/ do adolescente’ de antes e o atual ( $n=4$ ; 16%) foram apontadas, como mostram os exemplos: *Tem coisas iguais [...] hoje tem, atitudes, maneira de se portar, maneira de falar, é retrato fidedigno da minha pessoa (FAM6P)*.

Houve relatos de semelhanças entre as ‘atitudes’ adotadas para com os filhos e outras pessoas ( $n=3$ ; 12%), e aquelas adotadas por seus pais: *Minha maneira de agir com as pessoas, de conversar com as pessoas, eu me inspirei muito nas atitudes do meu pai e da minha mãe (FAM2P)*.

As ‘práticas educativas’ ( $n=6$ ; 24%) das FA relatadas eram similares aos de seus pais, pois incluíam muita ou pouca liberdade/ autonomia e/ou estabelecimento de limites e a punição física. Ainda, em alguns casos ( $n=6$ ; 24%), eles observavam semelhanças, mas afirmaram não saber como identificá-las. A Figura 19 revela as semelhanças apontadas pelos genitores entre suas famílias de origem e suas famílias atuais.

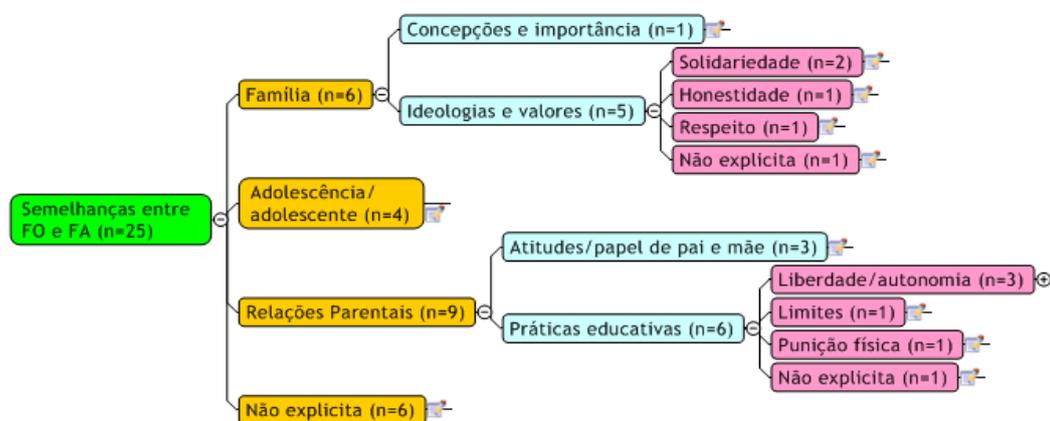


Figura 19. Semelhanças entre as FO e as FA, segundo os genitores.

Entretanto, foi apontado um número bem maior de ‘diferenças’ ( $n=270$ ) entre as famílias de origem e as atuais. Na maior parte das vezes, elas estavam associadas à ‘vida

familiar' ( $n=111$ ; 41,1%), por exemplo, com relação às 'concepções de família e de união conjugal' ( $n=4$ ; 3,6%): *Ninguém aprende a casar, ninguém aprende a ter filho. Esse conhecimento não é passado (FAM6M)*; e com relação às 'rotinas familiares' ( $n=7$ ; 6,3%): *(As crianças de hoje) tão muito ociosas (FAM28P)*.

Na vida familiar e, mais especificamente, nas 'relações conjugais' atuais ( $n=3$ ; 2,7%), foi percebido mais companheirismo e igualdade entre os cônjuges: *Me surpreende de não querer ir ao encontro dos amigos pra não deixar a família, e não me sobrecarregar (FAM6M)*.

Quanto às diferenças observadas nas 'relações parentais' ( $n=85$ ), os 'papéis' entre pais e filhos, hoje, estavam 'mais iguais' ( $n=9$ ; 10,5%): *E eu nunca fiz isso com os meus pais, eu era submissa (FAM4M)*. / *Acho que existia uma hierarquia mais rígida, no sentido de que as decisões estavam com os pais, e os filhos seguiam o que os pais decidiam (FAM28M)*.

Segundo eles, as mudanças nessas relações apontaram um 'aumento na participação' ( $n=10$ ; 11,8%) dos familiares, apesar de que em 2 (2,4%) relatos, os genitores tenham se considerado menos presentes e participativos do que seus pais foram: *Hoje, todo mundo participa de tudo, de todas as decisões, e na minha época não era assim (FAM28M)*. Além disso, a 'abertura para o diálogo' ( $n=14$ ; 16,4%) e para a expressão de opiniões, com filhos que, hoje, 'questionam e se posicionam mais' ( $n=8$ ; 9,4%), foram padrões apontados nas famílias atuais: *Quando o pai falava ninguém questionava (FAM8P)*. Apesar dos adolescentes atuais terem 'mais liberdade' ( $n=8$ ; 9,4%), especificamente com relação à expressão de opiniões; eles têm 'menos liberdade' ( $n=17$ ; 20%) de ação: *(Criar hoje) dando aquela liberdade vigiada [...] que eu fui criado, numa liberdade mesmo. Os pais não dão essa chance da autonomia (FAM21P)*.

Há, também, diferenças em relação às práticas educativas parentais: as atuais precisaram sofrer 'adaptações' ( $n=3$ ; 3,5%): *Adoto regras de educação como as dos meus pais, mas muito adaptadas. Porque não tem como aplicar o que foi aplicado comigo com elas. (FAM23P)*. Hoje, os genitores se declaram 'menos punitivos' ( $n=8$ ; 9,4%), visto que, por um lado, os filhos são vistos como mais impositivos ou mimados, e, por outro, os pais são considerados mais superprotetores e utilizam de compensações e negociações para educá-los, como na fala: *(São) muitos pais separados e causa alguns problemas: um quer agradecer mais que o outro à criança (FAM23P)*. / *Se fosse na época da minha mãe, era no chinelo, cinto. O tapa na cara, isso eu não trouxe; crio hoje, na bronca (FAM16M)*. / Por outro lado, as mães foram consideradas 'mais rígidas/ controladoras' ( $n=2$ ; 2,4%), pois: *Eu*

sou meio desconfiada com a amizade das meninas, fico mais de olho, querendo saber que família; coisas que minha mãe nunca, na vida, pensou (FAM30M). A Figura 20 mostra as diferenças percebidas pelos genitores entre as relações parentais, nas FO e FA.

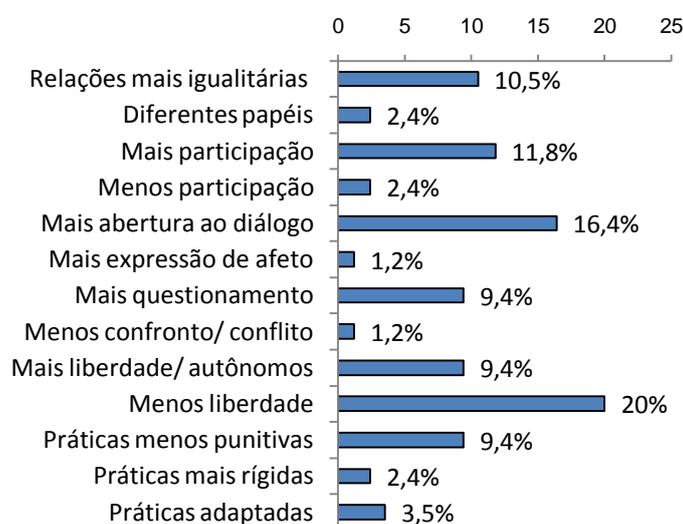


Figura 20. Percentuais das diferenças entre as relações parentais na adolescência, nas FO e FA, segundo os genitores.

Em um contexto diferenciado, os valores atuais, apesar do número reduzido de verbalizações a respeito ( $n=8$ ) também foram considerados diferentes, principalmente, quanto à ‘moral/ ética’ ( $n=4$ ; 50%). Dentre esses valores, cabe ressaltar que os genitores consideram que os filhos, hoje, se mostram ‘menos respeitosos’, e que os valores atuais ‘menos coerentes e claros’, ‘mais flexíveis/ abertos’: [...] a novela das 8 é só traição (FAM25P). A Figura 21 mostra a categorização das percepções dos genitores quanto às diferenças entre os valores recebidos nas suas FO e os transmitidos aos filhos nas FA.

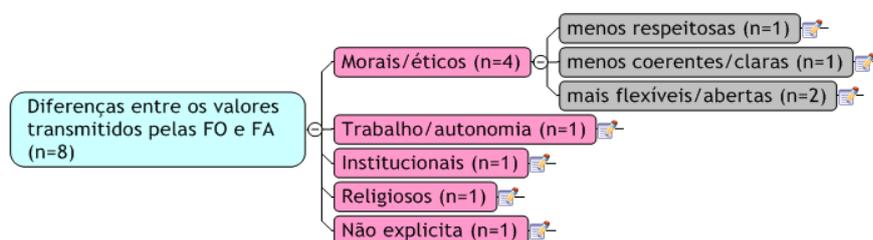


Figura 21. Diferenças entre valores transmitidos pelas FO e FA, segundo os genitores.

De acordo com os genitores, em comparação ao passado, do total de 93 relatos, foi possível identificar mudanças importantes ocorridas no contexto de vida social, tanto em relação às ‘facilidades’ ( $n=46$ ; 49,5%) como às ‘limitações’ ( $n=41$ ; 44,1%) e às ‘tendências’ ( $n=6$ ; 6,5%), percebidas nos dias atuais.

Dentre as facilidades ( $n=46$ ), as famílias e, principalmente, o adolescente, têm mais ‘acesso às informações’ ( $n=22$ ; 47,8%), e a ‘bens materiais’ ( $n=10$ ; 21,7%), assim como a ‘formas de comunicação mais eficazes’ ( $n=10$ ; 21,7%), o que os tornam mais esclarecidos: [...] *já são mais esclarecidos em relação a cigarro, o que nós não éramos na nossa época. Vai poder experimentar muita coisa, se ele quiser (FAM12M).*

Paralelamente, também há mais ‘limitações’ ( $n=41$ ), justificadas principalmente pelas condições atuais de vida perpassadas pela ‘violência e maior exposição a riscos’ ( $n=26$ ; 63,4%) que, segundo os genitores, fazem com que a família se sinta despreparada para lidar com a situação: *O mundo ficou mais perigoso, mas a gente vai ter que ensinar como lidar com isso. Embora que às vezes a gente mesmo também não saiba. Hoje, a gente fica mais preocupado com a segurança, e essa, restringe a gente, um pouquinho (FAM34P).* Como mostra o exemplo, há ‘dificuldades de locomoção e acessibilidade’ ( $n=4$ ; 9,8%): *O que que o adolescente faz sozinho, numa cidade grande, hoje, é difícil ele se virar sozinho, porque a pé não tem jeito e o transporte público não tem, é ruim (FAM32P);* e, segundo eles, hoje existem ‘mais preocupações e cobranças’ ( $n=3$ ; 7,3%) e ‘menos oportunidades de trabalho’ ( $n=1$ ; 2,4%). Quanto à socialização dos filhos, há contradições entre os genitores: eles relataram, em algumas verbalizações ( $n=7$ ; 17,1%), que seus filhos têm ‘menos oportunidades de fazer boas amizades’ como eles faziam: *Não vejo a minha filha com amizades sólidas; as que ela tem são a família que conheceu outra família desde a infância (FAM13P);* em outras, mencionaram ‘mais oportunidades de socialização’ ( $n=4$ ; 8,7%): *Acabam aumentando a popularidade, número de relações, mas diminuindo a profundidade (FAM9P).*

Como ‘tendências’ ( $n=6$ ), houve um aumento em relação às ‘experiências com o sexo oposto’ ( $n=4$ ; 66,7%), sendo enfatizado que: *Não tinha esse negócio de ficar dando selinho em todo mundo; na minha época, você vai ficar igual à vassourinha [risos] (FAM15M).* / [...] *não me lembro de, com 13 anos, falando de BV, BVL, não tinha nada disso de “Quantos que eu vou beijar no mesmo dia?” (FAM23M).*

A Figura 22 mostra as diferenças apontadas pelos genitores, entre a vida social dos adolescentes nas FO e nas FA.

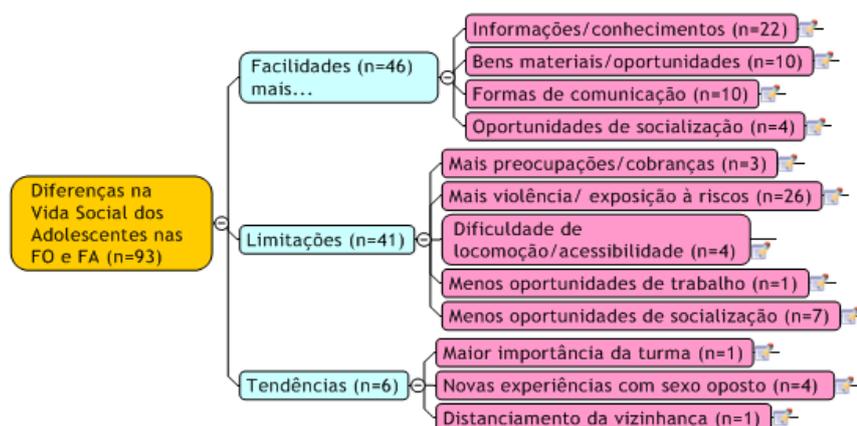


Figura 22. Diferenças na vida social dos adolescentes nas FO e FA, segundo os genitores.

### *Concepções de Família: Famílias “Reais” e Famílias “Ideais”, na Perspectiva dos Genitores e Filhos*

#### *A Família “Real”: Avaliação das Famílias de Origem e das Famílias Atuais*

Nas 20 verbalizações em que os genitores avaliaram suas famílias de origem, elas foram consideradas ‘normais’ por serem ‘bem constituídas, unidas e trabalhadoras’, conforme as verbalizações: *Acho que uma família normal, todo mundo trabalhando, meu pai e minha mãe (FAM14P)*. As ‘tradicionais’ foram assim consideradas, pois, na opinião dos genitores, não mudaram seus princípios, valores, regras e cultura específicas, nem sempre vistas positivamente: *Ter sido a única mulher determinou muita coisa, de bom e de ruim também, porque na família tradicional nordestina, a mulher tem um papel muito desprestigiado e então eu senti muito o peso disso (FAM32M)*. Foram classificadas como ‘estruturadas’ aquelas cuja configuração familiar era nuclear, na qual os genitores consideravam que os filhos eram criados com equilíbrio e tranquilidade: *Eu cresci com essa estrutura, pai, mãe e irmão (FAM29M)*. As famílias ‘problemáticas’ eram aquelas em que os genitores destacavam conflitos provocados pelas diferenças, alienação ou segregação de um de seus membros, como mostram os exemplos: *[...] parece que eu não nasci nela (minha família), não sou dela e não pertencço a ela. Amo o meu pai, minha mãe, minha irmã, mas sou totalmente diferente e, eu não vejo aquilo como família (FAM24P). / Mas a nossa família, ela é muito segregada. A gente se gosta muito, mas a gente não tem eventos de família [...] muito alheios uns aos outros (FAM27P)*. Os diferentes estilos são ilustrados na Figura 23.

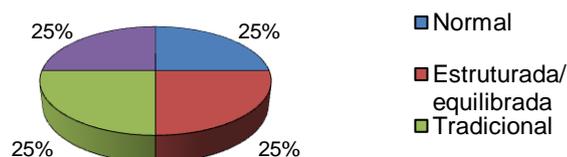


Figura 23. Avaliação das FO, segundo os genitores.

Quanto à avaliação das famílias atuais, das 43 verbalizações citadas por genitores e filhos, 23 (53,5%) descreveram-nas como ‘boas’; 7 (16,3%), como ‘melhores’; 9 (20,9%), ‘em desenvolvimento’; e 4 (9,3%), ‘difíceis/ divididas’. A Figura 24 mostra a forma como os participantes percebiam suas FA no momento da coleta.

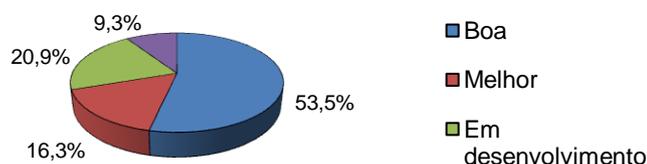


Figura 24. Avaliação das FA, segundo genitores e filhos.

As famílias consideradas como ‘boas’ ( $n=22$ ) foram classificadas em: ‘tranqüilas/ harmônicas’ ( $n=8$ ; 36,4%); ‘estruturadas/ organizadas’ ( $n=6$ ; 27,2%); ‘normais’ ( $n=4$ ; 18,2%), pois não viam nada diferente do padrão; ou ‘saudáveis’ ( $n=4$ ; 18,2%), tanto fisicamente, como no seu modo de viver. Os exemplos ilustram essas categorizações: *Eu acho a nossa família bem equilibrada e bem organizada em termos de horário [...] a semana que minha mãe fica trabalhando, já temos os horários certos e meu pai, esse negócio de levar e buscar muito dividido (FAM33F)*. Algumas famílias estavam ‘melhores’ ( $n=7$ ), como mostra o exemplo: *Hoje, eu tô em outro estágio da minha família [...] Temos condições de dar uma coisa melhor pros nossos filhos, estudo, qualidade de vida melhor (FAM13P)*.

As famílias vistas como ‘em desenvolvimento’ ( $n=9$ ) estavam melhorando, superando dificuldades, conforme aponta o exemplo: *Vejo a gente com muita coisa pra melhorar [...] e a gente vai levando e tentando acertar aqui, ali (FAM8P)*.

As consideradas ‘divididas’ ( $n=3$ ) revelavam necessidades de melhoria: *Aqui em casa, ficou meio polarizado o negócio: o H. (filho 1) foi muito pro meu lado e, nesse momento, o R. (filho 2) foi pro lado da mãe (FAM8P)*. Ainda, se comparadas as percepções dos genitores sobre suas famílias de origem e atuais, as primeiras se mostravam mais divididas e com mais problemas do que as outras, sendo que uma das categorias, inclusive, denota a dinâmica do

desenvolvimento dentro das famílias na atualidade.

Particularmente, quanto às respostas dadas ao Questionário de Clima Familiar, de acordo com a percepção dos 30 adolescentes-foco, suas famílias foram consideradas como de clima ‘harmônico’ ( $n=28$ ; 93,3%) ou ‘moderado’ ( $n=2$ ; 6,7%). Aquelas consideradas como de clima harmônico mostravam: índices de comunicação positiva e coesão familiar; familiares à vontade para expressarem seus sentimentos; e genitores promovendo o desenvolvimento dos filhos ao mesmo tempo em que os controlavam/ monitoravam em suas atividades. Nenhuma família foi considerada conflituosa pelos adolescentes-foco, conforme apresentado na Figura 25.

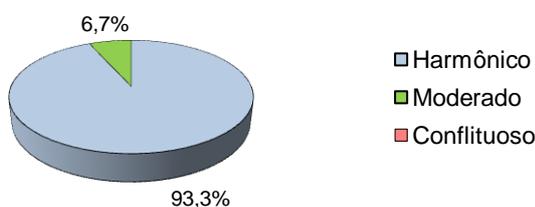


Figura 25. Avaliação do clima familiar nas FA, segundo os filhos.

Dos dois adolescentes-foco que consideraram suas famílias como tendo clima ‘moderado’, um (Ad1) era menino, com 13,5 anos de idade e cursando o 8º ano do Ensino Fundamental; outro (Ad2) era menina, com 11,2 anos de idade e cursando o 5º ano do Ensino Fundamental. Suas famílias tinham algumas semelhanças de perfil, já que ambos os casais de genitores eram casados legalmente, com tempo de união entre 11 e 15 anos, e eles tinham duas irmãs ou dois irmãos mais novos, respectivamente. Eles moravam em casas próprias, em condomínios nos arredores da cidade, sendo que no domicílio do Ad2 morava mais um membro da família, caracterizando, assim, uma família extensa. Quanto às ocupações e à renda familiar, na família do Ad1, ambos os genitores tinham nível superior e ocupações com jornadas de 8 ou mais horas de trabalho diárias, sendo a família classificada como no nível socioeconômico B1. Na família do Ad2, a mãe tinha nível superior e trabalhava 8 horas diárias, enquanto o pai tinha nível básico e uma ocupação com a menor renda de todo o grupo ( $N=60$ ), trabalhando por regime de plantão, sendo esta família classificada como B2.

Em termos qualitativos, Ad1 considerava que a família tinha clima ‘moderado’, pois, nela, não se sentia à vontade para expressar, seus sentimentos e preocupações, além de observar críticas. Ad2 achava que os familiares conversavam pouco sobre questões cotidianas, e que não gostavam de compartilhar o tempo em família. Cabe ressaltar que

ambos se diziam no estágio de desenvolvimento infantil, fato que não condizia com as visões de seus genitores, que já os consideravam pré ou adolescentes.

Quando os familiares foram questionados sobre a vida em família, das 113 verbalizações a respeito, 61 (54%) foram classificadas como ‘satisfatórias’; 43 (38%), com ‘dificuldades e conflitos superáveis’; e 9 (8%) foram consideradas ‘difíceis’.

Dentre aquelas vistas como ‘satisfatórias’ ( $n=61$ ) apresentavam ‘boa convivência e relacionamento familiar’ ( $n=23$ ; 37,7%); ‘sucessos e realizações’ alcançados por seus integrantes ( $n=6$ ; 9,8%); e ‘conforto e tranquilidade’ com que viviam ( $n=6$ ; 9,8%): *Tô muito satisfeita com a minha vida, com a minha família. Vivo muito bem com o meu marido, com meu pai e minha mãe aqui do meu lado - pra mim é uma benção, eles poderem tá aqui (FAM19M)*, entre outras razões menos mencionadas e não especificadas.

As verbalizações nas quais a vida familiar era vista como ‘com dificuldades e conflitos superáveis’ ( $n=43$ ) se referiram a vários aspectos, principalmente: a rotina intensa de ‘trabalho’ ( $n=6$ ; 14%) e ‘obrigações’ ( $n=6$ ; 14%), além das desavenças nas ‘relações conjugais’ ( $n=5$ ; 11,6%) e ‘parentais’ ( $n=5$ ; 11,6%): *Minha criação não tá boa; poderia ser melhor (FAM12F). / Tirando essas briguinhas (quanto aos filhos), que atrapalha um pouco, eu considero 100% (FAM24P)*.

Entretanto, a vida em família foi considerada ‘difícil’ ( $n=9$ ) devido ao ‘clima familiar’ ( $n=3$ ; 33,3%) e às ‘dificuldades escolares do filho’ ( $n=2$ ; 22,2%), que afetavam todos os membros, e à ‘rotina e condições de vida’ ( $n=4$ ; 44,4%): *Não estou satisfeito hoje porque, [...] tô investindo tudo [...] de tempo, [...] de dinheiro, nesse trabalho [...] sei que ela tá sobrecarregada com os meninos (FAM26P)*. Considerando o total de 9 relatos de insatisfação com relação à vida familiar, 6 (66,7%) foram atribuídos às mães. A Figura 26 apresenta a avaliação que os participantes fizeram do modo de vida de suas famílias atuais, com as respectivas justificativas para tal.

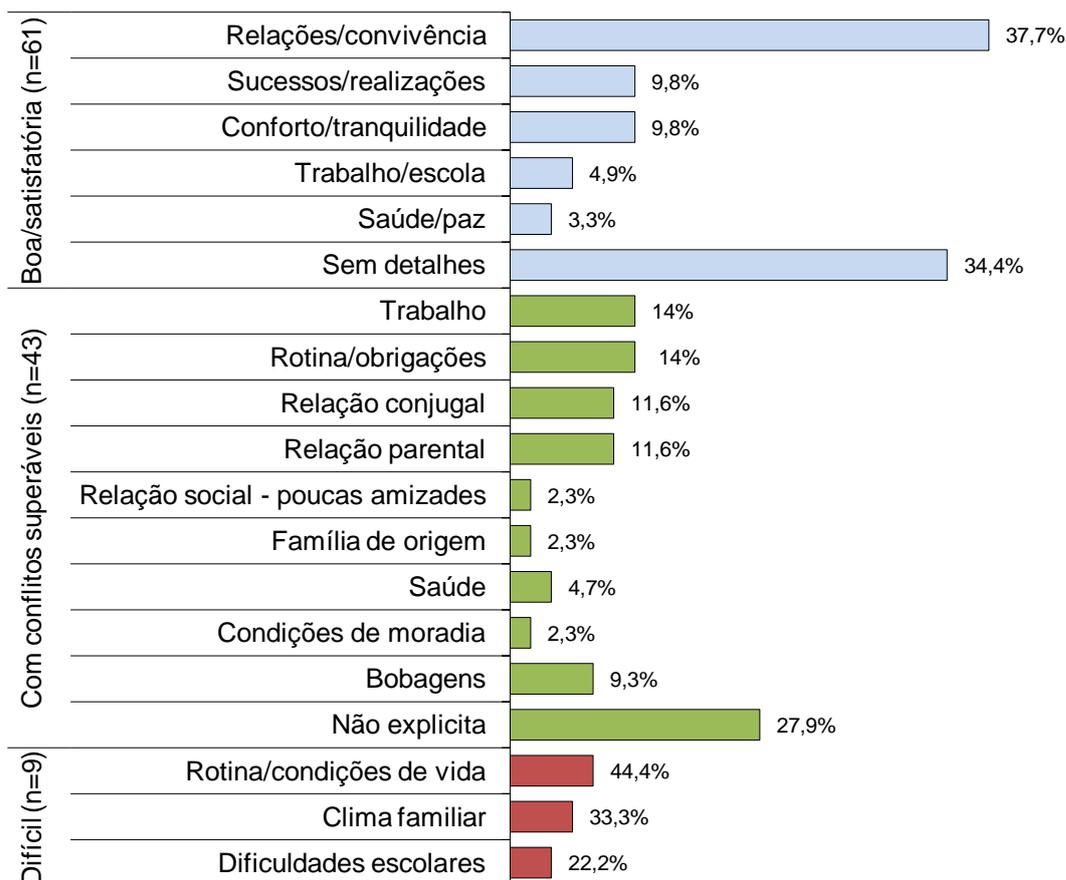


Figura 26. Avaliação da vida familiar nas FA, segundo genitores e filhos.

Na atualidade, as relações conjugais foram avaliadas por 47 genitores e filhos, e de um total de 67 relatos, 32 (47,8%) foram vistas como ‘boas/ harmônicas’; 34 (50,7%), com ‘conflitos superados/ superáveis’; e apenas 1 (1,5%) como ‘conflituosa’. Quando consideradas ‘boas’ (n=32), tinham tranqüilidade, estabilidade, sintonia, diversão, eram saudáveis e leves: *As pessoas gostam da gente como casal. [...] a gente tá se dando bem (FAM33P)*. Quando apresentavam ‘conflitos superados/ superáveis’ (n=34), as relações haviam melhorado porque: *[...] consegue lidar com as dificuldades de uma outra maneira, [...] vai ganhando maturidade ao longo da vida e eu sinto que hoje há mais pontos positivos do que negativos (FAM11M)*; apesar de terem ‘seus altos e baixos’, às vezes, até, por parte de apenas um dos parceiros: *Eu não concordo (o casamento) Não tá cem por cento, devido ao lado dela falar tanto isso, acaba a gente pensando que onde é que tá errando (FAM17P)*. Porém, uma relação foi avaliada como ‘conflituosa’; ela havia piorado desde o casamento: *Hoje, não é a mesma coisa. Mas, a gente tenta levar da melhor forma possível, mas nunca vai ser a mesma coisa como a gente era, quando a gente se casou (FAM10P)*.

A Figura 27 mostra a percepção dos participantes sobre as relações conjugais nos dias atuais.

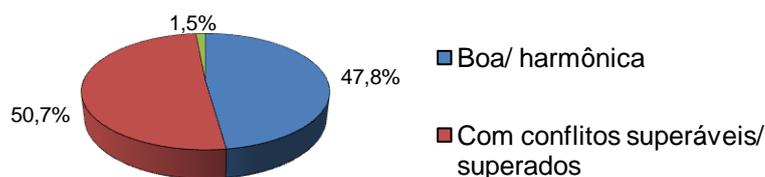


Figura 27. Avaliação das relações conjugais nas FA, segundo genitores e filhos.

Genitores avaliaram seus parceiros(as) por meio de 39 verbalizações, considerando-os pessoas ‘nervosas/ rígidas/ autoritárias’ ( $n=10$ ; 25,6%): *Se cobra muito e cobra muito dos outros, de mim, dos filhos, da família, dos amigos. Acaba que estressa muito (FAM24P)*; além de ‘pouco afetuosas/ reservadas’ ( $n=7$ ; 17,9%). Houve os que caracterizaram os parceiros como pessoas ‘boas/ caseiras/ tranquilas’ ( $n=5$ ; 12,8%), e ‘afetuosas/ respeitosas’ à família ( $n=4$ ; 10,3%): *É um homem raro, um homem fiel, [...] e família. Abre mão de tudo, pra mim e pra A.L. Ele se coloca em último lugar, com relação à família (FAM10M)*. Importante apontar que, dos 22 genitores que mencionaram esta categoria, 4 mulheres tendiam a perceber seus parceiros mais negativamente do que eles, e 10 homens viam apenas aspectos positivos em suas parceiras.

A Figura 28 mostra a forma como os genitores percebiam seus parceiros.

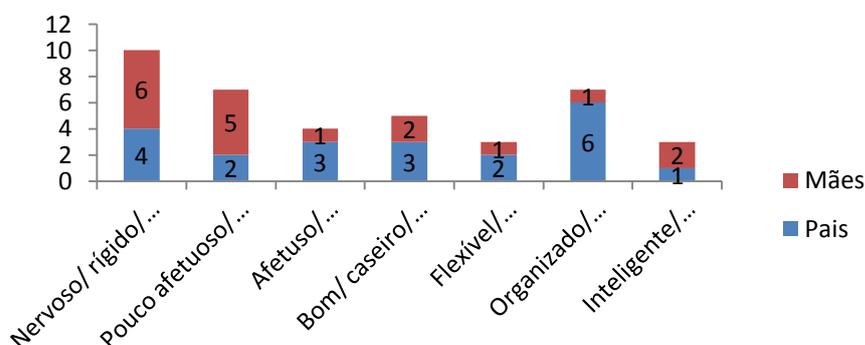


Figura 28. Características atribuídas aos parceiros nas FA, segundo os genitores.

### ***A Família “Ideal”: Concepções de Família***

Apesar de terem considerado suas vidas em família satisfatórias, quando questionados a respeito dos aspectos que pais, mães e filhos gostariam que fossem diferentes em suas vidas atuais ( $n=172$ ), eles propuseram diversas mudanças, especificando-as ou não, e relacionando-as com: os familiares, a estrutura familiar e as

condições de vida das famílias; as relações dentro e fora da família; e o tempo compartilhado pelos familiares.

As mudanças necessárias nas famílias se referiram às próprias ‘características’ e às dos outros familiares ( $n=15$ ; 8,7%) como, por exemplo, uma mãe que alegou que gostaria que sua filha fosse mais mocinha, enquanto uma filha gostaria de continuar a ser criança. Mas, os familiares expressaram que gostariam, principalmente, que outro integrante da família fosse ‘mais obediente/ calmo’ ( $n=7$ ; 46,7%): *"Acho que mudaria o temperamento da minha mãe e do meu pai. Deixaria minha mãe sem muito estresse e meu pai, também [...] Só isso, diminuir o estresse (FAM14F).*

Entretanto, a maior quantidade de verbalizações a respeito das mudanças se referiu ao âmbito da ‘vida familiar’ ( $n=134$ ; 78%). Quanto à ‘estrutura da família’ ( $n=5$ ; 3,7%), os filhos gostariam de ter mais irmãos ou não ter irmãos; os familiares queriam ter melhores ‘condições de vida’ ( $n=13$ ; 9,7%), com mais ‘infraestrutura e bens, rede de apoio, organização e rotina no lar; a respeito das relações conjugais’ ( $n=10$ ; 7,4%), os parceiros gostariam de ter mais ‘tempo para o casal’ ( $n=9$ ; 90%); em se tratando do fator ‘tempo’ ( $n=22$ ; 16,4%), os familiares (principalmente os pais), revelaram o desejo de maior ‘convivência em família’ ( $n=20$ ; 91%), para compartilharem com maior frequência atividades de lazer, refeições e estudos dos filhos: *Se eu fosse mudar eu ia querer elas mais tempo com a gente. Porque elas tão chegando na fase de querer amiga, querer tá fora de casa (FAM27P).*

Desta forma, eles consideravam que poderiam estabelecer uma relação parental diferente, que incluísse ‘proximidade/ união e participação’ ( $n=18$ ; 13,4%) de toda a família; menos conflitos e mais afinidade com os filhos, além de um diálogo de melhor qualidade, seria ideal nessas relações, como demonstra o exemplo: *Dependendo do momento, a hora que você chega do trabalho, do dia que você teve [...] A gente podia ter conversas mais calmas (FAM20M).*

Ainda quanto às ‘relações parentais’ ( $n=18$ ), o pai e a filha de uma mesma família revelaram necessidade de ‘mais demonstrações de afeto’ ( $n=2$ ; 11,1%): *Gostaria que meu pai me desse mais carinho, me abraçando, me beijando (FAM22F). / De repente, abraçar, beijar mais. Eu queria mudar isso, em mim. Mas isso não adianta, [...] não tem jeito mais (FAM22P).* Outro exemplo, sugerindo mudança neste tipo de relação, uma mãe e 5 filhos, de diferentes famílias, admitiram que os últimos poderiam/ deveriam ter mais liberdade; neste sentido, os filhos queriam escolher quanto à administração do seu tempo de lazer, em atividades como o videogame, futebol e TV; às atividades extras que gostariam de fazer; aos horários de

estudos e de dormir; à quantidade de saídas nos fins de semana e almoços no colégio durante a semana; e, aos namoros: *Eles deixarem um pouco eu escolher, a minha vida com garotos (FAM15F)*. / *A gente precisava deixá-las mais livres, mais independentes (FAM14M)*.

Quanto às mudanças na ‘vida escolar’ ( $n=6$ ; 3,4%), havia insatisfação quanto ao modo de estudo, também tendo sido apontados problemas na própria instituição escolar, que deveriam ser revistos, como nos exemplos: *Prestaria mais atenção ao corrigir as tarefas (FAM21F)*. / *Eu acho muuuito dever de casa! Eles ficam estressados de tanto estudo; isso me aflige, me dá angústia [...] (FAM30M)*.

Na ‘vida profissional’ ( $n=9$ ; 5,2%), 6 relatos de genitores e de filhos indicaram o desejo de que o trabalho do *pai* envolvesse menos horas e funções mais motivadoras, enquanto 3 (33,3%) demonstraram que gostariam que a mãe tivesse uma ocupação.

Além disso, em 8 (4,7%) verbalizações, os participantes alegaram ‘não saber’ em que gostariam que suas famílias mudassem. Em contrapartida, apesar das numerosas sugestões de mudança, 14 (8,1%) relatos afirmaram que ‘não mudariam nada’ em suas vidas. A Figura 29 apresenta as características que filhos e genitores gostariam que fossem diferentes em suas FA.

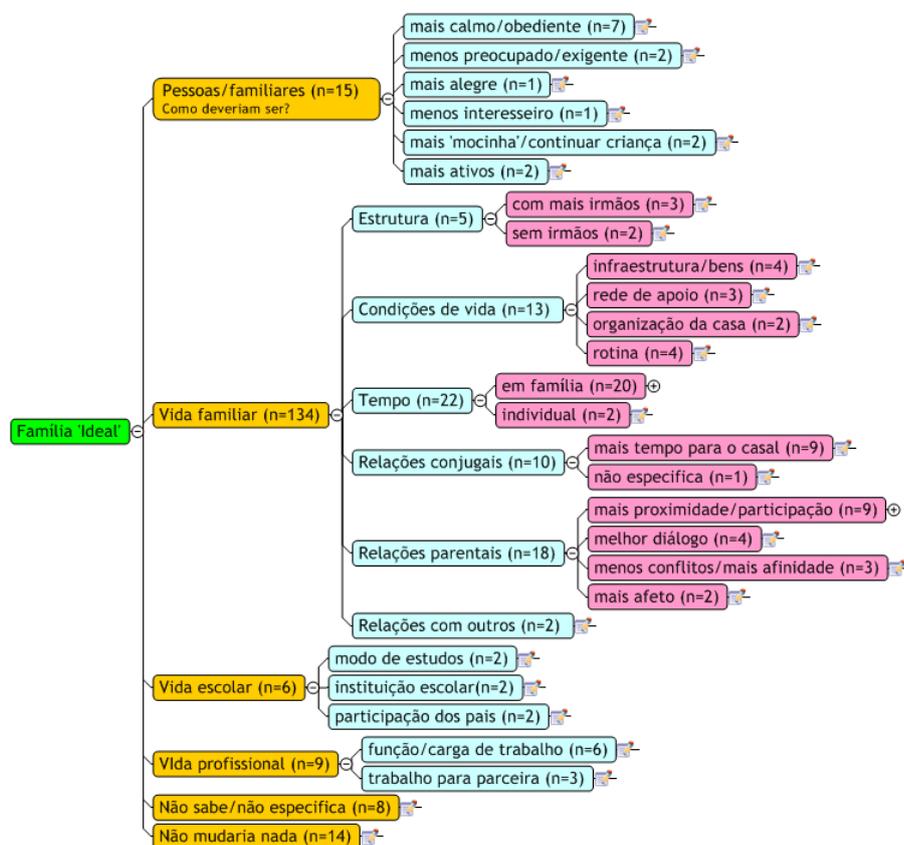


Figura 29. Características da Família “Ideal”, segundo genitores e filhos.

Mais especificamente, quando os 30 adolescentes-foco responderam sobre como os pais deveriam educar seus filhos, das 68 respostas, 65 (95,6%) atribuíram tarefas aos pais e, apenas 3 (4,4%), aos filhos. Dentre as funções dos pais, estariam: ‘dar carinho e amor/participar’ ( $n=6$ ; 9,2%) e ‘cuidar mais e melhor dos filhos’ ( $n=2$ ; 3,1%), ‘dando boa educação/ estudo, cobrando’ ( $n=2$ ; 3,1%), mas, também, ‘negociando’ ( $n=1$ ; 1,5%): [...] (*negociar, se impor*); *até acho que eu devia recorrer mais (FAM32M)*. Ainda, seria tarefa dos pais ‘não mimar’ ( $n=4$ ; 6,2%); ‘não bater, nem punir’ seus filhos ( $n=3$ ; 4,6%), mas, ‘sem muita falação’ ( $n=1$ ; 1,5%), ‘conversar’ com eles, dando ‘apoio e ensinando’ a discernir o certo do errado ( $n=13$ ; 20%): *Tem que conversar com ele, [...], falando da sexualidade, das responsabilidades, [...] os deveres, incentivando, entendeu? Tirou sete, eu daria apoio pra ela, por causa que ela se dedicou. [...] tem que dar oportunidade pro seu filho de saber o que é certo e o que é errado, senão ele chega lá faz uma coisa errada achando que é certo (FAM4F)*.

Também, nas funções atribuídas aos pais na condução de uma ‘educação ideal’, houve 16 (24,2%) relatos sugerindo mais ‘liberdade’, entretanto, com acompanhamento e, principalmente, ‘com limites’ ( $n=18$ ; 27,7%), isto é, eles dariam autonomia aos filhos, e, ao mesmo tempo, exigiriam responsabilidade: *Eles devem criar com cuidado, educar direito [...] cuidar [...] ter carinho [...] ajudar eles nos momentos mais difíceis [...] quando eles precisam (FAM31F)*. A Figura 30 mostra as atribuições que os filhos dão aos pais em uma família ‘ideal’.

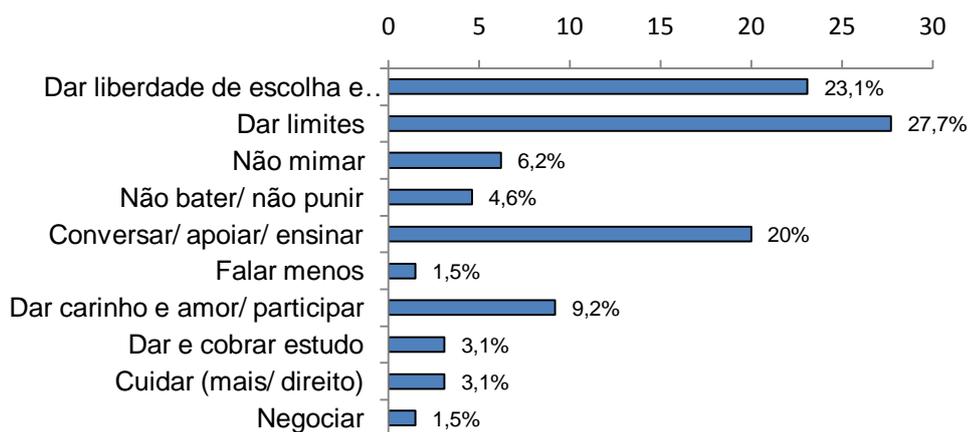


Figura 30. Percentuais das funções atribuídas aos pais na Educação ‘Ideal’, segundo os filhos.

Importante salientar, ainda, que apenas uma criança atribuiu aos filhos três funções na ‘educação ideal’. Segundo ela, os filhos também deveriam: [...] *aprender a ouvir, cooperar e dar carinho aos pais (FAM4F)*.

Os participantes (N=90) revelaram, em suas verbalizações (n=219) a este respeito, diferentes concepções de família. A ‘família’ foi por eles definida por características do seu ‘funcionamento’ (n=167; 76,3%), da sua ‘estrutura’ (n=43; 19,6%), e, também, do ‘valor’ (n=9; 4,1%) que a ela atribuía.

Quanto à ‘estrutura’ (n=43), 29 verbalizações indicaram que a família inclui: (a) ou um arranjo ‘nuclear’ (n=15; 51,7%), isto é, composta por pai e mãe - que poderiam ter uma união legal ou estável - com filhos biológicos e, em menor número, com filhos adotivos ou sem filhos; ou (b) ‘extensa’ (n=10; 34,5%), nuclear somada de outros membros, unidos tanto por ‘laços consangüíneos’, quanto, principalmente, pelo ‘grau de parentesco’; ou ainda, (c) ‘ampliada’ (n=4; 13,8%), unida por outros laços não consanguíneos, tais como aqueles estabelecidos com amigos, conforme aponta o exemplo: *Não precisa ser do mesmo sangue, ter a mesma carga genética; pode ser a família ampliada, os amigos [...] Amigo é o irmão verdadeiro que você escolhe (FAM9M)*. A ‘estrutura familiar’ foi representada (n=14) como uma ‘célula, unidade ou sistema’ (n=9; 64,3%), ou um ‘berço/ redoma’ (n=5; 35,7%), que acolhia e completava o indivíduo, como nos exemplos: *A concepção que eu tenho de família é de ser, literalmente, a sua redoma, mesmo (FAM27P)*.

Quanto ao seu ‘funcionamento’ (n=167), uma família significava, principalmente, ‘viver em grupo’ (n=105; 62,9%), o que exigiria uma série de requisitos, dentre eles, principalmente, viver em grupo com ‘união’ (n=33; 31,4%). Para os participantes, viver em grupo com união significava estar ‘próximo, convivendo, juntos em todos os momentos, na presença/ companhia uns dos outros, em prol de um objetivo comum, e com semelhanças e dependências mútuas’.

Além disso, a vida no grupo familiar envolve, também na opinião dos participantes, sentimentos de ‘amor, afeto e carinho’ (n=14; 13,3%); ‘felicidade e harmonia’ (n=12; 11,4%), entre outros, como ‘amizade e respeito, confiança e prazer/ bem estar’: *São pessoas em que você pode confiar (FAM32F)*. Implica, segundo eles, na ‘participação’ da tomada de decisões (n=2; 1,9%) e, mais significativamente, no ‘compartilhamento/ troca’ (n=10; 9,5%): *Família pra mim é você estar se doando [...] dividindo a responsabilidade, as tarefas (FAM6P)*. Viver em família, para eles, era também ter ‘compromisso e responsabilidade’ em dar o que os filhos precisavam (n=2; 1,9%); e, especialmente, ‘estar aberto ao diálogo’ (n=8; 7,6%), segundo mostra o exemplo: *O meu conceito de família, hoje, família ideal [...]. É uma conversa, jogo aberto, jogo limpo (FAM24P)*. Mas, por outro lado, viver em grupo também implicou no relato de alguns ‘conflitos’ (n=8; 7,6%) que, geralmente, eram solucionados: *Que rolam brigas, diferenças, mas que sempre, no final, se*

*acertam, porque se gostam (FAM8P).*

Se comparadas as respostas de pais e de mães, das 105 verbalizações que consideravam que uma família significava viver em grupo, o total de respostas do *pai* enfatizou, principalmente, a ‘união’ ( $n=14$ ; 36%). Já com as *mães*, que tiveram respostas mais diversificadas, a ênfase foi na ‘felicidade e harmonia’ ( $n=4$ ; 13,3%). As respostas dos filhos ( $n=36$ ; 34,3%), por sua vez, deram ênfase ao ‘amor, afeto e carinho’ ( $n=8$ ; 22,2%) nas famílias.

Considerando, ainda, seu funcionamento, a família foi percebida pelos participantes como ‘base/ alicerce’ ( $n=62$ ; 37,1%) ‘para tudo’ ( $n=17$ ; 27,4%) na vida: *A família é tudo de bom [risos]. É a razão da gente viver. Não tem outro motivo, pra se viver, se não for pela família, pelos filhos, principalmente (FAM8M).* Seu papel foi descrito como sendo o de transmitir ‘segurança/equilíbrio’ ( $n=15$ ; 24,1%) aos seus membros, pois: *É pra onde a gente corre, quando precisa (FAM10P).* Além disso, a família forneceria ‘apoio e ajuda’ aos seus membros ( $n=21$ ; 33,9%): *Lugar onde você vai tá podendo sempre contar com as pessoas da família. Eles vão sempre te apoiar (FAM32F),* e seria, inclusive, a primeira responsável pela ‘formação do indivíduo’ ( $n=9$ ; 14,5%), conforme o exemplo: *É onde a gente é formado. Os laços afetivos começam na família (FAM10P).*

Por fim, foi atribuído à família um valor ‘especial, importante’ ( $n=9$ ; 4,1%), por ser única para o indivíduo: *Família é uma coisa muito importante pra mim, muito, muito séria (FAM12P).* / *Família é uma coisa especial; você não tem a segunda família, só tem a primeira (FAM12F).* É importante destacar que um dos participantes alegou dificuldade para definir família, por sua imprevisibilidade: *Definição é difícil. Eu não uso esse negócio de família, porque família, de repente, pode virar uma coisa completamente diferente, inesperada (FAM28P).* Tendo em vista a complexidade dos relatos dos participantes a respeito do conceito de família, foi construído um sistema integrado de categorias, que pode ser visualizado na Figura 31.



Figura 31. Concepções de família, segundo genitores e filhos.

### A Adolescência “Nas” e “Para” as Famílias de Origem e as Famílias Atuais

Esta seção descreve aspectos da adolescência nas famílias de origem dos genitores, relatados por eles, e nas famílias atuais dos participantes, isto é, na visão dos genitores e dos seus filhos adolescentes; apresenta, também, características pessoais e relacionais do genitor quando adolescente e do adolescente-foco; ainda, traz fatos da história de vida e desenvolvimento de cada um, na forma como são percebidos por eles mesmos e seus genitores. E, por último, apresenta as concepções que filhos e pais têm sobre adolescência.

#### *A Adolescência dos Genitores nas Famílias de Origem*

Os genitores relataram suas características pessoais, enquanto adolescentes, além dos marcos e fatos relevantes observados durante a transição para sua própria adolescência.

### ***Caracterização do Genitor Adolescente nas Famílias de Origem***

Das 91 verbalizações dos genitores, a respeito das suas características pessoais enquanto adolescentes, foram considerados aspectos ‘fisiológicos’ ( $n=12$ ; 13,1%), ‘emocionais’ ( $n=4$ ; 4,3%), ‘comportamentais’ ( $n=49$ ; 53,8%), ‘sociocognitivos’ ( $n=20$ ; 22%). Mesmo citando experiências diversificadas, os genitores se descreveram como tendo sido adolescentes ‘tranqüilos’ ( $n=22$ ; 24,1%), porque eram pouco desafiadores, mas, principalmente, responsáveis/ regrados/ organizados, por vezes até em excesso: *Eu era muito de obedecer, de ter aquela responsabilidade, de ter medo também. Não de uma punição; medo que a nota caísse ou que eu repetisse de ano [...] até deixei de viver um pouco a minha adolescência em função disso (risos). Mas fui super... bem equilibrada pra poder tá administrando essas coisas (FAM29M)*. Eles também se descreveram como ‘quietos/ tímidos e solitários’ ( $n=12$ ; 13,2%): *Como eu era muito tímida, ninguém ouvia falar, nem nunca tomava muito conhecimento da minha existência. Era o meu mundo, muito separado (FAM4M)*; e interessados por ‘leitura e estudos’ ( $n=5$ ; 5,5%): *Ficava dentro do meu quarto, lendo, ninguém ouvia minha voz (FAM4M)*. Cabe ressaltar que, apenas 9 genitores se consideravam adolescentes ‘autônomos/ independentes’: *(Comecei a trabalhar) com 17, porque eu quis, porque eu queria ter o meu dinheiro [...] Eu senti necessidade (FAM4M)*.

Alguns deles se disseram ‘diferentes’ ( $n=10$ ; 11%), pois se achavam pouco desenvolvidos e até discriminados pelos demais: *Sempre fui gordinha, baixinha, e sempre tive apelido (FAM9M)*. Percebiam-se emocionalmente ‘inocentes/ bobos’ ( $n=4$ ; 4,4%) e cognitivamente ‘curiosos/ inventores/ interessados’ ( $n=3$ ; 3,3), além de ‘sensatos/ ajuizados’ ( $n=3$ ; 3,3%): *Era muito claro o que era certo e o que era errado. (FAM17M)*. Outros se viam como ‘aventureiros/ danados’ ( $n=8$ ; 8,8%), pois, entre outras coisas, gostavam de sair: *Mamãe fala que eu era muito rueira, que eu gostava de boate (FAM15M)*; ou mostravam-se ‘rebeldes/ desafiadores’ ( $n=7$ ; 7,7%) como mostra o exemplo: *Muito mal-humorada. Radical. Me achava a dona da verdade [...] alimentava sonhos de fugir de casa, de me tornar adulta e ir pra bem longe. Fui uma adolescente muito chata (FAM32M)*.

Quando citaram suas relações com outros do ‘contexto social’ ( $n=27$ ), foi destacada

uma grande ‘quantidade de amigos’ ( $n=14$ ; 51,9%), com quem eram unidos/ cúmplices e se divertiam: *Eu que segurava a onda dos amigos, ia pra festas, os caras enchiam a cara, e eu que voltava, mesmo sem ter carteira, dirigindo (FAM5P)*. Porém, 11 genitores que revelaram a ausência de amigos, justificaram o fato pelas mudanças de moradia ou dificuldades de se relacionarem, o que tornou o período difícil: *Isolado, tinha uns amigos sim, do colégio, mas não foi uma adolescência tão fácil não (FAM9P)*.

### **Marcos da Transição para a Adolescência dos Genitores nas Famílias de Origem**

Ao descreverem sua própria adolescência, os genitores ( $N=60$ ) se referiram às mudanças percebidas no início desta fase, isto é, aos marcos da transição para a adolescência. Do total de verbalizações ( $n=114$ ) a este respeito, foram percebidas mudanças ‘cronológicas’ ( $n=20$ ; 17,5%), ‘pessoais’ ( $n=54$ ; 47,4%), na ‘vida familiar’ ( $n=16$ ; 14%) e ‘escolar’ ( $n=14$ ; 12,3%). Em 10 (8,8%) verbalizações, os genitores não observaram ou não se lembraram de mudanças marcantes, alegando que estavam, à época, ocupados com outras coisas: *Essa coisa do marco da adolescência [...] não sei [...] tava trabalhando em três turnos, por uma extrema vontade minha, não tinha ninguém me impondo, ao contrário. Não saquei (a mudança) (FAM33M)*.

Entre as ‘mudanças cronológicas’ ( $n=20$ ), foram citadas aquelas relativas ao ‘período inicial’ da adolescência ( $n=15$ ; 75%), mas, também, quanto à sua ‘duração’ ( $n=5$ ; 25%). O início foi considerado ou ‘tardio’ ( $n=10$ ; 66,7%), ou ‘no tempo certo’ ( $n=2$ ; 13,3%), ou ‘precoce’ ( $n=3$ ; 20%). Considerando o início da adolescência, ele foi tardio para 7 pais: *Demorei a entrar na adolescência, [...] Fui muito criança, até os quatorze anos, com certeza. (FAM29P)*; enquanto que foi precoce para 3 mães: *Devia ter mais ou menos 9, 10 anos, nessa faixa. Muito cedo (FAM21M)*.

Quanto ao tempo de duração da sua adolescência, ela foi considerada uma fase ‘rápida e despercebida’ ( $n=3$ ), ou ‘longa e continuada’ ( $n=2$ ), como ilustrado nos exemplos: *Não teve, praticamente; tive responsabilidade muito cedo (FAM22P)*. / *Tem uma transição comprida (FAM28P)*.

Porém, mais do que os marcos cronológicos da transição para a adolescência, os genitores apontaram importantes ‘mudanças pessoais’ ( $n=54$ ) que marcaram este momento, em relação aos aspectos ‘fisiológicos’ ( $n=16$ ; 29,6%) e, também, ‘emocionais’ ( $n=4$ ; 7,4%), ‘comportamentais’ ( $n=3$ ; 5,6%) e ‘sociocognitivos’ ( $n=7$ ; 13%). No entanto, as mudanças pessoais mais citadas ocorreram nos ‘interesses’ pessoais ( $n=24$ ; 44,4%).

As mudanças pessoais da adolescência mostraram-se mais marcantes nos relatos

das mães ( $n=34$ ) do que nos dos pais ( $n=20$ ), resumindo-se ao crescimento físico do corpo (estirão da altura e desenvolvimento dos seios); transformações hormonais, com aparecimento de espinhas e, especialmente, a menarca, presente nas verbalizações das mães: *Eu fiquei menstruada com quase quatorze anos [...] Acho que foi ali que eu vi que eu (era adolescente). Mas eu era uma inocência!* (FAM22M).

Quanto às mudanças nos aspectos ‘emocionais’ ( $n=4$ ), pais e mães alegaram que passaram a ter ‘mais conflitos’ ( $n=2$ ; 50%) com relação a questões/conturbações psicológicas, conforme ilustra o exemplo: *Foi aí que eu comecei a ter um grande impacto na minha vida. Eu acho que a conturbação era em mim mesmo, que eu comecei a marcar muito na minha cabeça foi da pré-adolescência pra frente* (FAM24P).

Além dessas, como primeiros sinais da transição para a adolescência, foram observadas mudanças de ‘comportamento’ ( $n=3$ ), associadas ao aumento de responsabilidades, como mostra o exemplo: *Tive que assumir um comportamento mais responsável* (FAM9M). Novas formas de perceber e compreender o mundo foram identificadas, e estas envolveram, por exemplo, tomadas de decisão quanto ao futuro: *Na adolescência, foi quando eu descobri o que eu podia ser e o que eu conseguia fazer comigo e com as pessoas.* (FAM24P).

Grande destaque foi dado às mudanças pessoais relacionadas a ‘novos interesses’ ( $n=24$ ), entre eles, ‘festinhas ou prática de jogos e esportes’ ( $n=12$ ; 50%), substituindo brincadeiras com boneca e bola, por exemplo: *Começa aquela coisa de sair junto com as amigas, de festinha* (FAM5M). / *Na transição da infância pra adolescência, deixei, um pouco, de participar das brincadeiras de rua, jogar bola, pra ficar um pouco mais em casa, lendo, estudando* (FAM19P). Houve relatos de um aumento no interesse pelo ‘sexo oposto’ ( $n=8$ ; 33,3%) e pela ‘aparência pessoal’ ( $n=1$ ; 4,2%), revelando que a transição se deu: *[...] mais ou menos lá pros 12, 13 anos. Foi a questão do primeiro beijo na escola, já olhando mais pros meninos. Antes disso, eu jogava futebol na rua, tomava banho de chuva na rua com as colegas da quadra, era muito meninona* (FAM29M). / *(Passei a me preocupar como tava vestindo* (FAM33P). A Figura 32 ilustra as semelhanças e diferenças nas percepções de pais e mães a respeito das mudanças pessoais que marcaram a transição para sua adolescência, nas FO.

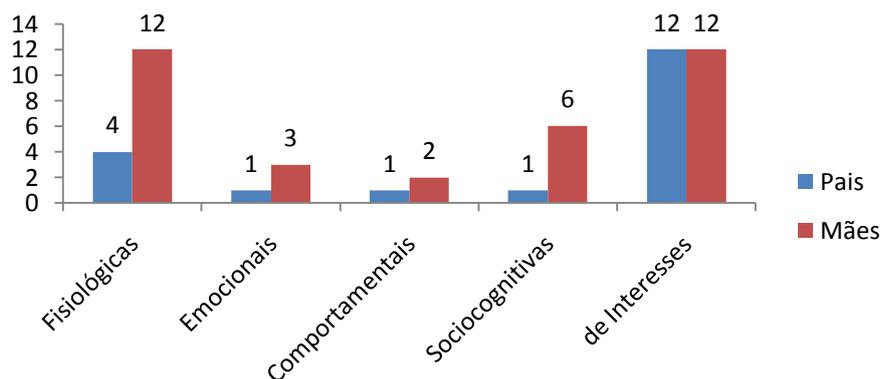


Figura 32. Mudanças pessoais na transição para a adolescência nas FO, segundo pais e mães.

Também foram identificadas mudanças nos contextos de ‘vida familiar’ ( $n=16$ ; 14%) e ‘escolar’ ( $n=14$ ; 12,3%) dos genitores. Em relação à família, o início da adolescência foi caracterizado pelo ‘aumento na liberdade/ autonomia’ ( $n=7$ ; 43,7%), associado à confiança dos pais e à conquista dos filhos, como mostram os exemplos: [...] *ir à praia, e consegui ir sozinho aos 15 anos. Foi um marco! Aí comecei a ter uma certa liberdade (FAM23P)*. Os ‘questionamentos/ posicionamentos’ ( $n=4$ ; 25%) tornaram-se mais frequentes, à época: *Comecei a ver que as coisas talvez não fizessem tanto sentido - “esse jeito não dá certo, esse eu não quero pra mim”-, e procurar outras coisas. Tentava um pouco não seguir o mesmo caminho (FAM9M)*; assim como o ‘afastamento’ dos familiares ( $n=4$ ; 25%). Para uma mãe, ocorreu exatamente o oposto, com mais controle dos pais e menos liberdade: *Quando era criança eu podia brincar na cidade, mas aí na adolescência: “Onde é que você vai?” (FAM25M)*. A Figura 33 mostra mudanças ocorridas na vida familiar, nas relações entre genitores e seus pais, durante a transição para a adolescência.

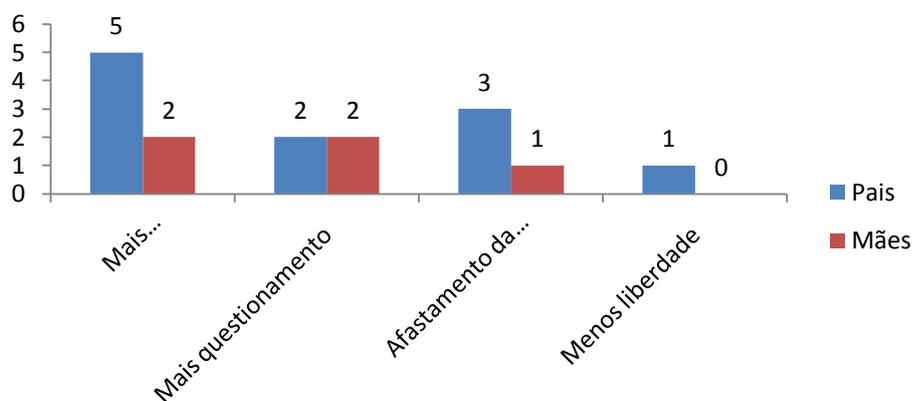


Figura 33. Mudanças na vida familiar na transição para a adolescência nas FO, segundo pais e mães.

Na vida acadêmica, das 14 mudanças mais marcantes identificadas na fase de transição, as ‘mudanças de escola e nível escolar’ ( $n=6$ ; 42,9%) foram importantes, pois conduziram, além de ‘novos amigos’ ( $n=2$ ; 14,3%), a ‘mais liberdade’ ( $n=3$ ; 21,4%), ‘responsabilidades’ ( $n=3$ , 21,4%) e, também, ‘dificuldades’ ( $n=1$ ; 7,1%): *No Colégio Militar era bem mais rígido, muito diferente do ensino do interior. [...] era só menino. Foi quase como um internato, dormindo em casa [riso] (FAM10P). / (Lembro que) daí em diante a minha vida de estudos não foi pra frente muito; comecei a dar trabalho pra minha mãe, isso foi na quinta série, era 10, 11 anos (FAM24M).*

Quando comparados os totais de respostas atribuídas por pais ( $n=45$ ; 44%) e mães ( $n=57$ ; 56%) às mudanças ocorridas durante a sua transição para a adolescência, ambos enfatizaram as mudanças pessoais e, mais especificamente, as fisiológicas. No entanto, as mães perceberam e citaram um número maior e mais diversificado de mudanças do que os pais, os quais associaram certas mudanças nos interesses pessoais à transição, principalmente, por novas brincadeiras e esportes, e pela atração ao sexo oposto. Elas, mais do que eles, se referiram ao início da vida social, com a ida a *festas* como um marco de transição; enquanto eles, mais do que elas, evidenciaram mais mudanças no grau de liberdade e na vida escolar.

### ***Fatos Relevantes da Adolescência dos Genitores nas Famílias de Origem***

Além dos eventos durante a transição, foram apontados outros fatos relevantes ( $n=218$ ), referentes à vida social dos genitores durante sua adolescência. Dentre eles, foram citados aqueles relativos à ‘vida familiar’ ( $n=55$ ; 25,2%); ‘escolar’ ( $n=41$ ; 18,8%); ‘social’ ( $n=97$ ; 44,4%) e ‘profissional’ ( $n=25$ ; 11,5%).

Na ‘vida familiar’ ( $n=55$ ), os eventos mais comumente citados foram: mortes de parentes, namorados e amigos ( $n=11$ ; 20%); problemas de ordem financeira ( $n=9$ ; 16,4%); separações e recasamentos de seus pais ( $n=6$ ; 10,9%), que trouxeram dificuldades e mais responsabilidades, como no exemplo: *Minha mãe não aceitava de jeito nenhum (a separação), e ficou muito deprimida, [...] Eu assumi a responsabilidade das minhas irmãs (FAM9M).* Segundo os genitores, o final da sua adolescência envolveu, também, experiências de ‘saída da casa dos pais’ ( $n=17$ ; 30,9%), quando puderam constituir a própria casa, morar em outras cidades ou viajar para outros países, com a finalidade principal de estudo ou passeio. Tais experiências marcaram suas vidas, à época da adolescência, revelando, em alguns casos, o início da transição para a vida adulta, como

nos exemplos: *Com 16 anos eu fui pra Belo Horizonte, estudar, fazer o terceiro ano de científico, com 18 eu fui no intercâmbio pro Canadá, morei um ano. Pra mim foi ótimo, questão de independência (FAM20M).* / *Aos 15, fui para escola militar em outra cidade. Só via meus pais nos fins de semana (FAM6P).*

Quanto às verbalizações a respeito de experiências vividas no contexto de ‘vida escolar’ ( $n=41$ ), dos 15 genitores que mencionaram o assunto, 9 revelaram ter estudado em escolas particulares, 3, em escolas públicas e 3 em colégios militares, gerando diferentes experiências com relação ao rendimento acadêmico e a disciplina: *Mas a gente estudava em bons colégios; sempre em colégio particular, que me proporcionaram conhecer pessoas mais abastadas... Gente, de tudo que era lugar, apesar de eu não ter recurso (FAM12M).* / *Foi toda uma fase, dos 11 até os 18, e depois ainda emendei com a Academia Militar. É bem rígido, diferente... sem a convivência com as meninas, quase um internato (FAM10P).*

Porém, o período da adolescência dos genitores foi especialmente marcado, de acordo com seus relatos, por experiências no contexto de ‘vida social’ ( $n=97$ ), tais como o aumento do interesse pelo ‘sexo oposto’ ( $n=31$ ; 32%), em particular, relacionado ao namoro: *Eu sempre namorei muito, e muito sério. Namorava três anos, e aí quando eu parava, eu saía, saía, saía... (FAM8M);* e à gravidez (inesperada), citados, principalmente, pelas mães: *O próprio fato de ter ficado grávida, pro meu pai, pra minha mãe, foi uma decepção: “não é aquela filhinha toda” (FAM31M).* Um pai revelou a questão do interesse sexual aflorado: *(Na adolescência), tem o aspecto sexual, de você se interessar por revista de mulher, aquela idéia de masturbação, [...] como se tivesse um instinto (FAM28P).* Da mesma forma, uma das mães mencionou o interesse pelo sexo oposto: *Dos 14 aos 16. Foi uma fase de querer muito ter um namorado (FAM9M).* Além destas, as experiências com os ‘grupos de pares’ ( $n=7$ ; 7,2%) foram marcantes, como mostra o exemplo: *Teve uma questão que me marcou: a questão do grupo, de ser importante você participar de um grupo, tá com uma turma (FAM28P).* Paralelamente, verbalizações a respeito do ‘acesso a substâncias psicoativas’ ( $n=22$ ; 22,7%) - com ou sem o próprio envolvimento - também foi relatado: *Mexi com droga, fiz um monte de besteira, [...] (FAM26P).* Ainda, ‘comportamentos transgressores’ ( $n=7$ ; 7,2%) foram temas presentes na descrição da própria adolescência, pelos genitores: *Aprendi a dirigir, mas eu não podia, não tinha carteira. Dirigia porque minha mãe não dirigia. Naquela época, muita gente dirigia sem carteira (FAM9M).* / *Ah, tentava sempre entrar em filme com a faixa etária maior; essas coisas de adolescente (FAM21P).*

A adolescência dos genitores foi, também, relacionada ao início de suas ‘vidas profissionais’ ( $n=25$ ), ao apontarem, em suas verbalizações, a importância das ‘escolhas vocacionais/ vestibular’ ( $n=14$ ; 56%) e das experiências de inserção no mercado de ‘trabalho’ ( $n=11$ ; 44%), que proporcionaram amadurecimento e autonomia: *Eu notei essa questão do amadurecimento porque, com 16 anos [...] fiz uma opção muito radical [...] eu queria ser professora (FAM33M)*. A Figura 34 mostra as categorias e os percentuais relativos às subcategorias dos fatos relevantes citados pelos genitores, ocorridos durante a própria adolescência, nas suas FO.

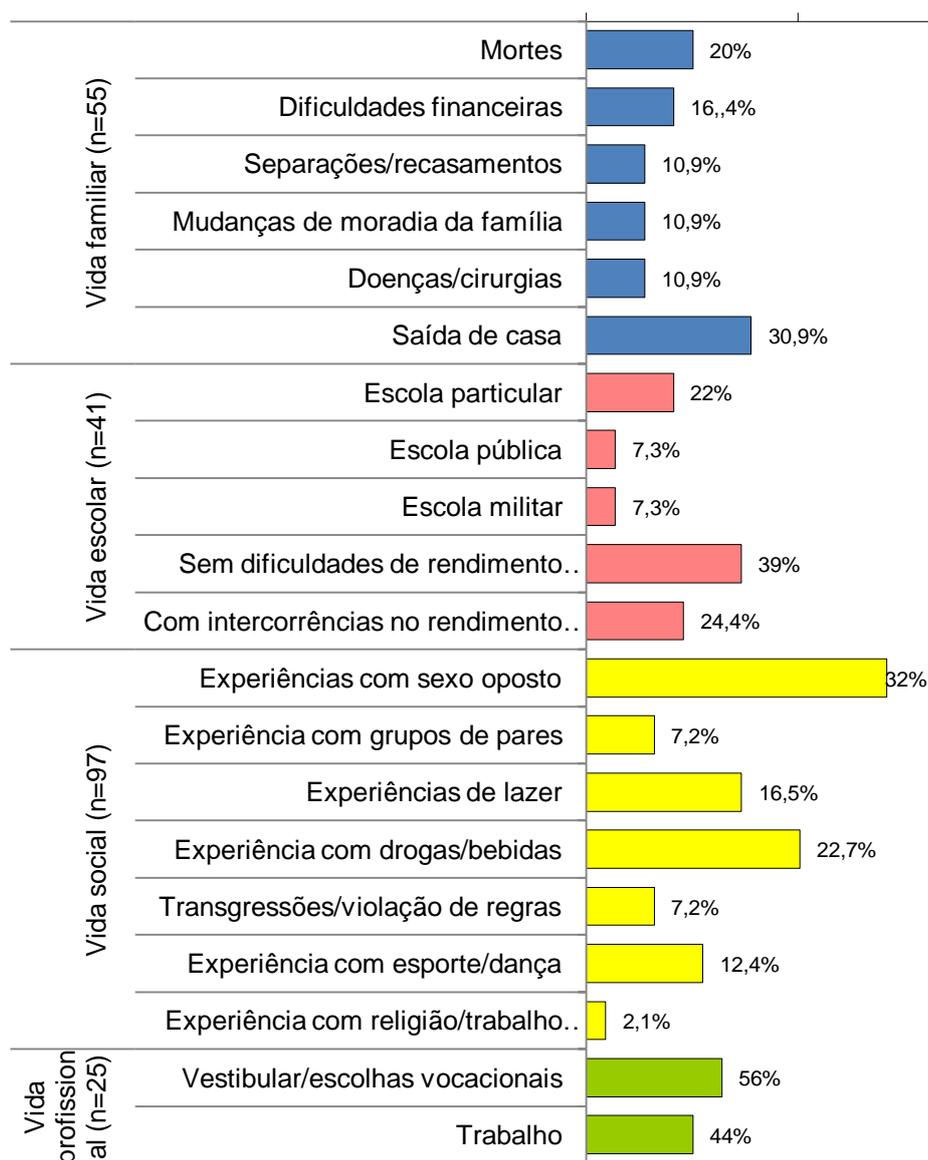


Figura 34. Percentuais dos fatos relevantes na adolescência nas FO, segundo genitores.

### *Infância e Transição para a Adolescência nas Famílias Atuais*

Os participantes descreveram os adolescentes-foco durante a infância, mencionando fatos importantes, e descreveram suas percepções sobre o estágio de desenvolvimento atual, identificando as mudanças e marcos de transição para a adolescência.

#### *Caracterização do Adolescente-foco e Fatos Relevantes durante sua Infância*

Quando questionados sobre o tipo de criança que os adolescentes-foco foram, 30 genitores e filhos os descreveram por meio de 142 características físicas/ fisiológicas, emocionais, comportamentais e/ ou sociocognitivas. De acordo com eles próprios, na maior parte das vezes, os filhos ‘não deram trabalho’ ( $n=99$ ; 69,7%), mas, para outros, eles ‘deram trabalho’ aos pais ( $n=43$ ; 30,3%) durante a infância.

O maior número de verbalizações revelou aspectos dos filhos que não deram trabalho aos pais ( $n=99$ ), porque estas crianças eram vistas como ‘boas/ carinhosas/ queridas’ por todos ( $n=22$ ; 22,2%): *Era uma criança dócil; ela nunca foi [...] chorona, birrenta. (FAM19M)*; ‘tranquilas’ ( $n=16$ ; 16,2%), além de ‘tímidas/ quietas’ ( $n=10$ ; 10,1%) e *alegres* ( $n=6$ ; 6,1%). Ainda, estas crianças foram citadas como ‘responsáveis/ obedientes’ ( $n=6$ ; 6,1%), ‘organizadas/ cuidadosas’ ( $n=4$ ; 4%). Eram ‘comunicativos/ falantes’ ( $n=13$ ; 13,1%): *Ela era uma criança que falava de tudo, conversava de tudo, contava tudo o que acontecia na escola (FAM16M)*, mostrando-se ‘inteligentes’ ( $n=4$ ; 4%) e ‘independentes’ ( $n=4$ ; 4%) desde pequenas.

Em menor número, as verbalizações feitas sobre aspectos em que os filhos deram trabalho ( $n=43$ ), estes foram descritos, principalmente, como crianças ‘agitadas/ levadas’ ( $n=17$ ; 39,5%): *Sabe quando a gente não é convidado pra ir na casa de ninguém? [risos] O J. [...] mexia em tudo (FAM12M)*. Mas, também eram ‘emotivas’ ( $n=4$ ; 9,3%); ‘bravas’ ( $n=4$ ; 9,3%) ou ‘arredias’ ( $n=4$ ; 9,3%). Uma das maiores ‘dificuldades’ com os filhos foi relacionada à ‘escola’ ( $n=10$ ; 23,3%): *Quase todos os dias eu ia numa médica, pra ela ver qual era a minha dificuldade de escrever, pra ler (FAM13F)*. A Figura 35 mostra as características atribuídas pelos genitores e por eles mesmos, ao adolescente-foco enquanto crianças.

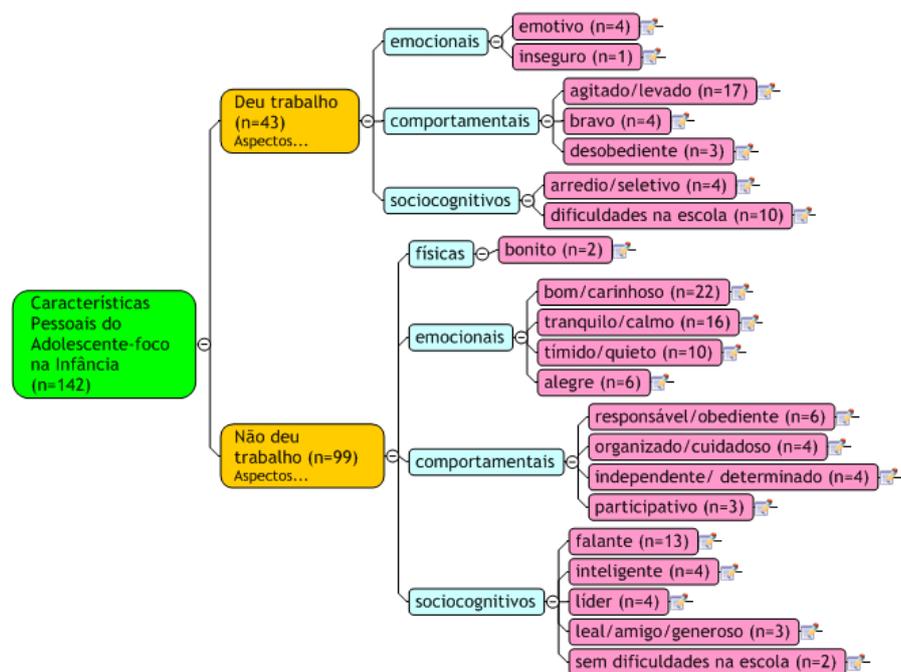


Figura 35. Características pessoais dos filhos na infância nas FA, segundo genitores e filhos.

Na história de vida do adolescente-foco, sua infância foi caracterizada por fatos marcantes, indicados pelos genitores. Entre eles, foram citadas mudanças, que ocorreram na primeira infância dos filhos e se referiram à saída da mãe para o trabalho; às brigas e separações conjugais (dos 3 aos 11 anos de idade do filho); às mudanças de escola (dos 7 aos 11 anos), associadas à entrada no Ensino Fundamental; e às mortes de parentes ou amigos, que foram importantes ao longo de todo o seu curso de desenvolvimento. Estes eventos são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11

*Eventos da História de Vida do Adolescente-foco, segundo os Genitores*

Eventos	Períodos na História de Vida do Adolescente-foco (em anos)					Mais de uma vez
	0-2	3-6	7-11	12-13	Nunca	
Mudança de escola	1	3	10	2	14	
Repetência/ suspensão na escola	1		2		27	
Agressão na família			1		28	1
Agressão por parte do adolescente	1	1	2	1	25	1
Mudança de cidade	1		2	1	24	1
Mãe começa a trabalhar fora	4	1	2		22	
Perda de emprego	1				28	1
Problemas financeiros			4		26	
<b>Hospitalização/ Enfermidades</b>						
Adolescente	1	1	3	1	24	1
Família	1	1	4	1	23	1
<b>Mortes</b>	1	1	7	1	19	1
<b>Brigas/ separações entre os pais</b>	1	4	4		28	2
<b>Consumo de álcool e drogas</b>	1				28	1
<b>Violação de leis</b>					30	
<b>Novo morador na casa</b>	2		4	1	23	
<b>Outras experiências de impacto</b>	1	3	3	1	21	1

*Nota.* O total corresponde ao número de verbalizações, sendo que um mesmo participante pode ter mais de uma resposta para cada categoria.

As informações a respeito dos fatos importantes da história de vida do adolescente-foco, obtidas na triangulação de informações relatadas nos questionários e nas entrevistas realizadas com pais, mães e filhos (N=90), durante as quais outras verbalizações a respeito dos fatos ocorridos na história de vida da família (n=100) foram emitidas, quando consideraram tais fatos como relevantes ao desenvolvimento do (a) filho(a): as experiências da própria ‘gravidez’ (n=24; 24%), que foram classificadas como: ‘inesperada’ (n=15; 62,5%), ‘difícil’ (n=6; 25%) ou ‘programada’ (n=3; 12,5%): *Ela engravidou da A.L. um ano depois. Foi um choque danado, a gente não esperava (FAM10P).* / *A L. só veio depois de seis anos de casamento, é uma coisa planejada, muito desejada por nós (FAM14M).* O ‘nascimento’ (n=16; 16%), a ‘amamentação/ desmame’ (n=4; 4%); o ‘nascimento do irmão’ (n=14; 14%), os ‘conflitos e separações temporárias do casal’ (n=8; 8%), as ‘doenças, acidentes e perdas’ (n=10; 10%) foram marcantes. Para 6 filhos, os ‘aniversários, viagens e passeios’ (n=8; 8%) deram a tônica de suas infâncias.

A Figura 36 mostra a frequência e o percentual das citações a respeito de fatos relevantes da história de vida familiar, que foram considerados importantes para o

desenvolvimento do adolescente-foco, de acordo com genitores e filhos.

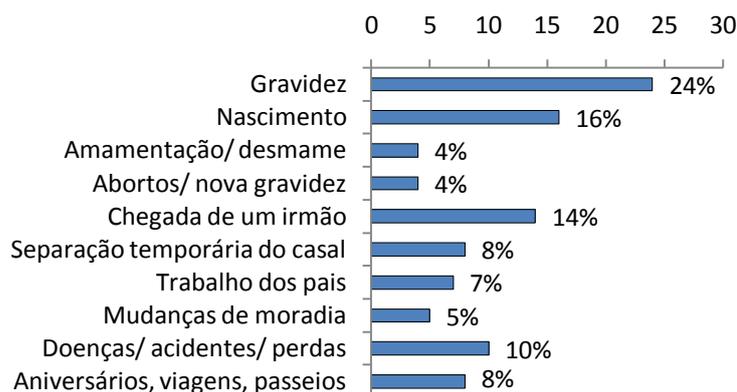


Figura 36. Percentuais dos fatos relevantes das FA, segundo genitores e filhos.

### ***Estágio do Desenvolvimento do Adolescente-foco: A Transição para a Adolescência***

Quando genitores e filhos foram questionados sobre o estágio atual do desenvolvimento dos adolescentes-foco, de acordo com 83 relatos, eles ainda estariam na ‘infância’ ( $n=13$ ; 15,7%); ou, principalmente, na ‘pré-adolescência’ ( $n=50$ ; 60,2%), ou, já na ‘adolescência’ ( $n=20$ ; 24,1%). A Figura 37 mostra a fase do desenvolvimento em que os filhos, pais e mães consideravam que o adolescente-foco estaria vivendo, no momento da pesquisa.

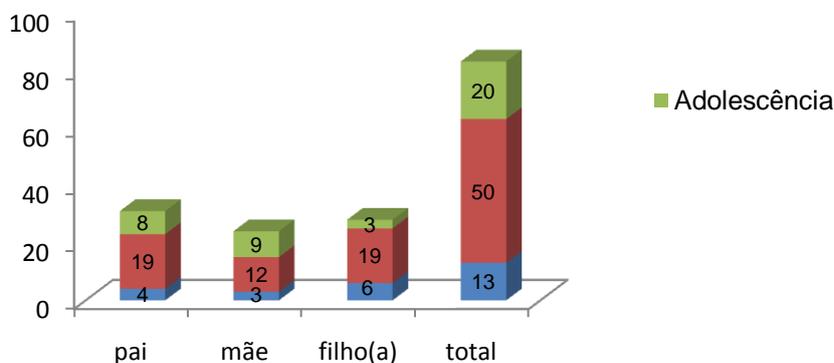


Figura 37. Percepção da fase de desenvolvimento dos filhos, segundo pais, mães e filhos.

A maior parte dos 30 filhos ( $n=19$ ) considerou-se na pré-adolescência, assim como foram considerados pela maioria dos pais ( $n=19$ ; 63,3%) e, também, das mães ( $n=12$ ; 40%). Porém, em cinco verbalizações, foi possível identificar contradições de um mesmo participante quanto a esta classificação. Nestes casos, ao longo das entrevistas, estes participantes atribuíram mais de uma classificação ao estágio de desenvolvimento do

adolescente-foco, denotando com isso, dificuldade em identificar tão precisamente estes estágios, como mostra a fala de uma mesma filha, em diferentes momentos: *Eu ainda sou criança, ainda obedeço (FAM17F). / Tô na pré (FAM17F).*

Cabe ressaltar ainda que houve concordância entre as respostas das tríades (filho, pai e mãe) em apenas 5 das 30 famílias (16,7%). Nas demais, filho e pai concordaram em 10 (33,3%) famílias; filho e mãe, em 6 (20%) e pai e mãe, em 6 (20%). Do total de famílias em que pelo menos uma díade ou a tríade concordou ( $n=27$ ; 90%), grande parte ( $n=18$ ; 66,7%) via o filho(a) na fase da pré-adolescência.

Dos 54 genitores que descreveram seus filhos nos dias atuais, eles verbalizaram, principalmente, a respeito de aspectos ‘pessoais’ ( $n=164$ ), dentre eles: ‘emocionais/afetivos’ ( $n=53$ ; 32,3%), ‘comportamentais’ ( $n=59$ ; 36%) e ‘sociocognitivos’ ( $n=52$ ; 31,7%). De acordo com a descrição destas características, seus filhos, atualmente, ‘não davam trabalho’ ( $n=131$ ; 79,9%), pois eram ‘meigos/ carinhosos’ ( $n=10$ ; 7,6%); ‘maduros/ sensatos’ ( $n=10$ ; 7,6%); ‘pessoas boas/ de cabeça boa’ ( $n=8$ ; 6,1%), como nos exemplos: *O L. é, realmente, um cara ‘super do bem, super do coração’ (FAM24P).*

Mas, eles também foram vistos como ‘tranqüilos/ calmos’ ( $n=9$ ; 6,9%); ‘tímidos/ quietos’ ( $n=9$ ; 6,8%): *Como ele muito reflexivo, muito introspectivo, muitos momentos a gente fica achando que ele remói, fica remoendo algumas idéias, fica muito na dele, muito pouco, divide pouco algumas dificuldades dele (FAM11M).* Por outro lado, na maior parte das vezes, eram ‘expressivos/ comunicativos’ ( $n=14$ ; 10,7%), ‘independentes/ decididos’ em suas metas ( $n=12$ ; 9,2%); ‘inteligentes/ curiosos’ ( $n=9$ ; 6,9%): *Com o Y. você desenvolve qualquer tipo de papo(FAM11P). / Tem uma memória impressionante. Ele tem um lado administrativo da vida dele, contábil, que eu acho que ele tá fazendo uma coisa bem bacana, de raciocinar até onde pode, onde não pode [...] (FAM32M).* Além disso, eles foram descritos como ‘responsáveis/ obedientes/ estudiosos’ ( $n=12$ ; 9,2%) e, até, ‘conservadores/ certinhos’ ( $n=7$ ; 5,3%): *Ela tem aquela postura de filha mais velha, de ser a certinha,... até demais, passando da minha conta [risos] (FAM30M).*

De modo geral, os genitores não consideravam que seus filhos lhes dessem, na fase atual, trabalho excessivo, mas, esporadicamente, quando davam ( $n=33$ ) era, principalmente, devido à ‘teimosia/ desobediência/ insistência’ ( $n=5$ ; 15,2%) ou ‘exigência/ autoritarismo’ ( $n=5$ ; 15,2%): *Acho muito cabeça dura, não ouve a gente. [...] eu falo uma coisa, ela faz outra (FAM31P).* A Figura 38 trata das características atribuídas pelos genitores aos adolescentes-foco, no momento que participaram da pesquisa.

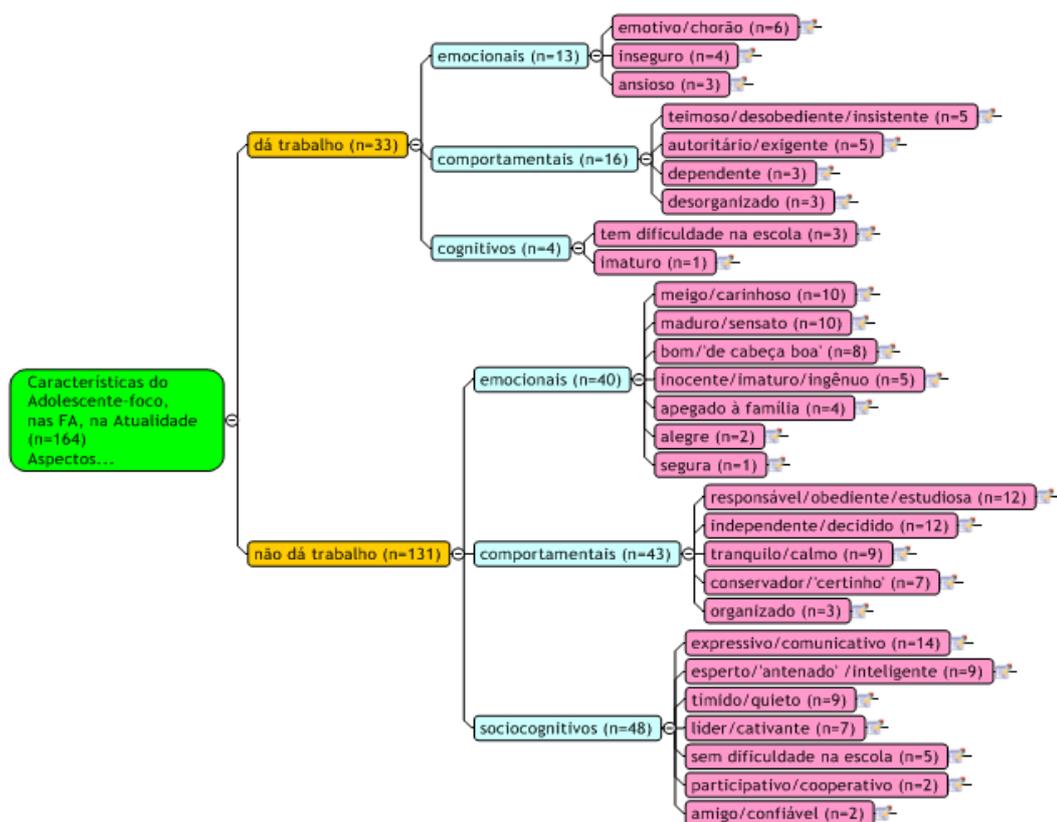


Figura 38. Características pessoais dos filhos nas FA, segundo os genitores.

Ainda, das percepções que os próprios adolescentes tinham sobre si mesmos, apenas 7 se descreveram como 'independentes/ decididos' ( $n=5$ ; 71,4%), 'estabanado' ( $n=1$ ; 14,3%) e 'sociável' ( $n=1$ ; 14,3%).

Com respeito aos marcos de mudança observados nas famílias durante a transição para a adolescência dos filhos, das 556 verbalizações a respeito foram apontados os seguintes aspectos: 'mudanças pessoais', isto é, do próprio adolescente-foco ( $n=242$ ; 43,5%); da 'vida familiar' ( $n= 275$ ; 49,5%); da 'vida escolar' ( $n= 19$ ; 3,4%); e na 'vida social' ( $n=20$ ; 3,6%) das famílias e, principalmente, dele mesmo, conforme mostra a Figura 39.

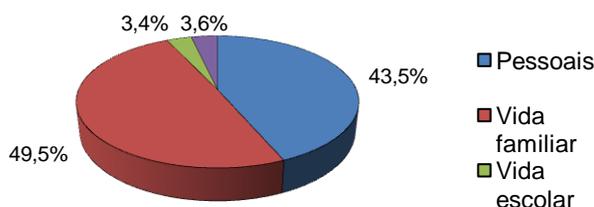


Figura 39. Percentuais das mudanças na transição para a adolescência nas FA, segundo genitores e filhos.

Quanto às ‘mudanças pessoais’ ( $n=227$ ) observadas por genitores e filhos, no adolescente-foco, elas eram, principalmente, ‘fisiológicas’ ( $n=53$ ; 23,3%), mas, também, ‘sociocognitivas’ ( $n=29$ ; 12,8%), ‘emocionais’ ( $n=15$ ; 6,6%), ‘comportamentais’ ( $n=15$ ; 6,6%), entre outras. Porém, o maior número ( $n=115$ ; 50,7%) se referiu às mudanças observadas nas áreas de ‘interesse e necessidades’ dos filhos.

Mais especificamente, dentre as mudanças ‘fisiológicas’ ( $n=53$ ), foram citadas, principalmente, as mudanças no ‘corpo’ ( $n=27$ ; 50,9%) e no ‘humor’ ( $n=16$ ; 30,2%) dos filhos, que eram perceptíveis, e, nem sempre, agradáveis: *Me acho tão diferente; dei uma espichada. Acho que foi esse ano. Eu tinha cabelo curto, meu rosto era diferente, não tinha essas feições. Foi criando uns pelinhos; horrível, você fica com suor, com cheiro (FAM19F)*; e, também, no ritmo ( $n=10$ ; 18,9%).

Foram observadas mudanças ‘sociocognitivas’ ( $n=29$ ) que revelaram os adolescentes-foco se tornando ‘mais quietos’ ( $n=10$ ; 34,5%), com ‘novas formas de pensar’ ( $n=9$ ; 31%), ‘questionadores e críticos’ ( $n=6$ ; 20,7%): *Tá deixando de ser criança. Tá observando essas coisas (de injustiça com os outros). Ela já tem esse senso crítico, do que ela acha correto (FAM26M)*.

Dentre as verbalizações a respeito das mudanças ‘emocionais’ ( $n=15$ ), elas envolviam, principalmente filhos ‘mais conflituosos’ ( $n=7$ ; 46,7%): *Antes não tinha problemas, meu Deus, dá até vontade de morrer. Sinto que eu sou a única pessoa diferente de todas as outras. A gente começa a achar os outros melhores, mais inteligentes, mais educadas, mais bonitas do que nós mesmos, perde um pouquinho da autoconfiança (FAM14F)*. Além disso, eram ‘mais maduros/ sérios’ ( $n=5$ ; 33,3%): *Ele deixou de ser menino engraçado, ficou mais tenso; ele não é um cara que entra pra brincar nas coisas, ele leva a sério. É guitarra, então eu vou ser ‘o cara’; vai jogar futebol, judô, tudo o que ele se meteu, era pra ser o bom, deixa de ser curtido (FAM33P)*.

Quanto às verbalizações a respeito das mudanças comportamentais ( $n=15$ ), os adolescentes-foco estavam se tornando ‘mais responsáveis/ autônomos’ ( $n=6$ ; 40%): *Agora, tem uma prova, mesmo sem os meus pais saberem, eu vou e estudo (FAM30F)*; além de mais tranquilos ( $n=4$ ; 26,7%). Porém, outros estavam ‘mais rebeldes’ ( $n=3$ ; 20%) e ‘egoístas’ ( $n=2$ ; 13,3%): *Tem mudado de comportamento, uma mudança negativa. Me machucou muito quando ganhou uma caixa de bombons trufados. Passados 15 dias, havia comido quase tudo e não tinha oferecido pra ninguém (FAM16M)*.

Entretanto, dentre as mudanças nos ‘interesses’ ( $n=115$ ), mais citadas entre os

participantes, a principal foi a preocupação com a ‘aparência’ ( $n=26$ ; 22,6%): *Eu não tava nem aí [...] Hoje, tô preocupada com as roupas que eu uso, com o que as pessoas pensam de mim (FAM34F)*; mas, também, evidenciou-se o interesse pelo ‘sexo oposto’ ( $n=17$ ; 14,8%), os ‘grupos de pares’ ( $n=11$ ; 9,6%) e a demonstração da necessidade de ‘maior privacidade’ ( $n=12$ ; 10,4%): *Quando vai falar ao telefone, fecha a porta. Se ela quer privacidade a gente respeita, dentro do possível (FAM14P)*. No entanto, a principal mudança se deu pelo interesse desperto pelas questões de ‘lazer’ ( $n=47$ ; 40,9%), que passaram a incluir as tecnologias e as saídas para shoppings, festas, casa de amigos: *Agora, brinca com ela de mandar mensagem, no msn, de escutar música (FAM28M)*. Apenas 15 participantes (desses, 9 mães) ‘não observaram ou não especificaram’ mudanças pessoais relevantes nos adolescentes-foco: *O que ela demonstra de independência, são poucas coisas, que ela sempre fez, não mudou (FAM31M)*. A Tabela 12 mostra as mudanças pessoais ocorridas nos adolescentes-foco, na opinião deles próprios e de seus genitores, durante este período de transição.

Tabela 12

*Mudanças Pessoais durante a Transição para a Adolescência nas FO e FA, segundo os Genitores e Filhos*

Categorias	FO						FA							
	Pai		Mãe		Total		Pai		Mãe		Filho(a)		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Fisiológicas</b>														
Corporais	4	13,3	5	16,7	9	56,3	8	26,7	12	40,0	7	23,3	27	50,9
Rítmicas							1	3,3	4	13,3	5	16,7	10	18,9
De humor							3	10,0	8	26,7	5	16,7	16	30,2
Hormonais			7	23,3	7	43,8								
<b>Subtotal</b>	<b>4</b>	<b>7,4</b>	<b>12</b>	<b>22,2</b>	<b>16</b>	<b>29,6</b>	<b>12</b>	<b>5,3</b>	<b>24</b>	<b>10,6</b>	<b>17</b>	<b>7,5</b>	<b>53</b>	<b>23,3</b>
<b>Emocionais</b>														
Conflituoso	1	3,3	1	3,3	2	50,0	2	6,7	1	3,3	4	13,3	7	46,7
Maduro/ sério							1	3,3	4	13,3			5	33,3
Seguro/ equilibrado							1	3,3	2	6,7			3	20,0
Com novos sentimentos			1	3,3	1	25,0								
Não explícita			1	3,3	1	25,0								
<b>Subtotal</b>	<b>1</b>	<b>1,9</b>	<b>3</b>	<b>5,6</b>	<b>4</b>	<b>7,4</b>	<b>4</b>	<b>1,8</b>	<b>7</b>	<b>3,1</b>	<b>4</b>	<b>1,8</b>	<b>15</b>	<b>6,6</b>
<b>Comportamentais</b>														
Autônomo/ responsável	1	3,3	1	3,3	2	66,7			2	6,7	4	13,3	6	40,0
Tranquilo							2	6,7	2	6,7			4	26,7
Rebelde							3	10,0					3	20,0
Egoísta									2	6,7			2	13,3
Novas atitudes			1	3,3	1	33,3								
<b>Subtotal</b>	<b>1</b>	<b>1,9</b>	<b>2</b>	<b>3,7</b>	<b>3</b>	<b>5,6</b>	<b>5</b>	<b>2,2</b>	<b>6</b>	<b>2,6</b>	<b>4</b>	<b>1,8</b>	<b>15</b>	<b>6,6</b>
<b>Sociocognitivas</b>														
Mais quieto							3	10,0	5	16,7	2	6,7	10	34,5
Mais falante/ menos tímido			2	6,7	2	28,6			1	3,3	2	6,7	3	10,3
Com novos pensamentos			2	6,7	2	28,6	2	6,7	5	16,7	2	6,7	9	31,0
Mais questionador/ crítico									5	16,7	1	3,3	6	20,7
Mais concentrado											1	3,3	1	3,4
Mais decidido			1	3,3	1	14,3								
Com novas percepções	1	3,3	1	3,3	2	28,6								
<b>Subtotal</b>	<b>1</b>	<b>1,9</b>	<b>6</b>	<b>11,1</b>	<b>7</b>	<b>13,0</b>	<b>5</b>	<b>2,2</b>	<b>16</b>	<b>7,0</b>	<b>8</b>	<b>3,5</b>	<b>29</b>	<b>12,8</b>
<b>de Interesses</b>														
Lazer/ esportes	6	20,0	6	20,0	12	50,0	17	56,7	16	53,3	14	46,7	47	40,9
Aparência	1	3,3			1	4,2	9	30,0	11	36,7	6	20,0	26	22,6
Pares/ grupos							5	16,7	6	20,0			11	9,6
Sexo oposto	4	13,3	4	13,3	8	33,3	6	20,0	9	30,0	2	6,7	17	14,8
Privacidade							6	20,0	5	16,7	1	3,3	12	10,4
Futuro							1	3,3					1	0,9
Arte/ religião	1	3,3	2	6,7	3	12,5	1	3,3					1	0,9
<b>Subtotal</b>	<b>12</b>	<b>22,2</b>	<b>12</b>	<b>22,2</b>	<b>24</b>	<b>44,4</b>	<b>45</b>	<b>19,8</b>	<b>47</b>	<b>20,7</b>	<b>23</b>	<b>10,1</b>	<b>115</b>	<b>50,7</b>
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>35,2</b>	<b>35</b>	<b>64,8</b>	<b>54</b>	<b>100,0</b>	<b>71</b>	<b>31,3</b>	<b>100</b>	<b>44,1</b>	<b>56</b>	<b>24,7</b>	<b>227</b>	<b>100,0</b>

Notas. FO – Família de Origem; FA – Família Atual.

Os totais se referem ao número de verbalizações na respectiva categoria, sendo que um mesmo participante poderia ter mencionado mais de uma categoria.

Entretanto, as mudanças mais citadas como ocorridas durante a transição para a adolescência, se deram nas ‘relações familiares’ ( $n=275$ ), mais especificamente, nas relações ‘entre o adolescente-foco e seus genitores’ ( $n=240$ ; 87,3%), mas, também, entre os parceiros ‘conjugais’ ( $n=30$ ; 10,9%), que se tornaram mais harmoniosas, e ‘com os irmãos’ ( $n=5$ ; 1,8%), mais conflituosas.

Nas relações ‘parentais’ ( $n=240$ ), estas mudanças se referiram desde aos padrões de comunicação existentes entre eles e às práticas educativas adotadas, até a imagem transmitida pelos pais. Segundo os participantes, apesar de estarem ‘mais próximos’ ( $n=7$ ; 2,9%), prevalecia um ‘aumento no distanciamento’ ( $n=9$ , 3,8%) dos adolescentes-foco, como mostram os exemplos: *Aquela história de: “Mamãe, eu desço aqui, não precisa me levar lá até a porta da escola, não” já começou (FAM16M). / [...] a separação progressiva da gente. Um dia você tá andando de mão dada com a mãe no shopping, outro dia isso é mico! (FAM33M).*

Ainda, se por um lado, eles relataram que tanto pais quanto filhos estavam ‘participando mais’ ( $n=6$ ; 2,5%) da vida familiar, e tendo ‘mais diálogo’ ( $n=8$ ; 3,3%); por outro, eles sentiam uma ‘diminuição do diálogo’ entre as partes ( $n=8$ ; 3,3%): *(Ele passou a) querer conversar mais comigo (FAM21P). / Não consigo conversar com ela mais, igual eu conversava antes. Falo: “Não, A.L., eu não vou ficar conversando com você pra você me dar patada, não, filha!” (FAM10M).*

Outra mudança bastante presente nas verbalizações a respeito do processo de transição dos filhos para a adolescência, nas FA, foi o ‘aumento na expressão de suas opiniões e pontos de vista/ questionamentos’ ( $n=37$ ; 15%), que os fez participar mais nos processos decisórios da família: *Antes ele escutava mais calado, agora não, ele já responde. Não é sem educação, não, mas ele quer saber o porquê, questiona mais, fala mais o que pensa (FAM20M).* Porém, os filhos revelavam ‘novas formas de se expressar’ ( $n=3$ ; 1,2%), além de ‘expressarem menos opiniões’ ( $n=5$ ; 2,1%) e ‘sentimentos’ ( $n=2$ ; 0,8%): *Era mais amável, mais carinhosa comigo (FAM22M).*

As relações entre pais e filhos estavam se tornando ‘mais conflituosas’ ( $n=6$ ; 2,6%), apesar da ‘resolução desses conflitos ser feita de formas diferentes’ ( $n=3$ ; 1,3%). As práticas educativas parentais foram consideradas ‘mais positivas’ ( $n=21$ ; 9,1%), pois, incluíam mais conversas com argumentos e imposições, negociações e conselhos, por exemplo: *(Hoje) Tento resolver com a pessoa conversando, sem brigar (FAM2F).* Uma mãe alegou que não houve mudança na relação dos genitores com o filho, visto que ele: *Não tem aquelas coisas que os jovens têm, às vezes, que começa a achar tudo o que você fala acha bobeira [...] ainda dá muita*

*importância pra minha opinião, pra do pai (FAM33M).*

Nas relações parentais, ‘novas imagens’ ( $n=6$ ; 2,5%) de pai e de mãe estavam sendo formadas, devido aos novos papéis assumidos pelos genitores nas famílias. Ao mesmo tempo em que os filhos passavam a idealizar menos os seus genitores, eles também modificavam a própria forma de se dirigir a eles: *Antes eu pensava nos meus pais como uma figura que me protegia. Mas agora não; eu percebo que eles têm muito problema. A minha maneira de me referir à minha mãe, não é mais mãe amiga, não de brincar. Agora, serve pra te ajudar, que eu posso confiar, porque eu sei que não vai ser daquelas pessoas fofoqueiras (FAM14F).*

Dentre as mudanças nas relações entre pais e filhos, a mais citada foi no aumento do grau de autonomia dos filhos, relacionada à maior independência nos seus cuidados pessoais, de higiene e alimentação, e na solução de problemas, de maneira geral: *A gente ainda interfere um pouco, mas bem menos. Dia que ela não pode ir ao Kumon, ela mesmo cuida de ligar lá e explicar, remarcar (FAM25M).* Ainda, se referiu ao aumento, principalmente, na liberdade de ir e vir, mas, também, de fazer escolhas, mexer no computador e ficar só em casa: *Eu posso ir no shopping sozinha, ir pro cinema, vou sozinha, sempre vou com as minhas amigas (FAM30F).*

A Tabela 13 mostra as mudanças percebidas nas relações parentais das FA, durante a transição do adolescente-foco para a adolescência.

Tabela 13.

*Mudanças nas Relações Parentais durante a Transição para a Adolescência nas FA, segundo Genitores e Filhos*

Categorias	FO						FA							
	Pai		Mãe		Total		Pai		Mãe		Filho(a)		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Proximidade</b>														
Mais próximas							5	16,7	2	6,7			7	3,0
Mais distantes							2	6,7	5	16,7	2	6,7	9	3,9
<b>Subtotal</b>							<b>7</b>	<b>43,8</b>	<b>7</b>	<b>43,8</b>	<b>2</b>	<b>12,5</b>	<b>16</b>	<b>7,0</b>
<b>Cooperação</b>														
Mais participativas							3	10,0	2	6,7	1	3,3	6	2,6
Menos participativas							1	3,3					1	0,4
<b>Subtotal</b>							<b>4</b>	<b>1,7</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>	<b>7</b>	<b>3,0</b>
<b>Abertura ao diálogo</b>														
Mais abertas							3	10,0	4	13,3	1	3,3	8	3,5
Menos abertas							3	10,0	4	13,3	1	3,3	8	3,5
<b>Subtotal</b>							<b>6</b>	<b>2,6</b>	<b>8</b>	<b>3,5</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>16</b>	<b>7,0</b>
<b>Liberdade</b>														
Mais liberdade							17	56,7	10	33,3	22	73,3	49	21,3
Menos liberdade			1	3,3	1	6,3					1	3,3	1	0,4
<b>Subtotal</b>			<b>1</b>	<b>6,3</b>	<b>1</b>	<b>6,3</b>	<b>17</b>	<b>7,4</b>	<b>10</b>	<b>4,3</b>	<b>23</b>	<b>10,0</b>	<b>50</b>	<b>21,7</b>
<b>Autonomia</b>														
Mais autonomia	5	16,7	2	6,7	7	43,8	18	60,0	21	70,0	20	66,7	59	25,7
<b>Subtotal</b>	<b>5</b>	<b>31,3</b>	<b>2</b>	<b>12,5</b>	<b>7</b>	<b>43,8</b>	<b>18</b>	<b>7,8</b>	<b>21</b>	<b>9,1</b>	<b>20</b>	<b>8,7</b>	<b>59</b>	<b>25,7</b>
<b>Expressão de opiniões</b>														
Mais questionadores	2	6,7	2	6,7	4	25,0	13	43,3	17	56,7	6	20,0	36	15,7
Menos expressivos/ falantes											5	16,7	5	2,2
Novas formas de falar											3	10,0	3	1,3
<b>Subtotal</b>	<b>2</b>	<b>12,5</b>	<b>2</b>	<b>12,5</b>	<b>4</b>	<b>25,0</b>	<b>13</b>	<b>5,7</b>	<b>17</b>	<b>7,4</b>	<b>14</b>	<b>6,1</b>	<b>44</b>	<b>19,1</b>
<b>Expressão de afeto</b>														
Menos expressivos							1	3,3	1	3,3			2	0,9
<b>Subtotal</b>							<b>1</b>	<b>0,4</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>			<b>2</b>	<b>0,9</b>
<b>Conflitos e soluções</b>														
Mais conflituosa							2	6,7	1	3,3	3	10,0	6	2,6
Diferentes soluções									1	3,3	2	6,7	3	1,3
<b>Subtotal</b>							<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>5</b>	<b>2,2</b>	<b>9</b>	<b>3,9</b>
<b>Outras</b>														
Diferentes imagens parentais							2	6,7	3	10,0	1	3,3	6	2,6
Práticas educacionais positivas							8	26,7	8	26,7	5	16,7	21	9,1
Afastamento da família	3	10,0	1	3,3	4	25,0								
<b>Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>18,8</b>	<b>1</b>	<b>6,3</b>	<b>4</b>	<b>25,0</b>	<b>10</b>	<b>4,3</b>	<b>11</b>	<b>4,8</b>	<b>6</b>	<b>2,6</b>	<b>27</b>	<b>11,7</b>
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>62,5</b>	<b>6</b>	<b>37,5</b>	<b>16</b>	<b>100,0</b>	<b>78</b>	<b>33,9</b>	<b>79</b>	<b>34,3</b>	<b>73</b>	<b>31,7</b>	<b>230</b>	<b>100,0</b>

Notas. FO – Família de Origem; FA – Família Atual.

Os totais se referem ao número de verbalizações na respectiva categoria, sendo que um mesmo participante poderia ter mencionado mais de uma categoria.

Quanto às verbalizações referentes às mudanças na ‘vida social’ ( $n=20$ ) dos adolescentes-foco, houve um ‘aumento na rede de amigos’ ( $n=6$ ; 30%), que se tornaram

mais importantes e passaram a exercer ‘mais influência/ pressão’ ( $n=5$ ; 25%). Os filhos passaram a se envolver mais com o ‘sexo oposto’ ( $n=8$ ; 40%), tendo ou não suas primeiras experiências neste tipo de relacionamento: *Ela não tem essas necessidades, esse negócio de namoro. Ela vai na onda das amigas, mas no fundo, no íntimo dela, ela não tá ainda, pelo que ela fala pra mim (FAM4M).*

Em função da percepção que os genitores apresentaram da adolescência e dos adolescentes-foco, eles demonstraram grande número de ‘preocupações e dúvidas’, expressas em diversas verbalizações ( $n=51$ ), relativas ao momento vivido pelos filhos e, especialmente, quanto a o ‘estabelecimento de limites’ e o ‘grau de liberdade’ ( $n=13$ ; 25,5%) que os genitores deveriam conceder-lhes, conforme revela o exemplo: *Você fica sempre nesse muro - será que você cobra demais do adolescente, e ele se sente pressionado e começa fazer coisas escondidas, ou será que você conversa demais também e traz ele pro seu lado? Tem hora que eu me pego assim totalmente perdida; não sei qual o limite. [...] como agir? (FAM2M).*

A ‘quantidade e qualidade do diálogo’ entre eles ( $n=9$ ; 17,6%) foi outro fator de preocupação apontado pelos genitores, que revelaram sofrimento diante das dificuldades dos filhos e temor quanto à forma de os abordarem fatos que poderiam levar ao afastamento mútuo: *Hoje, sofro muito pelas coisas que eu vejo que ela passa (com a comida), fico nervosa, não sei lidar com isso, fico no maior dilema! Porque, ao mesmo tempo em que eu não posso alimentar, tenho que ser muito dura, também tenho que ser muito amável - às vezes não combina as duas coisas ao mesmo tempo (FAM13M).*

Questões relacionadas aos ‘estudos e ao futuro’ ( $n=11$ ; 21,6%), às ‘inseguranças da vida cotidiana’ ( $n=5$ ; 9,8%) e à ‘pressão dos pares’ ( $n=6$ ; 11,8%) também os preocupavam, no sentido de promoverem a educação e o direcionamento aos filhos, na medida adequada, sem maiores interferências nas suas escolhas pessoais: *Às vezes fico um pouco preocupada de tá direcionando muito [...] interferindo demais na visão de mundo deles. Quando ela fala que ela quer fazer Estilismo, eu apóio, mas eu não sei se seria a melhor coisa pra ela (FAM14M).* A Figura 40 mostra os percentuais de preocupações e dúvidas, apontadas pelos genitores, diante da adolescência dos filhos.

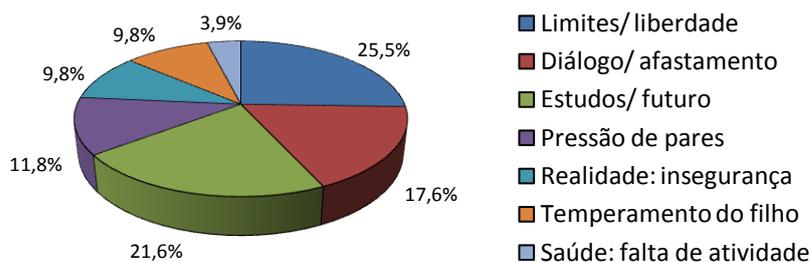


Figura 40. Percentuais das preocupações e dúvidas dos genitores na adolescência nas FA, segundo os genitores.

### *Semelhanças e Diferenças entre a Adolescência nas Famílias de Origem e nas Famílias Atuais, na Perspectiva dos Genitores*

Quando comparadas as FO e as FA durante a infância dos filhos, foi possível observar que elas foram fases da vida avaliadas positivamente em ambas as gerações de famílias, conforme mostra a Figura 41.

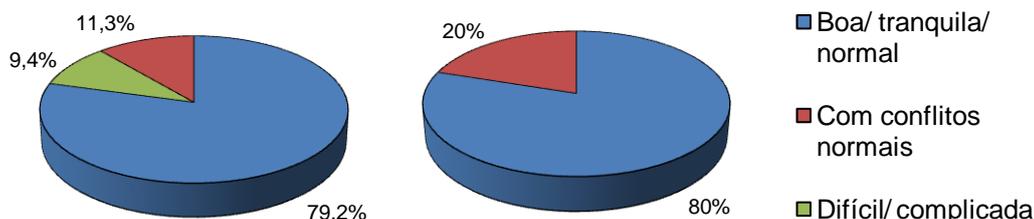


Figura 41. Avaliações da infância nas FO e FA, segundo genitores e filhos.

Genitores relataram que viveram uma infância tranqüila nas FO, com muitas brincadeiras e convivência com familiares, enquanto nas FA, a infância não teve grande destaque, apesar de ser considerada boa/ normal. Genitores foram crianças quietas, calmas, responsáveis e obedientes aos pais, não parecendo ter dado trabalho a eles. Da mesma forma, seus filhos, os adolescentes-foco, foram descritos como crianças queridas, que não deram trabalho, visto que eram, principalmente, tranqüilas, responsáveis, mais carinhosas e, proporcionalmente, mais falantes e menos levadas do que eles foram.

Nas FO, dentre os eventos (normativos ou não) ocorridos nesta fase do desenvolvimento, as mudanças de moradia, mortes e acidentes foram as mais relevantes. Já nas FA, foi relatado quase o dobro de fatos que se referiram, principalmente, à gravidez

(principalmente inesperada da mãe, que precipitou a união do casal), ao nascimento dos filhos e de mais um irmão, mas, também, às doenças e mortes.

Conforme apontaram os genitores, o momento da transição para a adolescência, nos dias atuais, era bem mais marcante, tendo como principais características, um início ‘mais precoce’ ( $n=10$ ; 55,6%) do que nas FO. Nestas, a entrada na adolescência foi associada à idade dos genitores, e, segundo eles, ela hoje é bem ‘mais dinâmica’ ( $n=3$ ; 16,7%), e ‘mais prolongada’ ( $n=1$ ; 5,6%). Ainda, em 4 (22,2%) verbalizações, as subfases da adolescência não existiam antes: *A prova de que essa geração é muito diferente da nossa, é que, na nossa época, não existia pré-adolescência, era adolescente (FAM16P)*. A Figura 42 mostra os percentuais das verbalizações a respeito das diferenças entre a adolescência do passado e do presente, na opinião dos genitores.

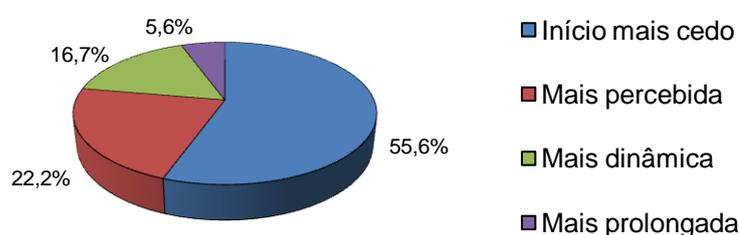


Figura 42. Percentuais das diferenças na adolescência das FO e FA, segundo os genitores.

As mudanças mais percebidas no início da adolescência nas FO foram aquelas referentes aos aspectos pessoais, isto é, fisiológicos, emocionais, comportamentais, sociocognitivos e nos interesses do adolescente. Nas FA, apesar de muitas mudanças nos aspectos pessoais, à vida familiar foram atribuídas as maiores mudanças desta fase, e, mais especificamente, nas relações parentais, conforme mostra a Figura 43.

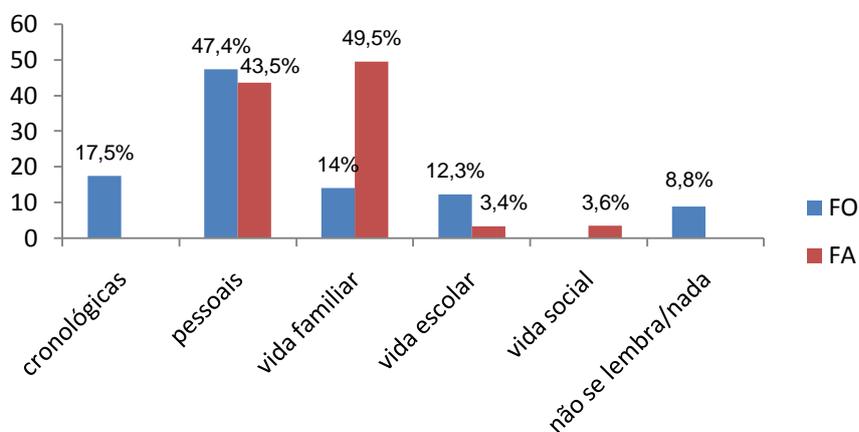


Figura 43. Percentuais das mudanças na adolescência nas FO e nas FA, segundo os genitores e filhos.

Houve 16 genitores que relataram não terem percebido grandes mudanças, em suas famílias de origem, nas suas relações com seus pais, durante a própria transição para a adolescência. Eles emitiram 25 verbalizações a este respeito, citando mudanças relativas a grau de liberdade, autonomia e expressão de opiniões.

Com relação às práticas educativas parentais nas FO e FA, também foram relatadas semelhanças e diferenças. Dentre as semelhanças, em ambas as famílias eram utilizadas os mesmos tipos de práticas, com predomínio de relatos a respeito das consideradas ‘negativas’ ( $n=189$ ; 67%) sobre as ‘positivas’ ( $n=93$ ; 33%). Porém, do total de práticas utilizadas nas FA, genitores revelaram utilizar uma quantidade maior e mais diversificada de práticas educativas do que eram utilizadas nas FO, pois as atuais também incluíam o ‘controle dos filhos, por monitoramento’ de suas atividades ( $n=13$ ), enquanto nas FO, apenas uma mãe revelou que seus pais ‘não estabeleciam limites’.

Nas FO, prevaleceram os relatos a respeito das práticas ‘negativas’ ( $n=58$ ) e, dentre elas, destaque foi dado às ‘punições físicas’ ( $n=21$ ; 36,2%). Já nas FA, dentro das negativas ( $n=131$ ), as ‘punições verbais’ ( $n=47$ ; 35,9%) foram as mais citadas. É possível perceber que houve um aumento significativo nas privações e castigos, nas FA quando comparadas aos relatos sobre as FO, especialmente das mães, grupo de participantes que mais revelou informações sobre estes aspectos. Quanto às práticas positivas ( $n=79$ ), nas FA, prevaleciam as ‘conversas’ ( $n=53$ ; 67,1%). A Tabela 14 indica as práticas educativas adotadas nas FO e nas FA.

Tabela 14

*Práticas Educativas Parentais nas FO e FA, segundo Genitores e Filhos*

Categorias	FO						FA							
	Pai		Mãe		Total		Pai		Mãe		Filho(a)		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Positivas</b>														
Conversa	2	6,7	6	20,0	8	11,1	19	63,3	23	76,7	11	36,7	53	25,2
Estabelece limites	1	3,3	3	10,0	4	5,6	7	23,3	5	16,7	1	3,3	13	6,2
Controla/ monitora							4	13,3	8	26,7	1	3,3	13	6,2
Não especifica	2	6,7			2	2,8								
<b>Subtotal</b>	<b>5</b>	<b>6,9</b>	<b>9</b>	<b>12,5</b>	<b>14</b>	<b>19,4</b>	<b>30</b>	<b>14,3</b>	<b>36</b>	<b>17,1</b>	<b>13</b>	<b>6,2</b>	<b>79</b>	<b>37,6</b>
<b>Negativas</b>														
Não estabelece limites			1	3,3	1	1,4	2	6,7	6	20,0	2	6,7	10	4,8
Olha			3	10,0	3	4,2	1	3,3	2	6,7			3	1,4
Pune verbalmente/ critica	5	16,7	8	26,7	13	18,1	15	50,0	19	63,3	13	43,3	47	22,4
Castiga/ priva	3	10,0	1	3,3	4	5,6	13	43,3	21	70,0	11	36,7	45	21,4
Controla com rigidez	5	16,7	10	33,3	15	20,8	2	6,7	3	10,0			5	2,4
Pune fisicamente	11	36,7	10	33,3	21	29,2	7	23,3	11	36,7	3	10,0	21	10,0
Não especifica	1	3,3			1	1,4								
<b>Subtotal</b>	<b>25</b>	<b>34,7</b>	<b>33</b>	<b>45,8</b>	<b>58</b>	<b>80,6</b>	<b>40</b>	<b>19,0</b>	<b>62</b>	<b>29,5</b>	<b>29</b>	<b>13,8</b>	<b>131</b>	<b>62,4</b>
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>41,7</b>	<b>42</b>	<b>58,3</b>	<b>72</b>	<b>100,0</b>	<b>70</b>	<b>33,3</b>	<b>98</b>	<b>46,7</b>	<b>42</b>	<b>20,0</b>	<b>210</b>	<b>100,0</b>

Notas. FO – Família de Origem; FA – Família Atual.

Os totais se referem ao número de verbalizações na respectiva categoria, sendo que um mesmo participante poderia ter mencionado mais de uma categoria.

***Concepções de Adolescência: Adolescência “Real” X “Ideal” nas Famílias de Origem e nas Famílias Atuais, na Perspectiva de Genitores e Filhos***

***A Adolescência “Real”: Percepções dos Filhos e dos Genitores sobre Si Mesmos e sobre os Demais Familiares***

O período da adolescência nas famílias de origem foi avaliado por 43 genitores, sendo considerado como ‘bom/ tranquilo/ normal’ ( $n=30$ ; 69,8%) ou ‘ruim/ difícil’ ( $n=13$ ; 30,2%). Foi considerada ‘boa’ ( $n=30$ ) devido a experiências de ‘diversão e liberdade’ ( $n=9$ ; 30%), mas, também, de ‘responsabilidade’ ( $n=3$ ; 10%), entre outras. Nos exemplos, é possível destacar: *A minha adolescência era uma época muito solta. A gente tinha muita liberdade, de aprontar muito [risos] (FAM28P). / Eu estudava e trabalhava, mas aprontava. Foi a melhor fase da minha vida! (FAM8M).*

Porém, foi avaliada como ‘ruim’ ( $n=13$ ) devido às ‘dificuldades no ambiente/ clima familiar’ ( $n=4$ ; 30,8%), ‘limitações’ ( $n=3$ ; 23,1%) e ‘responsabilidades’ ( $n=2$ ; 15,4%), além das próprias ‘características pessoais de isolamento’ ( $n=2$ ; 15,4%) ou ‘rebeldia’ ( $n=2$ ;

15,4%), como exemplificam as falas: *Não foi uma adolescência tão fácil, pois ficava muito isolado (FAM9P). / Quando eu tava em casa, que não tava envolvida nos afazeres, na casa, eu tava trancada no meu quarto (FAM32M).*

Já nas famílias atuais, para 14 filhos e genitores que avaliaram este período, o momento atual da família foi descrito ou como ‘melhor’ ( $n=7$ ; 50%), ou como ‘melhorando’ ( $n=6$ ; 42,9%). Apenas um pai considerou um momento ‘pior, mais difícil’ para ele, devido às preocupações com os filhos: *Hoje, pra mim, a família representa mais uma preocupação. É a fase de encaminhamento dos meninos. A minha, é a fase final da responsabilidade (FAM12P).* A Figura 44 mostra a avaliação dos participantes sobre vida familiar atual, no momento em que a pesquisa foi feita.

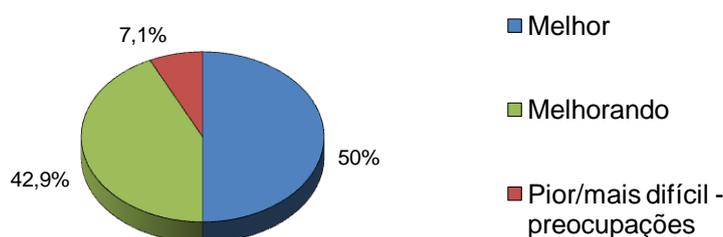


Figura 44. Avaliação da FA, segundo genitores e filhos.

Além de avaliarem suas famílias, 23 participantes mostraram a percepção que tinham sobre si mesmos e os outros. Os genitores descreveram a si próprios, como ‘pessoas’ ( $n=34$ ; 72,3%), e, também, se viam exercendo o ‘papel de pais’ ( $n=13$ ; 27,7%).

Como pessoas ( $n=34$ ), eles se definiram como ‘tímidos’ ( $n=1$ ; 2,9%) e ‘afetivos’ ( $n=1$ ; 2,9%), mas, também, ‘explosivos/ inconstantes’ ( $n=2$ ; 5,9%). Também perceberam-se como ‘tranquilos/ caseiros’ ( $n=4$ ; 11,8%) e ‘organizados/ determinados’ ( $n=4$ ; 11,8%). Por outro lado, se consideravam ‘rígidos/ exigentes’ ( $n=3$ ; 8,8%) e, tanto ‘independentes’ ( $n=2$ ; 5,9%), quanto ‘dependentes’ ( $n=2$ ; 5,9%), como apontam as verbalizações: *Não gosto que as pessoas venham impor uma coisa; primeiro tem que escutar sua opinião. Parei de fumar por causa de mim, da minha saúde (FAM15P). / Eu sou muito dependente. Eu preciso de ter alguém pra conversar, pra me ajudar (FAM19P).* Como característica principal, os genitores alegaram ter ‘facilidade de relacionamento interpessoal’ ( $n=7$ ; 20,6%), apesar de dois pais mencionarem o oposto, como mostra a verbalização: *Tenho muito problema de relacionamento com muitas pessoas, inclusive no trabalho, porque eu sou autêntico, todo mundo me conhece. Não gosto muito de reuniões sociais; reunião de família eu gosto, adoro e vou a todas, porque eu não vejo hipocrisia nas pessoas da minha família, nada de interesses (FAM12P).*

Enquanto exercendo o ‘papel de pais’ ( $n=13$ ), os genitores se percebiam ‘impacientes/ exigentes/ teimosos’ ( $n=4$ ; 30,8%): *Eu sou exigente, reconheço, principalmente nesse negócio de estudo. Talvez até seja exigente demais, dura demais, mas eu acho que é assim.* (FAM23M); ‘liberais/ permissivos’ ( $n=4$ ; 30,8%): *Sou meio permissiva demais. Fico querendo não chatear ela, e acabo arrumando um jeito pra ela fazer, também, o que ela quer* (FAM30M). Também se disseram ‘ponderados’ ( $n=2$ ; 15,4%); ‘abertos/ atentos’ aos filhos ( $n=2$ ; 15,4%); mas, também, ‘desatentos’ ( $n=1$ ; 7,7%).

Através de 15 verbalizações, 9 filhos também revelaram sua percepção sobre seus pais e os declararam, principalmente, ‘nervosos’ ( $n=5$ ; 33,3%) e ‘reclamações/ chatos’ ( $n=2$ ; 13,3%): *Meu pai é meio stressadinho sempre* (FAM23F). / *Às vezes, acho que o que eles tão fazendo é meio chato, exagerado, muito em cima* (FAM28F). Porém, também foram considerados ‘extrovertidos/ animados/ brincalhões’ ( $n=3$ ; 20%), por um lado, e ‘calmos/ calados’ ( $n=3$ ; 20%), por outro: *Nunca brigo, porque meu pai é uma pessoa muito calma, fica no canto dele* (FAM19F). A Figura 45 mostra um sistema integrado das percepções das características dos genitores atribuídas por eles próprios e pelos filhos.

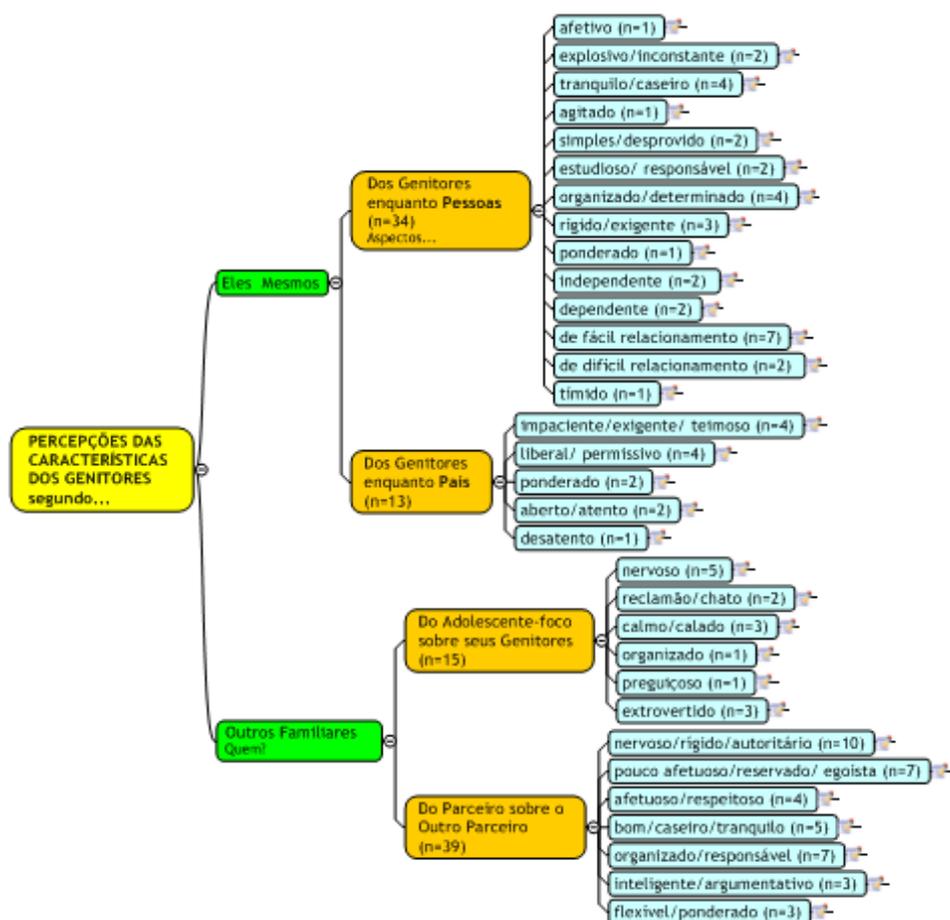


Figura 45. Características pessoais dos genitores nas FA, segundo genitores e filhos.

### *A Adolescência “Ideal”: Concepções de Adolescência*

Quando questionados sobre o que significava a adolescência para eles, das 254 verbalizações que a caracterizaram, 215 (84,6%) avaliaram-na como uma ‘fase’ enquanto que 15 (6,5%), como um ‘fenômeno em si’.

Das 22 verbalizações (8,6%) que atribuíram um ‘valor’ à adolescência, 13 (59,1%) a consideraram ‘difícil’; 8 (36,4%), ‘importante’; enquanto uma (4,5%) foi ‘neutra’: *Mas eu acredito que não é nada de mais (FAM32P)*.

Para os que consideraram a adolescência uma ‘fase’ ( $n=215$ ), esta poderia ser delimitada por critérios de ‘gênero’ ou de ‘idade’ ( $n=9$ ; 4,2%), nem sempre precisos. Principalmente na fala de 6 filhos, ela começa por volta dos 12/ 13 anos de idade (sendo que para um deles, há um período intermediário), e termina aos 18/ 20, conforme mostra os exemplos: *A infância é até os 10 anos. Aos 10 anos é pré-adolescente, aí com 13, 14 é adolescente (FAM5F)*. / [...] *aos 18/ 20 anos, quando ganhar um carro (FAM21F)*. Porém, existiriam diferenças na adolescência, nos aspectos do desenvolvimento de meninos e meninas, por um pai e uma filha (ela achava que as meninas começavam mais cedo): *O homem só amadurece a partir dos 15 anos (FAM13F)*; enquanto, o pai, ao contrário: *Com 13 anos [...]. O menino começa mais cedo a parte biológica; as meninas são depois (FAM14P)*.

A adolescência foi caracterizada, também, como um ‘momento de transição no processo de desenvolvimento do indivíduo’ ( $n=11$ ; 5,1%), isto é, de preparação ou passagem da infância para a vida adulta, conforme ilustra a fala: *É uma fase de transição de tudo. É aquela passagem de: “Não sou mais criança. Mas no fundo, sabe que não é adulto (FAM16P)*.

Entretanto, a definição mais freqüente de adolescência apontou para uma ‘fase de inúmeras mudanças’ ( $n=189$ ), dentre elas, principalmente: as ‘pessoais’ ( $n=121$ ; 64%), mas, também, aquelas que ocorreriam nos contextos de ‘vida familiar’ ( $n=42$ ; 22,2%), ‘escolar’ ( $n=13$ ; 6,9%) e ‘social’ ( $n=11$ ; 5,8%). Dois participantes percebiam mudanças, mas não sabiam especificá-las. Dentre as mudanças pessoais associadas à adolescência, as ‘físicas/ fisiológicas’ ( $n=26$ ), ‘emocionais’ ( $n=17$ ), ‘comportamentais’ ( $n=28$ ), ‘sociocognitivas’ ( $n=31$ ), e de ‘interesses e necessidades’ ( $n=19$ ) no indivíduo.

As mudanças ‘fisiológicas’ ( $n=26$ ) apontaram as transformações no corpo, com o crescimento de espinhas, pelos e peitos, e a chegada da menstruação, nas meninas; e, particularmente nos meninos, o crescimento acelerado do corpo estava associado, principalmente, à altura, músculos e orelhas: *Você fica mais alto, começa a ganhar mais*

*músculo (FAM24F). Mudanças percebidas no modo de ser e de agir (FAM16F) do adolescente, e que estariam associadas ao ritmo, isto é, à preguiça/ sono e às alterações de humor: Acho que é um período, assim, meio sofridinho, mas, no momento seguinte, eles já são ótimos (FAM14M).*

Quanto às mudanças ‘emocionais’ (n=17), a adolescência foi considerada um momento de ‘formação de identidade’ (n=6; 35,2%) e de ‘conflitos internos’, que envolveria o ‘autoconhecimento’ (n=2; 11,8%): *É o período que a gente ganha uma certa identidade, em termos físicos, termos intelectuais (FAM9P). / É um momento de você se definir; se forma como pessoa, como caráter, como personalidade (FAM11F).* Mas, principalmente, seria nela que ocorreria o aparecimento de ‘novos sentimentos’ (n=7; 41,2%), como dúvidas e ansiedades: *Eu acho que é uma fase de ansiedade, que você quer que algumas coisas aconteçam mais rápida (FAM27P).*

Eles descreveram ainda que, a seu ver, na adolescência, ocorreriam mudanças no ‘comportamento’ (n=28) que incluem ‘rebeldia’ (n=7; 25%) e ‘egoísmo/ onipotência’ (n=5; 17,9%), e que tais mudanças aconteceriam de modo diferente entre meninos e meninas, como nos exemplos: *Às vezes eu vejo menina, que é muito barraqueira, que xinga os pais (FAM10F).* Além disso, segundo uma menina: *Os meninos ficam mais bagunceiros (FAM5F).* Na busca por ‘novas experiências’ (n=10; 35,7%), eles passam a ter mais autonomia nas suas ‘escolhas’ (n=3; 10,7%), conforme ilustra a verbalização: *Eu acho que adolescência tá assim, muita curiosidade, muita vontade de experimentar, é, desafiante (FAM12M).*

Em relação às características ‘sociocognitivas’ (n=31), as experiências individuais passariam a exigir ‘mais discernimento’ (n=10; 32,3%), pois: *[...] experiências que você vai começar a ter sozinho, por mais que teu pai e tua mãe, teus amigos, mas, você vai procurar coisas novas (FAM24P).* Assim, começariam a ocorrer ‘novas aprendizagens e descobertas’ (n=11; 35,5%) e um ‘aumento da manifestação de ‘opiniões e o desenvolvimento de ‘projetos próprios’ (n=3; 9,7%). Entre outros exemplos: *[...] momento de descoberta, de conhecimento, de abertura, de novas possibilidades, do novo. Adolescência é o novo, é o desconhecido. É uma porta que se abre (FAM19P).*

Tanto os genitores quanto os filhos demonstraram acreditar que, durante a adolescência, os indivíduos passariam apresentar ‘novos interesses’ (n=19), dirigidos à ‘aparência’ (n=1; 5,3%) e ao ‘sexo oposto’ (n=7; 36,8%), isto é, o namoro: *Depois os interesses começam a mudar, começa a se interessar pelo sexo oposto (FAM11M).* Para eles, não ocorreria apenas um aumento no tempo, mas, também, na diversidade de

atividades de ‘lazer’ ( $n=7$ ; 36,8%): *Geralmente os adolescentes mudam de gosto, por exemplo, em vez de brincar de boneca ou de boneco, eles passam a jogar videogame, ou sair. (FAM20F)*. Simultaneamente, aconteceria um ‘aumento na quantidade e preocupação com os estudos’ ( $n=3$ ; 15,8%): *Quando para de ver esses desenhos de luta, na TV, quando começa a estudar mais, se dedicar mais (FAM13F)*. Apesar disso, segundo uma adolescente-foco, às vezes acontece o contrário; o adolescente passa a querer ir mais a festinhas, bater papo com amigos ou, ao contrário, ficar apenas no vídeo game e no computador, e isto pode trazer prejuízos para os estudos: *Você tem muita festa, [...] e o estudo pode ficar prejudicado (FAM15P)*. A Figura 46 mostra as mudanças esperadas na adolescência, nos diferentes aspectos, de acordo com as concepções dos filhos e genitores.

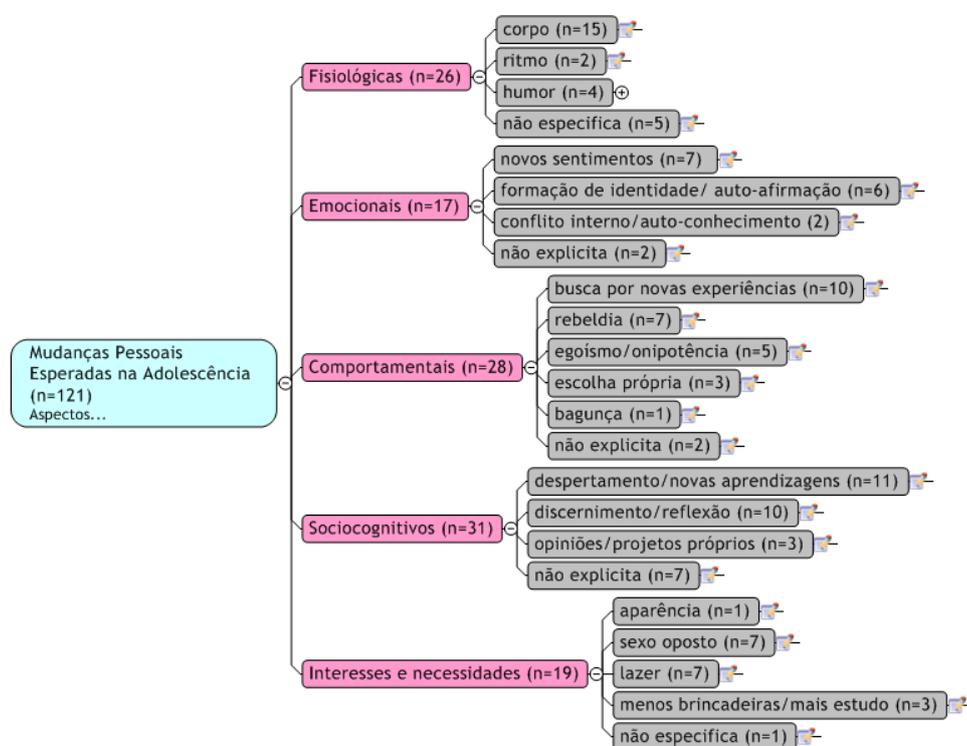


Figura 46. Mudanças pessoais esperadas na adolescência, segundo genitores e filhos.

Na vida familiar, eles entendiam que haveria ‘mudanças’ ( $n=42$ ) tanto nos ‘padrões de comunicação entre pais e filhos’ ( $n=32$ ; 76,2%), quanto nas ‘práticas educativas’ ( $n=10$ ; 23,8%). Dentre as mudanças esperadas nos padrões de comunicação entre eles, para um genitor, os adolescentes ‘se aproximavam’ dos pais e, para outros 3, ocorreria um ‘distanciamento’ entre eles e os filhos, como mostra o relato do adolescente: *Sai um pouco da família, começa a sair do núcleo (FAM27M)*. / *Minha amiga pensa que adolescência é aquela fase onde você não tem contato com o seu filho (FAM34P)*. O ‘diálogo’ entre eles ‘diminuiu ou piorava’ ( $n=4$ ; 12,5%), conforme indicam as verbalizações: *[...] tem adolescente que não conta*

as coisas, muito, pros pais (FAM28F). / Realmente, nessa fase da vida, já começa a não falar todas as coisas para você (FAM34P).

De acordo com os genitores e seus filhos, a questão da busca do adolescente por ‘autonomia/ liberdade’ ( $n=14$ ; 43,8%) é, reconhecidamente, a mudança esperada mais relevante, nesta fase, conforme apontam as verbalizações: (É quando eles começam) *a ver que uma hora você vai ter que caminhar com as tuas próprias pernas (FAM8P)*. Para eles, o adolescente passava a querer: *liberdade de sair, poder ir ao cinema sozinho, poder ir pra uma festa, sozinho (FAM11M)*. Por isso, ele argumentaria mais, ‘questionaria’ ( $n=6$ ; 18,8%): *Você já não vai aceitar mais tudo o que te colocam de uma forma. (FAM24P)*. A Figura 47 mostra as mudanças esperadas pelos participantes, no contexto familiar, durante a adolescência dos filhos.

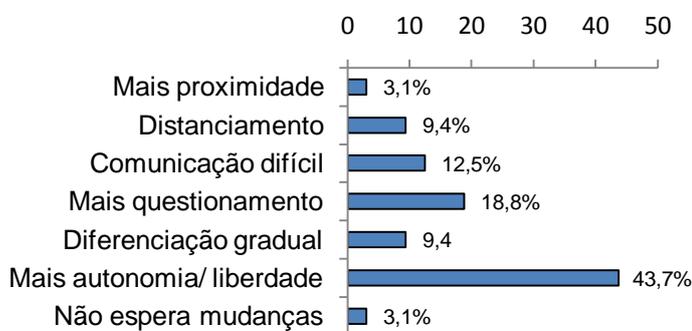


Figura 47. Percentuais das mudanças esperadas na vida familiar na adolescência, segundo genitores e filhos.

Nas relações com os pais, a adolescência poderia significar, também, a necessidade de ‘mudanças nas práticas educativas parentais’ ( $n=10$ ), sendo que, neste ponto, houve controvérsias entre as opiniões dos participantes: alguns revelaram que os pais necessitariam estabelecer ‘mais limites e monitorar’ ( $n=3$ ; 30%) as atividades dos filhos adolescentes: *É levar pra qualquer lugar, tem que tá junto, a gente cerca mais. [...] mas é a insegurança do dia-a-dia (FAM13P)*. Outros concordavam que haveria, neste momento, a ‘necessidade de mais flexibilidade nos limites’ ( $n=3$ ; 30%), além de ‘conversas’, onde pais pudessem ‘orientar’ os filhos ( $n=3$ ; 30%), embora ‘não’ fosse razoável ‘interferir’ na vida deles ( $n=1$ ; 10%), apesar do relato: *Você não pode mais controlar como se fosse uma criança pequena. É importante você dar certa autonomia, certa liberdade, dentro dos limites possíveis (FAM34M)*.

Com relação à ‘vida escolar’ ( $n=13$ ), genitores e filhos demonstraram acreditar na ocorrência do ‘aumento de dificuldades’ ( $n=5$ ; 38,5%) e de ‘responsabilidades’ ( $n=7$ ;

53,8%), mas, na ‘diminuição no conflito’ ( $n=1$ ; 7,7%) com os colegas, durante esta fase: *A matéria vai dificultando, os professores [...] aí, sempre quando vai entrando na adolescência, vai ficando mais difícil, também (FAM29F).*

Na ‘vida social’ ( $n=11$ ), as mudanças esperadas na adolescência foram descritas sob diferentes aspectos inter-relacionados. Segundo eles, na adolescência, ocorreria o ‘afastamento dos amigos antigos’ ( $n=2$ ; 18,2%) e o ‘surgimento de novas amizades’ ( $n=1$ ; 9,1%). Ainda, haveria um aumento na ‘necessidade do adolescente de pertencer a um grupo’ ( $n=3$ ; 27,3%): *Buscar mais a sua identidade diretamente num grupo de amigos (FAM9M). / Turma é uma coisa muito adolescente, muito marcante. (FAM28P)*; apesar de que, nos grupos, haveria maior ‘pressão dos pares’ ( $n=1$ ; 9,1%): *A turma tem dois lados: é bom você participar de turma; tem também um certo ‘emburrecimento’ [...] as pessoas não pensam muito por si (FAM28P)*; e o consequente aumento no ‘tempo compartilhado’ com eles ( $n=2$ ; 18,2%). A Figura 48 ilustra as mudanças esperadas pelos participantes no contexto de vida social de um adolescente.

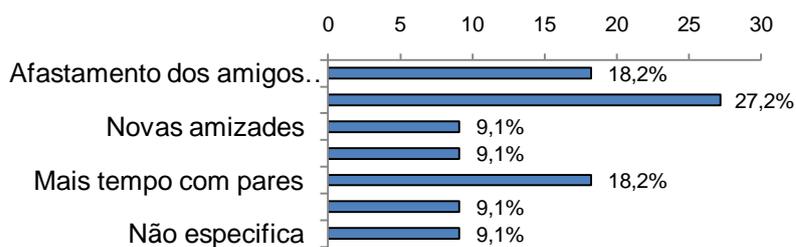


Figura 48. Percentuais de mudanças esperadas na vida social do adolescente, segundo genitores e filhos.

Compreendendo a adolescência como uma ‘fase de construção, evolução e desenvolvimento’ ( $n=3$ ; 1,4%), os participantes relataram que, para eles, não haveria uma ruptura: *Não tem um rompimento; é uma coisa que vai sendo construída (FAM9M). / É só o crescimento, uma evolução, e você lida com isso (FAM32P)*. Por outro lado, quando entendida como uma fase de mudança repentina ou ‘ruptura’ ( $n=3$ ; 1,4%), os participantes alegaram que: *Eles vêm num ritmo, assim, de repente tem um momento que muda (FAM28M)*.

Enquanto um ‘fenômeno em si’ ( $n=15$ ), a adolescência foi definida, principalmente, em relação aos ‘aspectos sociais e culturais’ a ela atribuídos ( $n=11$ ; 73,3%). O relato de uma mãe mostrou que, em sua opinião, a percepção que cada pessoa tem sobre a adolescência deve ser considerada: *É relativo. Por que a adolescência é mais problemático? Eu acho que é. Tem umas mudanças, mas eu acho que é muito do jeito que*

a gente encara também (FAM20M). Quando definida como um ‘fenômeno biológico’ ( $n=2$ ; 13,3%), a concepção de adolescência incluiu as diferenças entre os gêneros, por exemplo: *Nem (é difícil) pra todo mundo, mas [...] Eu, por observação, acho que é mais forte com mulher. Com mulher acho que é mais intenso; mudança de humor, chique, coisa desse tipo. E com homem eu acho que é mais leve (FAM30P)*. Como um ‘conceito biopsicossocial’ ( $n=1$ ; 6,7%), ela teria a ver, também, com a cultura, a história e as circunstâncias nas quais ela ocorre: *Adolescência é um conceito completamente biopsicossocial, psicossocial... Tem muita relação com a cultura, com o momento, com a circunstância, com os seus valores, com os valores daquela cultura, daquele grupo... da circunstância, da vivência, daquilo que ele tá recortando nesse mundo, que ele tá internalizando (FAM33M)*. No relato de um participante, ela é algo único, porém, com certas regularidades: *Não tem nada de universal, ou tem poucas coisas, que são talvez regularidades (FAM33M)*.

Outra forma utilizada pelos participantes para definir a adolescência ocorreu mediante a atribuição de ‘valores’ ( $n=22$ ). Isto é, na visão dos familiares deste estudo, ainda prevalece a ideia de que a adolescência é um momento ‘difícil’ ( $n=13$ ; 59,1%), tanto para os pais quanto para os filhos: *Esta fase de adolescência é muito complexa (FAM12M). / É uma fase que pra maioria, é difícil. Tanto pros pais quanto pra pessoa (FAM16P). / É bem mais fácil ser criança (FAM17F)*. Apesar disso, por outro lado, ela foi vista como muito ‘importante/ positiva’ ( $n=8$ ; 36,4%): *Acho que é um período importante pra pessoa, porque tudo que a pessoa tá passando vai fazer ela crescer, agir, pensar, mudar certas coisas (FAM21M)*. Ainda, um participante alegou: *Acredito que não é nada de mais (só o crescimento, uma evolução) (FAM32P)*. Importante ressaltar que, conforme aponta a Figura 49, mães tendiam a ver a adolescência mais positivamente do que os demais familiares.

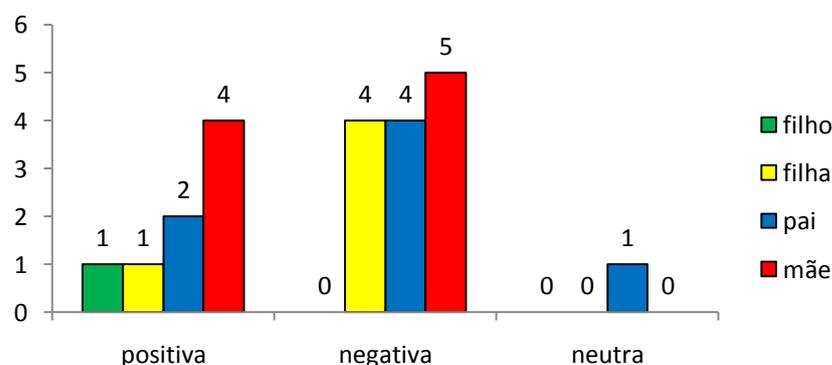


Figura 49. Avaliação da adolescência nas FA, segundo pai, mãe, filho e filha.

Tendo em vista a complexidade e a variedade de temas a respeito, foi construído um sistema integrado de categorias, que revela as concepções que os participantes têm sobre a adolescência, conforme pode ser visualizado na Figura 50.

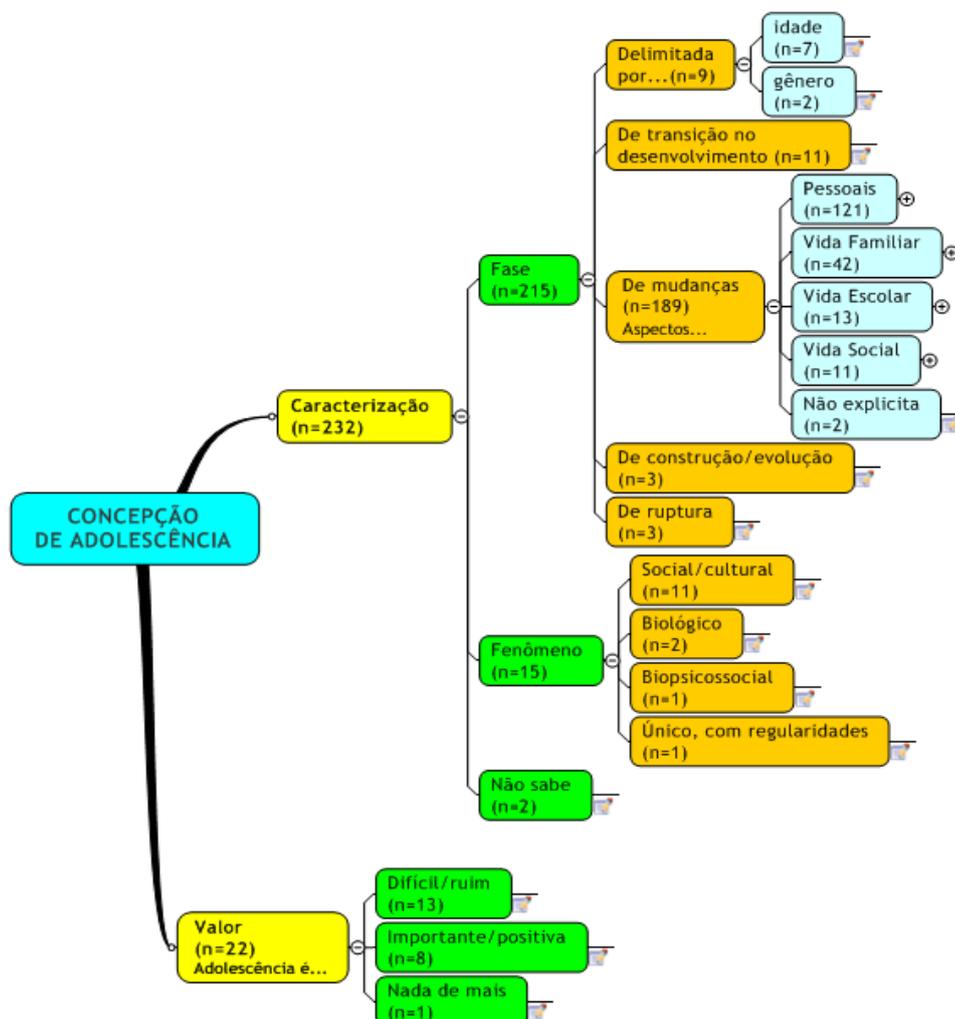


Figura 50. Concepções de adolescência, segundo genitores e filhos.

### Padrões de Comunicação Familiar: O Desenvolvimento da Autonomia e a Negociação dos Conflitos nas Famílias Atuais

Nesta seção, são apresentados os resultados referentes aos padrões de comunicação nas famílias, com destaque para aqueles mais proximamente relacionados aos processos de autonomia e negociação durante a transição para a adolescência dos filhos. São apresentadas as atividades que os adolescentes-foco eram ou não capazes de desempenhar, além da rede social de apoio às suas famílias. Ainda, são tratadas questões referentes aos conflitos familiares, nos subsistemas conjugal e parental, e a forma como os familiares

demonstraram lidar com os conflitos, solucionando-os ou não.

### ***Liberdade, Autonomia e Estabelecimento de Limites e Regras***

A respeito do grau de liberdade, quando questionados sobre as mudanças observadas na transição para a adolescência, das 92 verbalizações sobre o ‘grau de liberdade’ dos adolescentes-foco, em 61 (66,3%), o filho passou a ter ‘mais liberdade’, enquanto em apenas uma foi alegado o contrário. Quando os viam ‘mais livres’ era, principalmente, porque já podiam ‘se locomover’ ( $n=38$ ; 62,3%), isto é, descer nas proximidades, desde que com supervisão/monitoramento de um adulto. Para os filhos, por sua vez, ir à casa de amigos ou ao shopping, sem a presença dos pais, era fato muito valorizado: *Tenho mais liberdade hoje. Não podia descer. É, eles deixam sair, no shopping (FAM10F)*. Outros contaram que podiam pegar um transporte coletivo sozinhos, ou ir com os amigos, a pé, para a escola ou outra atividade próxima de casa, mas as vezes, por seus pais trabalharem e não haver outra alternativa: *Posso (pegar ônibus) quando vou pro meu inglês, porque eles não podem me pegar (FAM12F)*.

Além disso, os adolescentes-foco também já podiam ‘fazer escolhas’ ( $n=7$ ; 11,5%), isto é, não precisavam mais acompanhar seus pais a todos os compromissos, podendo, inclusive, ‘ficar a sós em casa’ ( $n=6$ ; 9,8%): *Tá fazendo mais as escolhas dela, e não tendo que vincular as coisas que ela quer fazer com as coisas que a gente tá fazendo (FAM9M)*. ‘Mexer no computador’ ( $n=5$ ; 8,2%) foi uma atividade destacada pelos filhos, que se sentiam livres ao fazer isto sem ajuda e com autorização de seus pais: *Meu pai num deixava eu mexer no computador, tinha que perguntar pra ele a senha... E hoje, tenho até meu próprio computador (FAM34F)*.

Em 27 (29,3%) verbalizações, no entanto, ‘não houve mudança’ quanto ao grau de liberdade dos filhos, por duas razões: a primeira indicava que os filhos ‘sempre tiveram liberdade’ ( $n=10$ ; 37%) para fazer suas escolhas: *A liberdade de fazer as coisas dela não tá mudando não. Não acho que tô restringindo nada. A gente fica mais atento. Ir ao cinema ou ir pra casa das amigas, sempre foi. Sempre teve atividade que quis fazer, sempre fez (FAM29P)*; ao contrário, havia filhos que ‘queriam, mas nunca tiveram’ muita liberdade, e ainda não tinham ( $n=17$ ; 63%): *Ela quer mais (liberdade), mas não tem tanta. Quer viajar sozinha, ir pro cinema, sozinha. Eu acho que tá cedo. Ela é muito baixinha, parece ser uma menininha de uns 10 anos, eu vou soltar dentro de um cinema? (FAM14M)*. Ainda, em 3 verbalizações, os adolescentes-foco alegaram que gostariam de ter mais liberdade, mas nem tanta. A Figura 51 mostra como os participantes percebiam as mudanças quanto

ao grau de liberdade dos filhos, durante a transição para a adolescência.

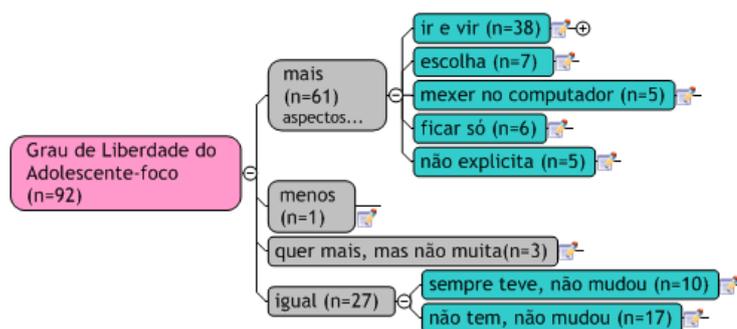


Figura 51. Mudanças no grau de liberdade dos adolescentes-foco na transição nas FA, segundo genitores e filhos.

A percepção dos genitores demonstra que, na sua ausência, em 23 famílias participantes, os adolescentes-foco ainda precisavam dos cuidados de outros, como: apenas as 'empregadas' ( $n=15$ ; 65,2%), ou 'avós e empregada' ( $n=4$ ; 17,4%), ou destes com outros, conforme mostra a Figura 52.

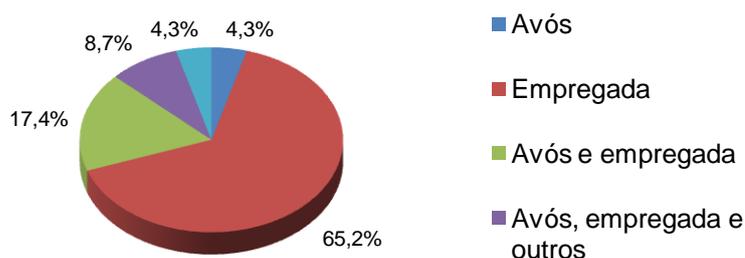


Figura 52. Percentuais da distribuição da rede social de apoio das FA, segundo os genitores.

Em geral, estes cuidados eram prestados, principalmente, em suas 'próprias residências' ( $n=18$ ; 78,3%), entre outras opções, como ilustra a Figura 53.

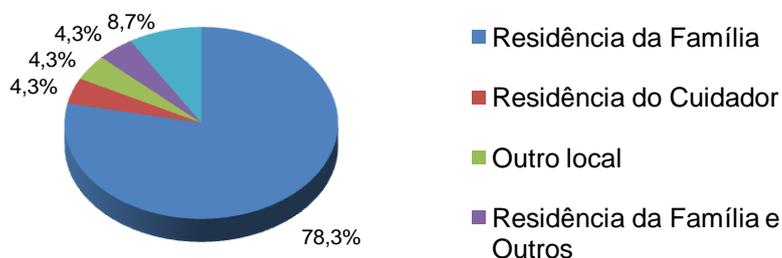
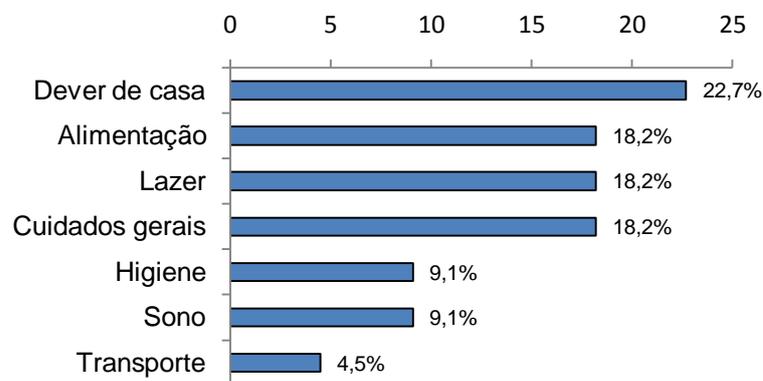


Figura 53. Percentuais dos locais de cuidados aos filhos pela rede social de apoio das FA, segundo os genitores.

Segundo 26 relatos, os cuidadores acompanhavam os adolescentes-foco em

‘atividades inespecificadas’ ( $n=4$ ; 15,4%) ou ‘especificadas’ ( $n=22$ ; 84,6%). Das especificadas, foi citada a participação destes no cuidado a alimentação, sono, diversão, higiene e, principalmente, ‘deveres de casa’ ( $n=5$ ; 22,7%) dos adolescentes-foco, como mostra a Figura 54. Ainda, em 7 verbalizações, os genitores alegaram que seus filhos não necessitavam desses cuidados, pois eram independentes e autônomos nestas tarefas.



*Figura 54.* Percentuais das atividades compartilhadas por filhos e cuidadores da rede social de apoio das FA, segundo os genitores.

Genitores e filhos já percebiam sinais da transição para a adolescência, com um aumento considerável no grau de autonomia dos adolescentes-foco. Das 131 verbalizações sobre o assunto, em 58 (44,3%) os genitores alegaram que os filhos tinham ‘mais iniciativa’, enquanto que em outras 73 (55,7%), que ‘não viam mudanças’ neste aspecto.

Diante de uma lista com 11 atividades, os genitores que responderam aos questionários ( $n=30$ ) apontaram as atividades que os filhos já poderiam desempenhar sozinhos, e disseram que, na maior parte das vezes, eles: podiam ‘dar um telefonema’ ( $n=28$ ; 93,3%); ‘escolher as próprias roupas nas lojas’ ( $n=28$ ; 93,3%) e ‘anotar um recado’ ( $n=29$ ; 96,7%). Em casa, eles ‘arrumavam suas camas’ ( $n=23$ ; 76,7%) e o próprio ‘quarto’ ( $n=21$ ; 70%). ‘Lavar a própria roupa’ foi uma tarefa apontada como executada apenas pelas meninas ( $n=8$ ; 26,7%). A Figura 55 mostra a frequência absoluta das atividades desempenhadas autonomamente pelo adolescente-foco.

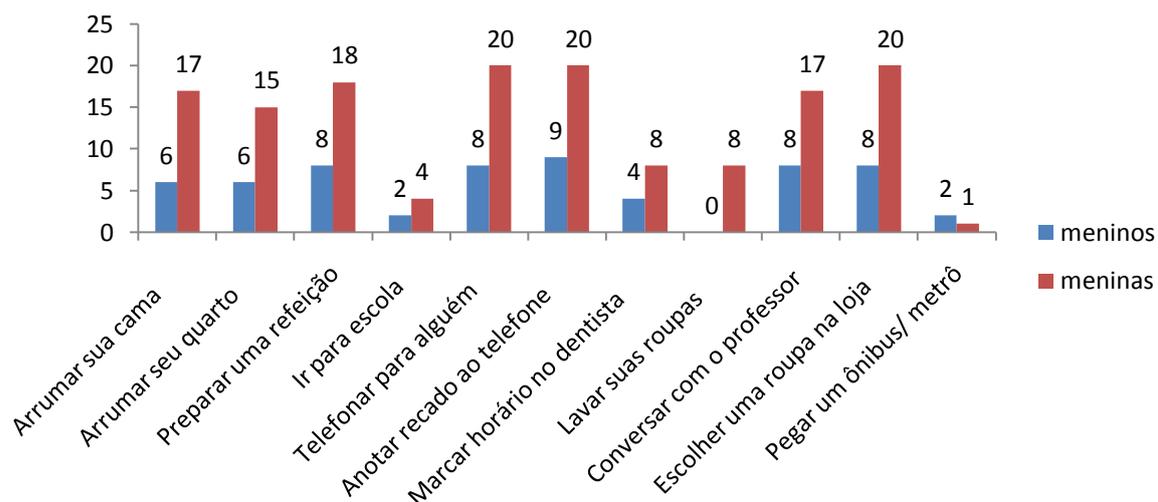


Figura 55. Percentuais de meninas e meninos no desempenho de atividades autônomas nas FA, segundo os genitores.

Em relação aos 24 adolescentes-foco que ‘não iam sozinhos para a escola’ e aos 27 que ‘não sabiam/ nunca pegaram um transporte coletivo’, os genitores justificaram esta conduta alegando que eles não precisavam, e que preferiam levá-los à escola e demais lugares. Cabe ressaltar que estas tarefas estavam associadas ao nível socioeconômico da família, isto é, à renda familiar, que possibilitava aos pais colocar seus filhos em transporte escolar, quando eles não podiam transportá-los.

Genitores e filhos mencionaram que, entre outras tarefas/atividades, do total de 30, 12 adolescentes-foco, eram capazes de sozinhos, ‘usar tecnologias’ como o celular e o computador, em situações de pesquisa escolar pela Internet. Além disso, 4 deles ‘viajavam desacompanhados’; 2, ‘faziam compras’ com independência; e 2, ‘cuidavam dos irmãos’. Eles já podiam também ir às atividades extras de bicicleta, além de ir ao *shopping*, festas e cinema; almoçar na escola; atravessar a rua; organizar e escolher suas próprias atividades livres; e cuidar do cachorro.

Das atividades em que se mostravam mais autônomos, os adolescentes-foco já podiam se responsabilizar por seus ‘estudos’ ( $n=14$ ; 46,7%), sua ‘higiene/ cuidados pessoais’ ( $n=13$ ; 43,3%); e, principalmente, pela própria ‘alimentação’ ( $n=27$ ; 90%): *a primeira mudança que eu identifiquei: “Não precisa fazer minha comida.” Pra ela foi importante. Por mais simples que seja, ela ir, abrir, cortar o que for, escolher o que quer comer, fazer, preparar do jeito que quer (FAM26P).*

Quanto aos aspectos de autonomia que, na opinião dos participantes, não sofreram mudanças, houve 73 verbalizações sobre o assunto. A estas, dois tipos de razões foram atribuídas: os adolescentes-foco eram autônomos e ‘sempre as fizeram’ ( $n=27$ ; 37%); e,

principalmente, porque eles ‘nunca as fizeram’ ( $n=46$ ; 63%). Dos que nunca as fizeram, alguns precisavam do ‘apoio’ ( $n=15$ ; 32,6%), da ‘aprovação’ ( $n=12$ ; 26,1%) ou da ‘cobrança’ ( $n=8$ ; 17,4%) dos pais. Ainda, ‘outros faziam por eles’ ( $n=6$ ; 13%), ou eles ainda ‘não sabiam fazer’ ( $n=5$ ; 10,9%). Cabe lembrar que 2 as faziam apenas nos fins de semana, quando não tinham o suporte de uma empregada: *Mas arrumar a minha cama, geralmente não: quem faz é a empregada Só fim de semana (FAM27F)*. Por outro lado, os genitores não permitiam que seus filhos ‘preparassem uma refeição simples’ ( $n=4$ ; 8,7%), por exemplo, porque tinham medo deles se machucarem. Importante acrescentar que a execução de algumas dessas tarefas estava relacionada à ocupação das mães: quando estas tinham jornadas de trabalho mais reduzidas ou não trabalhavam fora, elas passavam mais tempo em casa e despendiam mais cuidados aos filhos, considerando-os mais dependentes e fazendo mais tarefas por eles. A Figura 56 mostra a mudança percebida por genitores e filhos no grau de autonomia, durante a transição para adolescência.

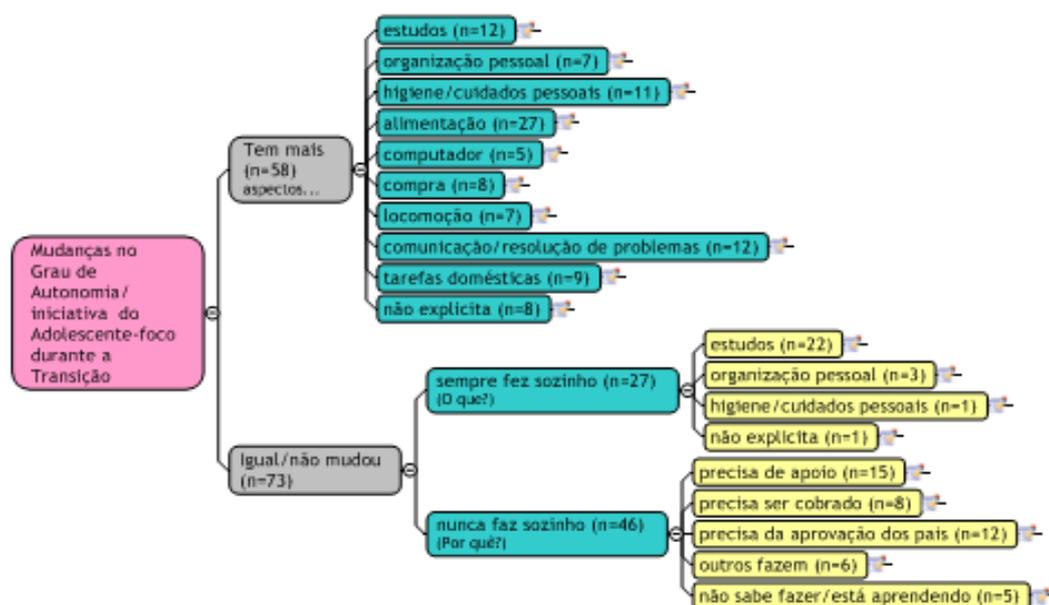


Figura 56. Mudanças no grau de autonomia/ iniciativa dos adolescentes-foco na transição nas FA, segundo genitores e filhos.

De modo geral, tornou-se possível compreender que os adolescentes-foco se encontravam em um momento de aprendizado de algumas habilidades autônomas, sendo que, do total, 23 poderiam ser considerados ‘parcialmente autônomos’, isto é, desempenhavam pelo menos uma destas atividades sozinhos, enquanto o restante estava parcial ou totalmente dependente de seus pais e empregados para grande parte das tarefas apresentadas.

O ‘controle’ exercido pelos genitores, sobre os adolescentes-foco, adotado como prática

educativa, era feito por meio do estabelecimento de regras e limites e do monitoramento de suas atividades e de suas vidas, com o objetivo de restringir a liberdade dos filhos, razão de 15% ( $n=9$ ) dos conflitos mais freqüentes na rotina familiar.

Das 23 verbalizações sobre o assunto, 13 (56,5%) revelaram que os genitores ‘estabeleciam regras/ limites’ e 10 (43,5%) ‘não os estabeleciam/ os limites eram pouco claros’. Segundo aqueles que estabeleciam regras de funcionamento familiar, elas eram em pouca quantidade porque, para eles, já haviam sido introjetadas pelos filhos, tornando-se desnecessário expressá-las a cada momento: *Conforme eles foram educando, eu fui ficando mais educada (FAM4F). / O avô acha que eu não educo [riem]; Eu dou uma liberdade dentro de um limite (FAM4M). / Não são impostos, nem são colocados. Já estão subentendidos, não precisa de falar. Ela sabe que tem que acordar no outro dia cedo, e se dormir meia noite, não vai acordar bem no outro dia (FAM19M).*

Entretanto, em duas verbalizações, as próprias mães relataram que os limites estabelecidos ficavam pouco claros: *Brinco com o R. como se eu fosse uma coleguinha; eu sei que a cabeça dele dá um nó; fica difícil ele perceber que essa coleguinha ele tem que obedecer. (FAM6M). / A gente pecou um pouco, sempre fez muito por eles, e a partir de um determinado momento, a gente começou a cobrar um pouco mais (FAM8M).*

Em contrapartida, uma filha sentia falta dos limites em casa: *Seria bom ter normas em casa. A gente não teve muito isso (FAM9F).* As justificativas para o não estabelecimento de limites foram a própria personalidade: *Acho que eu sou meio descuidada, não sou de ficar no pé. Porque eu não lembro; tenho déficit de atenção. [...] esquecer de marcar consulta, escovar dente. Não é que eu não tava nem aí, eu não lembrava (FAM12M);* ou a dificuldade que o casal teve para engravidar: *Tanto sacrifício (pra ter uma filha) e eu ficar dizendo 'não'? (Risos) (FAM25P).* Porém, isto nem sempre era compreendido pelos filhos: *Como ela tá sempre cumprindo com as obrigações dela, as demandas que eu posso atender, eu faço. Não sou de ficar falando: “Não, não pode”. Ela tem uma idéia assim: “Minha mãe não vai deixar”. Às vezes, ela fala pra amiga: ela tem uma idéia de mim que é diferente da idéia que eu tenho de mim mesma [risos] (FAM28M).* Alguns pais, inclusive, afirmaram não saber o que era colocar limites para o filho, pois, para eles, os limites eram aprendidos naturalmente: *É uma coisa que a pessoa tem que aprender por si só, e não ser imposta (FAM30P);* e deveriam ser avaliados e estabelecidos em relação ao contexto relacional dos filhos: *Estou vendo que as amigas, muitas vezes, pode muito mais do que ela, então eu tô vendo que eu não posso proibir tanto: se a maior parte das amigas dela vai ao shopping, como eu vou dizer “Não”? Eu vou gerar conflito entre ela e*

as amigas e, conseqüentemente, conflito entre ela e mim. Então, eu tenho que começar soltar (FAM34P).

Consideradas importantes pelos familiares, as ‘regras’ ( $n=53$ ) mais citadas eram relativas à ‘rotina do adolescente’ ( $n=40$ ; 75,5%) - no que diz respeito, principalmente, aos estudos, horários, uso de tecnologias -, mas, também, às saídas para festas, higiene, alimentação e vestuário; e ao ‘convívio familiar’ ( $n=13$ ; 24,5%) - que tratam do respeito ao próximo, finanças, saídas/visitas, comunicação e da rotina doméstica, conforme mostra a Figura 57.

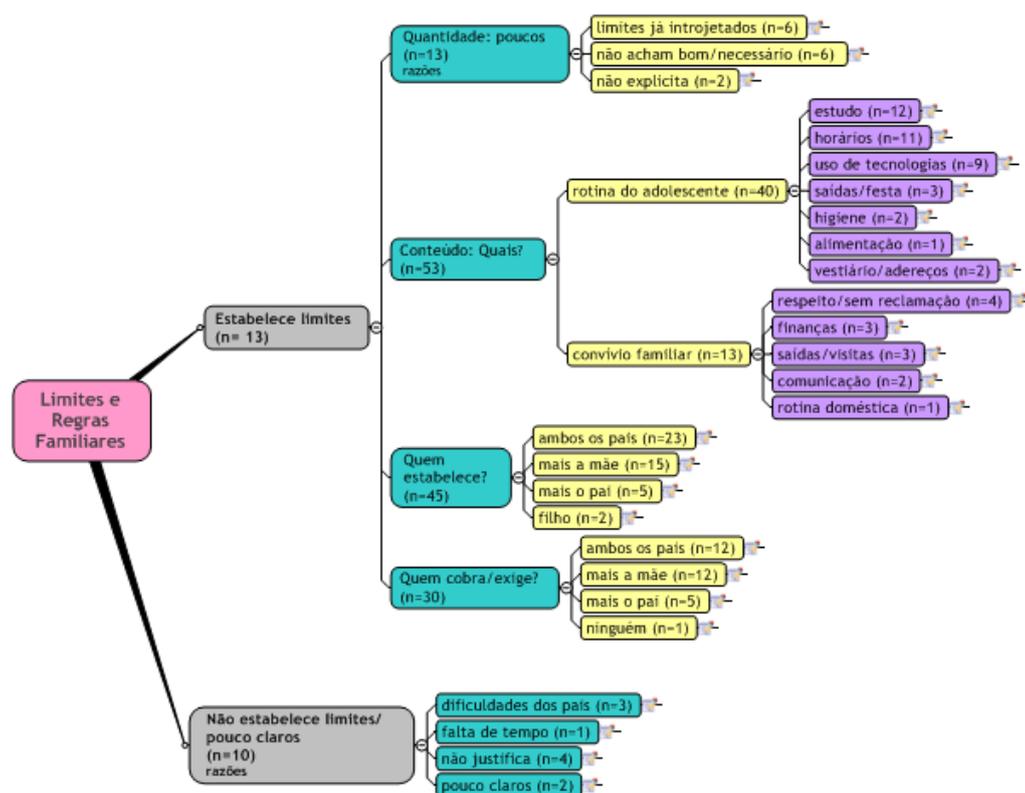


Figura 57. Estabelecimento de limites e regras nas FA, segundo genitores e filhos.

As regras de ‘convívio familiar’ ( $n=13$ ) exigiam, segundo os participantes, ‘condutas de respeito ao próximo’ ( $n=4$ ; 30,8%): *Eu ainda tenho aquela moda antiga. A G. tinha três anos, um dia eu chamei, falei: “G.!” E ela falou “O quê?”, pra mim. Eu falei: “Olha, a partir de hoje, quando eu te chamar, você nunca vai me dirigir essa palavra ‘o quê’. Você vai me chamar de ‘senhor’. É o limite do respeito (FAM22P).*

Com o intuito de monitorar as atividades dos filhos, foram citadas diferentes abordagens ( $n=53$ ), entre elas, principalmente, a de ‘controle da rotina do adolescente’ ( $n=40$ ; 75,5%): *De vez em quando, muito raramente, eu entro no computador (para ver o que ela estava acessando). Fiz isso uma vez, porque eu tava preocupado, mas nunca mais*

*fiz, porque a gente tem essa confiança nela (FAM4P). / Trago a meninada toda para casa, quero ver direitinho, saber direitinho onde tá, escutar as conversas todas (FAM5M). Uma mãe alegou, inclusive, que: (a gente quer) acompanhar sem ser invasivo. A gente não fica vigiando: eu não sou daquele tipo que manda ficar ligado, não. No momento que eu confiei, confiei (FAM33M).*

As regras quanto ao ‘estabelecimento e cumprimento de horários’ ( $n=11$ ; 27,5%) foram mencionadas: *Aqui em casa, tem horários que tem que cumprir, de acordar, desligar a TV, pra ir dormir (FAM28F)*; assim como em relação ao ‘uso de tecnologias’ ( $n=9$ ; 22,5%). Nem sempre as regras eram bem aceitas pelos filhos, apesar de que eles as obedeciam: *Dizem que não pode isso, aquilo, xaropam. Falam: “Não mexe no computador”. Eu não mexo. Mas eu quero mexer, mesmo eu não podendo. Faço minhas obrigações e depois eu pergunto: “Mãe, posso mexer?”, aí ela fala ‘pode’ (FAM12F).*

Dentre as regras de convívio familiar, foram citadas aquelas sobre o ‘respeito aos outros’ ( $n=4$ ; 30,8%), as ‘saídas’ ( $n=3$ ; 23,1%) e às ‘finanças’ ( $n=3$ ; 23,1%): *Tem a questão do consumo que, com certeza, necessita de limites, porque as crianças acham que tudo é um pouco ilimitado (FAM28P).* A Figura 58 mostra a classificação das regras estabelecidas pelos pais, nas FA.

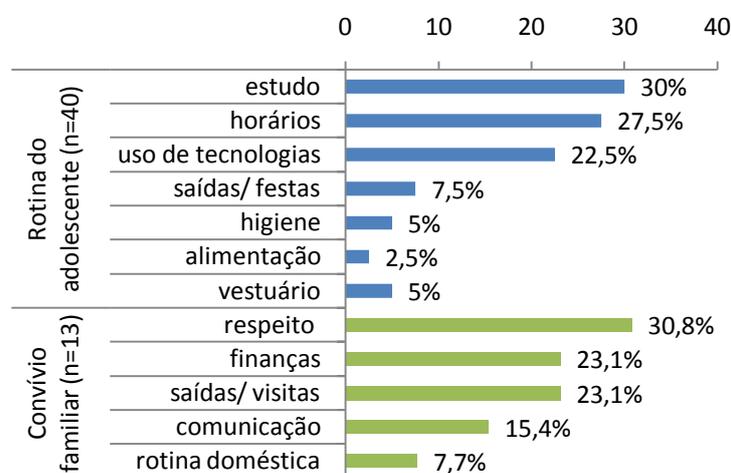


Figura 58. Percentuais da utilização das regras estabelecidas nas FA, segundo genitores e filhos.

Em relação a quem estabelecia as regras e normas em casa, foi notada certa diferença na percepção dos genitores e filhos. Como principais responsáveis, ambos os genitores foram apontados por 17 filhos e 6 genitores, enquanto que 6 mães se consideraram como tal. Filhos também participavam impondo limites aos seus pais ( $n=2$ ), conforme os exemplos: *É muito exigente com ela, e quer ser com a gente, também: quer*

*controlar horário de saída, de chegada, se vai dirigir não beba (FAM19P). / "Não quero que você pergunte mais, quando eu quiser, eu te conto." Várias vezes ele já me deu esses cortes, e tento ser menos invasiva (FAM33M).*

Além disto, nem sempre quem estabelecia as regras nas famílias foi apontado como aquele que as cobrava. Em 39 verbalizações sobre o assunto, 8 filhos afirmaram que ambos os genitores que cobravam; 3 *pais* disseram exercer essa função e, para 3 mães, eram os *pais* que mais cobravam. Uma filha alegou que ninguém cobrava o cumprimento de regras em sua família: *Não cobram. Nenhum dos dois. Tem algumas horas que discordo deles* (tinham que cobrar mais) (FAM9F).

Outro fator considerado pelos participantes como de mudança na transição para a adolescência foi a expressão de opiniões dos adolescentes-foco. Das 48 verbalizações a respeito da ‘expressão de opiniões’, 40 (83,3%) revelaram que eles estavam se ‘expressando mais’, e 5 (10,4%), ‘menos’, enquanto 3 (6,3%) consideraram que eles ‘mudaram na forma de se expressar’. Esta mudança foi percebida por um número maior de mães ( $n=20$ ), do que de pais ( $n=12$ ) ou filhos ( $n=8$ ).

O ‘aumento na expressão das próprias opiniões’ ( $n=40$ ) foi classificado de diferentes maneiras. Os adolescentes-foco passaram a ‘discutir mais, participando e argumentando’ durante as conversas ( $n=5$ ; 12,5%); ‘dando opiniões e dizendo o que pensavam’ ( $n=13$ ; 32,5%); ‘questionando mais, desafiando, enfrentando seus pais’ ( $n=12$ ; 30%), entre outras manifestações. Ainda, eles cobravam, criticavam e exageravam nas suas argumentações, conforme mostra a Figura 59.

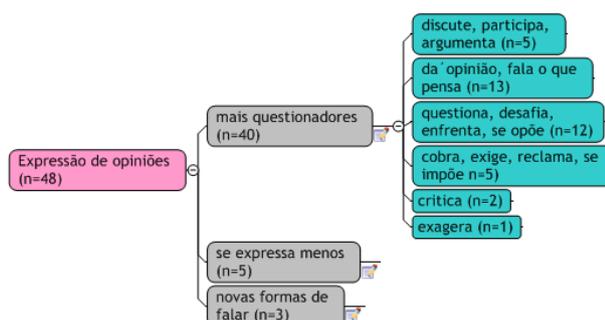


Figura 59. Mudanças no grau de expressão de opiniões dos filhos na transição nas FA, segundo genitores e filhos.

### ***Conflitos e Negociações nas Famílias Atuais***

Esta parte apresenta resultados da descrição dos conflitos ocorridos nas famílias do estudo, nos diferentes subsistemas – conjugal e parental – revelando como os participantes

reagem a eles, e se eles negociam esses conflitos, como o fazem.

De acordo com 39 verbalizações, os casais tinham ‘muitos’ ( $n=8$ ; 20,5%), ‘poucos’ ( $n=27$ ; 69,2 %) ou ‘nenhum’ conflito ( $n=4$ ; 10,3%) conjugal. A estes, foram atribuídos diversos motivos ( $n=149$ ) classificados como: questões da ‘conjugalidade’ ( $n=48$ ; 32,2%) e da ‘administração do lar’ ( $n=31$ ; 20,8%); interferências de ‘assuntos extrafamiliares’ ( $n=26$ ; 17,4%); e aspectos relativos à ‘coparentalidade’ ( $n=22$ ; 14,8%). Muitos foram considerados por eles como ‘bobagens’ ( $n=19$ ; 12,8%). Alguns participantes ( $n=3$ ; 2%), apesar de terem citado a existência de conflitos, alegaram não saber os motivos, ou apenas não explicitaram o tipo de conflito vivido em família.

Quanto à ‘conjugalidade’ ( $n=48$ ), os conflitos se referiram, principalmente, ao ‘temperamento e aos ritmos diferentes’ dos parceiros ( $n=17$ ; 35,4%) e a disputa de ‘poder’ ( $n=12$ ; 25%) entre eles: *A Dona M. (mãe falando de si mesma) assume o papel de comandante. Atrapalha muuuuito o nosso relacionamento, sempre atrapalhou, esse meu jeito de não conseguir incluir, de não conseguir dividir, de não conseguir partilhar (FAM17M)*. Além disso, ‘ausência/ afastamento do parceiro’ ( $n=8$ ; 16,7%), ‘dificuldades de comunicação’ ( $n=4$ ; 8,3%), ‘ciúmes’ ( $n=4$ ; 8,3%) e ‘vícios’ ( $n=3$ ; 6,3%) foram apontados como conflituosos.

Nas questões da ‘coparentalidade’ ( $n=22$ ), foram notadas divergências, entre os parceiros, principalmente, quanto às ‘regras de educação dos filhos’ ( $n=20$ ; 90,9%): *Na infância dos meninos, sempre achei que eles tinham que saber mexer nas coisas, pra não quebrar: ligar um computador, botar uma fita no vídeo cassete. Ela discordava, achava que eles eram muito pequenos (FAM8M)*; mas, também, quanto à ‘alimentação dos filhos’ ( $n=2$ ; 9,1%): *Sempre tive uma alimentação mais saudável [...] as meninas, por exemplo, têm uma alimentação péssima. Isso eu “tô” sempre fora de casa, eu nunca vejo as meninas almoçando (FAM31P)*.

Parceiros se desentendiam, também, com relação à ‘administração do lar’ ( $n=31$ ). Por exemplo, na ‘organização da casa’ ( $n=13$ ; 41,9%): *Minha mãe quer sempre a casa muito arrumada (FAM27F)*. Mas, também, na ‘divisão das tarefas domésticas’ ( $n=6$ ; 19,4%), ‘gastos’ ( $n=6$ ; 19,4%) e ‘compras e obras referentes à moradia’ ( $n=6$ ; 19,4%).

Algumas questões extrafamiliares ( $n=26$ ) os levavam a atritos, tais como as interferências do ‘trabalho’ ( $n=8$ ; 30,8%), do ‘estresse diário’ ( $n=4$ ; 15,4%) e das ‘famílias de origem’ ( $n=5$ ; 19,2%), mas, principalmente, das ‘amizades’ ( $n=9$ ; 34,6%). As falas revelam diferentes pontos de vista entre um casal: *Normalmente, a gente briga porque, ele, ainda hoje, gosta de sair. Hoje tá tranquilo, mas [...] Queria muito que ele priorizasse*

*sempre, de viver em função da família (FAM11M). / Ela não quer ficar nem em final de semana em casa; quer sair. Eu não sei se é estresse do trabalho dela também. Cobra muito que a gente não sai em família, pô, quase não sai mesmo. Ela gosta de ir prum shopping, cinema. Eu não vou, só de vez em quando (FAM17P).*

Por outro lado, quando questionados sobre as formas como os casais lidavam com as situações de conflito conjugal, genitores e filhos emitiram 58 verbalizações, das quais em 29 (50%) alegaram que reagem, inicialmente, ‘se afastando’ do parceiro por um tempo, ou, 27 (46,6%) ‘discutindo e depois deixando o assunto de lado’, como mostram os exemplos: *Cada um vai pra um canto, volta tarde, o outro não volta pra casa. No dia seguinte, tá tudo bem (FAM13F). / [...] de repente ele perde a paciência, fica estourado, fica nervosão - tá nervoso com coisas outras [...] meio que, deixo pra lá, faço de conta que não vi, deixo ele (FAM28M).* A Figura 60 mostra os motivos apontados por genitores e filhos para as divergências entre os membros do casal.

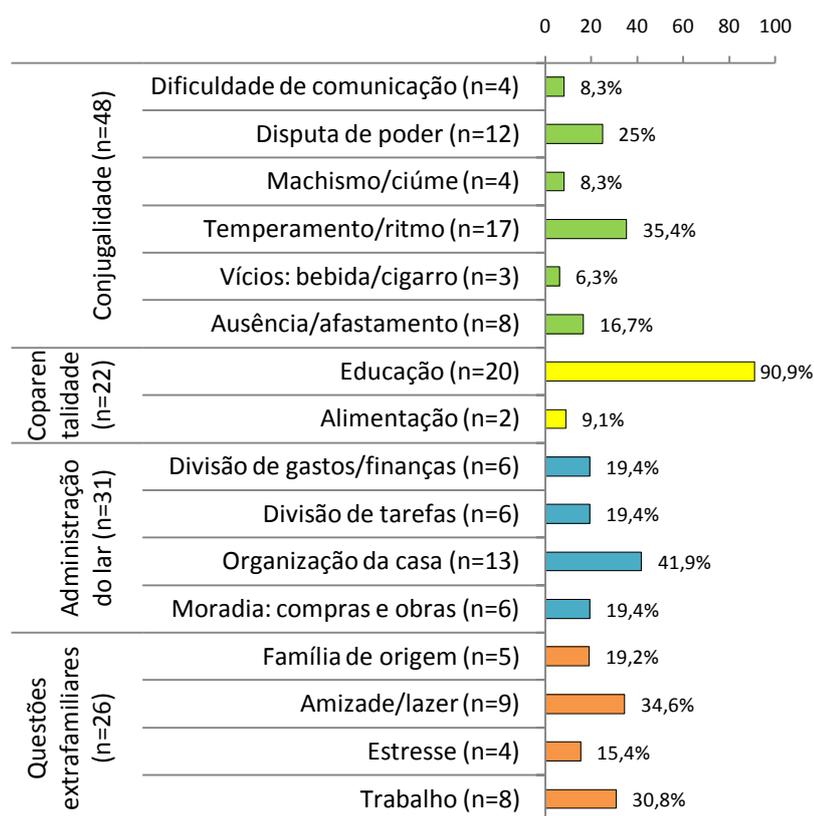


Figura 60. Percentuais dos motivos dos conflitos conjugais nas FA, segundo genitores e filhos.

Quanto à solução dada aos conflitos, das 166 verbalizações sobre o assunto, em 132 (79,5%) eles revelaram que os parceiros ‘conciliavam as diferenças’ entre si, adotando um ou mais comportamentos; 25 (15,1%) ‘não conciliavam’ e 9 (5,4%), ‘ora conciliavam ora

não'. Quando conciliavam as diferenças, os parceiros tentavam resolver 'conversando' ( $n=83$ ; 62,9%) no sentido de buscar soluções, negociar 'meios-termos', convencer ao outro do seu ponto de vista, ou um dos parceiros ceder: *Chega a um consenso, chega. Quem tiver a argumentação melhor vai levar. Eu acho que ela ganha a maioria das vezes. Eu acho que ela é mais ponderada. (FAM33P)*. Cabe destacar que, do total de respostas para a categoria, é possível observar que as 'conversas' eram as estratégias mais citadas pelas mães ( $n=26$ ; 86,7%).

As conciliações se davam também, por meio de 'reflexão sobre o problema' ( $n=18$ ; 13,6%), quando eles admitiam os próprios erros, compreendendo a posição do outro e/ou tentando mudar seus hábitos: *Lá pelas tantas, meu pai fala que pensou, e tá de acordo com a minha mãe e a minha mãe fala que pensou e tá de acordo com meu pai. Aí começa tudo de novo. No final dá tudo certo; concordam (FAM14F)*. Ainda, eles 'pediam desculpas' ( $n=14$ ; 10,6%) ou 'buscavam sair do estresse' ( $n=3$ ; 2,3%) fazendo uma viagem ou usando do bom humor: *Sempre acaba uma briga com muito bom humor, ele faz uma piadinha e aí eu também, me chama pra sair e vamo namorar um pouquinho, a gente tá é muito estressado, vamo tomar um banho de piscina quente, lá a gente conversa (FAM33M)*. Ainda, eles alegaram que o problema acabava por 'se resolver sozinho' ( $n=6$ ; 4,5%), sem que eles fizessem nada. Os filhos, um avô ou vizinho, ou mesmo Deus foram citados como auxiliares, na conciliação, neste momento ( $n=5$ ; 3,8%): *Acho que à noite, vem alguém, ilumina a cabeça dos dois e pronto (FAM13F)*.

No entanto, dentre as 25 verbalizações em que os casais 'não conciliavam' suas diferenças, 16 (64%) apontaram que as coisas 'continuavam como antes'; ou que 'prevalecia a opinião de um dos parceiros' ( $n=7$ ; 28%), ou, ainda, que havia 'intermediação, mas sem sucesso' ( $n=2$ ; 8%), como mostram os exemplos: *A gente acaba não resolvendo, então a situação é assim, eu continuo incomodada e ele continua fazendo. Eu esqueço. Literalmente deixo passar e fica por isso mesmo (Risos). É talvez, até uma dificuldade. (FAM27M). / Quando discordamos, eu faço prevalecer, porque na verdade, eu que comando, entre aspas, a dinâmica de filho e de casa (FAM17M). / [...] acaba quase que precisando de alguém intermediar. E aí, a irmã é psicóloga, mas, em casa de ferreiro o espeto é de pau (FAM10P)*.

A Figura 61 mostra os tipos de respostas dadas pelos parceiros diante das situações de conflito conjugal.

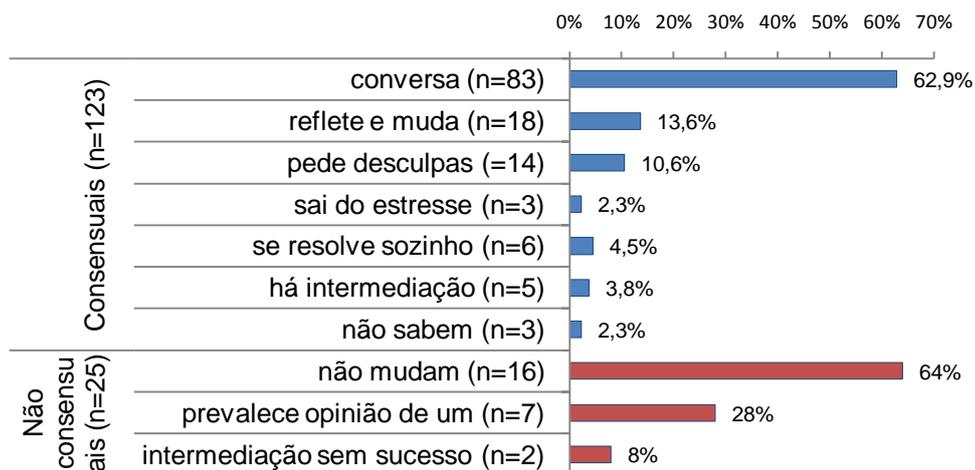


Figura 61. Percentuais de soluções dos conflitos conjugais, nas FA, segundo genitores e filhos.

Já nas relações parentais, das 25 verbalizações emitidas, 9 (36%) se referiam a ‘muitos’ conflitos; 11, ‘poucos’ (44%); e 5 (20%), a ‘nenhum’ conflito. Das verbalizações a respeito das ‘fontes de conflito’ ( $n=120$ ), as questões da ‘rotina familiar’ ( $n=60$ ; 50%) foram as mais citadas, isto é: estudos, roupas e cuidados pessoais, liberdade e horário, por exemplo. ‘Comportamentos inadequados dos filhos’ ( $n=27$ ; 22,5%): e ‘bobagens’ ( $n=15$ ; 12,5%), entre outros, foram os mais citados: [...] *besteiras do dia a dia (FAM25M)*.

Sob o ponto de vista dos pais, a ‘desobediência/ teimosia’, ‘falta de educação/ malcriação’, ‘mentira’, ‘prepotência’ e ‘má vontade’ dos filhos’ eram os principais motivos para os conflitos entre eles: *Às vezes porque ele não quer fazer o que tem que fazer naquele momento (FAM21M)*. / *Porque ela enfrenta a V. E eu não admito (FAM15P)*. Por outro lado, os filhos concordavam que as ‘atitudes de impaciência e crítica dos pais’ ( $n=6$ ; 5%) eram razões para os desacordos entre eles. Por sua vez, uma mãe relatou que a relação da filha com o pai incluía: *Algumas atitudes dele, de expor ela assim, logo no primeiro contato com você, sobre as notas. Eu acho que não precisava disso, tem outras formas de falar, sem tá criticando. Ela (filha) não é uma pessoa fácil, também, aquela pessoa que você fala e compreende, entende o seu lado e respeita e não responde (FAM31M)*. Uma filha disse: *De brincadeira, meu pai vive me cutucando, só pra mim passar vergonha [...] tipo de brincadeira de quando eu tinha 5 anos que ficava apertando minha barriga. Coisa de pai (FAM30F)*.

Porém, as questões relacionadas à ‘rotina da vida familiar e do adolescente’ foram os motivos mais apontados para os desacordos entre eles ( $n=60$ ), principalmente quando se referiam aos ‘estudos’ ( $n=26$ ; 43,3%): *Fico com raiva porque meu pai está na piscina e fala:*

“Vem pra piscina”. “Mas pai, eu preciso estudar”. Parece que eles não entendem muito bem que eu preciso estudar bastante no final de semana. Eles querem que eu descanse, mas eu não tenho tempo pra descansar. (FAM9F); também, sobre ‘roupas e cuidados pessoais’ ( $n=9$ ; 15%), especialmente para mães e filhas. Ainda a negociação com relação à liberdade, horários, cumprimento das tarefas domésticas e alimentação foram apontados como temas de debates entre genitores e adolescentes-foco.

Particularmente, a ‘necessidade dos filhos por mais liberdade’, citada principalmente por eles mesmos ( $n=9$ ; 15%), referia à vontade de dormir em casa de amigos, ir ao shopping sozinhos, ou tomar decisões quanto à opção do esporte que gostariam de fazer ou de sair ou não com a família: *Ontem a R. queria que fosse dormir uma amiguinha aqui, só que a gente tá com problema de espaço, porque a gente tá na casa da minha mãe. Não deixei e ela ficou chateada* (FAM27M). A Figura 62 mostra os motivos para os conflitos existentes entre filhos e genitores, nas FA.

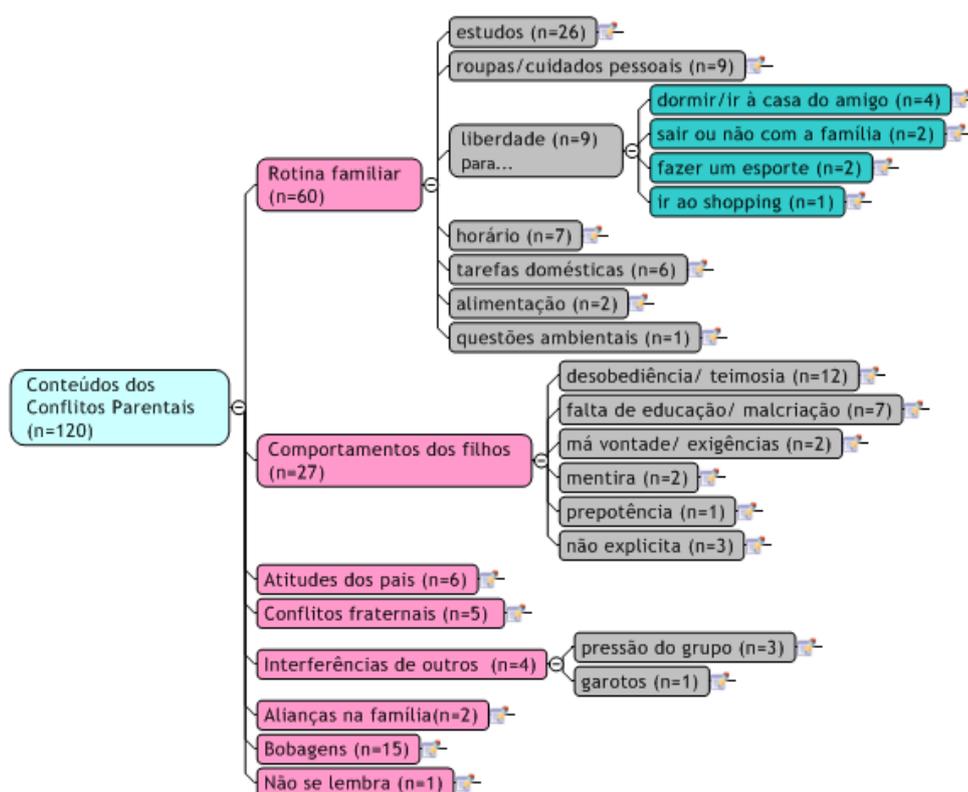


Figura 62. Conteúdos dos conflitos parentais nas FA, segundo genitores e filhos.

As meninas apontaram um maior número de razões para os conflitos ( $n=11$ ; 36,7%) do que os meninos ( $n=3$ ; 10%), sendo que, 5 delas se referiram, principalmente, àqueles ocorridos nas suas relações com seus pais. Além disso, na opinião das meninas, os conflitos se referiam a um maior número de questões sendo que algumas, como as roupas e

aparência, eram mais típicas nas díades com suas mães.

Quanto à frequência dos conflitos nas relações parentais, do total de 25 verbalizações, 9 (36%) consideravam que os genitores e seus filhos ‘discutiam muito frequentemente’: *Ele acha que a A.L. já perdeu o vínculo com ele. Os dois mais brigam do que... (FAM10M). / Tem aquelas discussões, é meio cansativo, o embate diário (FAM14M). / Agora com o F.(pai), é difícil: eles se batem muito, toda hora tem aquela troca. Eles realmente se bicam demais (FAM31M).* Porém, alguns participantes consideravam que tinham ‘poucos desacordos’ ( $n=11$ ; 44%), ou, por outro lado, que ‘não havia conflitos’ ( $n=5$ ; 20%): *Mas discussão, mesmo, de um assunto, e ela ter uma opinião e eu ter outra, e ter um embate, a gente ainda não teve (FAM28M).* A Figura 63 mostra a frequência dos conflitos nas relações parentais, nas FA, de acordo com a percepção de pais, mães, filhos e filhas.

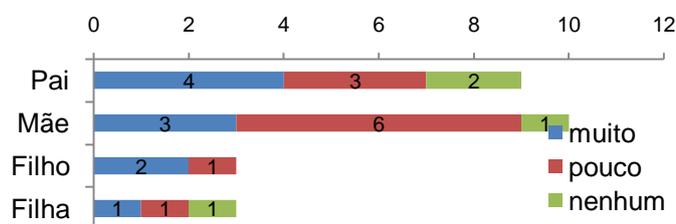


Figura 63. Frequência dos conflitos parentais nas FA, segundo pais, mães, filhos e filhas.

Ao comparar os padrões de comunicação nas FA, com os resultados obtidos através das famílias que percebiam conflitos nas relações parentais, pode-se notar que, considerando o grau de concordância entre no mínimo dois participantes de uma mesma família, em 6 famílias, os conflitos parentais estavam associados ao distanciamento, à dificuldade de diálogo, à pouca atenção aos filhos e à pouca participação de um dos genitores.

Diante dos conflitos parentais, genitores e adolescentes-foco revelaram ter reações bem diferentes, em uma grande diversidade de verbalizações ( $n=89$ ). Estas reações eram vistas por eles de duas formas: ‘positivas’ ( $n=40$ ; 44,9%) e ‘negativas’ ( $n=49$ ; 55,1%).

Dentre as positivas, a principal forma de lidar com os conflitos com seus pais era ‘se afastando’ ( $n=16$ ; 40%), aguardando os dois lados se acalmarem e refletindo sobre o acontecido, conforme apontam os exemplos: [...] *esperar ele ficar mais calmo. Mesmo que eu discorde, não posso falar nada (FAM20F). / Cada um vai pra um canto (FAM31F).* Uma mãe revelou que esta era uma forma de se proteger contra os aborrecimentos com a filha: (Tem dia que) *Eu deixo de conversar com ela, de falar alguma coisa, porque eu não quero me chatear. Tem dia que eu já tô tão triste, mal, e ainda vou escutar coisa ruim*

*dela; então, já mantenho a minha distância de segurança. É muito difícil lidar com ela (FAM10M).* Por outro lado, um pai disse que se isolar quando estava aborrecido era uma característica sua: *Porque quando eu me aborreço, sou muito fechado, me isolo. Minha forma maior de brigar é o isolamento, o gelo. Não falo com ela, aí ela já sabe, entende. Uma vez, veio atrás de mim, chorando, que queria falar. Depois, o coração vai amolecendo. Mas se me aborreci, não me meto mais: saio e pronto. Ela nota, e faz como eu peço, mas aí eu já tô magoado (FAM26P).*

Porém, outra forma de reação positiva citada foi conversar sobre o problema, isto é, quando eles ‘argumentavam e expunham suas opiniões’ ( $n=14$ ; 35%), sendo esta maneira de expressão, reconhecidamente, uma característica da transição do filho para a adolescência, conforme mostra o exemplo: *Hoje em dia, você tem que ter mais jogo de cintura, postura. “Eu não quero ir no fim de semana com você pra Pirenópolis.” “Como você não quer? Com quem que você vai ficar?” E aí? Ele tá certo de dizer não, mas isso vai me trazer um problema absurdo (risos) (FAM33P).* Nas discussões com seus genitores, alguns filhos se mostravam ‘insistentes’ ( $n=5$ ; 12,5%); outros reagiam bem e acabavam ‘obedecendo’ ( $n=5$ ; 12,5%), pois tomavam consciência da orientação dos seus genitores: *Não é que eu negocie, eu acho legal essa idéia. Sou meio que viciada em TV, aí largo um pouco da TV e presto atenção em outras coisas e começo a fazer os meus deveres, e começo a tirar notas melhores (FAM34F);* ou ficavam com medo, segundo um pai: *Não tá levantando voz comigo mais não, tô achando até muito bom. Não é só medo, não. Ela é muito boa; ela entende mais do que não entende (FAM15P).*

Entretanto, quando a reação era ‘negativa’ ( $n=49$ ), a forma citada mais comum era a de ‘ficar zangado/ chateado/ emburrado’ ( $n=23$ ; 46,9%), principalmente entre as meninas: *Ela já amarra a cara (risos). Ela não é de bater comigo de frente, não, nem com o pai: é mais daquele tipo, assim, bate a porta, faz caras e bocas, pelo menos por enquanto (FAM23M).* / *A maioria das vezes, reage mal. É bem sutil; não bate porta, mas fica de mal (FAM10P).* Por outro lado, eles também reagiam ‘brigando, explodindo, discutindo em voz alta’ com eles ( $n=17$ ; 34,7%), segundo relataram: *Acho que a gente fala alto. Às vezes, eu fico meio indignada (FAM14F).* Ainda entre as reações classificadas como negativas, genitores e filhos também ‘reclamavam e respondiam, não aceitando o que lhes era colocado’ ( $n=5$ ; 10,2%): *Ela (filha) sempre responde, por mais que ela saiba que ela esteja respondendo uma coisa que ela mesma acha que não tá certo, ela tem que responder. (FAM31M).* Alguns ( $n=4$ ; 8,2%) ‘choravam’, se comportando de modo infantilizado e culpando a outros: *Na hora que ele vê que ele não tem argumento, aí ele*

reage como criança: ele chora, Quando não consegue alguma coisa, e tá nervoso, ele chora muito, é vítima; alega que não foi ele, foi o irmão (FAM8M). Interessante notar que os genitores perceberam mais reações negativas ( $n=36$ ; 73,5%) aos conflitos do que os filhos, sendo que para estes, os pais ficavam mais zangados e chateados do que brigavam.

Diante dos conflitos, das 111 verbalizações, em 92 (82,9%) os participantes concordavam que esses eram ‘ultrapassados, geralmente, por consenso’. Genitores e filhos alegaram ‘negociar seus conflitos, buscando meios-termos’ ( $n=30$ ; 32,6%), como apontam as falas de dois adolescentes-foco: *A gente tenta resolver de algum jeito. De vez em quando eu fico, de vez em quando eu vou (pra casa dos amigos) (FAM2F). / "Tá, eu vou ficar no shopping, não vou ficar com vocês, mas aí vocês me falam quando vocês forem sair de um lugar pro outro". Ela ficou indo lá nas lojas dela com o papai, e a gente foi lá nas nossas (FAM5F)*. Das 19 famílias que citaram negociar suas diferenças, nem sempre os três familiares concordavam, e, quando pelo menos dois deles concordava que lançavam mão desta estratégia, este dado não estava associado nem à idade, nem ao gênero dos filhos.

Outros, ainda, diziam ‘se reaproximar e conversar’ ( $n=21$ ; 22,8%): *Meu pai me chama lá pro quarto dele pra gente conversar (FAM2F). / Ela mesma volta a si; dou um tempinho pra ela pensar. Ela me procura, e você vê que já aconteceu (alguma mudança) (FAM29P)*. Alguns filhos e até genitores ‘obedeciam/ cediam’ ( $n=20$ ; 21,7%): *Se for muito importante pra ela, a gente acaba fazendo o que ela quer, é muito difícil a gente contrariá-la (FAM9P). / Mas vence o (ponto de vista) deles (FAM8F)*. Às vezes, após pensarem, eles ‘se arrependiam e pediam desculpas’ ( $n=11$ ; 12%), ou tudo ‘se resolvia sozinho’ ( $n=2$ ; 2,2%).

Porém, em algumas situações, o relato era de que ‘não existia consenso’ entre genitores e filhos ( $n=19$ ; 17,1%), porque os últimos acabavam ‘desobedecendo e fazendo as coisas do seu jeito’ ( $n=10$ ; 52,6%): *Ele não tem medo, não, ele rebate na mesma coisa. É próprio da idade, mas é dele, também; não pode ter medo (do pai), tem que conversar (FAM20M); ou eles não argumentavam e, simplesmente, ‘mudavam de assunto’ ( $n=4$ ; 21,1%). Ainda, um pai ‘ameaçava’, falando: [...] que ele não deveria tá falando daquela forma, que as coisas podem piorar pro lado dele se isso acontecer. (FAM33P)*. Ainda, duas verbalizações alegaram que às vezes eles chegavam a um consenso, outras não. A Figura 63 mostra as soluções adotadas pelos familiares diante de situações de conflito parental, nas FA.

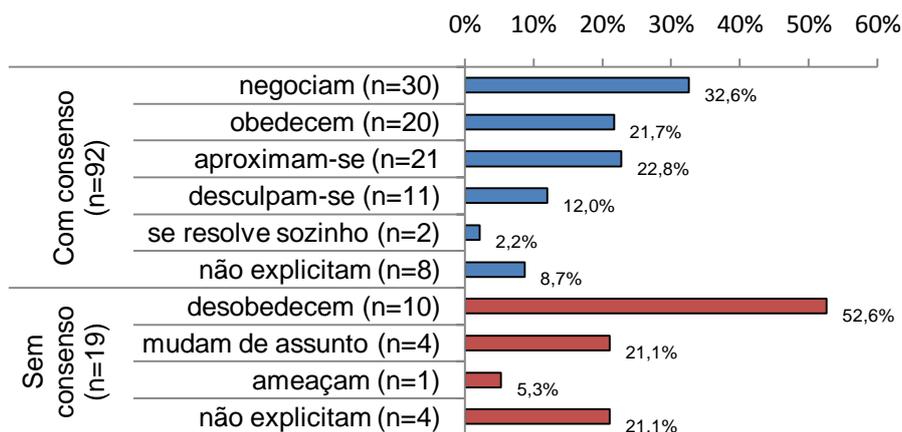


Figura 64. Percentuais das soluções dos conflitos parentais nas FA, segundo genitores e filhos.

### Síntese dos Resultados: Continuidades e Mudanças nas Relações das Famílias de Origem e das Famílias Atuais

Os genitores descreveram suas famílias de origem como de descendência brasileira, provenientes de outros estados, principalmente, das regiões Sudeste e Centro-Oeste, tanto de capitais como de cidades do interior. Eles nasceram e viveram em Brasília, em contextos menos favorecidos que os atuais. Suas famílias eram predominantemente nucleares, com mais de dois filhos. Alguns pais haviam completado o Ensino Superior e apenas um concluiu, apenas, o Ensino Fundamental. Eles exerciam, principalmente, ocupações no funcionalismo público.

As famílias de origem foram avaliadas pelos genitores como estruturadas, estáveis, bem constituídas, unidas e trabalhadoras, que seguiam princípios, valores, regras e conceitos tradicionais ligados, inclusive, à cultura da região de procedência. Criavam seus filhos em casa, com equilíbrio e tranquilidade, apesar dos conflitos conjugais e possíveis ameaças e, até, separações. Nestas famílias, eles foram crianças quietas e tímidas, até isoladas.

As relações parentais, nas FO, foram descritas como conflituosas por influência das gerações anteriores e do temperamento difícil dos familiares. Eles eram considerados como relativamente distantes, pouco abertos ao diálogo e pouco afetuosos, apesar de cooperadores e cuidadosos. Em suas práticas educativas, seus pais se mostravam mais controladores e menos flexíveis do que suas mães, impondo-lhes limites rígidos e gerando sentimento de medo nos filhos. Seus pais adotavam punições verbais – repreensões e

ameaças – e, principalmente, punições físicas. Baseavam-se em valores morais, mas, também, educacionais e familiares, entretanto, alguns evidenciaram a importância de ter recebido valores de autonomia e liberdade, que os ensinaram a buscarem, por si mesmos, oportunidades para sair de casa e/ou trabalhar.

As famílias atuais, por sua vez, também eram predominantemente nucleares, compostas por pais, mães e, na maioria, dois filhos. Eram vistas como boas ou melhores do que já foram. Os familiares eram próximos, compartilham muitas coisas juntos. Mães e pais dividiam tarefas de cuidado com os filhos, nos estudos, transporte e lazer, apesar da empregada ser a principal responsável pelas tarefas do lar. Todos se ocupavam com diferentes atividades da rotina semanal, principalmente, trabalho e estudos, de segunda a sexta, e lazer (cultura, esportes e eventos sociais), aos sábados e domingos, além das atividades religiosas, praticadas por diversas famílias, semanalmente.

A maior parte dos casais achava que combinava entre si, devido ao grande número de semelhanças entre os parceiros, além da proximidade, cumplicidade, companheirismo, compartilhamento e abertura ao diálogo. Outros revelaram sentir falta de mais participação e de troca efetiva entre o casal, principalmente, por parte dos homens que trabalhavam bastante e despendiam pouco tempo com a família.

Os familiares eram afetuosos e cooperadores, e se divertiam entre si. Os genitores, às vezes, se excediam nos cuidados aos filhos. Pais e filhos eram próximos, participativos e abertos ao diálogo, porém, os adolescentes-foco gostavam mais de conversar com suas mães, especialmente, sobre amizades, lazer, escola e horários. Com maior abertura, os filhos expressavam seus sentimentos e opiniões mais livremente.

Na opinião dos genitores, havia poucas semelhanças entre suas famílias de origem e as atuais, apesar de alguns adotarem práticas educativas parecidas e terem valores comuns. Entretanto, dentre as diferenças apontadas, eles revelaram que as concepções de família e de casamento vêm se modificando ao longo do tempo, produzindo relações familiares, conjugais e parentais mais igualitárias. Os *pais* têm participado mais da vida familiar, e assumido papéis diferentes dos que tinham, enquanto aos filhos são atribuídas mais responsabilidades com a escola e outras atividades extracurriculares, e menos responsabilidades em casa.

As práticas que os genitores adotavam para educar os filhos, também estavam passando por adaptações, sendo consideradas menos rígidas/ mais flexíveis, atualmente. Estas práticas implicavam, por um lado, em um posicionamento maior dos filhos, que estavam mais impositivos nas suas demandas e, por outro, em pais superprotetores, que os

mimavam e os compensavam, por causa de dificuldades atuais, atribuídas ao aumento dos conflitos e separações, mas, principalmente, ao pouco tempo compartilhado em família. As negociações ainda eram pouco frequentes e as práticas negativas, como punições, continuavam presentes, porém, em menor escala nas famílias atuais do que nos relatos a respeito das famílias de origem.

Os valores atuais não mudaram muito em termos de conteúdo: os participantes apontaram que em famílias de ambas as gerações, era considerada a importância dos valores morais, estudos e educação, família e religião. Porém, eles eram menos percebidos nas FA e, qualitativamente, envolviam menos respeito, coerência e clarezas para os filhos.

Na rotina de vida dos familiares, se ao mesmo tempo os filhos estavam mais ocupados com atividades extracurriculares, eles também eram percebidos como mais ociosos, caseiros, indisciplinados, preferindo se engajar em atividades de lazer e de menor responsabilidade, como jogos de videogame e computador. Genitores se descreveram como mais flexíveis e abertos neste sentido, porém, apontaram que a independência/autonomia havia sido mais valorizada no passado.

Na opinião dos genitores, as famílias atuais tinham mais recursos materiais do que tiveram as de origem; o adolescente tinha mais facilidades com a presença de empregados em casa e eram mais conduzidos pelos pais para suas atividades, não se locomovendo autonomamente. Uma maior exposição a riscos e violência foi um fator destacado no contexto de vida das famílias atuais.

Em ambas as famílias, FO e FA, a transição para a adolescência foi associada a diferentes mudanças pessoais, familiares e escolares. Contudo, as mudanças cronológicas foram mencionadas apenas pelas FO, onde também foram identificadas mudanças fisiológicas e nos interesses dos adolescentes. Apesar dos genitores terem sido considerados tranquilos, quietos e, de certa forma, tímidos e solitários, foram descritas experiências marcantes com o sexo oposto (namoros e sexualidade) e grupos de pares que, em alguns casos, envolveram não só novas oportunidades de lazer, como também, o contato com drogas, bebida e transgressões, apesar de os esportes e a religião também terem sido citados na vida dos adolescentes, nas FO. Nas FA, a transição também tem trazido mais oportunidades de socialização para os adolescentes-foco, que já começavam a ter suas primeiras experiências com namoros e amizades, nem sempre consideradas saudáveis pelos seus pais.

Se comparadas com o passado, as relações familiares da atualidade vêm sofrendo um número maior de mudanças no momento da transição, e envolvem, principalmente,

aspectos relacionados ao aumento no grau de liberdade e autonomia dos filhos. Apesar de ter sido mencionada pelos *pais*, ao se referirem à própria transição, tanto na vida familiar como na escolar, a questão da autonomia parece bem mais evidente e qualitativamente diferente nos dias atuais, com os filhos e genitores reconhecendo neste aspecto, um marco importante de passagem para a adolescência. Antes, os filhos passavam a andar de ônibus, ir a festinhas e viajar, enquanto hoje, eles têm mais liberdade de ir à casa de amigos, fazer programas em shoppings e cinema, ou de ‘descer’ e andar no comércio local.

Nas famílias atuais, ênfase foi dada à concepção de família nuclear, embora, em algumas situações, outros familiares tenham sido considerados como parte do grupo. Para genitores e filhos, a família foi definida como uma unidade ou redoma, onde seus membros têm proteção e segurança, e existem funções a serem desempenhadas que fazem com que seus membros sejam identificados como tais. Na opinião dos participantes, para que uma família seja constituída, é preciso que seus membros vivam em grupo, unidos e com metas comuns, e que possam expressar seus sentimentos e opiniões, buscando harmonia, felicidade e crescimento e, juntos, ultrapassem conflitos.

Com relação à adolescência, as famílias atuais mostraram ter uma perspectiva mais clara daquilo que ela significa, e da forma como filhos estavam passando ou passarão por ela. Para todos, a concepção de adolescência envolvia muitas mudanças e ajustes de toda a família, e dos demais contextos aonde a adolescência ocorre. Para os genitores, estas mudanças estavam mais intensas e diversificadas do que no passado, principalmente, quanto aos novos interesses do adolescente, que, apesar de serem parecidos com os de seus pais (aparência, lazer, sexo oposto), eram mais abrangentes, e envolviam tecnologias sofisticadas oferecidas pelos próprios genitores, que se queixaram do consequente impedimento ao acesso à vida dos filhos.

Os marcos da transição, segundo os genitores, também se modificaram. Se antes os rituais de passagem eram marcados pelas mudanças fisiológicas (a menarca, por exemplo), hoje eles não carregavam mais a mesma importância, e podiam ocorrer, muitas vezes, depois do primeiro beijo. As características de mudança pessoal dos filhos, como por exemplo, ‘preguiça’ ou fortes e constantes oscilações de humor, questionamentos e críticas mais acirradas, têm vindo acompanhadas de um nível muito maior de tolerância dos pais.

Ao contrário de muitas famílias do passado, a adolescência parecia mais respeitada, quando da permissão dos pais por mais privacidade dos filhos, além de maiores oportunidades de livre expressão de opiniões e sentimentos, de escolhas próprias, gerando nos pais a necessidade de desenvolverem habilidades para lidar com estes novos padrões.

O conflito mostrava-se mais evidente, permitido e, de certo modo, estimulado nas famílias e nas relações parentais, em particular.

Durante a adolescência nas FA, os padrões de comunicação relacionados aos aspectos da autonomia e negociação se modificaram, e foram destacadas mudanças quanto às atividades que o adolescente já era capaz de desempenhar sozinho, assim como aspectos relacionados ao controle parental e ao estabelecimento de limites e regras familiares.

A geração de adolescentes atuais revelava mais seu desejo por liberdade, mas, não total, indicando que eles próprios reconheciam a importância dos limites e que não saberiam o que fazer com uma liberdade total. Pais demonstraram o desejo de autonomia dos filhos, porém, ao mesmo tempo, promoviam poucas chances para que isso acontecesse.

Filhos percebiam-se mais autônomos do que seus pais os viam, com mais liberdade de locomoção, porém, ainda, sob a supervisão de adultos. Eram capazes de cuidarem-se, preparando uma refeição e estudando por conta própria, apesar de alguns genitores ainda mostrarem suas preocupações quanto a isso. Nas FA, os filhos adolescentes-foco estavam mais expressivos nas suas opiniões, participando mais ativamente das decisões familiares.

Os conflitos familiares foram percebidos por genitores e filhos, como sendo provocados por bobagens ou não, referentes às regras de convívio e rotina na vida do adolescente-foco, e envolviam tanto os subsistemas parentais quanto os conjugais. Nas relações conjugais prevaleciam desavenças em relação ao temperamento/ritmo do parceiro, enquanto que, nas parentais, os estudos e os comportamentos inadequados dos filhos tiveram destaque. Nestas questões, em ambas as relações, os participantes reagiam mais imediatamente afastando-se para refletir e controlar suas emoções; ou discutindo e argumentando sobre o assunto. Foi possível observar padrões semelhantes de resolução de conflitos nos dois subsistemas, prevalecendo soluções consensuais.

Em síntese, o clima nas famílias atuais foi considerado harmônico e, como consequência, a vida foi avaliada como satisfatória para a maioria dos participantes. Mesmo diante das reconhecidas mudanças da adolescência, genitores e filhos puderam identificar nesta fase difícil e dolorosa de transição, a necessidade de adaptações em todos os âmbitos. Mesmo não tendo demonstrado novas estratégias para lidar com a adolescência e os adolescentes, genitores admitiam a importância das conversas e do diálogo aberto entre eles, de maneira que pudessem substituir as punições, ainda presentes nas famílias, por negociações, em busca de alcançarem, com isso, a família 'ideal' que almejavam, caracterizada pela convivência tranquila e por maior compartilhamento do tempo.

## DISCUSSÃO

Este capítulo está dividido em três seções. Na primeira seção, são discutidos os resultados, à luz da literatura da área. Na segunda, é realizada a discussão dos aspectos metodológicos deste estudo, considerando seu alcance e contribuições teóricas e empíricas, além de suas limitações. Na terceira e última seção, são apresentadas as considerações finais, com sugestões para investigações e ações futuras na área de desenvolvimento familiar e do adolescente.

### O que os Resultados Sugerem?

Devido à grande quantidade de dados empíricos gerados por este estudo, foram selecionados alguns aspectos considerados mais relevantes para reflexões sobre o tema, com o intuito de contribuir para pesquisas futuras. Assim, nesta seção, são discutidas questões referentes às continuidades e mudanças percebidas por famílias de classe média com filhos na transição para a adolescência, bem como as concepções atribuídas à família e à adolescência. Os padrões de comunicação familiar que permeiam o desenvolvimento da autonomia e as negociações de conflitos nas famílias também são enfatizados.

#### *Contextos de Desenvolvimento das FO e das FA: Continuidades e Descontinuidades*

As famílias contemporâneas têm mudado seu perfil, tanto em relação a aspectos estruturais quanto funcionais. Estruturalmente, já são reconhecidas as uniões estabelecidas por laços não consanguíneos, mas, sobretudo, por afinidade e proximidade, como tem sido apontado pela literatura da área (Petzold, 1996).

Constatou-se que a maior parte dos genitores das famílias de classe socioeconômica média e média alta brasileira, participantes deste estudo, morava distante da família de origem, tendo fixado residência em Brasília. Com isso, tais famílias demonstraram terem adotado diferentes formas de interação com o meio, elegendo novos ‘parentes’, como empregados e amigos, criando vínculos e formas de se organizar e nomear esses grupos como famílias. Esta é uma das razões pelas quais a visão de família ampliada parece ser mais intensa, nesta cidade, do que em outras regiões brasileiras.

Tal fato confirma a tendência atual revelada pelos dados demográficos e pela literatura científica quanto ao aumento das diferentes configurações familiares, que não as

nucleares (Dessen, 2010; IBGE, 2010; Stratton, 2003), além de reforçar a importância ainda atribuída a esta instituição, que se mantém estável ao longo do tempo, conforme mencionaram MacMillan e Copher (2005). Entretanto, mesmo com o aumento de outras configurações, as famílias atuais ainda mantêm características específicas, principalmente, relacionadas aos contextos de vida onde se desenvolveram, assim como apontaram Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998).

Os genitores mostraram valorizar a manutenção dos laços com sua família extensa, contando suas histórias de vida com base nos aspectos sociodemográficos que influenciaram a formação e a dinâmica de suas famílias atuais. Citaram hábitos e culturas peculiares a cada região do país de onde procederam, tanto capitais como cidades do interior, considerando as circunstâncias mais ou menos favoráveis de vida, bem como fatos ocorridos na sua infância e adolescência.

A formação e a constituição das famílias atuais, quando relacionadas às famílias de origem, revelaram dois fatos mais frequentes. Primeiro, tornou-se mais comum a união consensual dos parceiros precipitada, algumas vezes, por uma gravidez inesperada. Segundo, na maior parte das famílias, pareceu preponderante o adiamento da paternidade e a redução no número de filhos, sendo que a média revelou dois filhos por família, confirmando dados nacionais e mundiais (IBGE, 2010; Lila et al., 2006; Parke, 2004). Ainda, cabe ressaltar que o desejo relacionado à paternidade continuava presente, visto que alguns casais buscaram, efetivamente, clínicas de reprodução assistida para isso.

De modo geral, as famílias atuais continuaram valorizando a instituição familiar e enfatizando sua função primordial na transmissão de valores aos filhos. Os dados deste estudo confirmaram os de Wagner, Sarriera e Boeckel (2006), que revelaram que estes valores ainda são praticamente os mesmos, envolvendo, principalmente, aspectos morais, relacionados ao respeito e à solidariedade/altruísmo. Porém, eles são diferentemente compreendidos, isto é, para alguns genitores, as relações entre pais e filhos são menos respeitadas e esses valores são menos coerentes e claros, além de bem mais flexíveis, o que pode trazer insegurança para ambos. Além desses, valores relacionados à família e à educação, à religião e ao trabalho, também foram percebidos nas famílias atuais.

Dentre os valores mencionados por genitores e filhos, aqueles relativos ao trabalho e à educação foram enfatizados, assim como a autonomia/ liberdade, embora transmitida pela geração passada. Na sua história de vida, estes valores os conduziram a tornarem-se pessoas independentes financeiramente, que buscaram seus ideais, sendo mais bem sucedidas economicamente do que seus próprios pais. Diferentemente de seus próprios

genitores, tanto homens quanto mulheres deste estudo tinham, pelo menos, formação no nível Superior, e executavam algum tipo de ocupação remunerada, assim como revelaram os estudos de Cerveny e Berthoud (1997).

O aumento do nível socioeconômico também permitiu que as famílias atuais pudessem proporcionar aos filhos condições e recursos educativos melhores, sendo que os genitores demonstraram expectativas com relação aos filhos, ainda mais promissoras, confirmando a importância da educação formal sobre o futuro dos mesmos (Grusec & Davidov, 2007; Kaloustian & Ferrari, 1994). Em função disso, os genitores demonstraram maior envolvimento com questões relacionadas ao seu desempenho acadêmico e futuro profissional dos filhos, priorizando, para isso, seu acesso às instituições particulares de ensino. Porém, estas situações ultrapassaram os contextos escolares, sendo que, nas famílias atuais, os pais oportunizavam atividades extracurriculares, como aulas de língua estrangeira, reforço escolar, esportes, artes e atividades diversificadas de lazer e cultura (Cerveny & Berthoud, 1997).

Outro aspecto relevante no contexto das famílias atuais se refere à presença das mulheres no mercado de trabalho que, apesar da remuneração inferior à dos homens, têm dado provas de empenho em sua formação e capacitação profissional, como apontam dados recentes do IBGE (2010). Devido à sua saída de casa, foi estabelecida uma nova rotina familiar, que hoje conta com o apoio de empregados, principais responsáveis por grande parte das tarefas da casa em diversas famílias participantes deste estudo. Diferentemente das suas famílias de origem, nas quais os irmãos mais velhos cuidavam dos mais novos, além dos empregados, em segundo lugar, os participantes mencionaram o suporte dos avós, principalmente em relação aos adolescentes-foco considerados menos autônomos e necessitados de auxílio nas tarefas escolares e em outras atividades menos estruturadas, como alimentação e sono. Neste sentido, a literatura vem destacando cada vez mais a importância dos avós na educação formal e informal dos netos (Dias & Silva, 2003; Oliveira, 2011; Silverstein & Giarrusso, 2010). Eles consistem em uma das principais fontes de apoio para as famílias, que deve ser considerada, principalmente, no contexto de vida atual quando eles, muitas vezes, assumem papéis e responsabilidades que, tradicionalmente, seriam atribuídas aos pais.

Com relação à estrutura das famílias atuais, apenas algumas coabitavam com outros membros da família extensa, fato que parece cada vez menos comum nos dias de hoje. Ainda, quanto à convivência entre eles, os genitores relataram que seus filhos tiveram, na infância, e ainda tinham, no momento, menos experiências com outros membros da família

extensa do que eles próprios tiveram, fato também revelado por Stratton (2003), apesar de terem citado, como lazer freqüente, os encontros familiares. Para a esta geração, não ter tanto contato com outros parentes pode significar menos oportunidades de adquirir outras habilidades e, ao mesmo tempo, maior responsabilidade para os pais, que acabam por assumir, sozinhos, a criação dos filhos. Ainda assim, os membros da família extensa continuam tendo um papel importante, inclusive, para os adolescentes-foco que mencionaram que as experiências com avós, tios e primos estão, particularmente, associadas a lembranças de boa convivência e coletividade.

Os membros da família nuclear também compartilhavam menos tempo juntos, e os adolescentes-foco tiveram menos experiências com pares, uma vez que as famílias, hoje, têm menos filhos e o convívio com primos e amigos também é menor (IBGE, 2010). Mesmo morando em casas e condomínios, eles tinham menos contato com brincadeiras ao ar livre e com a vizinhança do que os próprios pais tiveram, fato que pode estar associado à predominância da rotina de atividades estruturadas na vida atual destas famílias. Conforme apontaram Kreppner e Ullrich (1998), isto pode significar restrições às oportunidades de socialização e de aprendizagens e práticas sociais dentro e fora da família, fundamentais para o desenvolvimento de todos os seus membros.

Quanto ao envolvimento de cada familiar na rotina e administração do lar, pode-se perceber, também, a participação efetiva dos *pais*, junto com suas esposas, no compartilhamento das responsabilidades domésticas e, especialmente, nas tarefas de cuidados com os filhos, tendência também revelada pela literatura (Dessen 2010; Lewis & Dessen, 1999; Wagner et al., 2005b). Apesar desta tendência, os *pais* deste estudo ainda se vêem como os principais responsáveis pelo sustento do lar, normalmente, trabalhando por mais horas do que as mães. Mesmo em famílias em que as mães exercem ocupação fora de casa, elas continuam assumindo papéis prioritários na coordenação do lar e da rotina de vida e educação dos filhos, acumulando funções que geram cansaço e estresse, conforme já apontaram Campos-Ramos (2008) e Reichert e Wagner (2007a).

Por outro lado, observou-se que os filhos geralmente não estavam incluídos na organização e rotina do lar, não lhes sendo atribuídas nem mesmo funções relacionadas aos seus cuidados pessoais, como arrumar seus objetos e quarto, ou lavar suas roupas. O mesmo ocorreria em se tratando de tarefas comuns à família, de limpeza, arrumação ou preparo de alimentos, mesmo quando eles já se mostravam capacitados a realizá-las. Esta constatação remete a alguns questionamentos importantes para as futuras investigações. Que implicações este fato pode ter para a formação das famílias dos adolescentes no

futuro? Se os responsáveis não se preocupam em oferecer oportunidades para os filhos desenvolverem a autonomia, fazendo com que eles participem e se responsabilizem, primeiramente, por seus próprios corpos, bens e espaços e, depois, por tarefas de promoção do bem estar comum, como eles vão desenvolver habilidades e virtudes que mais tarde serão necessárias para o seu convívio social? Às vezes, até, as oportunidades se apresentam, mas os filhos não aprenderam as habilidades necessárias para lidar com elas, como preparar uma refeição, ou pagar uma conta, ou não têm os hábitos formados.

Na verdade, parece existir uma intenção dos pais em ‘poupar’ os filhos, que, a seu ver, estão sobrecarregados com as cobranças escolares, e que sua participação nas tarefas do lar não seria necessária para sua formação. Entretanto, os prejuízos neste sentido poderão aparecer no futuro, uma vez que estas podem ser chances para o desenvolvimento de sua autonomia comportamental, base para a autonomia em outras áreas, e importante para o desenvolvimento de habilidades práticas e outras capacidades no seu futuro posicionamento e tomada de decisões.

Além disso, este fato reflete uma diferença entre as famílias atuais e as de origem dos genitores, em que havia maior participação dos filhos na rotina doméstica, sobretudo das meninas, que aprendiam e se responsabilizavam por algumas tarefas junto com suas mães, pois, estas lhes propiciariam chance de um futuro mais promissor. Compreendendo que existem causas baseadas, principalmente, nas mudanças no papel da mulher (Dessen, 2010; Lila et al., 2006), cabe perguntar quais os prejuízos e benefícios destas mudanças para as futuras gerações, e como poderiam lidar melhor com elas.

Outro fator importante a ser considerado nas famílias atuais se refere às preocupações dos genitores com as condições de moradia, transporte e conveniências para seus filhos. Em relação às famílias de origem, com a preocupação de garantir conforto e acesso a bens, serviços e informações, as famílias passaram a morar em lugares privilegiados, em regiões nobres da Capital, em casas ou apartamentos próprios, espaçosos e, segundo eles, confortáveis. Revelaram possuir um grande número de aparelhos eletrônicos, com destaque para as novas tecnologias, valorizadas, principalmente, pelos adolescentes. Seriam estes mais alguns fatores entre aqueles apontados para a não inclusão dos adolescentes na organização e rotina do lar?

Outra característica que se revelou típica às famílias contemporâneas foi o acesso dos familiares a um grande número de atividades dirigidas e bastante diversificadas. Este fato pode refletir uma forma, adotada pelos genitores, de controle e de proteção dos filhos, no sentido de impedi-los de se tornarem ociosos e vulneráveis às situações de rua, como

destacado por Sarriera, Tatim e Coelho (2007). Entretanto, se por um lado isto não garante que eles estejam protegidos dos riscos das ruas, por outro, as limitações no ir e vir dos adolescentes, principalmente, nos centros urbanos, por conta da violência, pode retardar o desenvolvimento de sua autonomia e autoconfiança, adiando, também, a tomada de decisões, as escolhas próprias e o envolvimento em outros tipos de aprendizagens.

Entre outras atividades dirigidas, os adolescentes participavam, também, das práticas religiosas, apesar destas se mostrarem menos valorizadas pelas famílias atuais do que pelas famílias de origem dos genitores. Classificadas, na maioria, como católicas, as famílias participantes disseram freqüentar igrejas semanalmente, sendo interessante notar que estas atividades estavam mais presentes na rotina dos filhos do que dos pais, fato que pode ser atribuído aos compromissos religiosos desta faixa etária, conforme relataram os participantes.

As atividades de lazer podem ser consideradas um segundo elemento protetivo das famílias atuais, e, principalmente na adolescência, contra as vulnerabilidades dos contextos menos estruturados do desenvolvimento do adolescente, e a favor do bem-estar e saúde do adolescente. Nos relatos, estas atividades se mostraram mais valorizadas e praticadas por tais famílias, e incluíam esportes, passeios e viagens, bem menos comuns nas histórias de vida pregressa dos genitores. A participação regular em reuniões sociais fazia parte de sua rotina, porém, não diminuía a prioridade dos encontros familiares regulares, mais uma vez revelando a importância da união da família, apesar da necessidade crescente do adolescente em ter momentos de interação com amigos. Em suma, a quantidade e diversidade de atividades produtivas, mas, também, de lazer, mostram um perfil de famílias que trabalham, mas, também, se divertem bastante, porém, de modo diferente do passado. Não é a toa que o discurso dos adolescentes demonstrou uma ênfase no desejo de ‘sair, se divertir, aproveitar’.

De modo geral, os participantes declararam estar satisfeitos com a vida familiar e consideraram que as relações agradáveis e o clima harmonioso eram fundamentais para o seu bem estar em família, conforme apontaram também os dados de Kreppner e Ullrich (1999). Porém, mesmo em condições satisfatórias de vida, os genitores manifestaram a necessidade de maior infraestrutura e de uma rede de apoio mais eficiente para a organização e o funcionamento de seus lares. Talvez isto aconteça pela distância de suas famílias de origem ou pelo excesso de atividades, que tornam a vida dessas famílias mais ocupada e movimentada, necessitando maior organização.

Tendo como principal queixa a falta de tempo compartilhado com seus familiares e,

também, pelo casal, os genitores (em especial, os *pais*) mostraram seu desejo de estarem ainda mais próximos, presentes e participativos na rotina de vida familiar. Isto pode significar que os participantes ainda têm uma visão idealizada de família, que inclui não só a divisão e compartilhamento de outros fatores não identificados. Ainda, esta queixa pode se justificar pelas cobranças atuais por maior produtividade e efetividade nos papéis parentais e sociais, que devem ser reavaliadas pelas próprias famílias, no sentido de encontrarem uma dimensão mais saudável de vida para todos.

A questão do tempo compartilhado em família ainda parece controversa (Reichert & Wagner, 2007a). Se por um lado, percebe-se que, mesmo com a ausência da mãe, ela continua exercendo suas responsabilidades com seus filhos, e que os filhos acabam por se desenvolverem mesmo na ausência dos pais; por outro, a falta deste tempo pode acarretar prejuízos que incluem poucas oportunidades de aprendizagem compartilhada, de convívio com conversas e trocas enriquecedoras entre genitores e filhos.

### ***Histórias de Vida Familiar: Fatores Estressores ao Desenvolvimento***

Compreendendo que, segundo Zimmer-Gembeck e Skinner (2008), pelo menos um quarto das famílias passa por algum evento estressor significativo no decorrer de suas vidas, também, os participantes do presente estudo apontaram, em suas histórias de vida, alguns fatores ameaçadores ao seu bem estar e funcionamento ‘ideal’. Dentre eles, nas famílias de origem, merecem destaque as mudanças de moradia, pelas dificuldades geradas de adaptação às condições diferenciadas, sejam em outras cidades ou bairros. Porém, eles revelaram, também, eventos relacionados a doenças, deficiências, acidentes e mortes, que conduziram à necessidade de reajustes em suas dinâmicas e que, para alguns, estes foram decisivos em algum momento no seu desenvolvimento, trazendo privações e mal-estar. Quanto às precariedades e dificuldades financeiras das famílias de origem dos genitores, elas foram consideradas como moderadoras no seu contexto de vida, e podem justificar o perfil de famílias que hoje trabalham bastante e buscam oferecer boas condições materiais aos seus familiares.

Nas histórias de vida em suas famílias atuais, os genitores apontaram um número significativo de eventos, tanto normativos como não normativos, embora nem sempre considerados por eles como estressores para o desenvolvimento da família. Além de doenças, acidentes e mortes, as experiências relacionadas aos momentos de transição no curso de vida familiar, com o nascimento do filho ou a chegada de um irmão, foram

reconhecidas como importantes para as adaptações familiares, confirmando os dados da literatura (Granic, Dishion, & Hollenstein, 2006; Kreppner, 2000).

Eventos relacionados à separação temporária do casal, apesar de considerados mais comuns nos dias atuais, nestas famílias, demonstraram que ainda causavam certo impacto sobre os familiares. Confirmando dados da literatura, que reconhecem que a qualidade das relações conjugais teria impacto sobre o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, anos mais tarde (Cummings & Davies, 2002; Mosmann & Wagner, 2008; Sillars, Canary, & Tafoya, 2004), este estudo demonstrou que, em algumas famílias, nas relações onde havia desentendimentos frequentes, intensos e não resolvidos, a discórdia era percebida pelos filhos, que não só identificavam intenções, reações de medo ou expressões de raiva dos pais, e os compreendiam como destrutivos e estressantes; como, também, participavam, reagindo e buscando soluções. Ao mesmo tempo, estas expressões geravam modelos para os filhos, que se comportavam de modo mais questionador e rebelde, revelando as repercussões que os conflitos conjugais podem ter sobre outros membros da família e o seu bem-estar (Mosmann & Wagner, 2008). Estes dados sugerem que os casais estejam atentos para que possam gerenciar suas trocas de modo que os filhos não venham a sofrer conseqüências negativas e, ao contrário, se beneficiem da aprendizagem de estratégias positivas para lidar com momentos de estresse em suas próprias relações.

No entanto, as causas para o estresse foram percebidas e descritas de modo diferente por pais e mães deste estudo. Os *pais* se queixaram de dificuldades relacionadas ao excesso de trabalho, subemprego ou falta de uma ocupação para as mães, além da insegurança provocada pela realidade em que a família vive. Já as mães mostraram preocupações com as relações familiares e a educação dos seus filhos. Estas diferenças podem estar relacionadas aos papéis de gênero, às funções assumidas por cada genitor, mas, também, às expectativas que cada um tem de si mesmo, do outro e da relação. O não-cumprimento destas expectativas pode gerar frustrações, logo, elas devem ser reavaliadas e novas habilidades são necessárias de modo a superá-las.

Porém, os casais se mostraram congruentes em suas preocupações com relação aos estudos e o futuro dos filhos. Neste sentido, assim como apontaram os dados de Campos-Ramos (2008), os papéis de pais e de mães atuais, ainda relacionados ao cumprimento de funções provedoras ou cuidadoras, respectivamente, junto às exigências relacionadas ao mercado de trabalho e à capacitação profissional, não os impedem de exercer suas funções socializadoras, relacionadas à escolarização dos filhos. Entretanto, se eles não cumprem esta função, ou se pensam não estarem cumprindo adequadamente, isto é, se eles não se

percebem como ‘bons’ pais, isso lhes causa estresse. Parece, então, que existe um padrão de excelência a ser atingido pelos pais, nos dias atuais, que, inseguros quanto ao seu desempenho, necessitam ser avaliados e validados pelos próprios filhos, em primeiro lugar, e, também, pela sociedade como um todo.

Por outro lado, os filhos também percebem as exigências provenientes dos pais, queixando-se da rotina de vida diária, principalmente, no que se refere às cobranças de desempenho acadêmico, entre outras responsabilidades. Alguns deles, inclusive, foram percebidos como extremamente estudiosos, responsáveis, ‘certinhos até demais’ e, ao contrário, se tornavam cobradores dos próprios pais, fazendo críticas e requisições. Em relações mais igualitárias, os filhos se vêem no direito de cobrar satisfação de seus pais. Cabe considerar o que estes comportamentos podem significar para estes familiares, isto é, como os adolescentes estão assimilando estas demandas e se posicionando com relação a outros, sejam pares, sejam figuras de autoridade, e que consequências estes comportamentos podem ter para o futuro da sociedade.

Diante das situações de estresse, foi possível identificar, no comportamento das famílias participantes, diferentes formas para lidarem e ultrapassarem tais situações. Algumas famílias demonstraram, por exemplo, estratégias que envolviam a reflexão sobre o problema e a conversa e busca de soluções em conjunto. O que se sabe é que, nas famílias em que estas situações podem ser previstas e existe cooperação mútua e engajamento dos familiares nas suas resoluções, elas se tornam mais fáceis (Sillars, Canary, & Tafoya, 2004). No entanto, segundo os próprios familiares deste estudo, para que sejam ultrapassadas, é preciso que eles se posicionem de modo equilibrado, calmo e maduro, o que nem sempre acontece, e pode levar a angústias e compensações.

Na adolescência, a participação dos filhos nas decisões familiares mostrou-se gradativamente crescente e valorizada pelos genitores, confirmando os dados de Spear e Kulbock (2004), sendo que, alguns já percebiam o alcance da contribuição dos filhos, podendo vê-los mais auto-suficientes e tomando, também, decisões fora de casa. Este fato denota a influência das concepções, percepções e crenças dos pais sobre a adolescência e o adolescente, na forma deles lidarem com seus filhos. Assim, é importante que estas concepções sejam revisadas e sempre renovadas no interior das famílias, e a cada subfase do desenvolvimento do adolescente e, ainda, que pais e filhos tenham alguns parâmetros daquilo que é possível ser conversado, esperado ou aceito para cada etapa.

### *Concepções de Família e de Adolescência*

Definir 'família' continua sendo uma tarefa complexa, como afirmou Szymanski (2004), mesmo quando percebida pelos familiares, como os deste estudo, na sua forma mais tradicional, isto é, como um arranjo nuclear com filhos. Apesar de ter recebido diferentes interpretações ao longo da história, a definição contemporânea de família leva em conta as concepções dos próprios familiares, que definem seus limites por outros laços que não somente pelo parentesco ou consanguinidade (Hodkin, Vacharesse, & Buffett, 1996).

Para os participantes deste estudo, a família envolveria mais do que apenas sua estrutura, alcançando, principalmente, questões relativas ao seu funcionamento, que abrangem aspectos relacionais e psicológicos, e ultrapassam as gerações atuais. Quanto à estrutura, embora os dados apontem que a família nuclear, mesmo prevalecente, tem perdido espaço para outras configurações (IBGE, 2010), neste estudo, a família foi definida dentro de um núcleo composto por pai e mãe, unidos legal ou amigavelmente, com filhos - biológicos ou adotivos - ou sem filhos, apesar da família sem filhos ser, ainda, uma questão controversa na literatura da área. Entretanto, para eles, uma família poderia incluir, também, outros membros, unidos ou não por laços consangüíneos, pelo grau de parentesco e por laços de amizade e afeto. Neste sentido, é possível reconhecer que, entre as concepções atuais de família, a afetividade e a intimidade são itens considerados significativos para a união e a convivência entre as pessoas, como a literatura já vem apontando (Petzold, 1996).

Concebidas como um sistema, célula ou núcleo, que teria um funcionamento próprio, baseado em papéis, funções e relações estabelecidas entre os familiares, as famílias demandariam convivência, participação, troca e compromisso uns com os outros. Para os participantes, a concepção de família mostrou-se bastante positiva e, especificamente, entre os adolescentes, corroborando outros dados da literatura brasileira (Biasoli-Alves, 2004; Carramaschi, 2006). Tal concepção se justifica, principalmente, pelos sentimentos associados aos núcleos familiares, que envolvem união, amor, afeto, carinho, amizade, respeito, felicidade e harmonia, apesar dos conflitos.

Particularmente, a concepção de família, presente no senso comum, que a caracteriza como aquela que significa tudo ou a base para tudo (Kaloustian & Ferrari, 1994), neste estudo, se ampliou com a ideia de mutualidade, isto é, redoma, berço ou ninho dentro do qual as pessoas se ajudariam umas as outras e poderiam, juntas, crescer, se

desenvolver e perpetuar valores, com a constante troca de experiências e ensinamentos. Portanto, pode-se dizer que a família continua a ter um valor especial, sendo única, importante e insubstituível para o indivíduo, além de democrática, visto que todos os seus membros se tornam responsáveis pelo seu bom funcionamento.

Já a concepção de adolescência pareceu mais clara nas famílias atuais, e os familiares participantes deste estudo a descreveram como uma fase do desenvolvimento humano caracterizada por mudanças mais evidentes e menos graduais do que antes, corroborando os estudos de Biasoli-Alves (2004). Menos delimitada por aspectos biológicos, a adolescência foi reconhecida como uma fase de transformações que ocorrem não apenas com os próprios adolescentes, mas, também, nas suas relações com outros indivíduos, nos diversos contextos onde crescem e vivem. Isto porque, na visão atual, os adolescentes sofrem mudanças, mas a dinâmica e os relacionamentos familiares também se modificam; os contextos escolares se transformam e fazem com que ambas as partes, adultos e adolescentes, ganhem responsabilidades novas e mais difíceis; e os contextos sociais mudam, sendo exigidos novos aportes e oportunidades.

O período da adolescência atual teria fronteiras pouco definidas, sendo percebida e marcada por um início cada vez mais precoce e não mais demarcado por aspectos cronológicos ou puramente fisiológicos, como anteriormente (Goosens, 2006b). A respeito disto, os familiares participantes deste estudo reconheceram a ocorrência de um processo de transição no qual é difícil delimitar as fases da infância e da adolescência, já que ora seus filhos se comportavam como crianças, ora como adolescentes, dependendo da situação ou da relação em que se encontravam. Foi possível observar, também, que este marco era antes definido por alguns rituais de passagem (por exemplo, a menarca) e, hoje, como não são muito claros, trazem confusões na forma como devem se comportar ou responder às mudanças.

Ainda a esse respeito, os participantes perceberam diferentes subfases durante a adolescência, que são determinadas por características e necessidades específicas do adolescente, conforme apontaram Smetana et al. (2006). Esta visão pode trazer benefícios para todos os familiares, porque eles passam a admitir a existência de um período intermediário, denominado pré-adolescência que, à época dos genitores, não era percebido ou revelado/ declarado. Ainda, em função de maior conhecimento sobre o assunto e de uma compreensão mais ampliada dessas peculiaridades, os adolescentes atuais podem, conseqüentemente, receber tratamento diferenciado por parte dos que lidam com ele.

Em contraponto às visões de rebeldia, tumulto e estresse atribuídas à adolescência

no passado, parece unânime reconhecer que a entrada na adolescência envolveria outros aspectos que não apenas os biológicos, tradicionalmente descritos, e que continuam presentes no imaginário popular. Para os participantes, as mudanças pessoais do adolescente seriam mais esperadas e visíveis nos dias atuais, e ocorreriam de modo simultâneo e inter-relacionado. Assim, ao compreenderem melhor a influência das questões hormonais sobre o estado emocional e o comportamento do adolescente, como revelou Keating (2004), os pais atuais, de certa forma, passaram a respeitar a preguiça e as oscilações de humor descritas pela literatura como típicas desta fase de transição (Brooks-Gunn & Warren, 1985), e pelos participantes, tentando encará-las como algo provisório e não tão relevante. Ainda, percebe-se o despertar da sexualidade, também mais precocemente nos dias de hoje, fato que também vem exigindo ajustes das famílias e instituições, e gerando conflitos entre pais e filhos, e que trazem outros questionamentos quanto às diferenças entre meninos e meninas neste momento de transição. Neste estudo, elas mostraram mudanças mais perceptíveis, principalmente, comportamentais, questionando mais seus genitores e envolvendo-se em situações de maior conflito, com isso, gerando reações, também, no contexto familiar.

Em consonância com as atuais concepções de adolescência, filhos e pais esperam que ocorra um despertar da criança para novas aprendizagens, para a reflexão e, conseqüentemente, melhor discernimento nesta fase, durante a qual o adolescente seria capaz de adquirir novas habilidades e perceber capacidades, podendo se constituir um período rico de conhecimento e experiência para toda a família. Mudanças nos interesses, inclusive com relação à aparência pessoal, ao pertencimento aos grupos e ao sexo oposto seriam esperadas, e estariam igualmente presentes nas histórias de vida dos genitores em suas famílias de origem, porém, hoje, mais intensificadas.

Os principais interesses estariam, atualmente, mais dirigidos aos esportes e às atividades de lazer, assim como observaram Cervený e Berthoud (1997). Ainda, se caracterizariam por uma cultura própria do perfil da população participante, em que os adolescentes estariam cada vez mais expostos às mídias de comunicação, em especial, à TV e à *Internet*. Neste aspecto, cabe ressaltar que a exposição a conteúdos e relacionamentos virtuais, mencionada pelas famílias deste estudo, também é uma preocupação das famílias e de toda a sociedade moderna, conforme apontou Matos (2008) em seus estudos sobre a saúde do adolescente atual.

Na concepção atual, definir ‘adolescência’ implicaria em admitir alterações nos padrões relacionais dentro das famílias, esperando-se que, nas relações parentais, os filhos

se afastassem e questionassem mais e conversassem menos com os pais. Segundo os participantes, isto exigiria, inclusive, a utilização de diferentes práticas educativas parentais, por um lado, mais monitoradas e, por outro, mais flexíveis e orientadas para conversas. Parece contraditório conceber que, para eles, os adolescentes se afastariam e conversariam menos, e que os pais permitiriam este afastamento com tranquilidade, embora conversassem mais com seus filhos, orientando-os pelos caminhos a seguir. Assim, cabe apontar que a adolescência foi vista como um momento caracterizado por maior liberdade, independência e autonomia dos filhos, aspectos bem mais evidenciados nos dias de hoje e que, por isso, merecem atenção e revisão minuciosa de familiares, práticos, pesquisadores e políticos da área.

Todavia, ainda existem concepções de adolescência que a caracterizam como uma ruptura, quando as mudanças são muito rápidas. Porém, a ideia de construção ou evolução gradativa, em etapas diferenciadas, parece mais frequente. De qualquer forma, o que pode ser observado nas famílias atuais é que, embora prevaleça o mito de que a adolescência é uma fase difícil e dolorosa, a visão que responsabilizava o ‘aborrecente’ por suas mudanças individuais, pelos conflitos parentais e pela desarmonia familiar se modificou. A identificação de outros processos de mudança nos diferentes âmbitos faz com que esta responsabilidade seja diluída e a dor seja redistribuída e compartilhada por todos, pessoas e contextos envolvidos.

Assim, para se descrever a adolescência, hoje, é preciso considerar esta multiplicidade de perspectivas, além do contexto de condições físicas, sociais, regionais e históricas, consoantes com a época e a sociedade em que a família vive. E, conforme afirmou uma genitora participante deste estudo, deve-se levar em conta a percepção que cada pessoa tem sobre a adolescência: [...] *é relativa. Por que a adolescência seria mais problemática? É muito do jeito que a gente encara* (FAM30M).

### ***Percepções de Genitores e Filhos sobre seus Familiares***

Os genitores e seus filhos reconheceram que as relações entre eles têm se modificado em função do que eles entendem por adolescência, assim como pelas percepções que uns têm dos outros. De acordo com a concepção de adolescência dos próprios participantes, era esperado que, neste período, os filhos não atribuíssem mais, às figuras paterna e materna, funções de proteção absoluta, exclusivas do adulto cuidador. Filhos, no entanto, disseram reconhecer, nos seus pais, pessoas de confiança a quem

podiam recorrer quando eles mesmos não conseguiam resolver seus problemas.

Estes adolescentes, aos poucos, estariam modificando a compreensão que tinham de si mesmos, passando a se reconhecerem como pessoas distintas e independentes, com ideias e responsabilidades próprias, além de perceberem mais claramente as falhas de seus genitores, como aponta a literatura (Lila et al., 2006). Os adolescentes-foco desta pesquisa confirmaram a percepção que os próprios genitores tinham de si mesmos e, de maneira até mesmo exagerada e crítica, os descreveram, principalmente, como pessoas nervosas/estressadas, impacientes e exigentes. Este fato pode, inclusive, estar refletido nas queixas de todos e, especialmente dos genitores que alegam querer mais tempo compartilhado em família e ter cada vez menos tempo também para si, ensinando seus filhos a se ocuparem igualmente. Isso é grave, uma vez que eles acabam passando a imagem de que ser adulto pode ser monótono, chato, cansativo, desgastante, e cheio de obrigações, deveres e responsabilidades, gerando com isso um adolescente que, possivelmente, não quer crescer.

Apesar disso, o que se pode perceber é que existem genitores que se identificaram com outros tipos de parentalidade e, ora se julgaram permissivos demais, ora abertos e atentos aos filhos ou, ainda, desatentos, demonstrando que, de certa forma, podem ser comparados aos estilos parentais classificados tradicionalmente pela literatura como autoritativos, autoritários, negligentes ou permissivos (Baumrind, 1966; Maccoby & Martin 1983). Algumas considerações devem ser feitas a este respeito: se, por um lado, é importante que os familiares se percebam de uma ou outra forma, e esta percepção os leve a refletir e, talvez, mudar atitudes e estratégias, no intuito de introduzir novos padrões e estilos de interação mais saudáveis à família; por outro, é preciso reconhecer que, se os genitores se posicionam de modo incoerente, e a cada dia prevalece uma ou outra forma de agir, esta inconstância pode gerar ainda mais insegurança aos filhos do que um estilo constantemente rígido ou permissivo.

Sob a perspectiva dos genitores deste estudo, porém, os filhos foram vistos mais positivamente, e a eles foram atribuídas características que envolviam afeto, responsabilidade e comunicabilidade. Além de descrevê-los como crianças tranquilas, os genitores consideraram que, no momento da pesquisa, a maioria não lhes dava trabalho excessivo, ou seja, não eram rebeldes ou difíceis. Isto acontecia mesmo entre aqueles que, na infância, se mostraram mais emotivos, levados/ agitados, arredios ou bravos e, portanto, davam mais trabalho, exigindo condutas mais dirigidas ao estabelecimento de regras e limites (Bates & Petit, 2007). E, ainda que estivessem passando por mudanças da adolescência, eles foram descritos por meio de características valorizadas pelas famílias

atuais, tais como responsabilidade, independência e expressão de opiniões e sentimentos. Tais características se refletiam nas relações parentais, com a percepção dos genitores de um aumento no diálogo entre eles, na comunicação e no grau de liberdade e iniciativa, mais tangíveis nos contextos da adolescência atual.

### *Tarefas de Desenvolvimento das Famílias*

Mesmo diante de visões menos negativas e preconceituosas da adolescência, o que se pode perceber é que muitas das tarefas atribuídas às famílias durante esta fase de desenvolvimento são semelhantes àquelas atribuídas às famílias de origem dos genitores e que, há muito tempo, vêm sendo apontadas na literatura (Silverberg & Steinberg, 1990). As relações parentais, por exemplo, continuariam a exercer o papel mais importante sobre o desenvolvimento do adolescente, como revelaram Collins e Laursen, (2004b) e, ainda, conservariam expectativas similares.

Tanto os genitores quanto os filhos participantes esperavam que os adolescentes explorassem novos ambientes, tivessem novas experiências, testassem limites, questionassem regras e participassem mais dos processos decisórios da família. Assim, na percepção dos participantes, as tarefas atuais do desenvolvimento incluiriam aspectos relativos à independência e à autonomia dos filhos, porém, mais dirigidos à auto-afirmação por meio da expressão de opiniões e dos conflitos entre pais e filhos, que antes eram velados.

Os adolescentes-foco deste estudo desejavam que seus pais exercessem funções específicas, e apontaram para uma visão parcialmente idealizada, em que os pais estabeleceriam limites, ao mesmo tempo em que dariam liberdade de escolha e os acompanhariam com carinho e diálogo. Portanto, atribuíam aos pais, a principal tarefa na educação dos filhos, enquanto que a eles próprios, caberia a tarefa de, passivamente, ‘ouvir, aprender e cooperar’, retribuindo o carinho de seus pais. Mas, na verdade, será que estes adolescentes conseguem alcançar aquilo que seus pais pretendem com seu discurso? Será que os escutam e apreendem aquilo que eles tentam transmitir? Será que cooperam ou apenas obedecem, ou fingem que obedecem, para não criar conflito com seus pais? Pelo menos, não responder os deixariam temporariamente livres, salvos de desavenças freqüentes, e por questões que não os interessam.

Os pais, por sua vez, almejavam que seus filhos fossem carinhosos, obedientes e responsáveis, que se mantivessem próximos, conversassem com eles sobre seus problemas e

planos, e cumprissem com suas obrigações escolares, que também denota uma visão idealizada dos filhos. Em contrapartida, eles tomariam para si a responsabilidade de fornecer condições e promover o desenvolvimento dos filhos, sendo pacientes, tolerantes e compreensivos com eles, além de continentes aos seus problemas e dificuldades. Por que eles acham que devem ensinar o que estão ensinando? Será que eles estão apenas reproduzindo padrões de outra geração, sem perceberem as demandas atuais de seus filhos?

Estas atribuições se refletem nas questões da autonomia e do estabelecimento de limites, tão presentes na adolescência atual, e na ideia de um prolongamento deste período, isto é, com demarcações cada vez menos precisas de passagem para a vida adulta. O que se percebe é que os filhos parecem confortáveis no papel de receptores da educação, do afeto e do conforto oferecido pelos pais, sem a preocupação de retribuí-los. Buscam independência financeira (não afetiva) e, ou permanecem cada vez mais tempo nos lares de origem, ou retornam de uma experiência de independência fora de casa – efeito ‘bumerangue’ -, coincidindo com o fenômeno atual chamado geração ‘canguru’ (Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004). Apesar de não terem sido investigados nesta pesquisa, devido ao foco de análise, estes fatos parecem resultantes do entendimento das atuais tarefas e papéis familiares, particularmente, no que tange à autonomia dos filhos, e merecem discussão minuciosa, por suas importantes repercussões nas famílias.

Cabe lembrar que, como o processo de autonomia do adolescente é gradual e envolve aspectos comportamentais, emocionais e sociocognitivos, as estruturas cognitivas do adolescente não estão bem integradas no início desta fase (Umberson et al., 2005), podendo gerar certa instabilidade emocional e um clima de desarmonia e desacordos entre os familiares. No entanto, outros fatores atuavam sobre os comportamentos dos envolvidos, tais como, estresse pessoal com trabalho, dificuldades financeiras ou problemas conjugais, e estes mostraram consequências para as relações, que foram avaliadas, pelos filhos, como características pessoais dos genitores, julgados responsáveis pelo clima familiar menos harmônico.

### *A Dimensão Afetiva e o Clima Emocional nas Relações entre Genitores e Adolescentes*

As tarefas de desenvolvimento familiar estão, hoje, visivelmente vinculadas à dimensão afetiva, uma vez que tanto a expressão dos sentimentos quanto a comunicação positiva são mais permitidas no contexto das relações familiares (Cerveny & Berthoud, 1997; Oliva, 2006). Neste sentido, os participantes reconheceram e confirmaram a

importância de um clima favorável dentro do qual eles poderiam se desenvolver e, também, desenvolver habilidades e competências necessárias para ultrapassar os desafios e estresses presentes no cotidiano familiar e, ainda, nos demais contextos onde estavam inseridos (Kreppner, 1992).

O afeto se traduziu nos contextos de desenvolvimento onde as famílias percebiam um clima mais harmônico, de proximidade e união entre seus membros, de liberdade de expressão de opiniões, por meio da abertura para o diálogo e a expressão de sentimentos. Nestes contextos, foi possível identificar mais satisfação nas relações familiares e com a vida em família, possivelmente, conduzindo à maior expectativa de saúde e ajustamento psicossocial do adolescente. Assim, os participantes revelaram uma tendência a valorizar mais estes padrões de comunicação, confirmando suas expectativas com relação à família e ao significado da família para eles: *viver junto com união e bons sentimentos*.

As relações estabelecidas entre genitores e filhos foram vistas como mais próximas, unidas e iguais do que as relações com seus próprios pais, como mostrou o estudo de Cerveny e Berthoud (1997). Na transição para a adolescência, foi identificada uma tendência ao distanciamento entre pais e filhos, que não foi evidente na história de vida individual do genitor e que, embora esperada, gerava reações e dificuldades dos pais em aceitarem a necessidade de mais privacidade e individualidade dos filhos.

Ainda assim, diferentemente da época da adolescência dos genitores, os processos de socialização dos filhos e os padrões adotados pelas famílias atuais incluíam um aumento da participação e das trocas entre os familiares, como mostraram Cerveny e Berthoud (1997). Os genitores mostravam-se mais envolvidos nos estudos, no transporte e no lazer dos filhos, e estes, por sua vez, mais envolvidos nos processos de decisão familiar. Ambos compartilhavam mais da rotina de vida de cada um, sendo que, os genitores, ao revelarem preocupação em fornecer apoio, cuidados e atenção aos filhos, eram, às vezes, considerados intrusivos.

Além disto, conforme mostra a literatura, as mães se percebiam e eram percebidas como mais afetuosas e próximas aos filhos do que pais (Wagner et al., 2002), por razões associadas talvez, à sua natureza ou criação. É indubitável que, apesar de todas as mudanças já descritas a respeito da família contemporânea e às especificidades do momento de transição para a adolescência, a mãe, assim como em outras épocas e etapas do desenvolvimento, ainda se faz mais presente, se envolvendo mais no cuidados com os filhos, enquanto que o pai ainda se engaja, com maior frequência, nas atividades mais dirigidas e de lazer (Dessen & Lewis, 1998; Pacheco, 2004; Tudge et al., 2000).

Se comparadas às relações parentais do passado, as atuais apresentaram semelhanças e diferenças entre as práticas educativas adotadas por pais e mães, com seus filhos e filhas. Em relações ditas mais igualitárias, os genitores deste estudo alegaram adotar práticas parentais que incluíam mais conversas e manifestações de afeto, principalmente as mães, mas, com uma tendência crescente dos pais, mas ainda tinham dúvidas quanto a forma mais adequada de negociar as regras e limites. Para os filhos, no entanto, as condutas educativas de pais e de mães eram vistas de modo semelhante, o que pode ser considerado uma grande mudança nas famílias de hoje. Apesar dos filhos continuarem a perceber seus pais como figuras de autoridade, eles revelaram que sabiam discriminar as características de cada um, as áreas em que podiam participar ou negociar e, o momento para conversar com seus pais, conforme já apontou a literatura (Grusec & Davidov, 2007; Kreppner, 1992; Wagner et al., 2005a). Interessante ressaltar que, neste caso, os filhos pareciam mais certos em suas atitudes com seus genitores do que o contrário, fato que pode caracterizar uma relação desbalanceada e não equilibrada, como pretendida por ambos, e revelada pela literatura (Montandon, 2005).

Por outro lado, os adolescentes mostram-se mais questionadores, mais efusivos e exagerados nos dias atuais, o que pode, no fundo, refletir apenas comportamentos reativos diante de sua própria fragilidade ou da relação. Como reajustar regras e negociá-las faz parte das tarefas de parentalidade deste momento, mas requer uma reflexão prévia dos genitores sobre quais aspectos da relação são negociáveis ou não, de modo a estabelecerem, com certa flexibilidade, as normas e limites, (re)assumindo, com isso, seus papéis de autoridade sobre os filhos.

É evidente que as negociações, cada vez mais possíveis nas relações atuais, exigem conversas mais claras e efetivas, durante as quais os filhos possam ser munidos de instrumentos, informações e dicas que os façam tomar consciência das conseqüências de suas escolhas pessoais. Estando isto acontecendo com parcimônia e monitoramento de adultos pode, inclusive, conduzir a decisões mais embasadas e seguras. Para isso, os próprios genitores devem estar munidos, também, de instrumentos que os possibilitem argumentar, ponderar e convencer o filho, se necessário.

Por outro lado, as negociações implicam na liberdade de expressão do adolescente, que deve vir acompanhada do aprendizado de estratégias que envolvam a qualidade da comunicação, e a regulação de como, com quem e em que momento ele fala. O desenvolvimento destas habilidades ocorre no acolhimento do adolescente no exercício de sua autonomia, que envolve conflitos internos e dúvidas, reclamações e reivindicações.

Isto, porém, não implica que os adultos aceitem, incondicionalmente, suas vontades, mimando-os, como eles mesmos apontaram; nem tampouco permitir que valores como o respeito ou a solidariedade ao próximo sejam desconsiderados. Flexibilizar é ajudá-los nesta negociação e equilibrar espaços e tempos de convivência.

As relações conjugais nas famílias atuais, por sua vez, foram descritas pelos participantes como sendo bem mais harmônicas do que aquelas que os genitores disseram presenciar entre seus pais, geralmente conflituosas e cercadas de ameaças e separações. Hoje, elas envolveriam mais proximidade e união, cumplicidade e amizade, abertura ao diálogo, cooperação e apoio, expressão de sentimentos de carinho e amor, afeto e respeito, mas, principalmente, participação e compartilhamento dos parceiros.

Para os casais, a necessidade de compartilhar, se comparada aos casais das suas famílias de origem, aumentou, embora, estes genitores tenham relatado sentirem falta de mais tempo disponível para ficarem juntos. Isto pode se justificar pela rotina da família que, quando possível, envolvia atividades em conjunto, e não do casal, confirmando a importância da coesão familiar, ao menos para esta classe social, mencionada por Reichert e Wagner (2007a). Talvez, seja possível vislumbrar uma tendência para o futuro e para as próximas gerações, que revele que quanto mais igualitárias as relações entre homens e mulheres em casa, melhores as perspectivas no âmbito da relação familiar para esta classe social.

Quanto à qualidade das relações conjugais, esta característica dependeria da forma como os parceiros se percebiam. Neste estudo, eles reconheceram que combinavam entre si, sobretudo, pelas semelhanças, mas, também, pelas diferenças, e admitiram que, além de outros fatores, os valores atribuídos à família e aos filhos, assim como os interesses e ideologias comuns, eram decisivos para a qualidade da sua relação conjugal. A maioria dos parceiros disse estar satisfeita com o(a) outro(a) no momento atual, mesmo já tendo vivido, no início da vida conjugal, dificuldades atribuídas às exigências mútuas, às necessidades de sustento e trabalho e à imaturidade emocional. Cabe ressaltar que as mulheres não só revelaram mais suas opiniões como, também, demonstraram mais sua insatisfação com a relação e com os parceiros.

Os casais participantes deste estudo não atribuíram seus desacordos, unicamente, às mudanças provocadas pela adolescência, mas, principalmente, ao temperamento/ ritmo do outro e à administração do lar, entre outros motivos menos significativos. As questões da parentalidade se referiram, especialmente, à educação dos filhos, quanto ao estabelecimento das regras, grau de liberdade concedido, ou manifestação de afeto, tendo

sido estes os motivos provocadores de discussões entre os parceiros que, geralmente, esbarrariam nas diferenças entre os valores de cada um.

Contudo, os parceiros admitiram buscar a conciliação de suas diferenças através de estratégias diversificadas e até criativas: conversavam, negociavam, refletiam, pediam desculpas ou relaxavam das tensões, expondo, assim, o grau de envolvimento e compromisso dos parceiros com a qualidade desta relação. De modo geral, contrariando os resultados da literatura sobre a insatisfação marital neste momento de transição familiar (Carter & McGoldrick, 1980/1995; Gottman & Levenson, 1999; Whiteman, McHale, & Crouter, 2003), os casais deste estudo se declararam felizes com a relação conjugal, podendo-se concluir que, muitos deles já desenvolveram capacidades para lidar com seus problemas. Por outro lado, o que se pode inferir é que, o conflito do início da vida conjugal ou foi ou estava sendo ultrapassado, por meio da aprendizagem de estratégias que envolviam a cooperação mútua e as negociações.

Dentre as estratégias adotadas, identificar e controlar as próprias emoções; respeitar as opiniões e sentimentos do outro e sentir-se respeitado pelo outro; rever pontos de vista, pedindo desculpas ou cedendo quando se percebem errados; ou mesmo buscar sair do estresse; mostraram-se alternativas facilitadoras para solução dos conflitos entre os genitores. Estas condutas podem diferenciar as famílias e fazer com que desenvolvam habilidades importantes, tais como a assertividade e o autocontrole (Adams & Laursen, 2007; Collins & Laursen, 2004a).

A comunicação familiar foi, reconhecidamente, a característica mais marcante nas falas dos participantes desta pesquisa, confirmando sua importância para as relações familiares, principalmente nesta etapa do desenvolvimento familiar. Quando positiva, foi identificada como um padrão essencial para o bom funcionamento deste sistema, sobretudo pelo uso do diálogo como prática e conduta educativa. A autoavaliação empreendida pelos genitores apontou diferenças entre a própria adolescência e a de seus filhos. Neste aspecto, a facilidade na comunicação demonstrada pelos filhos provocou nos genitores admiração pela capacidade de conseguirem argumentar e expressar o que pensavam. Compreendiam que, enquanto pais, deveriam estimulá-los constantemente para que desenvolvessem mais essas habilidades dentro e fora de casa.

Na transição para a adolescência, em comparação ao que ocorria na infância, os filhos eram mais expressivos, participativos, questionadores, mas, também, cobravam, reclamavam e criticavam mais. Os próprios adolescentes revelaram que usavam novas formas para falar, pensando antes e adotando ‘palavras melhores e mais rebuscadas’ e que,

timidamente, já lançavam mão de negociações, como mostra a literatura sobre o assunto (Laursen & Collins, 2004; Steinberg & Silk, 2002, Wagner et al., 2002).

Os genitores e adolescentes deste estudo conversavam sobre amizades, lazer, escola e horários, mas não costumavam tratar entre si, com frequência, de assuntos ligados ao trabalho dos pais ou às rotinas da casa. Sexualidade e drogas ainda não eram temas abordados porque, segundo os pais, não eram temas do interesse dos filhos e estes, portanto, nada perguntavam a respeito. No entanto, contradizendo tal afirmativa, as falas dos adolescentes mostravam que suas necessidades e curiosidades sobre determinados assuntos eram supridas com amigos ou pelas redes de comunicação virtual.

Quanto à sexualidade, particularmente, os genitores desta pesquisa ainda se mostraram conservadores, demonstrando preocupação com questões convencionais, como comportamentos relacionados à conduta social dos filhos. Muitas vezes, revelaram estranheza e inabilidade para lidar com as experiências vividas como, por exemplo, os ‘selinhos’ ou as ‘ficadas’, características da adolescência atual, e que estariam ocorrendo antes mesmo do seu desenvolvimento corporal ou maturidade cognitiva. Particularmente, os pais, talvez por se envolverem menos e nem sempre identificarem as mudanças típicas da adolescência, se tornavam mais controladores, principalmente, com as meninas.

De qualquer forma, este fato revela que, apesar dos genitores considerarem ter um ótimo diálogo com seus filhos, algumas restrições quanto aos temas de conversação entre eles apontaram dificuldades, não percebidas ou mencionadas, na comunicação, que poderiam acarretar problemas mais graves no futuro. O que parece é que pais fazem um discurso que não atinge os filhos; filhos escutam, mas não necessariamente respondem, concordam ou correspondem. O que provoca tal dificuldade? Seria um *gap* geracional, um choque de personalidades, ou um conjunto de fatores inter e intraindividuais?

Os filhos mostraram ligeira preferência por conversarem com suas mães que, segundo a literatura (Beaumont & Wagner, 2004; Pacheco, 2004; Reichert & Wagner, 2007a; Wagner et al., 2002), se mostravam mais afetuosas e presentes. Sob o ponto de vista deste estudo, elas foram descritas como mais disponíveis, atenciosas e preparadas para desencadear e escolher os temas, apesar de, às vezes, como já mencionado, se considerarem invasivas, limitando sua autonomia, por meio de coerção ou controle psicológico.

Cabe ressaltar que nem sempre aquilo que os genitores consideravam como um diálogo com os filhos era percebido como tal pelos adolescentes, assim como mostraram Sillars, Koerner e Fitzpatrick (2005). Os genitores adotavam as conversas repetidas como

forma de fornecer explicações e dar exemplos, convencer os filhos de suas ideias, mas, também, de lhes dar oportunidades de compreender a realidade e desenvolver sua autonomia. Os filhos, entretanto, afirmaram que seus pais exageravam no falar – ‘xaropação’ -, nas lições e nos ensinamentos e que, muitas vezes, não lhes davam chances de ponderar, responder ou expor, com tranquilidade, suas próprias opiniões. Isto demonstra que, nas conversas, ainda prevalece o ponto de vista dos pais, que nem sempre dão espaço e voz ao adolescente. Envolver os filhos nas tomadas de decisão pode trazer contribuições para a família, sem dizer que eles se sentem mais valorizados e respeitados, tornando-se mais capazes de decidir em outros contextos.

Ainda assim, as conversas foram apontadas como a principal forma de educar os filhos na atualidade, o que confirma o discurso, mas nem sempre a prática, de igualdade entre pais e filhos. Assim, pode-se inferir que os casais que valorizam as conversas, têm mais conversas entre si e com seus filhos e, por conseguinte, são avaliados de forma mais positiva por eles. A baixa qualidade da comunicação entre adolescentes e genitores, ou seja, a falta de diálogo ou inflexibilidade nas negociações, pode ser considerada uma das razões mais importantes para os filhos apontarem uma dinâmica familiar negativa.

### *A Dimensão da Autonomia nas Famílias Atuais*

As questões da autonomia são prementes no universo dos adolescentes, sendo reconhecidas por meio das experiências e interações que eles têm com o meio e, especialmente com seus pais, no cotidiano familiar (Bronfenbrenner, 1979). Neste estudo, os genitores relataram que suas experiências de autonomia estiveram relacionadas, principalmente, à saída de casa, tanto para estudos como para viagens de intercâmbio, quanto, também, em busca de oportunidades de trabalho, já ao final da adolescência. Para eles, autonomia foi um valor transmitido por seus pais, que tinha um significado de independência material e emocional, sendo uma meta a ser atingida para o alcance da vida adulta.

Atualmente, os processos de autonomia são identificados mais cedo, e ganham conotação diferente nas famílias. Diretamente relacionada à percepção contemporânea da adolescência, a autonomia é reconhecida como uma tarefa de desenvolvimento familiar que não se evidencia apenas nos anos finais da adolescência, mas está presente durante toda a vida do indivíduo e, ganha destaque nos anos iniciais desta fase.

Os indicadores dos comportamentos autônomos também vêm se modificando

(Allen et al., 1994, 2002; Fleming, 2005) e revelando que a autonomia passou a ser caracterizada por um claro aumento de habilidades, tanto no âmbito comportamental - na forma dos adolescentes agirem por conta própria-, como no âmbito emocional - quando eles se tornam capazes de manifestar e regular suas próprias emoções; mas, também, no âmbito cognitivo, no sentido de pensarem e decidirem por si mesmos. Logo, ela é processual, gradativa e implica em um número maior de capacidades a serem desenvolvidas, antes mesmo do afastamento dos pais por meio da independência material do jovem.

Como assinalaram Spear e Kulbock (2004), se antes a autonomia era vista como a consumação de um desejo, inerente a todos, de se afastar da família e ser autosuficiente, agora, ao contrário, a autonomia prevê a manutenção dos vínculos entre pais e filhos sem, contudo, dispensar a independência em algum nível. Ainda que pareça necessário desenvolver tal habilidade, o ideal seria a interdependência, isto é, a possibilidade do adolescente, aos poucos, agir por conta própria, sem, necessariamente, afastar-se fisicamente de sua família que, por sua vez, deveria aceitar este movimento, permitindo esse ir e vir.

Como os processos de autonomia são gradativos, eles envolvem diferentes questões a cada subfase da adolescência. No início desta fase ela está, em parte, relacionada a um desejo, tanto de meninas quanto de meninos, por mais liberdade de escolha individual, como, por exemplo, da própria roupa ou estilo de cabelo e, também, de participação nas tomadas de decisão sobre um passeio ou viagem em família. Estes dados confirmam os achados por Fleming (2005), e revelam, ainda, que o anseio por mais autonomia e liberdade, manifesto mais intensamente por adolescentes do sexo feminino que, como suas mães, reivindicavam, questionavam e protagonizavam mais episódios de conflito. Isto pode se justificar pelo contexto vivido pela mulher nas últimas décadas, que protagoniza uma luta por seu espaço na sociedade. Independentemente do sexo, este desejo se torna relevante, principalmente, se dirigido para alternativas de saúde e bem-estar do próprio adolescente (Spear & Kulbock, 2004).

Em consonância com os dados de Fleming (2005), este estudo também constatou diferenças entre as ambições de meninas e meninos, com relação à sua autonomia. Para elas, a autonomia estava mais relacionada à autoimagem e à liberdade de opção de dormir em casa de amigas; para eles, às atividades de exploração fora da família e à liberdade para sair com amigos, jogar bola ou mesmo, não sair com os pais quando não quisessem. Interessante que, durante a transição, este aumento foi mais percebido pelos genitores de meninos do

que de meninas, o que pode apontar para um desejo dos próprios pais de que os filhos, mais do que as filhas, sejam vistos como independentes, reforçando, com isso, uma tradição dos papéis de gênero masculino.

Porém, se consideradas as atividades que cada um desempenhava, as meninas se revelaram mais autônomas do que os meninos, como mostraram os dados de Wray-Lake et al. (2010). Mais uma vez, esta diferença pode ser atribuída às exigências maiores sobre o sexo feminino, mas, também, pode estar relacionada ao tipo de atividades apresentadas, mais dirigidas às tarefas no lar. Por outro lado, não se pode negar que há graus de autonomia e liberdade diferenciados em cada família, assim como a percepção e a conotação para pais e para filhos podem variar, conforme apontaram Smetana et al. (2002). Tais discrepâncias, inclusive, têm sido motivos de conflitos entre eles, visto que aquilo que os pais esperam nem sempre é correspondido pelos filhos e vice versa.

No momento desta pesquisa, os genitores relataram que, de modo geral, seus filhos ainda não demonstravam grandes capacidades e iniciativas, isto é, ainda não se mostravam suficientemente autônomos para desempenhar muitas tarefas, ainda necessitando de seu apoio ou cobrança, fato que perpetuaria um elo de dependência entre eles. Mas, existiam filhos que, vistos como autônomos por seus genitores, eram capazes de estudar sozinhos, cuidar de sua higiene pessoal e, principalmente, resolver seus problemas, sem a interferência deles. Mesmo que não desempenhassem algumas dessas tarefas, consideradas autônomas, os adolescentes-foco se percebiam mais independentes do que seus pais os viam, e reivindicavam mais liberdade e controle sobre si, ainda que revelassem já terem conquistado o bastante.

Importante considerar esta tensão entre pais e filhos e atentar às possíveis falhas no cumprimento das tarefas de desenvolvimento da autonomia nesta fase. Como elas envolvem flexibilidade e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de limites, se não negociadas, podem acarretar desavenças na díade, além de problemas de comportamento e ajustamento social do adolescente (Zimmer-Gembeck & Collins, 2005). Neste estudo notou-se que, apesar de muitos filhos não terem oportunidades para o desenvolvimento desta habilidade no âmbito familiar, eles podem tornar-se independentes antes mesmo do que seus pais imaginam, pois, são expostos a outros ambientes em que ela é demandada. O que se percebe, então, é que os adolescentes mostram-se, muitas vezes, mais autônomos em outros contextos que não o da família, como no contexto escolar, que exige deles um comportamento autônomo. Com isto, questiona-se: será que as famílias não precisam renovar suas ideias e práticas educativas, no sentido de proporcionar ao adolescente um

espaço para exercitar, gradativamente, comportamentos de maior responsabilidade, dirigidos à coletividade? Será que as escolas estão assumindo esta função?

Não resta dúvida que o significado atribuído à autonomia tem se modificado ao longo das gerações. O que antes era considerado 'ser autônomo' envolvia capacidades de se organizar, se locomover e de trabalhar. Hoje, em função das novas exigências ao adolescente e às famílias, isto não se aplica mais. Os adolescentes atuais são conduzidos a todos os lugares por seus pais ou outros, muitos têm apoio pedagógico, não estudando sozinhos, e ainda dependem dos genitores para prepararem uma refeição ou organizarem-se com seus pertences. Considerando as condições de vida na atualidade, de qualquer forma, sendo uma tarefa de desenvolvimento familiar, a autonomia pode e deve ser incentivada de outras maneiras, seja estimulando ações, sentimentos ou pensamentos, seja permitindo que eles façam escolhas quanto às suas horas livres, tomem decisões sobre as atividades extras que desejam praticar ou administrem uma mesada. Em qualquer situação, eles podem, paulatinamente, experimentar o sentido de autosuficiência, tão importante para o enfrentamento de situações futuras.

Cabe salientar, também, que a necessidade de autonomia não se mostrou uma reivindicação de todo adolescente, pelo menos no início desta fase. Neste estudo, alguns alegaram que sempre tiveram liberdade; outros, que nunca tiveram, mas que não se sentiam insatisfeitos por isso. Assim sendo, torna-se essencial conhecer o que os filhos pensam e desejam, visto que eles participam desses ajustes, dando dicas de quão preparados estão para determinadas experiências. Estas adaptações podem ter uma função importante nas famílias, sendo consideradas saudáveis na medida em que possibilitam a negociação gradual das questões da adolescência, ao mesmo tempo em que a família se mantém em conexão contínua (Larson et al., 2007).

No entanto, alguns genitores revelaram dificuldades em negociar, sentindo-se ameaçados e inseguros, e alegando não saberem como estabelecer os limites ideais e fazer exigências necessárias, de modo tranquilo e firme, sem com isso permitirem que seus filhos se exponham a riscos. Alguns admitiram buscar esses parâmetros no contexto dos demais adolescentes, conversando com outros pais e ponderando possibilidades quando percebiam que outros pais já permitiam algumas coisas, como ir ao shopping com os amigos, por exemplo. O próprio filho, percebendo suas ponderações neste sentido, lançava mão desta estratégia para convencê-los daquilo que queriam, ao mesmo tempo em que reconheciam e admiravam a flexibilidade da parte dos pais.

Neste sentido, afrouxar os limites, mas, ainda assim, monitorar os caminhos dos

filhos, implica em perceber que eles estão inseridos em contextos de segurança e já são capazes de resolver seus próprios problemas (Grusec & Davidov, 2007). Este fato reforça o caráter bidirecional dos processos relacionais, especificamente, no que tange ao desenvolvimento da autonomia na adolescência, conforme descritos pela literatura (Crouter et al., 2005; Pinquart & Silbereisen, 2002, 2004; Spring et al., 2002).

### *Conflitos e Negociações nas Famílias Atuais*

As situações de conflito na adolescência continuam presentes nas famílias, hoje, de modos mais explícitos e abrangentes. Porém, o que se pode perceber é que muitos destes conflitos não foram diretamente associados à adolescência, mas, que existiam aspectos anteriores, relativos ao contexto e à história das famílias, tais como problemas de saúde ou dificuldades financeiras, que não sanados à época, vieram à tona neste momento de transição familiar.

Nestas famílias, os conflitos parentais estavam, geralmente, associados a aspectos da sua rotina de vida e, em algumas situações, foram avaliados pelos participantes como bobagens, assim como constatado em outros estudos (Laursen & Collins, 2004; Steinberg & Silk, 2002). Estes conflitos envolviam questões relacionadas ao desempenho acadêmico, roupas e cuidados pessoais, limites e horários, entre outras, também descritas por Prinz et al. (1979). Eles, inclusive, implicavam em alguns tópicos bastante atuais, tais como o uso da *Internet*, os namoros precoces, mas, principalmente, as relações com os pares, cada vez mais valorizadas no contexto de vida dos adolescentes, visto que ‘ser popular’ parece ser a qualidade mais enfatizada entre eles.

Dentre os motivos para desavenças entre pais e filhos, alguns genitores mencionaram a mentira e outros comportamentos de desobediência, apesar de não os considerarem tão graves a ponto de serem vistos como transgressões ou violações, como descreveram Perkins e Turiel (2007), principalmente, se comparados às suas próprias experiências com drogas e bebidas que, mesmo consideradas precoces, foram vividas quando eram mais velhos do que seus filhos. Neste sentido, pode-se inferir que, os genitores que temem a independência de seus filhos, percebem mais riscos nos contextos atuais, confirmando as influências de outros contextos de maior vulnerabilidade sobre seu filho hoje, do que no seu tempo (Bronfenbrenner, 1979; Sarriera et al., 2007).

Esta pesquisa apresenta diferenciações nos conflitos parentais entre as díades pai/mãe – filho/a, revelando que, por exemplo, mães e filhas se desentendiam por questões

relativas ao vestuário e à higiene pessoal. Entretanto, os conflitos mais frequentes e, portanto, mais perceptíveis, ocorriam entre pais e filhas, e eram devido a hábitos alimentares, de estudo ou sono, confirmando o que tem sido apontado pela literatura da área, que afirma que as meninas sofrem mais pressão e têm mais experiências de estresse do que os meninos, nesta fase (Beyers & Goosens, 1999; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). Ainda, em número reduzido, porém interessante citar, eram os conflitos entre pais e filhas, apontados pela mãe, pelo pai e pela filha, quanto à pouca expressão de afeto deles para com elas.

Já nas relações conjugais, os confrontos estavam mais relacionados a aspectos da própria conjugalidade e envolviam o temperamento ou o ritmo do parceiro, e a rivalidade entre eles, além de questões da coparentalidade e da administração do lar em menor grau.

Pouco se sabe, na literatura, a respeito dos processos de negociação dos conflitos familiares. Sabe-se, por exemplo, que as reações de submissão ou ruptura são as mais comuns (Collins & Laursen, 2004a), e que a desistência ou o recuo, a evitação ou o enfrentamento dependem da relação estabelecida entre as partes (Sillars et al., 2004). Neste estudo observou-se que, diante dos conflitos parentais, alguns adolescentes-foco ainda se mostravam despreparados, exibindo reações negativas e, talvez, ‘infantis’: ficavam zangados, brigavam, reclamavam e choravam. Outros já conseguiam manifestar comportamentos mais positivos, se afastando por um tempo, ou argumentando com seus pais, no intuito de encontrar soluções intermediárias.

Observou-se, também, que este momento exigia dos pais maior controle emocional e que alguns se revelaram mais compreensivos do que outros, isto é, como se aguardassem que os filhos refletissem e se reaproximassem para conversar. De qualquer forma, a grande maioria afirmou encontrar soluções conciliadoras, mesmo quando prevalecia a opinião de apenas um dos lados, entendendo que deveriam adotar diferentes estratégias, dependendo da situação, tema ou momento em que o conflito ocorria. Isto revela a importância de se considerar os desencontros familiares dentro de um contexto mais amplo de manifestações da adolescência na família, e retomar a questão observando se algumas das estratégias tidas como ruins pela literatura, não são as mais adequadas em algumas situações de discórdia entre aportes, até que elas possam ser melhor compreendidas.

Importante constatar que muitas das estratégias utilizadas para a solução dos conflitos parentais eram, também, usadas entre os parceiros, nas relações conjugais, o que demonstra um padrão familiar na resolução de problemas, confirmando a importância e necessidade de se investigar esses padrões relacionais nas famílias. Apesar da diferença

nos conteúdos dos subsistemas, estas soluções incluíam, principalmente, reflexão, conversa, negociação, flexibilidade e afeto. Constatou-se, então, que nas famílias em que os conflitos não eram percebidos como tão negativos, além de serem considerados como superados ou superáveis desde que houvesse flexibilidade para a negociação, as relações familiares eram caracterizadas pelo clima de harmonia, afeto e comunicação positiva, com padrões cooperativos e participativos entre seus membros.

Diante desses dados, os processos parentais são facilmente reconhecidos como bidirecionais, principalmente, aqueles referentes ao desenvolvimento da independência e da autonomia, foco deste estudo. Eles implicam a análise de diferentes aspectos individuais, relacionais e sociais, além de envolverem tarefas de desenvolvimento familiar (Collins & Steinberg, 2006). Ainda, sabendo que estes processos, na atualidade, requerem a participação mais ativa dos adolescentes, que acabam por demandar aos pais um aperfeiçoamento de suas funções e papéis, e um novo posicionamento com relação aos filhos, o que implica em uma dimensão didática bastante relevante para as famílias.

Nesta dimensão, consideram-se as demandas implícitas dos genitores deste estudo, e dos genitores atuais, de modo geral, que necessitam, urgentemente, de espaços de interlocução e orientação, nos quais seja possível rever suas práticas educativas, incutidas durante a sua própria vida e adolescência, a fim de que possam adquirir novos valores ou atualizar os antigos. Se para Collins et al. (2000), e Grusec e Davidov (2007), os genitores continuam a ocupar uma posição privilegiada, o que se pode observar é que, por razões óbvias de proximidade e convivência, eles têm sido questionados quanto ao alcance efetivo de suas metas de socialização para com os filhos, o que não parece um lugar tão privilegiado assim.

Ainda, o que se pode perceber é que os próprios pais não se sentem preparados, isto é, não têm os saberes e habilidades necessários para lidar com as questões da adolescência atual, como apontou Biasoli-Alves (2004). Por meio do relato de suas dúvidas e preocupações com estas questões, eles manifestaram suas dificuldades em estabelecer limites ou fornecer concessões, abordar algumas questões ou lidar com o isolamento do filho ou, ainda, encontrar o modo mais adequado de permitir esse afastamento e, simultaneamente, manter a conexão entre eles.

Biasoli-Alves (2004) afirmou que apenas o fato dos genitores terem passado pela adolescência não lhes fornece subsídios suficientes para compreenderem a realidade dos adolescentes de hoje. E, ainda, não resta dúvida de que as condições atuais, principalmente das grandes cidades, onde os valores tradicionais de família e de educação também estão

sendo colocados em pauta, as regras e limites estabelecidos no passado já não servem mais para o adolescente contemporâneo. Hoje se espera que ambas as partes realmente participem, ativamente, ajustando-se a este novo contexto de trocas e considerações mútuas.

Por ainda não saberem como fazer, as famílias atuais continuam a adotar velhas práticas educativas, como as punições verbais e, também, físicas. Não seguindo o discurso que pregam, ou seja, não utilizando eficazmente as conversas e o diálogo aberto para cumprirem suas funções, não garantem a troca tão esperada entre eles. É claro que esta eficácia depende também da forma como os filhos recebem as informações e conselhos, do quanto e como participam dessas conversas e sentem-se considerados nas suas opiniões e sentimentos.

A tentativa de mudança nesta direção, com a implementação de relações mais igualitárias onde prevaleçam conversas e argumentos, já é percebida nas famílias atuais. Nelas, os genitores, em especial as mães, mostraram utilizar a conversa com frequência, por vezes até, sendo insistentes, cansativos e repetitivos. No entanto, ao perceberem que o efeito desejado não era atingido, isto é, que os filhos mostravam comportamentos de desobediência, irresponsabilidade e/ou falta de educação, acabavam por adotar, em seguida, outras estratégias não tão positivas, tais como repreensões, críticas, gritos, broncas e ameaças, reconhecendo, inclusive, como inadequada a sua falta de paciência. Mas, muitas vezes, estas práticas, que incluíam, também, privações de privilégios e castigos, não eram percebidas como prejudiciais aos filhos. Ao contrário, eram interpretadas como positivas e até benéficas à sua socialização e educação, o que mostra que os próprios genitores não percebem as possíveis repercussões desses e de outros atos.

De qualquer forma, já se pode notar uma transformação na conduta educativa dos genitores, em função da evolução das crenças e valores da sociedade ocidental contemporânea (Montandon, 2005). Os dados deste estudo confirmam, em parte, os apontados pela literatura da área, que afirmam que as práticas educativas estão, hoje, mais ligadas à consistência (Fletcher et al., 2004) e à afetividade (Oliva, 2006; Reichert & Wagner, 2007b), mas, também, à autoridade, embora diferentemente exercida. O que se constata é uma tendência de controle e cumprimento de regras, por meio da supervisão/monitoramento das atividades dos filhos, nos diferentes contextos, dentro e fora de casa, como abordaram Jacobson e Crockett (2000).

Os dados obtidos nesta investigação corroboram os de McElhaney e Allen (2001), ao discutirem as relações de apego entre pais e filhos, pois revelaram que mesmo se

posicionando e reivindicando mais seus direitos, os adolescentes admitiram não querer tanta liberdade, mas, apenas o suficiente para se locomoverem, encontrarem com amigos e fazerem algumas escolhas pessoais. E, mesmo provisoriamente satisfeitos com a forma de controle/ exercida por seus pais, eles reclamavam, testavam os limites e se expressando, aos poucos, mais e de modo mais direto e claro, o que parece esperado para esta fase do desenvolvimento (Kreppner & Ullrich, 1998). Neste sentido, os resultados confirmam que os adolescentes atuais querem que seus pais os supervisionem, que saibam com quem andam e por onde andam, como apontaram Tilton-Weaver e Galambos (2003), ou seja, eles valorizam as práticas de controle que, desde que exercidas com afeto, lhes tragam segurança e bem estar.

Na atualidade, esse monitoramento é feito não somente pelas famílias, mas engloba as escolas e outras instituições, e ocorre por meio do uso de tecnologias, como celulares, câmeras e computadores de uso pessoal. Todavia, nem sempre esta facilidade garante, aos genitores, a segurança necessária para cumprir esta tarefa educativa. De qualquer maneira, o que todos esperam, filhos e pais, é que os filhos possam desenvolver capacidades de autorregulação para, por si mesmos, poderem fazer escolhas com certo grau de independência e pouco risco (Fleming, 1993; Zimmer-Gembeck, & Collins, 2005). Para isso, por um lado, existem adolescentes que demandam mais liberdade de expressão e poder de decisão dentro das famílias, como apontam Salles (2005) e Wagner et al. (2005a) e, por outro lado, há pais que limitam seus filhos, principalmente os meninos, nas tarefas mais simples como telefonar para alguém, por considerarem que eles ainda estão pouco preparados para enfrentar alguns desafios, confirmando os resultados de Smetana et al. (2002).

No convívio com seus filhos, por meio da observação e da participação constante em suas vidas, como sugeriram os próprios adolescentes-foco, pais e filhos ajustariam melhor estas diferenças se pudessem se ‘ouvir mais e com mais atenção’, permitindo que os padrões e práticas vigentes fossem reavaliados, e compreendendo suas expectativas e ideais. Por exemplo, sob o ponto de vista dos filhos, os pais deveriam entender que, na ‘educação ideal’, ‘não se deve bater nem punir, muito menos mimá-los’, fala que confirma a de crianças pequenas como as do estudo de Campos-Ramos (2008).

Todavia, negociar pode ser uma habilidade pouco desenvolvida pelos genitores, já que eles também não tiveram esta oportunidade em sua própria adolescência. Logo, algumas alternativas seriam os programas de educação familiar, as escolas de pais ou mesmo, os contextos de intervenção clínica, nos quais o adolescente e a família podem

vistos nas suas subjetividades e peculiaridades. Ouvi-los pode ser o primeiro passo para ajudá-los a se situar, compreender seus vínculos, suas competências, limites e redes, buscando superar os impedimentos ao seu desenvolvimento.

Estes espaços são importantes, inclusive, para a expressão de pensamentos e sentimentos, e para a reformulação de concepções e mitos presentes nas famílias. Ainda, podem gerar oportunidades para desenvolverem habilidades de se colocarem na posição do outro, administrarem suas experiências, pensamentos e sentimentos, e aprenderem modelos alternativos para se comunicarem e, portanto, se relacionarem. Ao compreenderem a transitoriedade da adolescência e a perspectiva do futuro da família, os familiares podem mobilizar recursos saudáveis para enfrentar as mudanças neste período e, conseqüentemente, auxiliar o adolescente a tornar-se um adulto responsável.

Portanto, é imprescindível que as famílias sejam vistas na sua totalidade, que sejam compreendidas seus processos como um todo, e que seus membros possam tomar consciência da importância de se promover um clima harmônico e saudável ao desenvolvimento de todos. Se para isto for necessário repensar seus valores, crenças, condutas e regras, cabe reconhecer que esta responsabilidade não deve ser atribuída somente às ações parentais e familiares, conforme afirmou Szymanski (2004). É possível concluir que o adolescente atual exerce maior influência sobre o seu processo de desenvolvimento, e que a família sofre influências cada vez maiores de fatores externos. Particularmente, outros contextos importantes como aqueles relativos à saúde e educação devem, juntos, oferecer condições de aprendizado complementar aos núcleos familiares e, ao reavaliarem suas funções, se adequarem às mudanças que vêm ocorrendo na adolescência e nas famílias atuais, ao compreenderem a diversidade cultural, social, étnica e econômica do país.

### **Considerações Metodológicas**

Devido à abrangência, à complexidade e, também, à existência de um interesse interdisciplinar pelo tema, os padrões de comunicação das famílias durante a adolescência têm sido estudados com base em uma variedade de pressupostos teóricos e metodológicos, com diferentes aplicabilidades e relevâncias. Assim, cabe reconhecer as vantagens e limitações das opções metodológicas feitas para esta investigação.

Neste estudo, a abordagem sistêmica da família (Minuchin, 1985, 1988) se mostrou uma proposta metodológica bastante apropriada, ao confirmar uma perspectiva de

desenvolvimento humano baseada nos aspectos de interação do indivíduo com os contextos onde ele se insere. Ao considerar a família como essencial para os processos de desenvolvimento do adolescente, a referida abordagem admite as características do sistema familiar como um todo e, ainda, conduz a informações sobre os diferentes subsistemas familiares, em suas particularidades e inter-relações.

Sob esta perspectiva, foi possível deslocar o olhar do adolescente e de seus processos individuais, para considerar as relações existentes entre ele e sua família, especialmente, com cada membro do subsistema parental, o pai e a mãe. Assim, por meio da análise do relato de percepções, concepções e sentimentos de cada participante, foi possível identificar papéis, regras e limites estabelecidos naquele sistema familiar, além de padrões de funcionamento, administração e adaptação às condições exigidas pelo momento de transição para a adolescência dos filhos. Esta abordagem permitiu que os padrões de comunicação nas famílias fossem adotados como unidade de análise, pois, além de revelar a dinâmica de continuidade dentro do sistema familiar, conduziu à avaliação das discontinuidades e das respostas adaptativas, prováveis, porém, não-determinísticas do desenvolvimento humano.

Da mesma forma, o emprego do Modelo (Bio)Ecológico de Bronfenbrenner (1977/1999) se mostrou adequado para esta investigação, na medida em que buscou-se contemplar seus componentes - pessoa, processo, contexto e tempo (PPCT). Com relação ao primeiro componente do modelo, as pessoas - nas figuras de pais, mães e adolescentes-foco -, foram descritas em suas características individuais e sob aspectos fisiológicos, emocionais, comportamentais e sociocognitivos. Alguns recursos e habilidades, que poderiam provocar limitações ou progressos no seu desenvolvimento, foram identificados, mas, percebeu-se que passaram por uma evolução ao longo de suas histórias de vida. Neste sentido, é interessante notar, por exemplo, como os genitores percebiam a si mesmos e eram percebidos pelos filhos, assim como percebiam seus filhos na infância e passaram a percebê-los no momento desta pesquisa (transição para a adolescência), mostrando como estas percepções fazem com que eles se comportem e se relacionem de formas diferenciadas. Considera-se, deste modo, o exame do ambiente não somente conforme existe na realidade objetiva, mas, também, como é visto e experienciado por cada familiar (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Em relação ao segundo componente do modelo, os processos, particularmente na adolescência, quando novas tarefas são exigidas e demandam adaptações, reconhecer como eles ocorrem possibilitou a identificação de padrões de comunicação familiar por meio de

estratégias educativas, dos estilos de comunicação e de resolução de conflitos, mais ou menos positivas, consideradas propulsoras ou inibidoras do desenvolvimento do adolescente. Mais ainda, o impacto do contexto familiar sobre o desenvolvimento do adolescente, assim como do adolescente sobre a sua família, pôde ser observado.

Quanto ao terceiro componente do modelo – o contexto – foi priorizada a família, como o mais importante microssistema de desenvolvimento do adolescente. Por meio da investigação de seus processos, foi possível compreender não apenas os conteúdos das relações entre pais e filhos nas atividades que realizavam, conforme relatado por eles, bem como, perceber a forma como estas atividades, estruturadas ou não, eram realizadas, em que situações e contextos elas ocorriam, e se eram compartilhadas com demais (Bronfenbrenner, 1996). Com isso, através dos relatos dos participantes, foram identificadas características peculiares destas famílias e reconhecida a percepção dos adolescentes quanto ao clima estabelecido neste contexto. Destaque foi dado para os padrões que envolviam o afeto, o diálogo, a harmonia ou o conflito, a proximidade ou o distanciamento entre seus membros.

Entretanto, os demais contextos de fora da família - como o trabalho dos pais, ou mesmo as amizades dos filhos – que, de certa forma interferem no microssistema familiar (exossistema), foram indiretamente abordados, sendo considerados na medida em que os participantes revelaram as influências deles e sobre eles. Cabe ressaltar que estas influências são percebidas por ambos os grupos investigados, genitores e filhos, sendo que os genitores revelaram suas preocupações com a influência exercida por parte dos amigos dos filhos, e que os filhos demonstraram insatisfação quanto à ocupação dos genitores (pais), que os faziam se ausentar do lar. As esferas macrossistêmicas foram representadas nesta pesquisa, por meio dos relatos referentes aos valores e crenças presentes no cotidiano das famílias participantes, que dão sentido e significado às concepções de família e adolescência.

Quanto ao quarto componente do modelo, representado pelo tempo, ele foi avaliado considerando-se as influências do momento histórico em que a família de origem dos genitores viveu, assim como as características das famílias do momento atual, considerando-se as diferenças entre as gerações e as influências sobre as suas vidas, expressas, por exemplo, nas tendências às comportamentos e valores relacionados à aparência, amigos e relacionamentos virtuais.

Portanto, o delineamento proposto nesta pesquisa visou combinar elementos da pessoa e do contexto, considerando seus aspectos em conjunto, ao se buscar identificar nas

características do ambiente familiar - nichos ecológicos - a interseção entre um ou mais fatores ambientais e pessoais que venham a influenciar, mais ou menos favoravelmente, o desenvolvimento do adolescente e de sua autonomia. Operacionalmente, esses nichos ecológicos são compreendidos pela conjunção de características pessoais particulares do adolescente e de seus pais, e dos contextos dentro dos quais eles vivem, incluindo o da família (Bronfenbrenner, 1992).

Com relação ao método empregado, e reconhecendo que nenhum método pode responder sozinho às questões do desenvolvimento humano e da comunicação nas famílias, foi necessário o emprego de uma abordagem multimetodológica, que pudesse utilizar instrumentos e técnicas complementares (Dessen & Lewis, 1998; Feeney & Cassidy, 2003; Kreppner, 2001). Neste sentido, essa associação foi essencial para capturar, de modo sistêmico, as diversas perspectivas e definições de família, assim como as múltiplas variáveis envolvidas no estudo (Metts & Lamb, 2006). As diferentes práticas e metodologias na condução de pesquisas permitem, inclusive, que se ultrapasse a dicotomia entre as perspectivas quantitativa ou qualitativa para que, juntas, possam responder às mais complexas e atuais questões sobre família e desenvolvimento humano (Bergman, 2001; Diriwachter & Valsiner, 2006).

Os instrumentos de coleta dos dados foram planejados tendo como pressuposto básico as influências bidirecionais entre a família e os demais contextos, e a importância dos sistemas ideológicos, de crenças e valores; bem como dos sistemas governamentais e políticas públicas. Os aspectos sociodemográficos, étnicos e religiosos da família de origem e a disponibilidade de recursos e oportunidades também foram levados em conta na sua elaboração.

A adoção das medidas de autorelato, como as entrevistas, somada aos questionários, permitiu a investigação de frequências mais gerais dos conteúdos dos padrões de comunicação familiar, considerando aspectos da qualidade das relações parentais. Investigou-se, por exemplo, a ocorrência de situações de conflito entre pais e filhos sob a perspectiva de cada um, nem sempre acessíveis por meio de outros métodos (Metts & Lamb, 2006).

Outro aspecto relevante do estudo está na escolha da amostra. Ao restringir o estudo a famílias intactas foi possível avançar nas investigações de questões normativas da área, não enfocando os chamados grupos de risco (igualmente importantes), mas, identificando características de nichos favoráveis (boa ecologia) que geram o desenvolvimento, de modo a contribuir com a compreensão dos processos familiares

(Fitzpatrick & Caughlin, 2002).

Ainda, ter priorizado uma homogeneidade da amostra do grupo de adolescentes-foco, isto é, com idade entre 10 a 13 anos, permitiu que fosse capturado o momento de transição da infância para a adolescência, reconhecendo, inclusive, as diferenças culturais, conforme aponta o estudo conduzido por Campolina (2007), especificamente com adolescentes brasileiros.

Quanto aos procedimentos de análise, destaca-se a análise ampliada de conteúdo, adotada para as entrevistas. Este tipo de análise forneceu um grande número de informações e categorias que, certamente, poderão ser ampliados e aprofundados, além de gerar muitos outros questionamentos e indicativos para novas pesquisas, tal qual sugerido por Dessen e Cerqueira-Silva (2009) e já utilizados em outras pesquisas relacionadas ao desenvolvimento familiar (Campos-Ramos, 2008; Cerqueira-Silva, 2011; Domingues, 2010; Oliveira, 2011).

Em suma, embora não se tenha, com este estudo, pretensão de generalizações sobre as famílias que vivenciam a transição para a adolescência de seus filhos primogênitos, ele permite fornecer um panorama atualizado e abrangente, ao menos, de famílias de classe socioeconômica média do Distrito Federal, conduzindo à constatação da importância da aplicação destes conhecimentos para outras áreas e pesquisas.

Apesar dos pontos fortes acima mencionados, este trabalho também apresentou limitações, que devem ser revisadas, no sentido do aprimoramento de investigações futuras. Mesmo considerando que seria impossível contemplar amplamente e com profundidade todos os elementos do Modelo (Bio)Ecológico de Bronfenbrenner (PPCT) em um único estudo, reconhece-se a relevância de outros subsistemas dentro do sistema familiar, como os fraternais, por exemplo, que ao serem incluídos no planejamento da pesquisa, poderiam acrescentar informações valiosas para a compreensão do processo de transição para a adolescência, assim como, de outros contextos de relações extrafamiliares, estabelecidas entre o adolescente e as famílias, e grupos de pares, escolas e outras instituições.

Ainda, se considerados os elementos do modelo, é fundamental que se articulem pesquisas em que seja possível a identificação mais profunda das influências dos fatores culturais e sociohistóricos sobre a adolescência, na atualidade. Neste estudo, estas características são identificadas como relevantes pelos participantes, tanto em relação às famílias de origem dos genitores, como nas atuais, na história do casal e na infância dos adolescentes-foco, e merecem foco nos estudos futuros.

Necessário se faz, também, implementar pesquisas longitudinais, de modo a capturar os processos de desenvolvimento de forma mais completa. Devido à falta de tempo no decorrer do estudo, isto não foi viável. Sugere-se, portanto, que estas mesmas famílias sejam novamente contatadas, objetivando-se comparar os dados alcançados com este estudo a dados coletados em outros momentos do seu desenvolvimento como, por exemplo, na transição para a vida adulta.

Quanto aos instrumentos adotados, importante assinalar que o questionário de clima familiar, apesar de ter oferecido um panorama amplo da percepção do adolescente sobre a atmosfera familiar, necessita de ajustes e validação para que possa ser aplicado com maior confiabilidade, além de, também, ser necessário que seja aplicado com os próprios genitores, trazendo, assim, um olhar mais ampliado. Pode-se, ainda, reconhecer como principal limitação das entrevistas, a perspectiva e a consciência parciais dos respondentes, isto é: o fenômeno é compreendido a partir das suas próprias percepções (Noller & Feeney, 2004).

Os roteiros, mesmo que oferecendo uma descrição bastante detalhada do objeto de análise e possibilitando a construção de sistemas de categorias completos e enriquecedores, demandaram bastante tempo para análise, podendo apresentar dados ainda não tão articulados entre si. Dentre as questões, faltaram aquelas que aprofundassem aspectos relativos à autonomia dos genitores, de modo a oferecer um panorama mais completo das comparações entre família de origem e atuais.

Estas limitações poderiam ser sanadas se conduzida à metodologia de observação, uma vez que é este um recurso de coleta de dados cada vez mais utilizado nos estudos com famílias (Dessen & Lewis, 1998; Kreppner, 2004, 2009), principalmente, na investigação dos processos comunicação. Considerando que ela pode capturar o contexto social de interações, por meio de investigações nos ambientes naturais, em condições de experiência cotidiana, ou mesmo em situações mais estruturadas que propiciam um espaço no qual os familiares têm oportunidade de verbalizar e interpretar, mais espontaneamente, eventos interpessoais e que permitiriam um estudo mais autêntico das influências mútuas ocorridas nas interações familiares (Mathews & Conger, 2004).

Apesar da complexidade - pois requer uma série de novos conceitos para descrição das qualidades das interações ou dos tipos de padrão de comportamento interacional - estas metodologias são altamente ricas de possibilidades de análise e interpretação, pois permitem, por exemplo, que: (a) observadores e participantes avaliem seus próprios comportamentos e os dos demais envolvidos nas interações, após as filmagens (Kreppner,

1989); (b) os dados sejam comparados a outras variáveis, tais como a satisfação familiar ou o ajustamento social do adolescente; (c) sejam identificadas, ao longo do tempo, características constantes e mutáveis de uma relação, apontando aspectos do processo de manutenção, de mudança e de reorganização da relação durante o desenvolvimento do grupo familiar (Kreppner, 1991); e (d) sejam descritos não apenas comportamentos específicos dos participantes, como enumeradas as variáveis ecológicas presentes nas relações.

Ciente das limitações desta pesquisa, espera-se contribuir para que as futuras investigações possam:

1. Considerar a diversidade e as necessidades das famílias no país, no presente momento histórico investigando, também, outras tipologias de famílias;

2. Incluir outros contextos do desenvolvimento adolescente, tais como os pares, a vizinhança e a comunidade que, além da família, influenciam direta e indiretamente o seu desenvolvimento;

3. Apresentar outros dados que apontem na direção de um paradigma voltado para o jovem saudável e produtivo, com recursos individuais e ecológicos, capaz de desenvolver competências com suporte emocional, prático e logístico da família, das instituições e da cultura (Bronfenbrenner, 1979, 1996);

4. Adotar o uso de diferentes métodos no estudo das relações familiares, ultrapassando problemas gerados pela complexidade da ciência da família (Cui, Conger, & Lorenz, 2005), articulando diferentes níveis de análise, individual, intra e entre os subsistemas, e entre o sistema familiar e os demais contextos macrosociais;

5. Oferecer propostas concretas de intervenção com as famílias, que envolvam estratégias para o desenvolvimento de habilidades de vida em geral, tais como a comunicação direta e clara, a assertividade e a objetividade na direção de metas, o pensamento crítico, a auto-eficácia e o trabalho em grupo, e a resiliência;

6. Oferecer suporte às famílias de classes menos favorecidas, no sentido de diminuir a influência de fatores de risco e aumentar os fatores de proteção (Bronfenbrenner, 1979, 1996), em busca da promoção da saúde e dos comportamentos positivos.

O quadro até aqui apresentado aponta, também, para a necessidade de mais investigações sobre a adolescência no Brasil, focadas em coletas de dados mais abrangentes e análises específicas às diferentes populações, com aportes que detectem demandas nas diversas áreas familiar, escolar, comunitária e social. Tais pesquisas devem

apreender mais do que variáveis puramente biológicas, de crescimento físico, hormonal e maturacional, e da saúde orgânica, dos processos de doença e saúde da medicina clássica; devem identificar outros aspectos do desenvolvimento que envolvam elementos dos contextos macro e microssociais, agindo sobre a adolescência (Lerner et al., 2001; Ministério da Saúde, 2010). Além disso, estudos nesta área devem ser mais diversificados e profundos, investigando temas que ampliem olhares sobre esse segmento social, incluindo, por exemplo, questões relativas às diferenças entre gêneros; relações familiares e papel dos pais nos processos de socialização dos adolescentes; e fatores protetivos para a evitação de situações estressoras.

### **Considerações Finais: Em Direção a uma Visão Ampliada de Adolescência e de Saúde do Adolescente Brasileiro**

Compreender como as famílias experimentam, entendem, refletem, reagem e lidam com os eventos da adolescência, e como aprendem e adotam crenças, conhecimentos e competências para se comportarem em relação à própria saúde, pode trazer subsídios importantes para as ações a ela dirigidas. Para Jenkins (2006), a escolaridade pode ser considerada a vacina universal, responsável por gerar os efeitos decisivos sobre a saúde do jovem e de sua expectativa de vida presente e futura. Assim, a elaboração, revisão, divulgação e oferta de materiais educativos, dirigidos tanto aos profissionais quanto aos usuários adolescentes, podem informar sobre a adolescência e os direitos ao acesso aos serviços de saúde integral e de qualidade, além de oferecer métodos para a prática do sexo seguro, prevenção contra os riscos no uso de substâncias, entre outros temas afins (Ferrari, Thompson, & Melchior, 2008; Ministério da Saúde, 2005b; 2005c).

Entretanto, somente isto não basta; são imprescindíveis mudanças mais substanciais, tanto nos serviços quanto na formação e prática dos profissionais de saúde, e, também, de suas relações com outras instâncias, como a educação. Segundo Ferrari et al. (2008), com vistas a mudar relações e posturas tradicionais entre as instituições e os adolescentes, cabe refletir e implantar ações que promovam um diálogo entre eles, que seja mais livre, aberto, transformador e democrático.

As ações bem-sucedidas de promoção e proteção à saúde do adolescente são aquelas que se pautam, prioritariamente, nas questões do desenvolvimento humano e, além disto, reconhecem-no como indivíduo em desenvolvimento, em contextos sociais e culturais também em desenvolvimento. Este processo será melhor compreendido se

consideradas as inter-relações entre as mudanças sistemáticas do indivíduo com o contexto social e cultural, no seu tempo histórico (Bronfenbrenner, 1992; Lerner, 1998).

Apesar dos avanços na compreensão da adolescência, ainda se pode identificar uma tendência a caracterizar este período apenas como um momento, no curso de vida, repleto de dificuldades, conflitos, alterações constantes de humor e comportamentos de risco (Lerner, 2004; Steinberg & Morris, 2001). Grande parte dos estudos na área enfatiza situações de divergência, tipicamente associadas a esta fase, pautando-se na idéia do modelo médico de diagnóstico e tratamento de problemas, que tem foco na conduta do adolescente doente, e não na visão do adolescente saudável (Theokas et al., 2005).

A visão de uma adolescência única, presente ainda hoje, parece inapropriada e, sobretudo, limitada e ultrapassada (Steinberg & Morris, 2001). Já não se pode mais admitir que a idéia tradicional de rebeldia (tempestade e estresse) seja típica, universal ou mesmo inevitável nesta etapa do curso de vida (Larson et al., 2002). Considerar o/a adolescente com base em fatores particulares, ou mesmo isolar aspectos genéticos ou ambientais, pode impedir um diálogo amplo entre as diferentes áreas de pesquisa e, também, entre pesquisadores, profissionais e políticos (Brown, 2005).

Ademais, abordar a adolescência como um período de mudança e transitoriedade no desenvolvimento, ou mesmo como um estado em si, não condiz com os avanços nas perspectivas teóricas da ciência do desenvolvimento humano (Brown, 2005). Essas concepções distorcidas não integram a adolescência no processo, conforme estabelece o estudo do desenvolvimento humano (Lopes de Oliveira, 2006). Buscar os antecedentes geradores das mudanças na adolescência significa tratá-la como um período de intensa exploração e de grandes e múltiplas oportunidades para muitos adolescentes e jovens, futuros adultos.

Além disso, a adolescência não é algo acabado, que tenha um início e um fim bem definidos. A delimitação deste período ultrapassa aspectos cronológicos e biológicos e esbarra em condições sociais, culturais, históricas e psicológicas específicas. Portanto, precisa ser compreendida tendo como base a noção de que um mesmo resultado em desenvolvimento pode ser alcançado por diferentes meios e em contextos relativamente diferentes. Investigar os mecanismos subjacentes à competência do adolescente pode gerar uma compreensão mais acurada das características que emergem nesta fase (Smetana et al., 2006).

O movimento da psicologia positiva traz uma contribuição valiosa ao adotar, como missão central, a investigação de potencialidades e qualidades humanas - tais como a

resiliência, o otimismo, a esperança e a coragem, entre outras habilidades interpessoais indicativas da vida saudável -, e o planejamento de intervenções que facilitem sua construção. Percebido também no Brasil (Dell’Aglia, Koller, & Yunes, 2006), este movimento demonstra o interesse relativamente recente pelos estudos sobre a resiliência, tema que reflete a tendência à valorização das forças pessoais e à promoção do bem estar e da satisfação na vida de todos (Paludo & Koller, 2007; Yunes, 2003, 2006). Yunes (2003) sugere que aspectos de saúde que justificam a condição humana, como a resiliência nas famílias, formam um campo fértil nas linhas de pesquisa em desenvolvimento humano no país, que deveriam ser mais estimuladas.

Para sedimentar as atuais concepções teóricas do desenvolvimento humano e da adolescência, é preciso que, no futuro, todos os interessados em descrever, explicar e promover o desenvolvimento positivo do jovem possam se debruçar sobre o adolecer e sobre as mudanças que estão ocorrendo nos contextos sociais nos quais ele vive. É imprescindível um esforço para ultrapassar a fragmentação disciplinar e, ao buscar a integração de modelos conceituais das ciências biológicas e sociais, confirmar o diálogo interdisciplinar esperado na área, promovendo processos conjuntos, fundamentais à saúde e ao desenvolvimento do adolescente.

A complexidade exigida pelas ciências, na atualidade, refletida nesta ampla questão, demonstra a necessidade da construção de projetos de pesquisa mais aprofundados e o uso de delineamentos que combinem dados quantitativos e qualitativos, e que adotem instrumentos e técnicas de avaliação mais sensíveis para capturar as inter-relações entre o adolescente e seu contexto. Em parceria com práticos e políticos, pesquisadores devem dirigir os resultados de suas pesquisas empíricas para a elaboração de modelos de intervenção preventiva, no curso do desenvolvimento.

Espera-se, assim, aumentar cada vez mais a disseminação do conhecimento por meio da comunicação de massa, de especialistas e da própria comunidade, e estabelecer uma conexão maior entre a ciência e a sociedade. Isto possibilitará a colaboração de políticos e práticos para o crescimento da ciência no curso de desenvolvimento (Lerner & Steinberg, 2009), enquanto a ciência se coloca como instrumento para a sociedade civil (Lerner et al., 2000). A este respeito, nós, pesquisadores brasileiros, temos uma longa trajetória a percorrer, para a qual devemos aplicar os princípios do desenvolvimento positivo do jovem.

Neste sentido, cabe reiterar a importância de as políticas públicas brasileiras priorizarem os adolescentes na sua diversidade cultural e social. Se reconhecidas suas

particularidades e diferenças, desejos e competências, e se oferecidas oportunidades e recursos suficientes para sua inserção social e produtiva, tais adolescentes poderão contribuir, buscando alternativas para a solução dos problemas apresentados pelo cenário de desafios do seu tempo. Ultrapassar problemas de crise econômica, desemprego, mudanças climáticas, degradação ambiental, urbanização e migração, envelhecimento social, novas doenças e, particularmente no país, a pobreza e a discriminação (UNICEF, 2011), exigirá mais do que um discurso político, mas, uma prática consistente e continuada.

## REFERÊNCIAS

- Adams, R. E., & Laursen, B. (2007). The correlates of conflict: Disagreement is not necessarily detrimental. *Journal of Family Psychology, 21*, 445-458.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development, 65*, 179-194.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (2002). Prediction of peer-rated adult hostility from autonomy struggles in adolescent-family interactions. *Development and Psychopathology, 14*, 123-137.
- Allison, B. N., & Schultz J. B. (2004). Parent-adolescent conflict in early adolescence. *Adolescence, 39*, 101-139.
- Almeida, D., & Galambos, N. (1993). Continuity and change in father-adolescent relations. *New Directions for Child and Adolescent Development, 62*, 27-40.
- Araújo, E., Costa, A. J., & Blank, N. (2009). Aspectos psicossociais de adolescentes de escolas públicas de Florianópolis-SC. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 19*, 219-225.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. (Trabalho original publicado em 1978).
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist, 54*, 317-326.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from late teens through the twenties. *American Psychologist, 55*, 469-480.
- Arnett, J. J. (2002). The psychology of globalization. *American Psychologist, 57*, 774-783.
- Arum, R. G., & Shapka, J. D. (2007). The impact of pubertal timing and parental control on adolescent problem behaviors. *Journal of Youth and Adolescence, 37*, 445-455.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP (2003). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Retirado em 03/03/2009 de <http://www.abep.org/>
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do Inventário de Percepção de Suporte Familiar - IPSF: estudos psicométricos preliminares. *Psico, 10*, 11-19.
- Barber, B. K., & Harmon, E. L. (2002). Violating the self: Parental psychological control of children and adolescents. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting* (pp. 15-52). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Bates, J. E., & Pettit, G. S. (2007). Temperament, parenting, and socialization. In J. E. Grusec, & P. D. Hastings, (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 153-177). New York, NY: Guilford Press.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development, 37*, 887-907.
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In J. Brooks-Gunn, R. Lerner, & A. C. Peterson (Eds.), *The encyclopedia of adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.
- Baumrind, D., Larzelere, R. E., & Owens, E. B. (2010) Effects of preschool parents' power assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting, 10*, 157-201.
- Beaumont, S. L., & Wagner, S. L. (2004). Adolescent-parent verbal conflict: The roles of conversational styles and disgust emotions. *Journal of Language and Social Psychology, 23*, 338-368.
- Benson, P. L. (2003). Developmental assets and asset building communities: Conceptual and empirical foundations. In R. M. Lerner, & P. L. Benson (Eds.), *Developmental assets and asset-building communities: Implications for research, policy, and practice* (pp. 19-43). Norwell, MA: Kluwer Academic.
- Bergman, L. (2001). A person approach in research on adolescence: Some methodological challenges. *Journal of Adolescent Research, 16*, 28-53.
- Beveridge, R. M., & Berg, C. A. (2007). Parent-adolescent collaboration: An interpersonal model for understanding optimal interactions. *Clinical Child and Family Psychology Review, 10*, 25-52.
- Beyers, W., & Goossens, L. (1999). Emotional autonomy, psychosocial adjustment, and parenting: Interactions, moderating, and mediating effects. *Journal of Adolescence, 22*, 753- 769.
- Biasoli-Alves, Z. M. (2001). Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In Z. M. Biasoli-Alves, & R. Fischman (Eds.), *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância* (pp.79-93). São Paulo: EDUSP.
- Biasoli-Alves, Z. M. (2004). Práticas educativas da criança e seu relacionamento com os adultos em famílias brasileiras do século XX. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 38*, 85-102.
- Bienvu, J. (1969). Measurement of parent-adolescent communication. *The Family*

- Coordinator* (pp. 117-121). Retirado em 04/04/2008, de <http://links.jstor.org/>
- Blos, P. (1994). *Adolescência: uma interpretação psicanalista*. São Paulo: Martins Fontes.
- Booth, A., Johnson, D. R., Granger, D. A., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2003). Testosterone and child and adolescent adjustment: The moderating role of parent-child relationships. *Developmental Psychology, 39*, 85-98.
- Bradbury, D., Fincham, F., & Beach, S. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and Family, 62*, 964-980.
- Brasil. (1990). *Lei 8069, de 13 de Julho de 1990*. Estatuto da Criança e do Adolescente. Retirado em 28/09/2007 de <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>
- Brazelton, T. B., & Greenspan, S. I. (2002). *As necessidades essenciais das crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development. *Developmental Psychology, 22*, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological system theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development* (pp. 187-243). London: Jessica Kingsley.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (M. A. Veríssimo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. Trabalho originalmente publicado em 1979.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman, & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review, 101*, 568-586.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21<sup>st</sup> century: Emerging questions, theoretical models, research and empirical findings. *Social Development, 9*, 115-125.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol.1. Theoretical*

- models of human development* (pp. 993-1028). New York: Wiley.
- Brooks-Gunn, J., & Warren, M. P. (1985). Measuring physical status and timing in early adolescence: A developmental perspective. *Journal of Youth and Adolescence, 14*, 163-189.
- Brown, B. B. (2005). Moving forward with research on adolescence: Some reflections on the state of *JRA* and the state of the Field. *Journal of Research on Adolescence, 15*, 657-673.
- Buehler, C. (2006). Parents and peers in relation to early adolescent problem behavior. *Journal of Marriage and Family, 68*, 109-124.
- Bumpus, M. F., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2001). Parental autonomy-granting during adolescence: Exploring gender differences in context. *Developmental Psychology, 37*, 163-173.
- Cairns, R. B., Elder Jr., G. H., & Costello, E. J. (Eds.). (1996). *Developmental science*. New York: Cambridge University Press.
- Campione-Barr, N., & Smetana, J.G. (2004). In the eye of the beholder: Subjective and observer ratings of middle-class African American mother-adolescent interactions. *Developmental Psychology, 40*, 927-944.
- Campolina, L. O. (2007). *Tornar-se adolescente: a participação da escola na construção da transição da infância para a adolescência*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, UnB.
- Campos-Ramos, P. C. (2008). *Pai, mãe e família: concepções de crianças pré-escolares*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Carolina Consortium on Human Development [CCHD] (1996). Developmental science: A collaborative statement. In R. B. Cairns, G. H. Elder Jr., & E. J. Costello (Eds.), *Developmental science* (p. 1-6). New York: Cambridge University Press.
- Carramaschi, L. S. (2006). *A concepção da adolescência na ótica de pais, professores e do próprio adolescente*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (Eds.). (1995). *The family life cycle: A framework for family therapy*. New York: Gardner Press, Inc.
- Carvalho, M. C., & Gomide, P. I. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia, 22*, 263-276.
- Caughlin, J. (2003). Family communication standards: What counts as excellent family communication and how are such standards associated with family satisfaction?

*Human Communication Research*, 29, 5-40.

- Ceci, S. J., & Bronfenbrenner, U. (1985). "Don't forget to take the cupcakes out of the oven": Prospective memory, strategic time-monitoring, and context. *Child Development*, 56, 152-164.
- Cellen, N., Cok, F., Bosma, H. A., & Djurre, H. Z. (2006). Perceptions of decisional autonomy. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 16, 349-363.
- Cerqueira-Silva, S., Senna S. R. C., & Alves, F. B. (2007). *Saúde da criança e do adolescente*. Manuscrito não publicado.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (1997). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chao, R. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans. *Child Development*, 72, 1832-1843.
- Clarke-Stewart, A., & Dunn, J. (2006). (Eds.). *Families count: Effects on child and adolescent development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Coleman, I., & Coleman, J. (2002). The measurement of puberty: A review. *Journal of Adolescence*, 25, 535-550.
- Collins, W. A. (1990). Parent-child relationships in the transition to adolescence: Continuity and change in interaction, affect, and cognition. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *From childhood to adolescence: A transitional period?* (pp. 85-106). Newbury Park: Sage.
- Collins, W. A. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 1-24.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004a). Changing relationships, changing youth: Interpersonal contexts of individual development. *Journal of Early Adolescent*, 24, 55-62.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004b). Parent-adolescent relationships and influences. In R. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 331-361). New York: John Wiley.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, M. E., & Bornstein, M. H. (2000). The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.
- Collins, W. A., & Roisman, G. I. (2006). The influence of family and peer relationships in the development of competence during adolescence. In A. Clarke-Stewart, & J. Dunn (Eds.), *Families count: Family effects on child and adolescent development* (pp. 79-103). Cambridge: Cambridge University Press.

- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (pp. 1003-1067). Hoboken, NJ: John Wiley, & Sons.
- Costa Junior, A. L. (2005). Psicologia da saúde e desenvolvimento humano: o estudo do enfrentamento em crianças com câncer e expostas a procedimentos médicos invasivos. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano* (pp.171-189). Porto Alegre: Artmed.
- Crouter, A. C., Bumpus, M. F., Davis, K. D., & McHale, S. M. (2005). How do parents learn about adolescents' experiences? Implications for parental knowledge and adolescent risky behavior. *Child Development, 76*, 869 -882.
- Cui, M., Conger, R. D., & Lorenz, F. O. (2005). Predicting change in adolescent adjustment from change in marital problems. *Developmental Psychology, 41*, 812-823.
- Cummings, E., & Davies, P. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 43*, 31-63.
- Dahl, R., & Hariri, A. R. (2005). Lessons from G. Stanley Hall: Connecting new research in biological sciences to the study of adolescent development. *Journal of Research on Adolescence, 15*, 367-382.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-496.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1998). Exploring children's emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. *Child Development, 69*, 124-139.
- Dekovic, M., & Buist, K. L. (2005). Multiple perspectives within the family. *Journal of Family Issues, 26*, 467-490.
- Dell'Aglio, D. D., Koller, S. H., & Yunes, M. A. (Eds.). (2006). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dessen, M. A. (2009). Questionário de Caracterização do Sistema Familiar. In L. N. Weber e M. A. Dessen (Eds.), *Pesquisando a Família: instrumentos para coleta e análise de dados* (pp. 102-114). Curitiba: Juruá.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão, 30*, 202-219.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência*

- do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M. A., & Cerqueira-Silva, S. (2009). Desenvolvendo sistemas de categorias com dados de entrevistas. In L. N. Weber e M. A. Dessen (Eds.), *Pesquisando a Família: instrumentos para coleta e análise de dados* (pp. 43-66). Curitiba: Juruá.
- Dessen, M. A., & Costa Junior, A. L. (Eds.). (2005). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Artmed: Porto Alegre.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a família e o pai? *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 8, 105-121.
- Dias, C. M. S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Dias, F. N. (2001). O processo de comunicação autêntica na relação familiar: contributos para uma perspectiva sistêmica. In F. N. Dias, *Sistemas de comunicação, de conhecimento e de cultura: um olhar sociológico*. Instituto Piaget. Retirado em 03/03/2008, de <http://www.rogeriana.com/nogdias/familiar/familiar.htm>
- Diriwachter, R., & Valsiner, J. (2006). Qualitative developmental research in their historical and epistemological contexts. *Forum: Qualitative Social Research [Online Journal]*, 7. Retirado em 20/05/2006 de <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-06/06-1-8-e.htm>
- Domingues, D. F. (2010). *Homicídio juvenil por arma de fogo: luto, enfrentamento e reorganização na família vitimada*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Dubas, J. S., Miller, K., & Petersen, A. (2003). The study of adolescence during the 20th century. *The History of the Family*, 3, 375-397.
- Duvall, E. M. (1971). *Family development* (4a. ed.). Philadelphia: Lippincott.
- Epstein, N. B., Bishop, D., & Levin, S. (2007). The McMaster Model of Family Functioning. *Journal of Marital and Family Therapy*, 4, 19-31.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 106-132.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968).
- Feeney, B. C., & Cassidy, J. A. (2003). Reconstructive memory related to adolescent-parent conflict interactions: The influence of attachment-related representations on immediate perceptions and changes in perceptions over time. *Journal of*

- Personality & Social Psychology*, 85, 945-95.
- Ferrari, R. A., Thompson, Z., & Melchior, R. (2008). Adolescência: ações e percepção dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 12, 387-400.
- Ferreira, M. de C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 35-44.
- Fincham, F. D., & Grych, J.H. (2001). Advancing understanding of the association between interparental conflict and child development. In J. H. Grych, & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 443–451). New York: Cambridge University Press.
- Fitzpatrick, M. A., & Caughlin, J. (2002). Interpersonal communication in family relationships. In M. Knapp & J. Daly (Eds.), *Handbook of Interpersonal Communication* (pp. 726-778). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Fleith, D. S., & Costa Junior, A. L. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia do desenvolvimento: o que é relevante considerar? In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-52). Porto Alegre: Artmed.
- Fleming, M. (2004). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (3<sup>rd</sup> ed.). Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). Adolescent autonomy: Desire, achievement and disobeying parents between early and late adolescence. *Australian Journal of Education and Development Psychology*, 5, 1-16.
- Fletcher, A. C., Steinberg, L., & Sellers, E. (1999). Adolescents' well-being as a function of perceived inter-parental consistency. *Journal of Marriage and Family*, 61, 599-610.
- Fletcher, A. C., Steinberg, L., & Williams-Wheeler, M. (2004). Parental influences on adolescent problem behavior: Revisiting Stattin and Kerr. *Child Development*, 75, 81- 97.
- Fleury-Teixeira, P., Vaz, F., Campos, C., Álvares, J., Aguiar, R., & Oliveira, V. (2008). Autonomia como categoria central no conceito de promoção de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 13, 2115-2122.
- Foreman, R., & Long, N. J. (2002). *Parenting the strong-willed child: The clinically proven five-week program for parents of two to six-year-olds*. McGraw-Hill Professional.

- Freeman, H., & Newland, L. (2002). Family transitions during the adolescent transition: Implications for parenting. *Adolescence*, 37, 457-475.
- Freud, A. (1968). Adolescence. In A. E. Winter, & D. Angus (Eds.), *Adolescence: Contemporary studies* (pp. 13-24). New York: American Book.
- Fuligni, A. J., & Eccles, J. S. (1993). Perceived parent-child relationships and early adolescents' orientation toward peers. *Developmental Psychology*, 29, 622-632.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (2002). *A voz do adolescente*. Brasília: UNICEF Brasil, 2002. Retirado em 09/09/2010 de <http://www.unicef.org/>
- Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (2011). *Situação Mundial da Infância 2011 - Adolescência: uma fase de oportunidades*. Brasília: UNICEF, 2011. Retirado em 09/09/2010 de <http://www.unicef.org/>
- Gelhaar, T., Seiffke-Krenke, I., Borge, A., Cicognani, E., Cunha, M., Loncaric, D., Macek, P., Steinhausen, H., & Metzke, C. (2007). Adolescent coping with everyday stressors: A seven-nation study of youth from central, eastern, southern, and northern Europe. *European Journal of Developmental Psychology*, 4, 129-156.
- Gonçalves, H. S., & Garcia, J. (2007). Juventude e sistema de direitos no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27, 538-553.
- Goosens, L. (2006a). Theories of adolescence. In S. Jackson, & L. Goosens (Eds.), *Handbook of adolescent development* (pp. 11-29). New York: Psychology Press.
- Goosens, L. (2006b). Adolescent development: Putting Europe on the map. In S. Jackson, & L. Goosens (Eds.), *Handbook of adolescent development* (pp. 1-10). New York: Psychology Press.
- Goosens, L. (2006c). The many faces of adolescent autonomy: Parent-adolescent conflict, behavioural decision-making, and emotional distancing. In S. Jackson, & L. Goosens (Eds.), *Handbook of adolescent development* (pp. 135-153). New York: Psychology Press.
- Gottlieb, G. (1996). Developmental psychobiological theory. In R. B. Cairns, G. H. Elder Jr., & E. J. Costello (Eds.), *Developmental science* (pp. 63-77). New York: Cambridge University Press.
- Gottman, J. M., & Fainsilber-Katz, L. (1989). Effect of marital discord on young children's peer interaction and health. *Developmental Psychology*, 25, 373-381.
- Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1999). What predicts change in marital interaction over time? A study of alternative models. *Family Process*, 38, 143-158.
- Granic, I., Dishion, T. J., & Hollenstein, T. (2006). The family ecology of adolescence: A

- dynamic systems perspective on normative development. In G. R. Adams, & M. D. Berzonsky (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp.60-91). Blackwell Publishing Ltd.
- Granic, I., Hollenstein, T., Dishion, T. J., & Patterson, G. R. (2003). Longitudinal analysis of flexibility and reorganization in early adolescence: A dynamic systems study of family interactions. *Developmental Psychology*, *39*, 606-617.
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, *56*, 415-428.
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1986). Individuation in family relationships: A perspective on individual differences in the development of identity and role-taking skill in adolescence. *Human Development*, *29*, 82-100.
- Grusec, J. E., & Davidov, M. (2007). Socialization in the family: The roles of parents. In J. E. Grusec, & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization* (pp.284-398). New York: The Guilford Press.
- Grusec, J. E., & Kuczynski, L. (1980). Direction of effect in socialization: A comparison of the parent's versus the child's behavior as determinants of disciplinary techniques. *Developmental Psychology*, *16*, 1-9.
- Guilhamo-Ramos, V., Jaccard, J., Dittus, P., & Bouris, A. M. (2006). Parental expertise, trustworthiness, and accessibility: Parent-adolescent communication and adolescent risk behaviour. *Journal of Marriage and Family*, *68*, 1229-1246.
- Hall, G. S. (1904). *Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, and education*. New York: Appleton.
- Hardway, C., & Fuligni, A. J. (2006). Dimensions of family connectedness among adolescents with Mexican, Chinese, and European backgrounds. *Developmental Psychology*, *42*, 1246-1258.
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. A. (2004). A "geração canguru": algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, *35*, 95-205.
- Hill, J. P., & Holmbeck, G. N. (1986). Attachment and autonomy during adolescence. In G. J. Whitehurst (Ed.), *Annals of child development* (pp. 145-189). Greenwich, CT: JAI Press.
- Hinde, R. A. (1979). *Towards understanding relationships*. London: Academic Press.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Sussex, UK: Psychology

- Press.
- Hines, A. R., & Paulson, S. E. (2006). Parents' and teachers' perceptions of adolescence storm and stress: Relations with parenting and teaching styles. *Adolescence, 14*, 597-614.
- Hodkin, B., Vacheresse, A., & Buffett, S. (1996). Concepts of family memberships. In M. Cusinato (Ed.), *Research on family resources and needs across the world* (pp. 45-54). Milão: LED Edizioni Universitarie.
- Hoffman, M. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology, 11*, 228-239.
- Hoffman, M. (1979). Development of moral thought, feeling and behavior. *American Psychologist, 34*, 959-966.
- Hoffman, M. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology, 30*, 26-28.
- Horta, N., & Sena, R. (2010). Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Revista de Saúde Coletiva, 20*, 475-495.
- Inhelder, B., & Piaget, J. (1976). *Da lógica da criança a lógica da adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Pioneira. (Trabalho original publicado em 1958).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - Pense*. Retirado em 07/03/2011 de <http://www.ibge.gov.br/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). *Censo Demográfico 2010*. Retirado em 07/03/2011 de <http://www.ibge.gov.br/>
- Isaac, S., & Michael, W. B. (1995). *Handbook of research and evaluation* (3<sup>rd</sup> ed.). San Diego, CA: Edits.
- Jacobson, K., & Crockett, L. (2000). Parental monitoring and adolescent adjustment: An ecological perspective. *Journal of Research on Adolescence, 10*, 65-97.
- Jenkins, C. D. (2007). *Construindo uma saúde melhor: um guia para a mudança de comportamento*. Porto Alegre: Artmed/ Pan American Health Organization.
- Jensen, L. A., Arnett, J. J., Feldman, S. S., & Cauffman, E. (2004). The right to do wrong: Lying to parents among adolescents and emerging adults. *Journal of Youth and Adolescence, 33*, 101-112.
- Kaloustian, S. M., & Ferrari, M. (1994). Introdução. In S. M. Kaloustian (Ed.), *Família brasileira, a base de tudo* (pp. 11-15). São Paulo-Brasília, Brasil: Cortez - Unicef.
- Kantor, D., & Lehr, W. (1975). *Inside the family: Toward a theory of family process*. London, Jossey-Bass Ltd.

- Keating, D. P. (2004). *Cognitive and brain development*. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 45-84). NJ: John Wiley, & Sons, Inc.
- Kerr, M., & Stattin, H. (2000). What parents know, how they know it, and several forms of adolescent adjustment: Further support for a reinterpretation of monitoring. *Developmental Psychology, 3*, 366-380.
- Kim, K. J., Conger, R. D., Elder Jr., G. H., & Lorenz, F. O. (2003). Reciprocal influences between stressful life events and adolescent internalizing and externalizing problems. *Child Development, 74*, 127-143.
- Koerner, A. F., & Fitzpatrick, M. A. (2004). Communication in intact families. In A. Vangelisti (Ed.), *The handbook of family communication* (pp. 177-195). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Kreppner, K. (1989). Linking infant development-in-context research to the investigation of life-span family development. In K. Kreppner, & R. M. Lerner (Eds.), *Family systems and life-span development* (pp.33-64). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Kreppner, K. (1991). Observation and longitudinal approach in infancy research. In M. E. Lamb, & H. Keller (Eds.), *Infant development perspectives from German-speaking countries* (pp. 151-178). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Kreppner, K. (1992). Development in a developing context: Rethinking the family's role for the children's development. In L. T. Winegar, & J. Valsiner (Eds.), *Children's development within social context* (pp. 161-180). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Kreppner, K. (1999). Retrospect and prospect in the psychological study of families as systems. Manuscrito apresentado na Conferência "Interiors: Retrospect and Prospect in the Psychological Study of Families" (Clark University, Worcester, MA, 9-11/04).
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 11-22.
- Kreppner, K. (2001). Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 17*, 97-107.
- Kreppner, K. (2003). Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In J. Valsiner, & K. J. Connolly (Eds.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 194-214). London: Sage.
- Kreppner, K. (2004). Analyzing family interaction patterns from videotapes over time. In V. L. Bengston, A. C. Acock, K. R. Allen, P. Dilworth-Anderson, & D. M. Klein

- (Eds.), *Sourcebook of family theory and research* (pp.80-82). Sage Publications, Inc.
- Kreppner, K. (2005). Family assessment and methodological issues. *European Journal of Psychological Assessment, 21*, 249-254.
- Kreppner, K. (2009). *Conducting observations in developmental and family Psychology*. Manuscrito não-publicado.
- Kreppner, K., & Ullrich, M. (1998). Talk to mom and dad, and listen to what is in between. In M. Hofer, P. Noack, & J. Youniss (Eds.), *Verbal interaction and development in families with adolescents* (pp. 83-108). Greenwich, CT: Ablex.
- Kreppner, K., & Ullrich, M. (1999). Mutuality and closeness in family communication and their impact on adolescent development. Trabalho apresentado no *Biennial Meeting of Society for Research in Child Development*, 15-18/04, Albuquerque, NM.
- Kuczynski, L. (2003). Beyond bidirectionality: Bilateral conceptual frameworks for understanding dynamics in parent-child relations. In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations* (pp. 3-24). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lachman, M. E. (2003). Development of midlife. *Annual Review of Psychology, 55*, 305-311.
- Larson, R. W. (2002). Globalization, societal change, and new technologies: What they mean for the future of adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 12*, 1-30.
- Larson, R. W., Pearce, N., Sullivan, P., & Jarrett, R. L. (2007). Participation in youth programs as a catalyst for negotiation of family autonomy with connection. *Journal of Youth and Adolescence, 36*, 31-45.
- Larson, R. W., Wilson, S., Brown, B., Furstenberg, F., & Verma, S. (2002). Changes in adolescents' interpersonal experiences: Are they being prepared for adult relationships in the twenty-first century? *Journal of Research on Adolescence, 12*, 31-68.
- Larson, R. W., Wilson, S., & Mortimer, J. T. (2002). Conclusions: Adolescents' preparation for the future. *Journal of Research on Adolescence, 12*, 159-166.
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2004). Parent-child communication during adolescence. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 333-348). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Laursen, B., Coy, K. C., & Collins, W. A. (1998). Reconsidering changes in parent-child conflict across adolescence: A meta-analysis. *Child Development, 69*, 817-32.
- Lemos, R., Santos, L., & Pontes, F. (2009). Percepções de adolescentes acerca de seus encontros familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25*, 39-43.

- Le Poire, B. (2006). *Family communication: Nurturing and control in a changing world*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lerner, R. M. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Review of Psychology*, *49*, 413-446.
- Lerner, R. M. (2004). Diversity in individual↔context relations as the basis for positive development across the life span: A developmental systems perspective for theory, research, and application. *Research in Human Development*, *1*, 327-346.
- Lerner, R. M., Almerigi, J. B., Theokas, C., & Lerner, J. (2005). Positive youth development: A view of issues. *The Journal of Early Adolescence*, *25*, 10-16.
- Lerner, R. M., Fisher, C. B., & Weinberg, R. A. (2000). Applying developmental science in the 21st century: International scholarship for our times. *International Journal of Behavioral Development*, *24*, 24-29.
- Lerner, R. M., & Galambos, N. L. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Reviews in Psychology*, *49*, 413-446.
- Lerner, R. M., Lerner, J., De Stephanis, I., & Apfel, A. (2001). Understanding developmental systems in adolescence: Implications for methodological strategies, data analytic approaches, and training. *Journal of Adolescent Research*, *16*, 9-27.
- Lerner, R. M., & Overton, W. F. (2008). Exemplifying the integrations of the relational developmental system: Synthesizing theory, research, and application to promote positive development and social justice. *Journal of Adolescent Research*, *23*, 245-255.
- Lerner, R. M., Phelps, E., Forman, Y., & Bowers, E. P. (2009). Positive youth development. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 524-558). New York: Wiley.
- Lerner, R. M., & Steinberg, L. (2009). The scientific study of adolescent development: Historical and contemporary perspectives. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 3-14). New Jersey: Wiley.
- Lerner, R. M., Wertlieb, D., & Jacobs, F. (2005). Historical and theoretical bases of applied developmental science. In R. M. Lerner, F. Jacobs, & D. Wertlieb (Eds.), *Applied developmental science: An advanced textbook* (pp.3-29). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *15*, 09 - 16.

- Lila, M., Van Aken, M., Musitu, G., & Buelga, S. (2006). Families and adolescents. In S. Jackson, & L. Goosens, *Handbook of adolescent development* (pp. 154-174). New York: Psychology Press.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo, 11*, 427-436.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology. Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- MacMillian, R., & Copher, R. (2005). Families in the life course: Interdependency of roles, role configurations, and pathways. *Journal of Marriage and the Family, 67*, 858-879.
- Magnusson, D., & Cairns, R. (1996). Developmental science: Toward a unified framework. In R. B. Cairns, G. H. Elder Jr., & E. J. Costello (Eds.), *Developmental science* (pp.7-30). New York: Cambridge University Press.
- Mathews, L. S., & Conger, R. D. (2004). "He did it on purpose!" Family correlates of negative attributions about an adolescent sibling. *Journal of Research on Adolescence, 14*, 257-284.
- Matos, M. G. de (2008). A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. *Análise Psicológica, 26*, 251-263.
- McElhaney, K. B., & Allen, J. P. (2001). Autonomy and adolescent social functioning: The moderating effect of risk. *Child Development, 72*, 220-235.
- McElhaney, K. B., Allen, J. P., Stephenson, J. C., & Hare, A. L. (2009). Attachment and autonomy during adolescence. In R. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 358-403). Hoboken, NJ: John Wiley, & Sons, Inc.
- McGue, M., Elkins, I., Walden, B., & Iacono, W. G. (2005). Perceptions of the parent-adolescent relationship: A longitudinal investigation. *Developmental Psychology, 41*, 971-984.
- Mead, M. (1979). *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for Western civilization*. New York: Norton.
- Metts, S., & Lamb, E. (2006). Methodological approaches to the study of family communication. In L. H. Turner, & R. L. West (Eds.), *The family communication sourcebook* (pp. 83-106). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Michaud, P., Chossis, I., & Suris, J. (2006). Health-related behavior: Current situation, trends, and prevention. In S. Jackson, & L. Goosens (Eds.), *Handbook of adolescent development* (pp. 284-307). NY: Psychology Press.

- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2006). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 39-47.
- Ministério da Saúde (2005a). *Marco Legal – Saúde, um direito dos adolescentes*. Brasília: Ministério da Saúde. Retirado em 09/09/2010 de [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco\\_teorico\\_referencial.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_teorico_referencial.pdf)
- Ministério da Saúde (2005b). *Marco Teórico e Referencial – Saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens*. Versão Preliminar. Brasília: Ministério da Saúde. Retirado em 09/09/2010 de [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco\\_teorico\\_referencial.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_teorico_referencial.pdf)
- Ministério da Saúde (2005c). *Saúde integral de adolescentes e jovens – orientações para a organização de Serviços de Saúde*. Brasília: DF. Retirado em 09/09/2010 de [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/saude\\_integral.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/saude_integral.pdf)
- Ministério da Saúde (2006). *Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB) – Indicadores 2005*. Brasília: DF. Retirado em 09/09/2010 de <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/caadab/documentos/siab2005.pdf>
- Ministério da Saúde (2008). *Um olhar sobre o jovem no Brasil: Série B. Textos Básicos de Saúde*. Brasília: DF. Retirado em 09/03/2011 de <http://www.espm.br/>
- Ministério da Saúde (2010). *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: DF. Retirado em 09/03/2011 de [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes\\_nacionais\\_adoles\\_jovens\\_230810.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes_nacionais_adoles_jovens_230810.pdf)
- Minuchin, P. (2002). Cross-cultural perspectives: Implications for attachment theory and family therapy. *Family Process*, 41, 546 – 551.
- Minuchin, S. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Minuchin, S. (1988). Relationships within the family: A systems perspectives on development. In R. Hinde, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 8-25). Oxford: Clarendon Press, & University Press.
- Montandon, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação e Sociologia*, 26, 485-507.
- Montemayor, R. (1983). Parents and adolescents in conflict: All families some of the time and some families most of the time. *Journal of Early Adolescence*, 3, 83-103.

- Moos, R., & Moos, B. (1994). *Family Environment Scale Manual: Development, applications, research* (3<sup>rd</sup> ed.). Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press, Inc.
- Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación, 10*, 79 - 103.
- Neal, J., & Frick-Horbury, D. (2001). The effects of parenting styles and childhood attachment patterns on intimate relationships. *Journal of Instructional Psychology, 28*, 178-183.
- Noller, P., & Feeney, J. A. (2004). Studying family communication: Multiple methods and multiple sources. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 31-50). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- O'Brien, M. (2005). Studying individual and family development: Linking theory and research. *Journal of Marriage and Family, 67*, 880-890.
- Oliva, A. (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuario de Psicología, 37*, 209-223.
- Oliveira, M. R. (2011). *As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Olson, D., McCubbin, H., Barnes, H., Lasen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1983). *Families: What makes them work*. Los Angeles: Sage.
- Olson, D. H., Gorall, D. M., & Tiesel, J. W. (2004). *Faces IV package*. Minneapolis, MN: Life Innovations. Retirado em 05/02/2009 de <http://www.facesiv.com/pdf/overview.pdf>
- Olson, D., Sprenkle, D., & Russell, C. (1979). Circumplex model of marital and family systems I: Cohesion and adaptability dimensions, family types and clinical applications. *Family Process, 18*, 3-28.
- Organização Mundial de Saúde – OMS (2009). *Child and adolescent health and development*. Genebra: OMS. Retirado em 09/09/2010 de <http://www.who.int/child-adolescent-health/>
- Organização Pan-americana de Saúde - OPAS (2007). *Health agenda for the Americas 2008-2017*. Panama: Pan American Health Organization. Retirado em 09/09/2010 de [http://www.paho.org/English/DD/PIN/Health\\_Agenda.pdf](http://www.paho.org/English/DD/PIN/Health_Agenda.pdf)
- Pacheco, J. (2004). *A construção anti-social na adolescência: uma análise das práticas e dos estilos parentais*. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

- Paludo, S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17, 9-20.
- Parke, R. D. (2004). Development in the family. *Annual Review of Psychology*, 55, 365-399.
- Parker, J., & Benson, M. (2004). Parent-adolescent relations and adolescent functioning: Self-esteem, substance abuse, and delinquency. *Adolescence*, 39, 519-530.
- Parra, A., & Oliva, A. (2007). Una mirada longitudinal y transgeneracional sobre los conflictos entre madres y adolescentes. *Estudios de Psicología*, 28, 93-107.
- Perkins, S. A., & Turiel, E. (2007). To lie or not to lie: To whom and under what circumstances. *Child Development*, 78, 609-621.
- Petersen, A. C. (1988). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 39, 583-607.
- Peterson, G. W. (1999). The renewed importance of studying parent-adolescent relations: An introduction. *Sociological Inquiry*, 69, 426-430.
- Petzold, M. (1996). The psychological definition of the family. In M. Cusinato (Ed.), *Research on family resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milano-Italia: LEDEdizioni Universitarie.
- Pinquart, M., & Silbereisen, R. K. (2002). Changes in adolescents' and mothers' autonomy and connectedness in conflict discussions: An observation study. *Journal of Adolescence*, 25, 509-522.
- Pinquart, M., & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39, 83-101.
- Plomin, R. (2000). Behavioural genetics in the 21<sup>st</sup> century. *International Journal of Behavioural Development*, 24, 30-34.
- Prinz, R., Foster, S., Kent, R., & O'Leary, K. (1979). Multivariate assessment of conflict in distressed and non-distressed mother-adolescent dyads. *Journal of Applied Behavioral Analysis*, 12, 691-700.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007a). Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7, 46-59.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007b). A autonomia na adolescência e suas relações com os estilos parentais. *Psico*, 38, 292-299.
- Roth, J., & Brooks-Gunn, J. (2003). What exactly is a youth development program? *Applied Developmental Science*, 7, 94-111.

- Rothbaum, F., Pott, M., Azuma, H., Miyake, K., & Weisz, J. (2000). The development of close relationships in Japan and the United States: Paths of Symbiotic Harmony and Generative Tension. *Child Development, 71*, 1121-1142.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia, 22*, 33-41.
- Salvador, A. P., & Weber, L. N. (2008). A relação entre as práticas educativas e estilos parentais com o desenvolvimento de crianças e adolescentes. In L. Weber (Ed.), *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares* (pp. 59-79). Curitiba: Juruá.
- Saphir, M., & Chaffee, S. (2002). Adolescents' contribution to family communication patterns. *Human Communication Research, 28*, 86-108.
- Sarriera, J., Tatim, D., & Coelho, R. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 20*, 361-367.
- Schultz, M. S., Waldinger, R. J., Hauser, S. T., & Allen, J. P. (2005). Adolescent's behaviour in the presence of interparental hostility: Developmental and emotion regulatory influences. *Development Psychopathology, 17*, 489-507.
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sessa, F. M., & Steinberg, L. (1991). Family structure and the development to autonomy during adolescence. *Journal of Early adolescence, 11*, 38-55.
- Sifuentes, T. R., Dessen, M. A., & Lopes de Oliveira, M. C. (2007). Desenvolvimento humano: desafio para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*, 379-386.
- Sillars, A., Canary, D., & Tafoya, M. (2004). Communication, conflict, and quality of family relationship. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication*, (pp.413-446). Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum Ass.
- Sillars, A., Koerner, A. F., & Fitzpatrick, M. A. (2005). Communication and understanding in parent-adolescent relationships. *Human Communication Research, 31*, 103-128.
- Silva, D., & Hutz, C. S. (2002). Abuso infantil e comportamento delinqüente na adolescência: prevenção e intervenção. In C. S. Hutz (Ed.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 151-185). Casa do Psicólogo.
- Silverberg, S. B., & Steinberg, L. (1990). Psychological well-being of parents with early adolescent children. *Developmental Psychology, 26*, 658-66.
- Silverstein, M., & Giarrusso, R. (2010). Aging and family life: A decade review. *Journal*

- of Marriage and Family*, 72, 1039–1058.
- Simionato-Tozo, S. M. P., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8, 137-150.
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28, 212-242.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development*, 66, 299-316.
- Smetana, J. G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284.
- Smetana, J. G., Crean, H., & Daddis, C. (2002). Family processes and problem behaviors in middle-class African American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 12, 275-304.
- Smetana, J. G., Metzger, A., & Campione-Barr, N. (2004). African American adolescents' relationships with parents: Developmental transitions and longitudinal patterns. *Child Development*, 75, 932-947.
- Smetana, J., Metzger, A., Gettman, D., & Campione-Barr, N. (2006). Disclosure and secrecy in adolescent-parent relationships. *Child Development*, 77, 201-217.
- Soenens, B., & Vansteenkiste, M. (2005). Antecedents and outcomes of self-determination in three life domains: The role of parents' and teachers' autonomy support. *Journal of Youth and Adolescence*, 34, 589-604.
- Spear, H. J., & Kulbok, P. (2004). Autonomy and adolescence: A concept analysis. *Public Health Nursing*, 60, 144-152.
- Spring, B., Rosen, K. H., & Matheson, J. L. (2002). How parents experience a transition to adolescence: A qualitative study. *Journal of Child and Family Studies*, 11, 1002-1024.
- Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. (2003). Communication, conflict, and commitment: Insights on the foundation of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41, 659-675.
- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. In S. S. Feldman, & G. R. Elliott (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5a. ed.). Boston: McGraw-Hill.

- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relations in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence, 11*, 1-19.
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I., & Cauffman, E. (2006). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes: A replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on Adolescence, 16*, 47-58.
- Steinberg, L., & Lerner, R. M. (2004). The scientific study of adolescence: A brief history. *The Journal of Early Adolescence, 24*, 45-54.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology, 52*, 83-110.
- Steinberg, L., & Silk, J. (2002). Parenting adolescents. In M. H. Bornstein, *Handbook of parenting* (pp. 103-134). Lawrence Erlbaum Associates.
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Development, Madison, 57*, 841-851.
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1987). Influences on marital satisfaction during the middle stages of the family life cycle. *Journal of Marriage and Family, 49*, 751-760.
- Stratton, P. (2003). Contemporary families as contexts for development. In J. Valsiner, & K. Connolly (Eds.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 333-357). Londres: Sage.
- Szymanski, H. (2004). Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducativa. *Estudos de Psicologia, 21*, 5-16.
- Tanaka, O. Y., & Melo, C. (2004). *Avaliação de programas de saúde do adolescente: um modo de fazer*. São Paulo: EDUSP/Organização Pan-Americana de Saúde.
- Theokas, C., Almerigi, J., Lerner, R., Dowling, E., Benson, P., & Scales, P. C. (2005). Conceptualizing and modeling individual and ecological asset components of thriving in early adolescence. *Journal of Early Adolescence, 25*, 113-143.
- Theokas, C., & Lerner, R. M. (2006). Promoting positive development in adolescence: The role of ecological assets in families, schools, and neighborhoods. *Applied Developmental Science, 10*, 61-74.
- Tilton-Weaver, L. C., & Galambos, N. L. (2003). Adolescents' characteristics and parents' beliefs as predictors of parents' peer management behaviors. *Journal of Research on Adolescence, 13*, 269-300.
- Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social:

- esclarecendo práticas. *Psicologia e Sociedade*, 14, 133-147.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Odero, D., KulaKova, N., Tammeveski, P., Meltsas, M., & Lee, S. (2000). Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1-22.
- Turner, L. H., & West, R. (Eds.) (1998). *Perspectives on family communication*. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company.
- Umberson, D., Kristi, W., Powers, D. A., Hui, L., & Needham, B. (2005). Stress in childhood and adulthood: Effects on marital quality over time. *Journal of Marriage and the Family*, 67, 1332-1347.
- Vandervalk, I., De Goede, M., Spruijt, E., & Meeus, W. (2007). A longitudinal study on transactional relations between parental marital distress and adolescent emotional adjustment. *Adolescence*, 42, 115-136.
- Van Geert, P. (2003). Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. In J. Valsiner, & K. Connolly (Eds.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 640-672). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Vangelisti, A. (Ed.) (2004). *The handbook of family communication*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. Retirado em 23/10/2007 de <http://books.google.com.br/books>
- Vasconcellos, M. J. E. (2003). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência* (6ª ed.). Campinas, SP: Papirus.
- Viana, V. P., Silva, E. A., & Souza-Formigoni, M. L. (2007). Versão em português da *Family Environment Scale*: aplicação e validação. *Revista de Saúde Pública*, 41, 419-426.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P., & Silveira, P. G. (2005a). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 277-282.
- Wagner, A., & Falcke, D., (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment. *Journal of Family Psychotherapy*, 19, 170-186.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7, 75-80.
- Wagner, A., Predebon, J. C., Mosmann, C., & Verza, F. (2005b). Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 181-186.
- Wagner, A., Sarriera, J. C., & Boeckel, M. G. (2006). Estratégias educativas familiares: reflexiones a partir de la teoria ecológica contextual. *Cuadernos de Terapia*

*Familiar*, 61, 195-206.

- Watzlawick, P., Bavelas, J. B., & Jackson, D. D. (1996). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões de interação, patologias e paradoxos*. São Paulo: Cultrix. (Trabalho originalmente publicado em 1967).
- Weber, L. N., Prado, P. M., Salvador, A. P., & Brandenburg, O. J. (2003). Construção e confiabilidade das escalas de qualidade na interação família. *Psicologia Argumento*, 26, 55-65.
- Weber, L. N., Prado, P. M., Salvador, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 323-332.
- Weber, L. N., Salvador, A. P. V., & Brandenburg, O. J. (2009). Escalas de Qualidade na Interação Familiar – EQIF. In L. N. D. Weber, & M. A. Dessen (Eds.), *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados* (pp.57-68). Curitiba: Juruá.
- Weichold, K., Bütlig, S., & Silbereisen, R. K. (2008). Effects of pubertal timing on communication behaviors and stress reactivity in young women during conflict discussions with mothers. *Journal of Youth Adolescence*, 37, 1123-1133.
- Whitbeck, L. B., Yoder, K. A., Hoyt, D. R., & Conger, R. D. (1999). Early adolescent sexual activity: A developmental study. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 934-946.
- Whiteman, S. D., McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2003). What parents learn from experience: The first child as a first draft? *Journal of Marriage and Family*, 65, 608-621.
- Winegar, L. T. (1997). Developmental research and comparative perspectives: Applications to developmental science. In J. Tudge, M. J. Shanahan, & J. Valsiner (Eds.), *Comparisons in human development: Understanding time and context* (pp.13-33). New York: Cambridge University Press.
- Wray-Lake, L., Crouter, A. C., & McHale, S. (2010). Developmental patterns in decision-making autonomy across middle childhood and adolescence: European american parents' perspectives. *Child Development*, 81, 636-651.
- Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago: University of Chicago Press.
- Yunes, M. A. M. (2006). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller, & M. A. Yunes (Eds.). *Resiliência e psicologia*

- positiva: interfaces do risco à proteção* (pp. 45-68). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zhang, W., & Fuligni, A. (2006). Authority, autonomy, and family relationships during adolescence in urban and rural China. *Journal of Research on Adolescence, 16*, 527-535.
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Collins, W. A. (2005). Autonomy development during adolescence. In G. R. Adams, & M. Berzonsky (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 175-204). Oxford: Blackwell Publishers.
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2008). Adolescents' coping with stress: Development and diversity. *Prevention Researcher, 15*, 3-7.

# ANEXOS

## ANEXO A



Universidade de Brasília-UnB  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento  
Humano e Saúde  
Laboratório de Desenvolvimento Familiar

### CARTA À INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Prezados diretores, coordenadores e professores,

Estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa que tem por objetivo caracterizar os processos de comunicação em famílias com filhos na transição para a adolescência. Trata-se de um tema de real importância para conhecermos as características desta etapa do desenvolvimento familiar e melhor compreender o adolescente em seu processo de desenvolvimento.

Para isso, será necessária a participação de crianças/adolescentes **primogênitos**, com idades **entre 11 e 13 anos**, de **ambos os sexos**, podendo ter ou não um (a) irmão (ã) mais novo (a), e seus respectivos **pais biológicos**. Para seleção dos participantes, contamos com a autorização dos senhores desta instituição no acesso aos dados das famílias e envio de cartas-convite, através dos alunos, àquelas selecionadas.

A coleta dos dados se dará mediante a autorização dos participantes envolvidos, durante duas visitas agendadas às residências das famílias. Nessas visitas, serão feitas a aplicação de questionários e entrevistas, e a realização de filmagens, em vídeo, de situações estruturadas de conversação entre os familiares, sobre assuntos do cotidiano das famílias.

É importante destacar que os dados obtidos neste estudo serão CONFIDENCIAIS e serão mantidos em sigilo de acordo com os princípios éticos que regem a profissão de psicólogo, que garantem aos participantes que, somente terão acesso a essas informações, a pesquisadora e os orientadores que estão realizando este estudo. Na sua publicação em congressos científicos, não será possível a identificação dos participantes e nem mesmo a divulgação das imagens gravadas.

Esta pesquisadora estará disponível para esclarecimentos e orientações necessárias à família e, ao final do estudo, a instituição poderá ter acesso aos resultados e à síntese do mesmo, a partir de palestra informativa aos pais e/ou aos professores.

Atenciosamente,

---

Sylvia Regina Carmo Magalhães Senna

Pesquisadora

Telefone para contato: (61) 33072625 – Ramal: 417, ou 32420031, ou 99479151

Endereço: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório de Desenvolvimento Familiar. Campus Universitário Darcy Ribeiro - Brasília-DF - CEP: 70.910-900

Brasília, \_\_\_\_\_

**ANEXO B**

Universidade de Brasília-UnB  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento  
Humano e Saúde  
Laboratório de Desenvolvimento Familiar

**Carta-convite para Participação na Pesquisa**  
**(Famílias)**

Prezadas Famílias,

Os senhores estão convidados a participar de um estudo realizado pelo Laboratório de Desenvolvimento Familiar da Universidade de Brasília, que visa identificar características da comunicação em famílias com filhos adolescentes. Para isso, gostaríamos de solicitar a sua autorização para participar deste estudo, pois ele poderá trazer contribuições valiosas para a compreensão das relações familiares e do desenvolvimento da criança/adolescente na sociedade brasileira.

Este estudo prevê a participação de crianças/adolescentes **primogênitos**, com idades **entre 11 e 13 anos**, de **ambos os sexos**, podendo ter ou não um(a) irmão(ã) mais novo(a), e seus respectivos **pais biológicos**. A coleta dos dados se dará mediante a autorização de todos e ocorrerá durante duas visitas agendadas às residências das famílias, de aproximadamente duas horas cada. Nessas visitas, serão feitas a aplicação de questionários e entrevistas, e a realização de filmagens, em vídeo, de situações estruturadas de conversação entre os familiares, sobre assuntos do cotidiano das famílias.

As informações obtidas neste estudo serão **CONFIDENCIAIS** e nossa conduta será fiel aos princípios éticos que regem a profissão de psicólogo. Somente terão acesso às informações, as pesquisadoras e os orientadores que estarão realizando este estudo. Informamos, ainda, que na sua publicação em congressos científicos, não será possível a identificação dos participantes e nem mesmo a divulgação das imagens gravadas.

Agradecemos, antecipadamente, a colaboração de toda a família, aguardando a resposta com a confirmação abaixo para nosso primeiro contato telefônico e marcação da visita.

---

Sylvia Regina Carmo Magalhães Senna  
(Doutoranda - pesquisadora)

---

Maria Auxiliadora Dessen  
(Orientadora)

Estou de acordo com a visita da pesquisadora para maiores esclarecimentos da pesquisa.

Local e data: \_\_\_\_\_

Filho(a): \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

## ANEXO C

### ESTUDO PILOTO 2

O estudo piloto foi realizado em março/abril de 2009, com uma família de classe socioeconômica média, composta por pai, 41 anos de idade, e mãe, 36 anos de idade, legalmente casados, em primeira união, com dois filhos consangüíneos: um filho primogênito, do gênero masculino, com idade igual a 10 anos e oito meses, e um segundo filho, do gênero masculino, com idade igual a 5 anos e um mês. A família residia em apartamento próprio em área urbana do Distrito Federal.

#### **Procedimento de Seleção dos Participantes**

Os procedimentos de seleção dos participantes seguiram as etapas propostas previamente pelo estudo, isto é, foi feito contato com a coordenadora acadêmica da instituição de ensino selecionada, apresentado o projeto e identificados grupos com alunos dentro dos critérios para o estudo. Para a seleção dos grupos, alguns professores foram selecionados, pela coordenação, por serem considerados mais disponíveis para a participação na pesquisa. Foi criada uma atividade lúdica (jogo) para ser aplicada em sala de aula, com a finalidade de identificar participantes em potencial: primogênitos, provenientes de famílias intactas, com idades entre 11 e 13 anos, e até dois irmãos com diferença de até três anos.

Devido aos problemas encontrados para o acesso a esses dados, foi considerada a possibilidade de seleção a partir da rede de relacionamentos da pesquisadora. Três famílias foram inicialmente selecionadas. Na primeira, o pai não concordou em participar da entrevista individual, sendo que, os demais procedimentos foram feitos. Na segunda família selecionada, o pai esteve ausente por motivo de trabalho e não foi possível a realização da entrevista e das filmagens em prazo anterior ao exame de qualificação. Esta família foi novamente contatada, mostrando-se disponível para uma segunda visita, após esta data.

### Procedimento para Coleta de Dados

À família selecionada para o Estudo Piloto 2, foram feitas duas visitas, no intervalo de quatro dias. A primeira visita teve a duração de 2 horas e 15 minutos, e a segunda, de 1 hora e 30 minutos. Na primeira visita, estiveram presentes mãe e filho, que foram submetidos aos seguintes instrumentos: (a) Questionário de Caracterização do Sistema Familiar (mãe); (b) Entrevistas semiestruturadas (mãe e filho); (c) Questionário de Caracterização do Clima Familiar (filho); e (d) primeira parte da Metodologia de Observação dos Padrões de Comunicação nas Famílias (díade filho-mãe). Na segunda visita, foram aplicados: (a) Entrevista semiestruturada (pai); e (b) segunda parte da Metodologia de Observação dos Padrões de Comunicação nas Famílias (díades filho-pai e pai-mãe, e tríade filho-pai-mãe). Todos os participantes assinaram o termo de compromisso.

Os dados foram gravados e transcritos na íntegra pela pesquisadora, e analisados com o intuito de permitir que novos ajustes fossem feitos aos instrumentos e procedimentos do estudo. Foi registrado o tempo de aplicação dos instrumentos, conforme Tabela 15.

Tabela 15

*Tempo de Aplicação dos Instrumentos em Ocasão do Estudo Piloto 2*

<b>Instrumentos</b>	<b>Participantes</b>	<b>Tempo Estimado (min)</b>	<b>Tempo Total (min)</b>
Questionário de Caracterização Familiar	M ou P	30	30- 40
Questionário do Clima Familiar	F	5	5
Entrevistas	F	30	130
	M	60	
	P	40	
Metodologia de Observação das Interações Familiares	F-M	3	12
	F-P	3	
	P-M	3	
	F-M-P	3	

*Nota.* F-filho(a); P – pai; e M –mãe.

## Conclusões e Sugestões

Quanto à seleção dos participantes, devido ao número inicialmente reduzido de alunos/ adolescentes-foco, com o perfil desejado para o estudo, e a possibilidade de não conseguirmos as respostas às cartas-convite em prazo estabelecido, optamos por buscar outras fontes de seleção. Para o estudo, sugerimos ampliar o procedimento de recrutamento dos participantes, selecionando, também, aqueles provenientes de outras escolas e das redes de relacionamento dos próprios participantes e da pesquisadora.

Quanto ao tempo necessário para a coleta dos dados, o Estudo Piloto 2 permitiu que pudéssemos estimar melhor o tempo gasto na aplicação dos instrumentos, garantindo a certeza por fazê-la em duas visitas, de preferência com disponibilidade maior da família como um todo, que, como a deste estudo, mostrou-se bastante receptiva e interessada no tema abordado, prolongando a conversação mesmo após a coleta.

Quanto aos instrumentos, foram mantidas as estruturas do questionário e das entrevistas, sendo feitas algumas adaptações às questões do questionário e da entrevista aos pais, e ajustes na linguagem adotada na entrevista dirigida aos adolescentes-foco. Este fato se deu devido à manifestação de estranheza dos mesmos a determinados termos pouco conhecidos por eles, como, por exemplo, *autonomia*, que foi substituído por “liberdade e independência para fazer determinadas coisas”. Não houve nenhuma modificação quanto ao questionário do clima familiar, uma vez que o adolescente mostrou facilidade de compreensão, respondendo-o sem questionamentos.

No entanto, dois temas sugeridos nas situações de observação sofreram modificações, os Cartões 11 e 12 respectivamente:

Cartão 11: “O(A) filho(a) quer ter seu próprio dinheiro, e arruma um emprego em uma loja de roupas, mas os pais não querem que ele(a) trabalhe. Como vocês lidam/lidariam com esta situação?”

O tema gerou estranheza à família (filho quer trabalhar, mas pais não permitem), sendo considerado pouco apropriado à realidade cultural das famílias brasileiras, de classe socioeconômica média. Nossa sugestão para o projeto original é a de substituir por outro tema, que trate da autonomia do filho para sair com os amigos no shopping, sem a presença dos pais.

Sugestão para o Cartão 11: “O(A) filho(a) quer ir ao shopping com os amigos, mas os pais não querem deixá-lo ir, sem que eles estejam presentes e possam supervisioná-lo. Como vocês lidam/lidariam com esta situação?”

Cartão 12: “A conta de telefone da casa ou do celular do filho (a) veio muito alta, e os pais decidiram que só pagariam esta conta e que, para as demais, vocês devem encontrar uma solução. O que vocês fariam?”

Este tema foi questionado pelo próprio adolescente do estudo, que alegou que tal fato se dá entre meninas, e não entre meninos. Nesse sentido, ele próprio sugere que, para os meninos, a questão abordasse as horas gastas no vídeo game ou jogos de computador, assim, o tema sugerido para substituir o do projeto original é considerar as horas gastas pelo(a) filho(a) ao telefone ou no computador/vídeo game.

Sugestão para o Cartão 12: “A conta de telefone/luz da casa ou do celular do filho(a) veio muito alta, graças as horas despendidas por ele(a) ao telefone, no vídeo game/jogos de computador. Os pais decidem por pagar apenas esta conta, sendo que, vocês devem/deverão encontrar uma solução. O que vocês fazem/fariam nesta situação?”

Em síntese, o Estudo Piloto 2 cumpriu sua finalidade na medida em que permitiu detectar falhas no procedimento e nos cartões, que foram sanadas na coleta de dados com as famílias participantes do estudo. Além disso, ele foi extremamente útil para o treinamento da pesquisadora na coleta de dados.

## ANEXO D



Universidade de Brasília-UnB  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento  
Humano e Saúde  
Laboratório de Desenvolvimento Familiar

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Os senhores estão sendo convidados a participar de um estudo que tem por objetivo caracterizar os processos de comunicação em famílias com adolescentes. Este tema é de real importância para conhecer as características desta etapa do desenvolvimento familiar, e melhor compreender o adolescente e seu desenvolvimento.

Para isso, será necessária a participação de crianças/adolescentes primogênitos, **com idades entre 10 e 13 anos de idade, de ambos os sexos, podendo ter ou não um(a) irmão(ã)(s) mais novo(a)(s), e seus respectivos pais biológicos.** As famílias deverão estar presentes durante duas visitas da pesquisadora a sua residência, para a aplicação, em duas partes, de: (a) um questionário sociodemográfico com questões referentes à composição e dinâmica da família, dirigidas ao pai e/ou mãe (30 minutos); (b) entrevistas individuais com pai, mãe e filho(a) (de 30 minutos a uma hora cada), separadamente, com questões referentes ao desenvolvimento, à história de vida e às relações familiares; (c) questionário do clima familiar, ao adolescente (5 minutos); e (d) gravações em vídeo (36 minutos) de situações de conversação entre os familiares, em díades e tríades, sobre assuntos do cotidiano das famílias.

É importante destacar que, de acordo com os princípios éticos que regem a profissão de psicólogo (Resolução 196/96), os resultados obtidos neste estudo serão **CONFIDENCIAIS** e mantidos no Laboratório de Desenvolvimento Familiar (LabFam), no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, em arquivo fechado, sob a guarda e acesso restrito à pesquisadora. Isto garante aos senhores que somente terão acesso a essas informações a pesquisadora e os orientadores que estão realizando este estudo. Eles serão apresentados por meio de tese de doutorado, em congressos científicos, e por meio de publicação de artigo(s) em periódico(s) científico(s). Na sua publicação, os participantes não serão identificados e as imagens gravadas não serão divulgadas.

Durante a pesquisa, os senhores poderão se omitir a responder às questões, participar das observações, ou retirar seu consentimento, caso algo lhes traga qualquer tipo de constrangimento. Diante de dúvidas na sua realização (durante os anos de 2009 e 2010), esta pesquisadora estará disponível para esclarecimentos e orientações necessárias à família e, ao final do estudo, os senhores poderão ter acesso aos resultados e à síntese do mesmo.

Este termo de consentimento livre e esclarecido encontra-se redigido em duas vias, sendo uma para os senhores e outra para o pesquisador.

Concordo em ser participante deste projeto de pesquisa e autorizo que meu (minha) filho(a) participe.

Filho(a): \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

---

Sylvia Regina Carmo Magalhães Senna – Pesquisadora

Telefone para contato: (61) 33072625 – Ramal: 417, ou 32420031, ou 99479151

Endereço: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório de Desenvolvimento Familiar. Campus Universitário Darcy Ribeiro - Brasília-DF - CEP: 70.910-900

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – telefone: 33073799

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## ANEXO E

**QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR**Maria Auxiliadora Dessen<sup>4</sup>

Laboratório de Desenvolvimento Familiar - Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília-UnB

**I - IDENTIFICAÇÃO**

1. Família nº: \_\_\_\_\_

2. Residência: \_\_\_\_\_

3. Questionário respondido por:  mãe  pai

4. Aplicador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Início: \_\_\_hs \_\_\_min Término: \_\_\_hs \_\_\_min

**II – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS****1. União do casal:**a) Tipo:  casados  vivem juntos 1ª.  2ª.  3ª.  4ª ou +

b) Tempo juntos? (anos e meses) \_\_\_\_\_

**2. Ocupação atual dos pais:**

a) Pai:

- Tipo\*: - Tempo de serviço: \_\_\_\_\_ dias/sem 5 6 7- Horas/dia: 4 6 8 +8

b) Mãe:

- Tipo\*: - Tempo de serviço: \_\_\_\_\_ dias/sem 5 6 7- Horas/dia: 4 6 8 +8

\*[1.Serviços básicos; 2. Profissionais liberais; 3. Profissionais da educação; 4. Trabalho de casa; 5. Funcionário público; 6. Desempregado; 7. Aposentado; 8. Outros

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

<sup>4</sup> Instrumento adaptado de modelo utilizado em pesquisas do Laboratório de Desenvolvimento Familiar do Instituto de Psicologia, UnB (Dessen, 2009)

**3. Condição Econômica da Família:**

- a) Número de itens na família:  TV em cores     rádio     banheiro  automóvel  
 empregada mensalista  aspirador de pó  máquina de lavar  
 videocassete e/ou DVD  geladeira  freezer
- b) Renda familiar:  
Mãe: R\$ \_\_\_\_\_ Pai: R\$ \_\_\_\_\_ Outros \_\_\_\_\_ R\$ \_\_\_\_\_  
Total= R\$ \_\_\_\_\_ Em salários mínimos: \_\_\_\_\_

**4. Moradia:**

- a) Local:  área urbana  área rural     região administrativa \_\_\_\_\_ (especificar)  
b) Tempo na localidade? \_\_\_\_\_  
c) Informações adicionais: \_\_\_\_\_
- 
- d) Tipo de moradia:     casa     apartamento     outros \_\_\_\_\_  
e) Situação da moradia:  própria     alugada     funcional     outros

**5. Caracterização da família:**

- a) Número de pessoas na família: \_\_\_\_\_  
b) Outros habitantes na casa: \_\_\_\_\_

Nome (iniciais)	Sexo	Grau de parentesco (ordem)	Nacionalidade	Data de nascimento	Escolaridade

**6. Religião:**

- a) A família possui religião?     sim     não  
b) Tipo:  católica     evangélica     espírita     outras \_\_\_\_\_  
c) Frequência:  mensal     esporádica (pelo menos uma vez por ano)  
 quinzenal     semanal     não freqüenta

**III – ASPECTOS DA ROTINA FAMILIAR:**

- 1. Atividades da rotina familiar:** O que a família faz durante a semana?
- 2.**

<b>Dia/turno</b>	<b>2ª. feira</b>	<b>3ª. Feira</b>	<b>4ª.feira</b>	<b>5ª. feira</b>	<b>6ª. feira</b>	<b>sábado</b>	<b>domingo</b>
Manhã							
Tarde							
Noite							

T- todos; P-pai; M- mãe; F-filho(a). (Colocar a atividade e a legenda de quem participa ao lado).

Observações complementares: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**2. Divisão das tarefas de casa:** Que pessoas freqüentemente fazem as atividades abaixo?

<b>TAREFAS</b>	<b>M</b>	<b>P</b>	<b>F</b>	<b>A</b>	<b>O</b>
<i>Preparo da alimentação</i>					—
<i>Transporte para a escola</i>					
<i>Transporte para atividades extra-classe</i>					
<i>Transporte par a atividades de lazer (festas, shows, casas de amigos)</i>					
<i>Acompanhamento dos estudos/ reuniões escolares</i>					
<i>Limpeza da casa</i>					
<i>Lavar e guardar a louça</i>					
<i>Cuidado com as roupas: lavar e passar</i>					
<i>Compras</i>					
<i>Cuidado aos animais</i>					
<i>Orientações à empregada (os) nas tarefas domésticas</i>					
<i>Outras _____</i>					

P - pai; M - mãe; F - filho(a)(s); A - avós; O - outros.

**3. Cuidados dispensados aos filhos:** Seu filho ainda precisa de cuidados de alguém quando vocês não estão?  sim  não

a) Quem?  mãe  pai  irmãos  avô  avó  empregada  vizinhos  outros

b) Local:  própria residência  residência de outro cuidador  Outros \_\_\_\_\_

c) Tipo de atividade exercida com o filho: \_\_\_\_\_

**4. Atividades autônomas:** Que atividades seu filho desempenha sozinho?

arrumar sua cama arrumar seu quarto preparar uma refeição deveres de casa ir para escola telefonar para um parente/amigo anotar um recado ao telefone marcar um horário no dentista lavar suas roupas conversar com o professor sobre suas notas na escola ir ao shopping escolher uma roupa na loja pegar ônibus /metrô outros \_\_\_\_\_

**5. Atividades de lazer em família:** Quais atividades de lazer a família faz em conjunto?

ATIVIDADES DE LAZER	CONFIGURAÇÃO						FREQUÊNCIA			
	T	MF	PF	PM	FF	MFF	Sp.	Fr.	Ra.	Nc.
<i>TV, música, vídeo game e computador</i>										
<i>Esportivas</i>										
<i>Religiosas; missas e cultos em geral</i>										
<i>Estudo /trabalhos escolares</i>										
<i>Assistência à comunidade; trabalho voluntário</i>										
<i>Eventos sociais; festas e comemorações em geral</i>										
<i>Encontros com familiares / amigos</i>										
<i>Visitas a parentes</i>										
<i>Eventos culturais; cinema, teatro, exposições</i>										
<i>Encontros em locais públicos / alimentação</i>										
<i>Festas típicas</i>										
<i>Outros _____</i>										

T- todos, P-pai, M- mãe, F-filho(a).

Sp.- sempre; Fr.- frequentemente; Rr.- raramente; Nc.- nunca.

**6. Atividades de conversação em família:** Sobre o que os familiares conversam e com que frequência?

TEMA	CONFIGURAÇÃO						FREQUÊNCIA		
	T	PF	MF	PM	FF	A	Sp.	Fr.	Nc.
<i>Finanças: mesada, despesas</i>									
<i>Trabalho</i>									
<i>Rotina e tarefas de casa</i>									
<i>Rendimento acadêmico</i>									
<i>Amizades</i>									
<i>Higiene e saúde</i>									
<i>Religião</i>									
<i>Namoro e Sexo</i>									
<i>Bebida/drogas</i>									
<i>Horários: de chegar, dormir</i>									
<i>Modo de vestir</i>									
<i>Lazer e férias</i>									
<i>Outros: _____</i>									

T- todos, P-pai, M- mãe, F-filho(a). Sp.- sempre; Fr.- frequentemente; Nc.- nunca.

Observações complementares: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

#### IV) ASPECTOS DA HISTÓRIA DE VIDA DO ADOLESCENTE FOCO

- 1. Eventos na história de vida** do adolescente alvo e período de ocorrência: Há eventos na história de vida do adolescente-foco que você(s) acha(m) importante? Quando ocorreram?

EVENTO	0-2a	3-6a	6-11a	Nunca
<i>Mudança de escola</i>				
<i>Repetência/ suspensão na escola</i>				
<i>Agressão em: (a) família: _____; (b) pares; (c) vizinhança; (d) escola; (e) outros: _____</i>				
<i>Agressão por parte do adolescente</i>				
<i>Mudança de cidade</i>				
<i>Mãe começa a trabalhar fora</i>				
<i>Perda de emprego (especificar) _____.</i>				
<i>Problemas financeiros</i>				
<i>Hospitalização/enfermidades: (a)do adolescente; (b) família; (c) pares; (d) vizinhança; (e) escola. _____</i>				
<i>Mortes: _____</i>				
<i>Brigas/ separações entre os pais</i>				
<i>Consumo de álcool e drogas</i>				
<i>Violação de leis: _____</i>				
<i>Novo morador na casa (parente ou amigo) _____</i>				
<i>Outras experiências de impacto: _____</i>				

Observações complementares: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO F

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**PAIS E MÃES (SEPARADAMENTE)<sup>5</sup>**

**Data de realização:** \_\_\_\_\_

**Início \_\_\_\_\_ e término da entrevista:** \_\_\_\_\_

**Identificação**

Nome: \_\_\_\_\_ ( ) pai ( ) mãe

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Empregado\*: ( ) sim ( ) não No. de horas de trabalho/dia\* ( )4 ( )6 ( )8 ( )+8

No. de dias/semana\* ( )5 ( )6 ( ) mais

Obs. \* Dados a serem respondidos caso não tenham sido esclarecidos no questionário.

**PARTE 1 – Concepções de Família e Adolescência**

**A. Concepções de família:**

1. Conte-me como você cresceu em sua família? Que fatos você considera importantes? Do que você se lembra?
2. Na sua opinião, o que é uma família para você?
3. Como você vê a sua família, hoje?

**B. Concepções de adolescência:**

4. Você se lembra de sua adolescência? Como foi a sua adolescência? Você teve alguma experiência que considera marcante? (Exemplificar, caso necessário: amizades, rebeldia, autonomia, indisciplina).
5. O que é ser adolescente para você?
6. Há diferenças na adolescência de hoje para aquela que você viveu? Quais?
7. Você considera o(a) seu(sua) filho(a); (a) criança; (b) pré-adolescente; ou (c) adolescente?

---

<sup>5</sup> Algumas questões deste roteiro não foram analisadas neste estudo.

## **PARTE 2 – O /A Adolescente e sua Trajetória de Desenvolvimento**

8. Agora, fale-me sobre a história de vida e desenvolvimento do(a) seu(sua) filho(a). Há aspectos/eventos relevantes que você gostaria de destacar? (Esclarecer dados do questionário, se necessário).

9. Fale-me um pouco sobre o(a) seu(sua) filho(a) e seus relacionamentos na infância.

(a) Como era o relacionamento dele(a) em família?

(a) Ele(a) tinha amiguinhos? Na vizinhança? Na escola?

(c) Do que gostavam de brincar? Quem escolhia as brincadeiras? Os amigos aceitavam quando ele(a) escolhia? E ele(a), aceitava a opinião dos outros?

10. Ao longo desses anos, você percebeu alguma mudança no(a) seu(sua) filho(a), por exemplo, com relação à:

(a) coisas que ele tem liberdade para fazer agora (independência)? (ex. sair)

(b) coisas que ele consegue fazer sozinho, sem ajuda (autonomia)? (ex. uma refeição).

(c) coisas que ele faz sem ninguém mandar (iniciativa)?(ex. dever)

(d) coisas que ele quer e pensa, e pode expressar (autonomia)? (ex. opinião sobre um programa na TV)

(e) coisas que ele precisa resolver e negociar sozinho, quando existe algum problema com outras pessoas? (ex. sobre uma nota, com o professor)

11. Como você imagina que o(a) seu(sua) filho(a) vai estar no próximo ano? Você acha que vai acontecer alguma mudança? Quais?

12. E como você o(a) imagina quando for adulto?

## **PARTE 3 - A Relação Marital**

### **A. Trajetória de vida do casal:**

13. Agora, conte-me sobre a história de vida do casal. (Como se conheceram, se escolheram, e decidiram ficar juntos/ se casar?)

### **B. Aspectos da vida atual do casal:**

(a) Percepção interpessoal e satisfação:

14. Fale-me sobre seu relacionamento atual com seu(sua) parceiro(a). (Como você vê e sente a sua relação?)

15. Que aspectos você considera positivos na relação? O que lhe incomoda?

(b) Modo de vida:

16. Quanto tempo você e seu(sua) parceiro(a) passam juntos durante a semana?

17. Que atividades vocês fazem juntos? (atividades sociais, hobbies)

18. Em casa, como se dá a divisão das tarefas domésticas?

(c) Conflito e solução de problemas:

19. Quando vocês discordam sobre alguma coisa, como vocês lidam com isso?

20. Vocês encontram uma solução satisfatória para ambos? Como? Dê exemplos.

### **C. Expectativas futuras:**

21. Como você imagina que vai ser a sua vida conjugal no futuro? Você espera que ocorram mudanças? Quais?

## **PARTE 4 - A Relação Parental: Práticas, Conflitos e Negociações**

22. Com relação à criação que você recebeu, como você foi tratado por seus próprios pais quando você era criança e adolescente?

23. O que você considera importante na criação/educação de seu(sua) filho(a) adolescente? (ideal da educação).

24. Você usa com seu(sua) filho(a) as mesmas estratégias com que foi criado por sua família de origem?

25. Quais são as práticas adotadas por vocês na criação do seu(sua) filho(a)? Vocês discordam em algum ponto?

26. Você impõe limites para educar seu filho(a)? Quais? Quem estabelece esses limites? Quem cobra essas regras? Dê-me um exemplo de como isso acontece.

27. Quando há divergências entre você e o seu(sua) filho(a), como você reage? E seu filho(a)? Dê exemplos do tipo de divergências e reações.

28. Vocês encontram alguma solução satisfatória para essas divergências? Como? Dê um exemplo.

29. Você acha que o tipo de relação que você mantém com seu filho vai mudar no futuro? Se sim, em que/como? Quando você espera que isso aconteça?

## **PARTE 5- Inter-relações da Relação Parental e Conjugal**

30. Vocês são ambos, um casal e pais, ao mesmo tempo. Você acha que o modo de educar e de lidar com seu(sua) filho(a) influencia a sua relação conjugal? Dê um exemplo de como isto acontece.

31. E, ao contrário, você acha que seu relacionamento com seu(sua) esposo(a) influencia no seu modo de ser com seu(sua) filho(a)? Explique.

32. Como você acha que seria sua relação com sua esposa se vocês não tivessem filhos?

33. Como você acha que seria sua relação com seu filho, se vocês fossem separados?

**PARTE 6 – Vida em Família**

34. Como você se sente em relação ao modo de vida que vocês têm na família? Como você gostaria que fosse? (No caso de não se sentir bem na situação).

35. Você está satisfeito com as atividades que vocês compartilham em família e o tempo que passam juntos?

36. Como você imagina a sua família no futuro?

## ANEXO G

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**  
**(ADOLESCENTE)<sup>6</sup>**

**Data de realização:** \_\_\_\_\_

**Início** \_\_\_\_\_ **e término da entrevista:** \_\_\_\_\_

**Identificação**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

**PARTE 1 – Concepções de Família e Adolescência**

**A. Concepção de família:**

1. Conte-me sobre sua história de vida: como você foi gerado, nasceu, cresceu, sua infância até hoje. (O que você se lembra? O que foi importante? Você gostou?)
2. Na sua opinião, o que significa “família” para você?
3. E a sua família, como é? Como você poderia descrevê-la?

**B. Concepção de adolescência:**

4. Esta pesquisa trata da adolescência nas famílias. O que é ser adolescente para você?
5. Que coisas você acha que são diferentes da infância?
6. Você se considera: (a) criança; (b) pré-adolescente; ou (c) adolescente?

**PARTE 2 – Sobre Si Mesmo e sua Trajetória de Desenvolvimento**

7. Agora, me fale sobre seus relacionamentos. Quando você era pequeno,
  - (a) Como era seu relacionamento com sua família?
  - (b) Você tinha amiguinhos? Na vizinhança? Na escola?
  - (c) Do que gostavam de brincar? Quem escolhia as brincadeiras? Os amigos aceitavam quando você escolhia? E você, aceitava a opinião dos outros?

---

<sup>6</sup> Algumas questões deste roteiro não foram analisadas neste estudo.

8. Ao longo desses anos, você acha que aconteceu alguma mudança na sua maneira de ser, por exemplo, com relação à:

- (a) coisas que você tem liberdade para fazer agora (independência)? (ex. sair)
- (b) coisas que você consegue fazer sozinho, sem ajuda (autonomia)? (ex. refeição).
- (c) coisas que você faz sem ninguém mandar (iniciativa)?(ex. dever)
- (d) coisas que você quer e pensa e pode dizer (autonomia)? (ex. opinião sobre um programa na TV)
- (e) coisas que precisa resolver e negociar, quando existe algum problema com outras pessoas? (ex. sobre uma nota, com o professor)

9. Pense em você no próximo ano. Você acha que vai acontecer alguma mudança? Quais?

10. E como você se imagina quando for adulto?

### **PARTE 3 - A Relação Marital dos Pais**

#### **A. Trajetória de vida dos pais enquanto casal:**

11. Agora vamos conversar sobre o casal. O que você sabe sobre a história de vida dos seus pais enquanto casal? (Como se conheceram e resolveram ficar juntos/ se casar?)

#### **B. Aspectos do relacionamento dos pais como casal:**

12. Como você vê o relacionamento dos seus pais? Você acha que eles combinam? Explique.

13. Quando seus pais se desentendem/ discordam de alguma coisa, é por que motivos? O que acontece? Como eles lidam com isso?

14. Eles procuram encontrar uma solução? De que forma? Dê exemplos.

#### **C. Expectativas futuras:**

15. Como você imagina que vai ser o futuro do casal? Você acha que vai mudar alguma coisa? O que?

### **PARTE 4 – A Relação Parental: Práticas, Conflitos e Negociações**

16. Como você acha que os pais, em geral, deveriam educar seus filhos? (ideal de educação)

17. Na sua casa, como seus pais têm educado você(s)?

18. Na sua casa, seus pais colocam limites para os filhos? Quais? Quem diz o que tem que ser feito? Quem cobra/ exige? Dê-me um exemplo de como isso acontece.

19. Quando você e os seus pais não concordam com alguma coisa, isso acontece por que motivos? Como você reage? Como seus pais reagem? Dê exemplos.

20. Vocês conseguem encontrar uma solução boa para os dois lados? Como? Dê um exemplo.
21. Você acha que o tipo de relação que você tem com seus pais vai mudar no futuro? Se sim, em que/como? Quando você espera que isso aconteça?

**PARTE 5 - Inter-relações da Relação Parental e a Conjugal:**

22. Vocês formam uma família, onde uns interagem com os outros. Você acha que seu relacionamento com seus pais atrapalha ou ajuda o relacionamento deles dois como casal? Explique.
23. Você acha que o relacionamento dos seus pais, como casal, atrapalha ou ajuda o relacionamento deles com você? Explique.
24. Como você acha que seria a relação entre os seus pais se eles não tivessem filhos?
25. Como você acha que seria a relação entre você e seus pais se eles fossem separados/divorciados?

**PARTE 6 - Vida em Família**

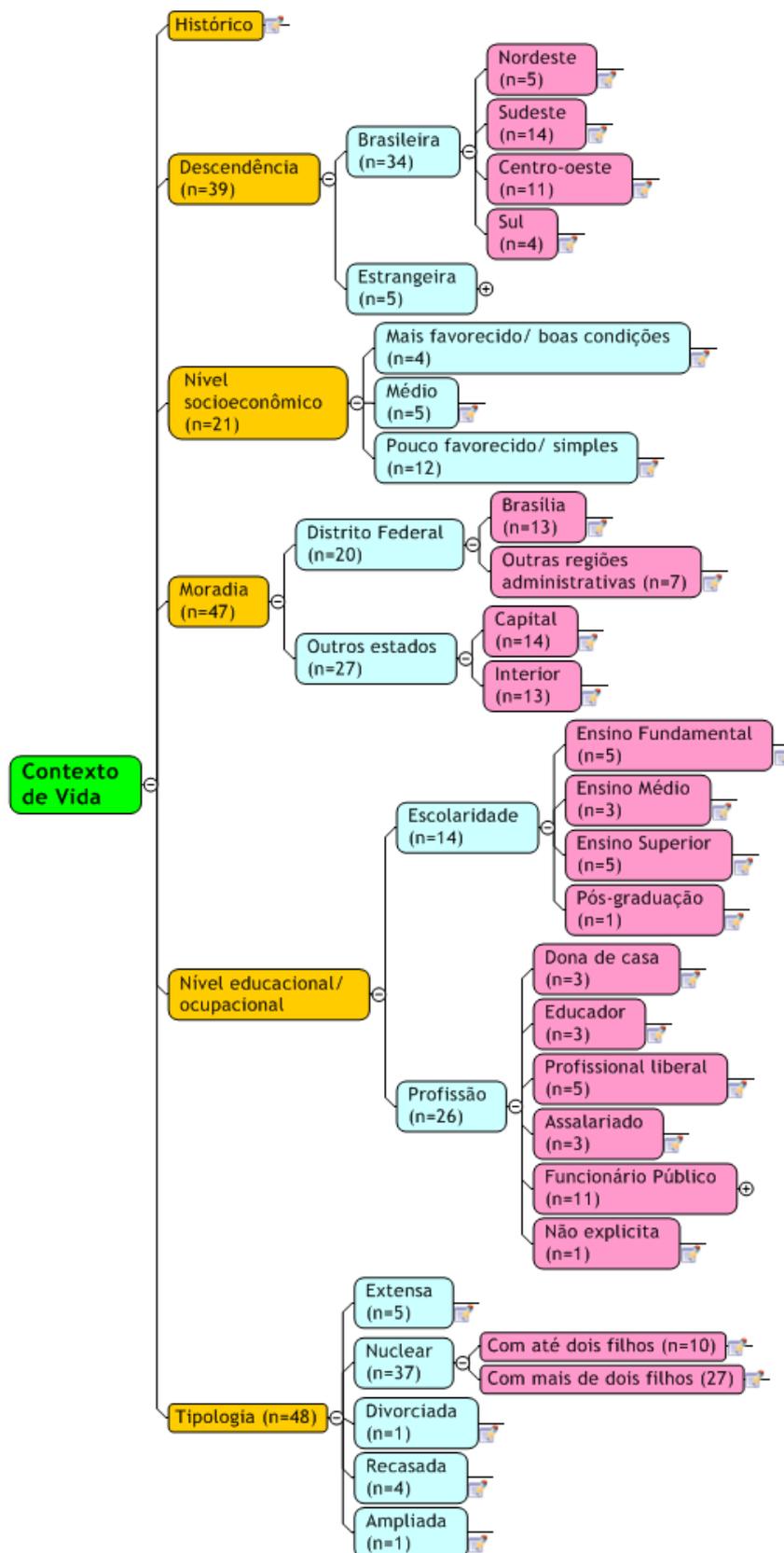
26. Você está satisfeito com a sua vida em família? (Tempo e atividades que fazem juntos) Em que aspectos? Por quê?
27. Como você gostaria que fosse a vida em família?
28. Como você vê a sua família no futuro?

**ANEXO H****QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO CLIMA FAMILIAR**

1. Os membros da minha família estão felizes com a forma como vivemos.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
2. Em minha família, costumamos conversar sobre as coisas que cada um faz durante o dia.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
3. As pessoas da minha família costumam brigar e gritar umas com as outras.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
4. Costumamos demonstrar nossos sentimentos e emoções, em minha família.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
5. Os membros da minha família se sentem próximos uns dos outros.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
6. Meus familiares são capazes de expressar livremente seus medos e preocupações.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
7. As pessoas em minha família gostam de passar o tempo juntas.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
8. Na minha família, nos sentimos à vontade para expressar nossas opiniões, mesmo que elas não sejam compatíveis com /iguais às dos outros.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
9. Meus familiares costumam criticar uns aos outros de forma negativa.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
10. Em minha família, as coisas são harmônicas e pacíficas.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
11. Os membros de minha família estão sempre prontos para ajudar e apoiar uns aos outros.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro
12. Em minha família, nós nos amamos e nos sentimos amados.  
 verdadeiro       parcialmente verdadeiro       não-verdadeiro

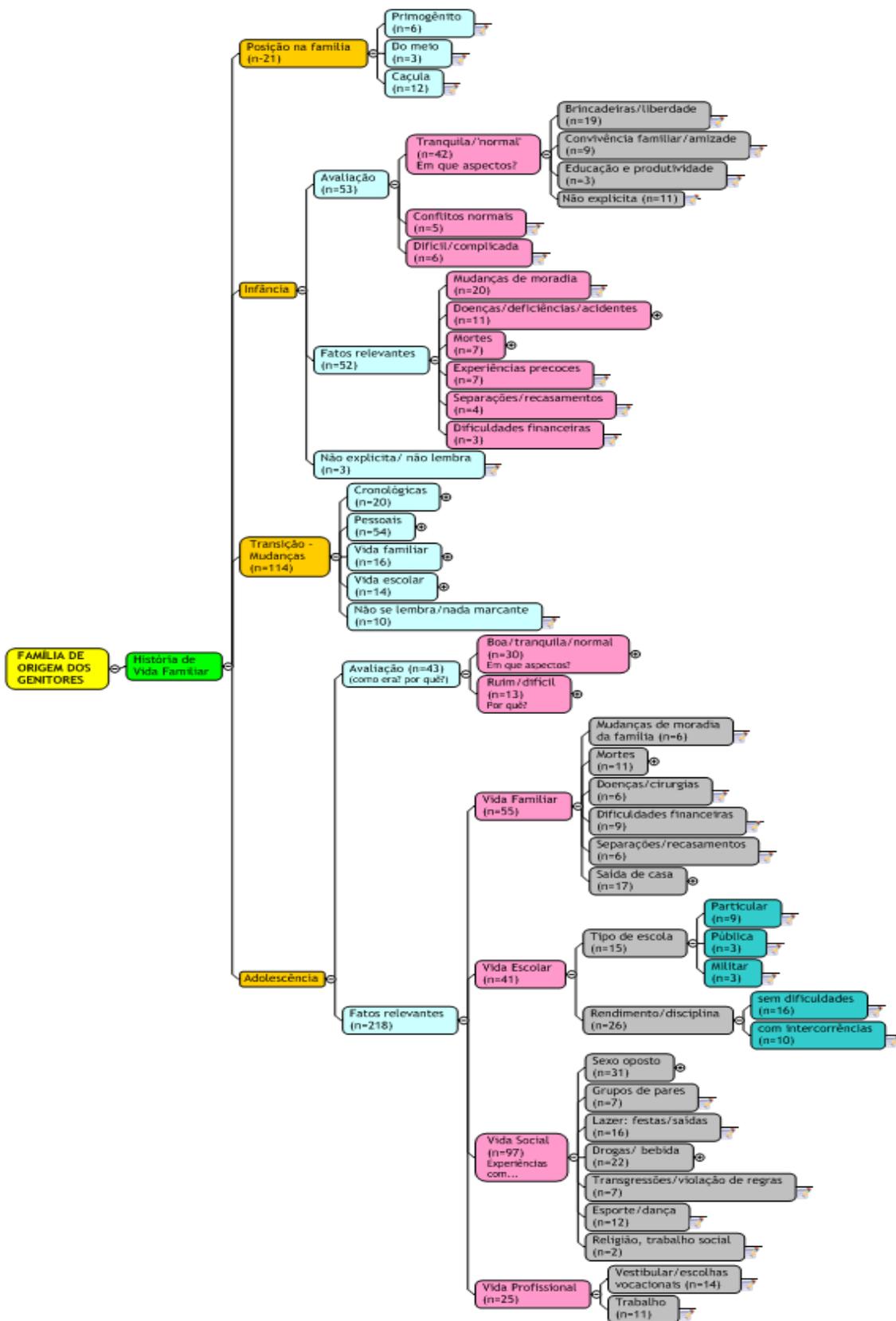
## ANEXO I

## Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem – Contexto de Vida



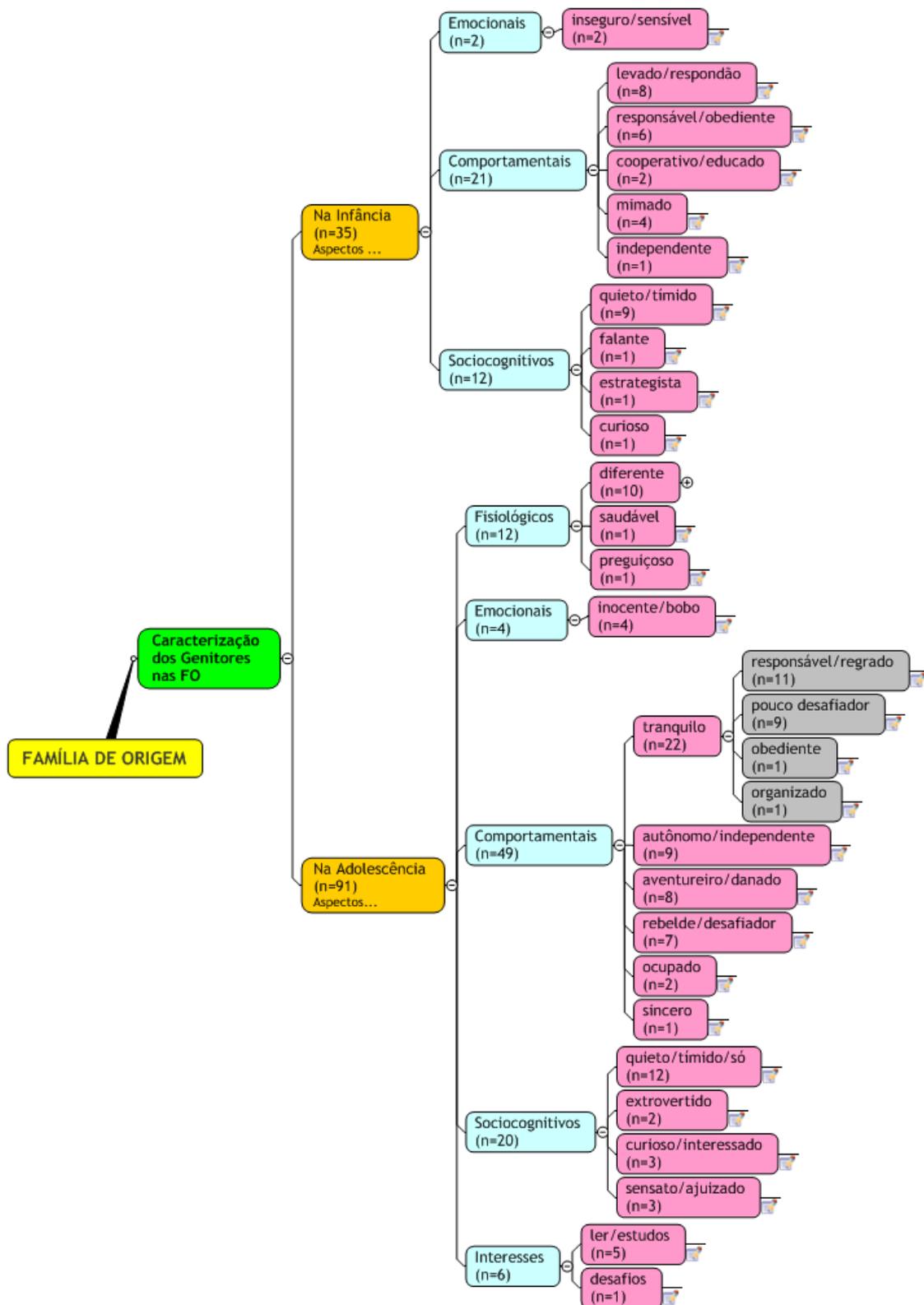
ANEXO J

Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem – História de Vida



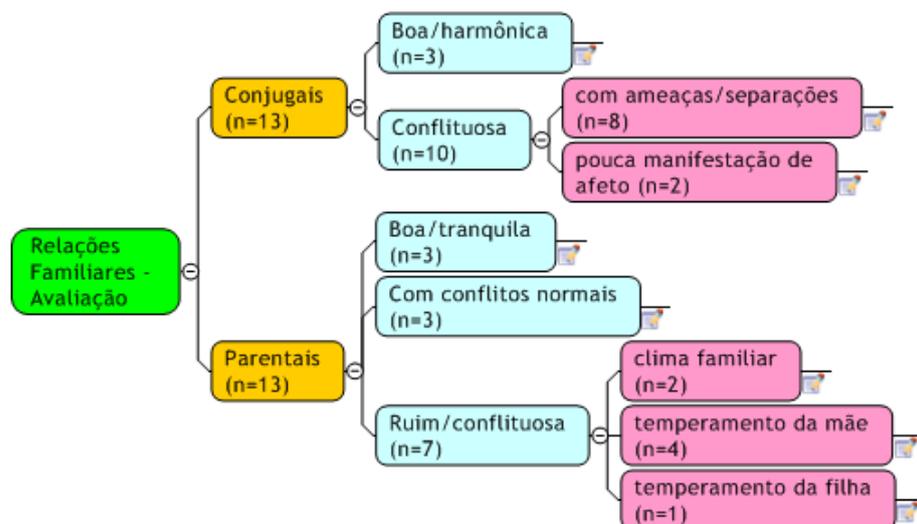
ANEXO K

Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem – Caracterização do Genitor



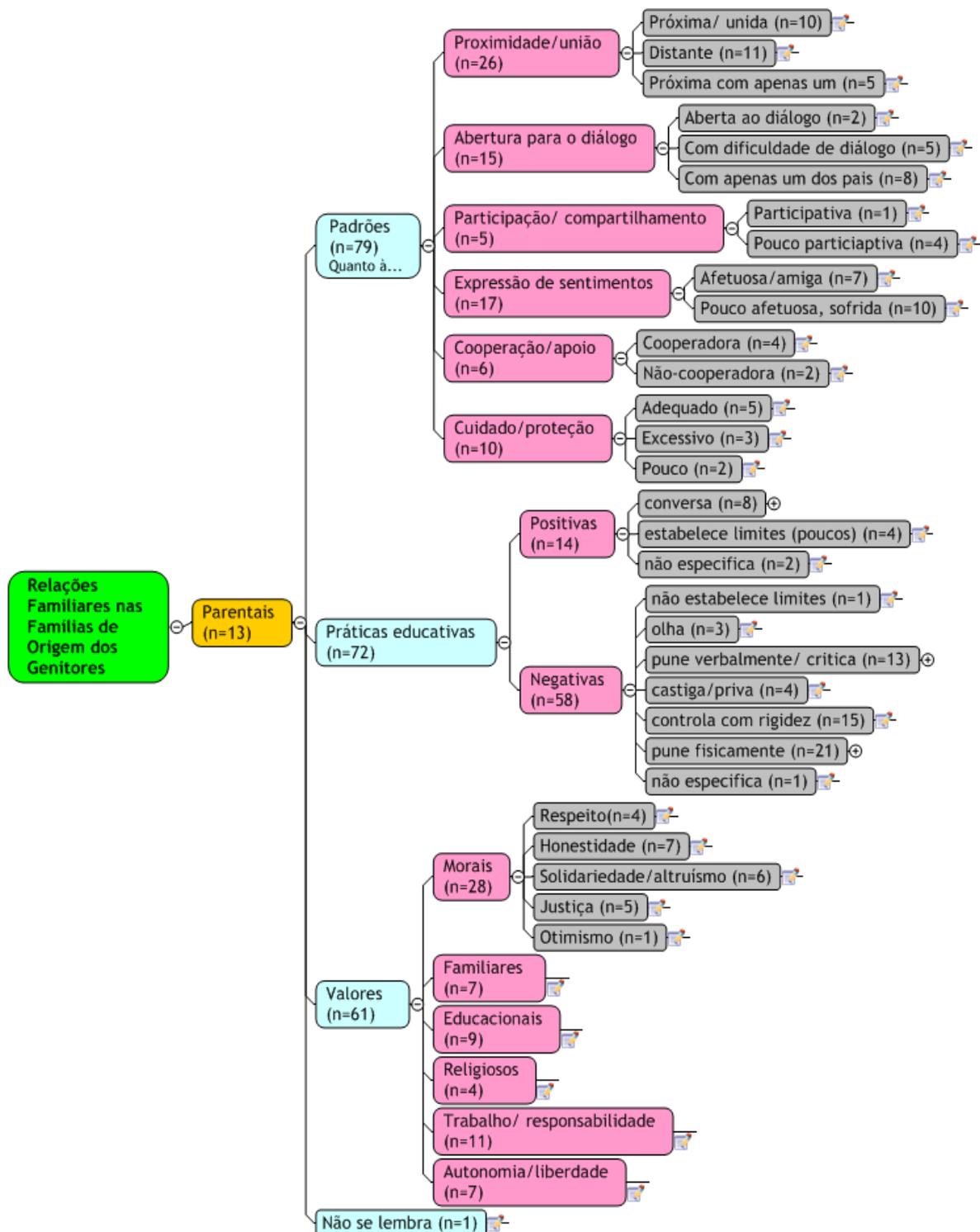
## ANEXO L

Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem – Avaliação das Relações Familiares



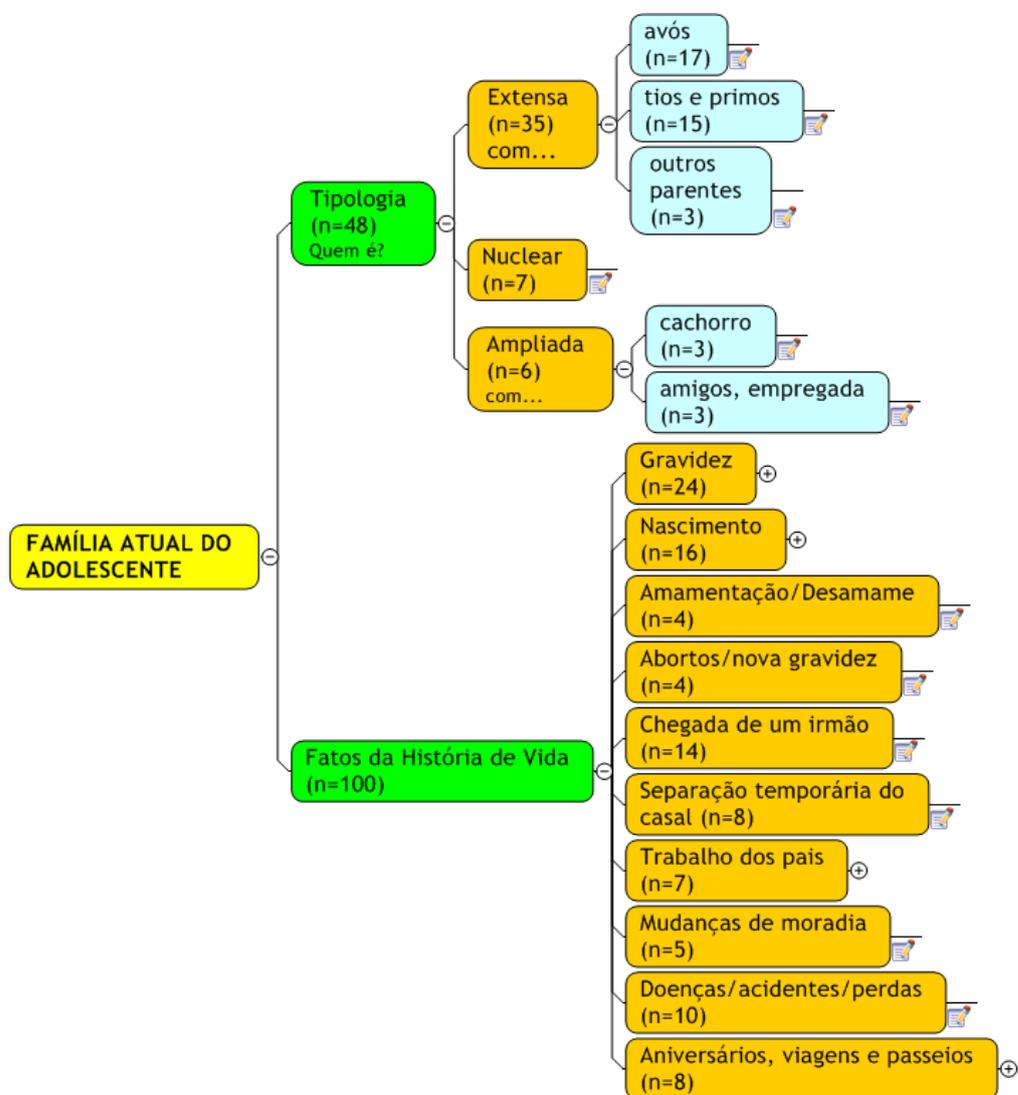
## ANEXO M

## Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias de Origem – Relações Parentais



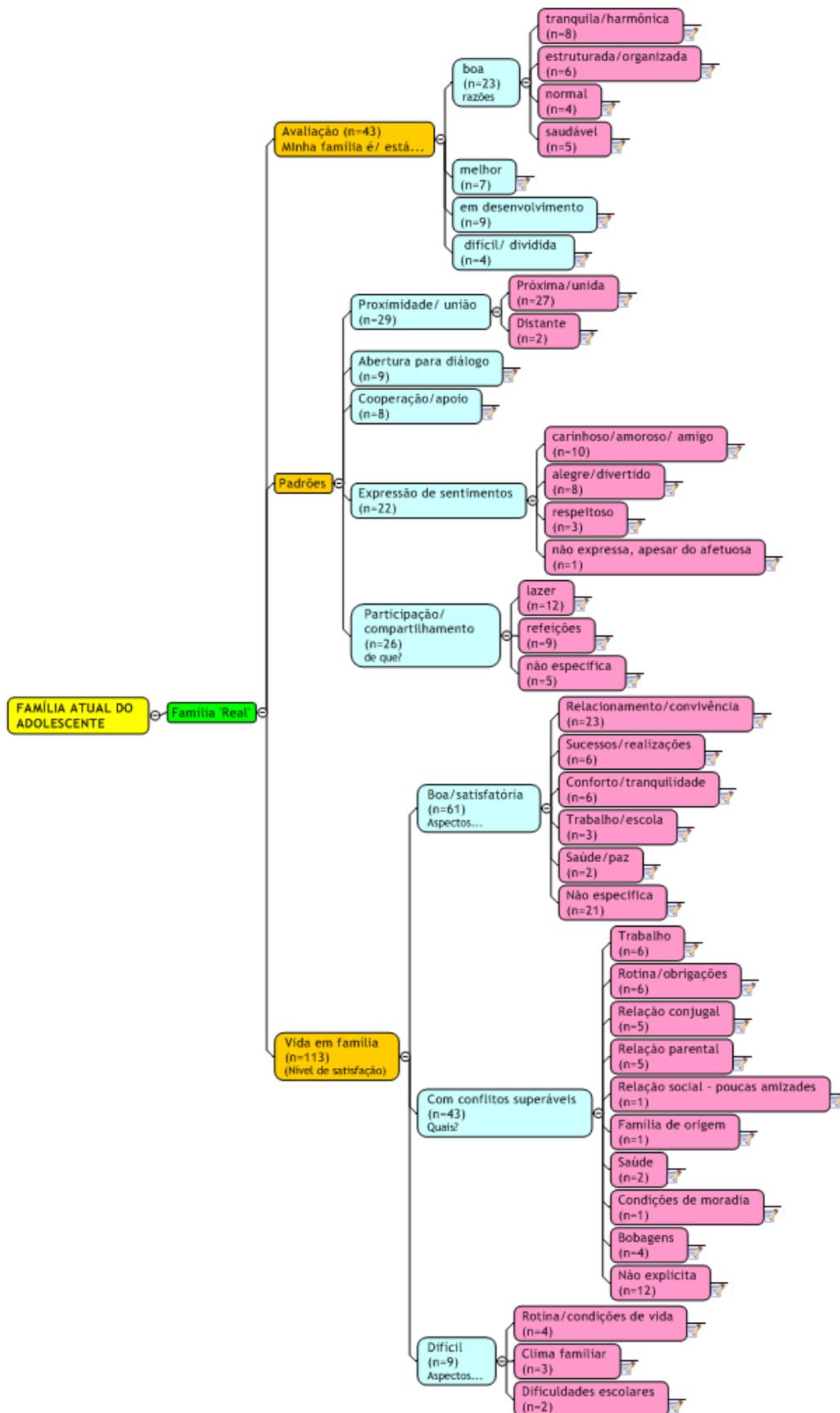
## ANEXO N

## Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais – Tipologia e Fatos Relevantes



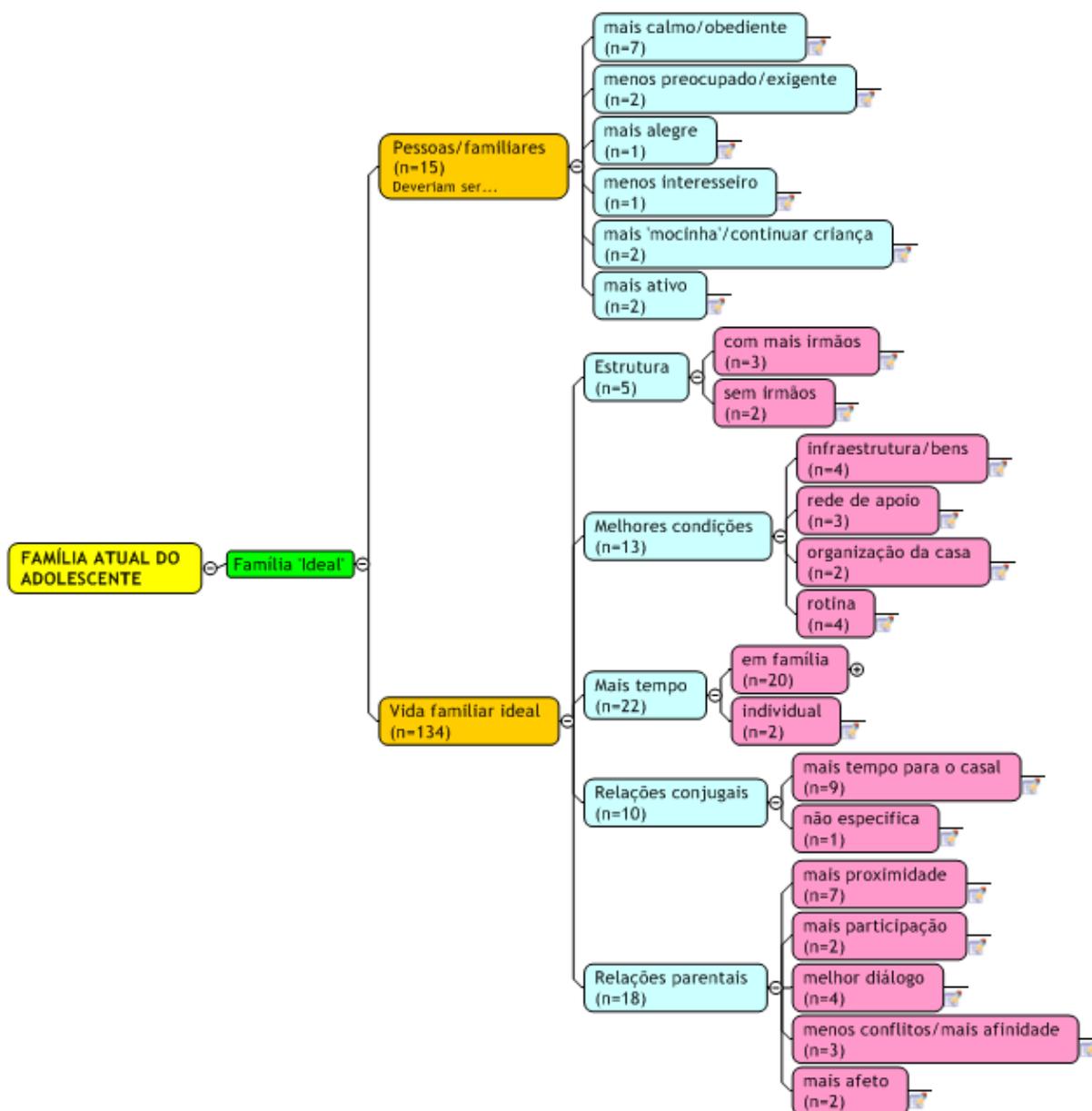
ANEXO O

Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais – Família “Real”



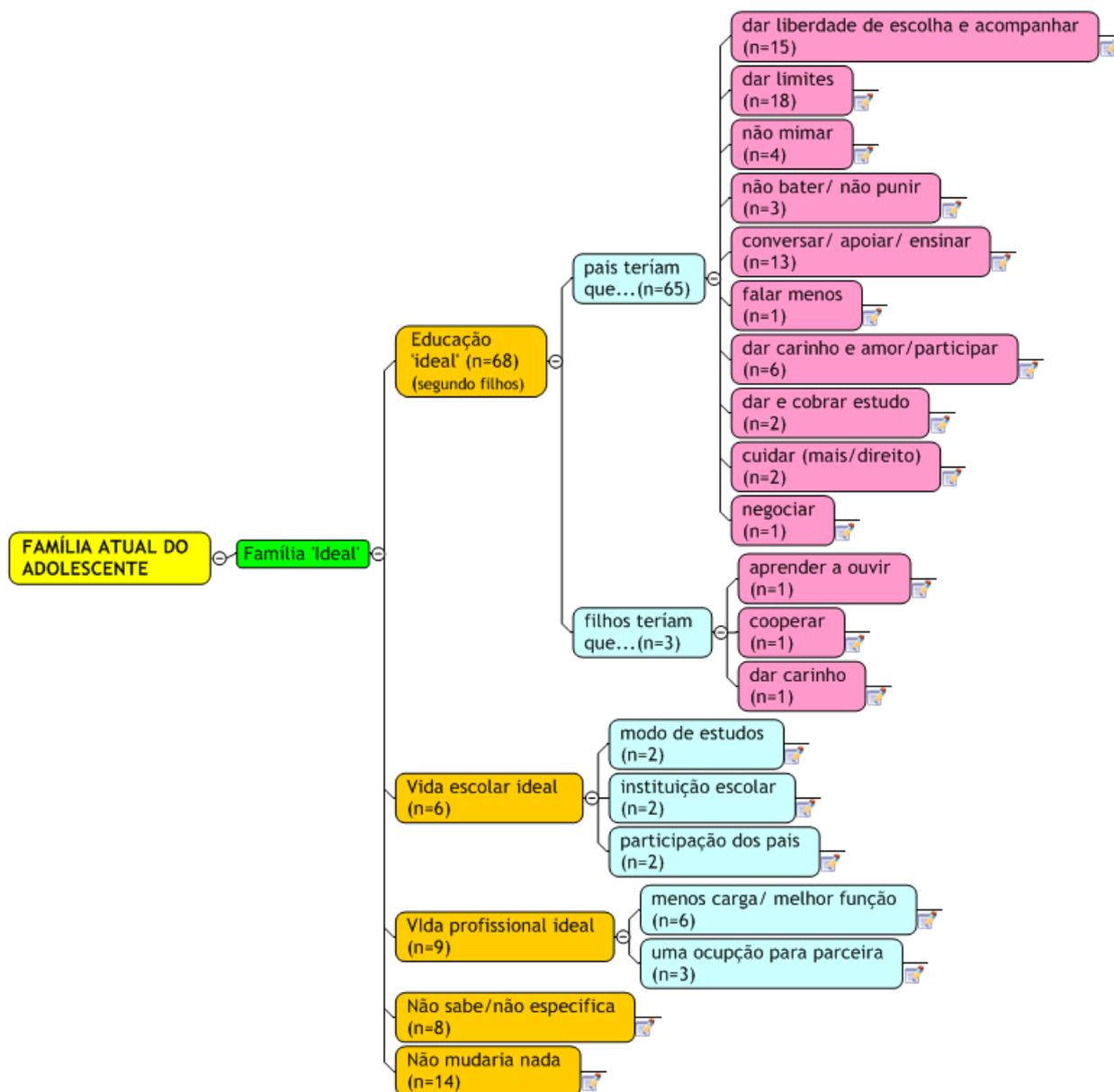
ANEXO P

Sistema de Categorias: Caracterização das Famílias Atuais – Família “Ideal” (1)



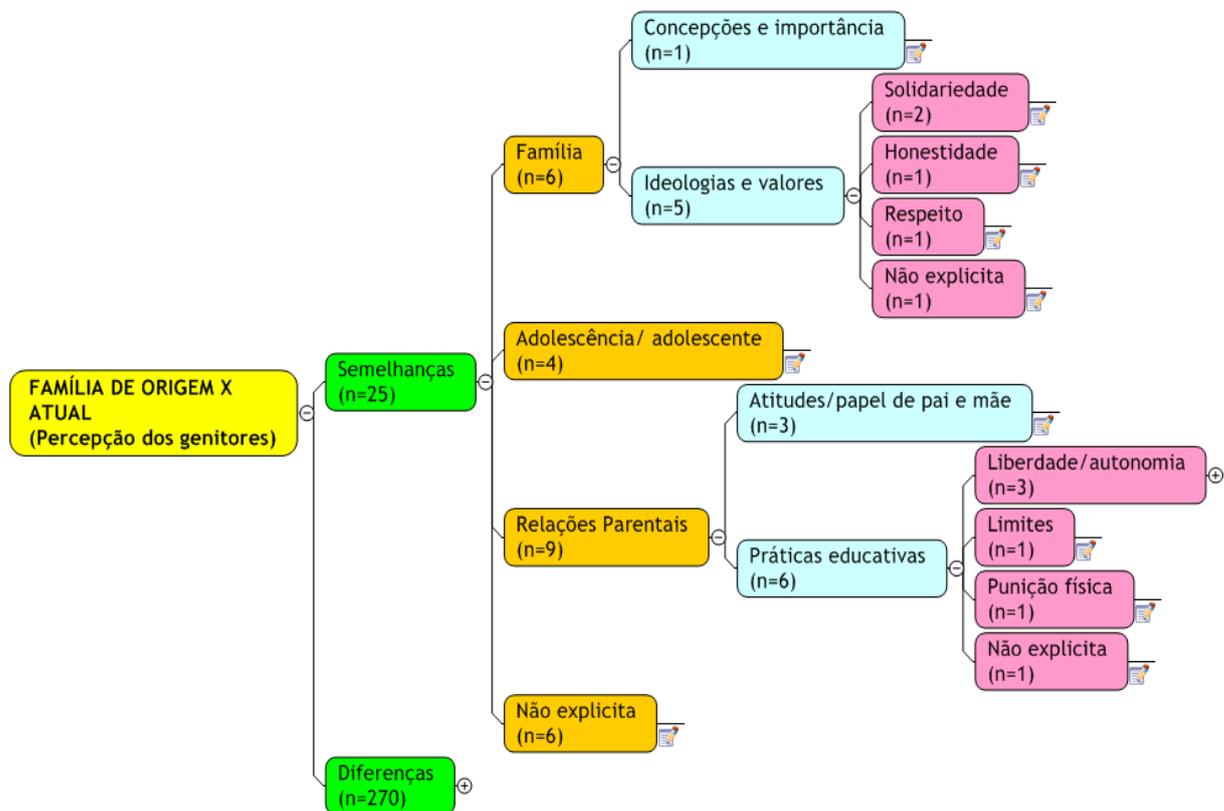
## ANEXO Q

## Sistema de Categorias – Caracterização das Famílias Atuais – Família “Ideal” (2)



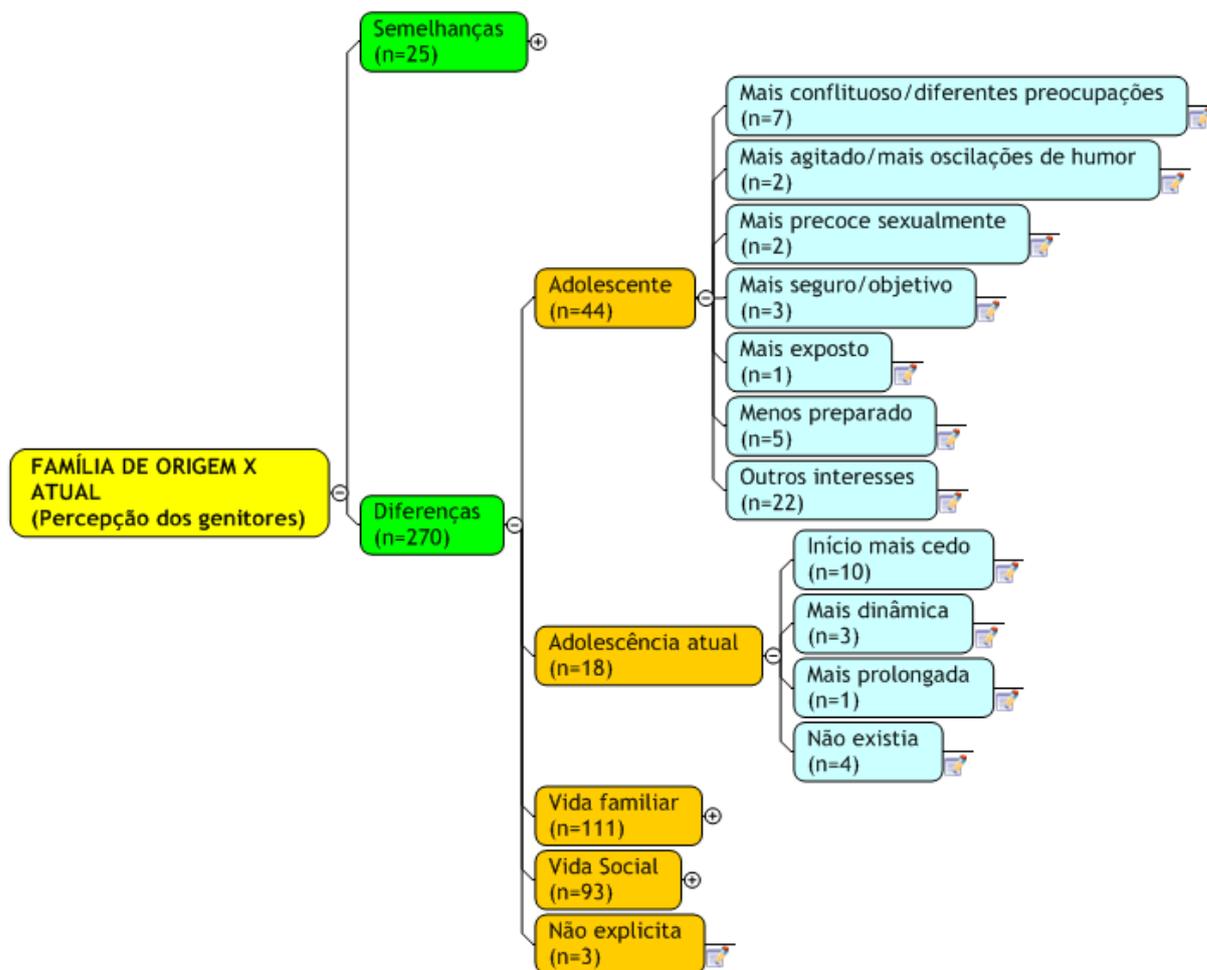
## ANEXO R

## Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais – Semelhanças



## ANEXO S

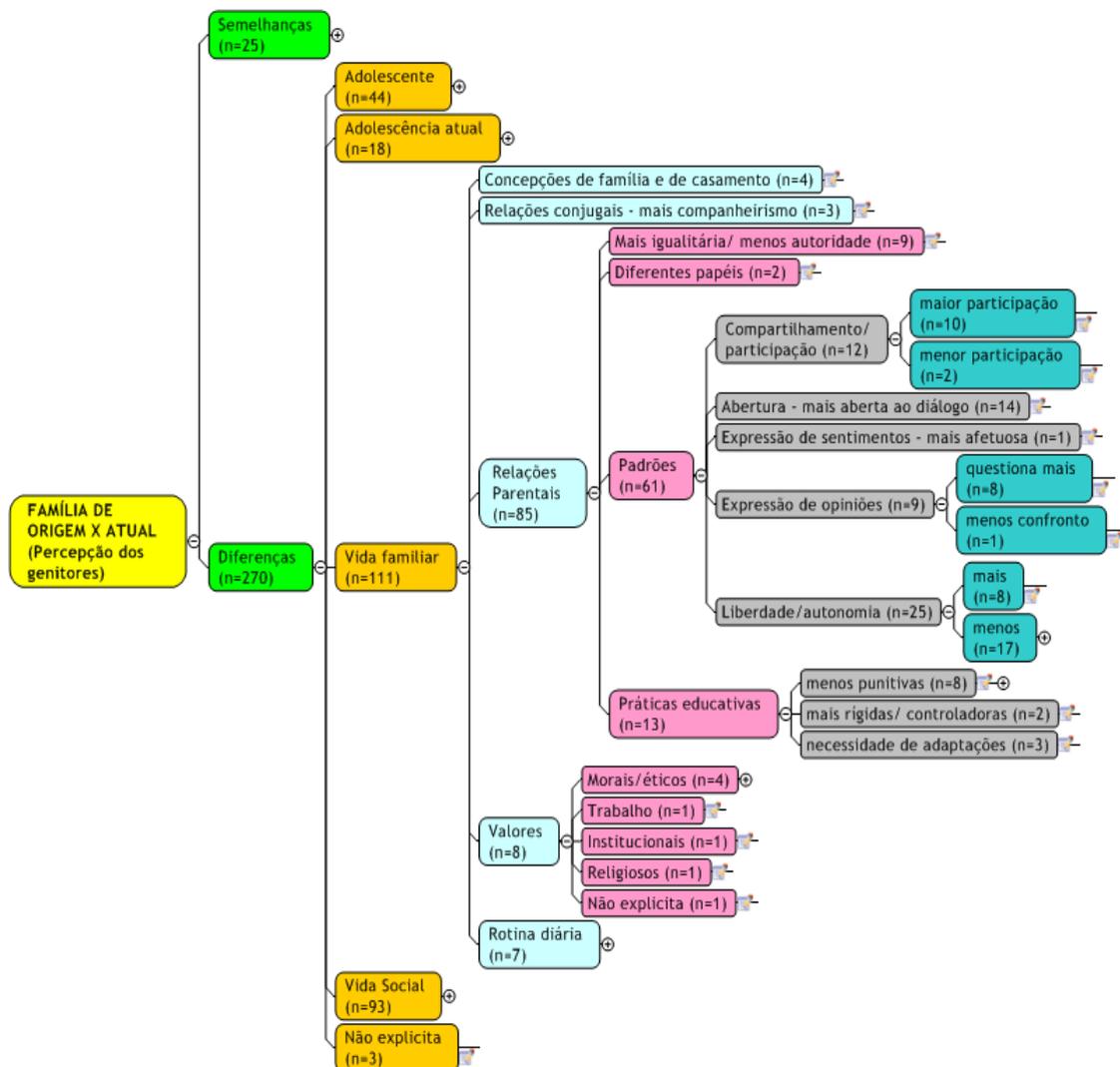
Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais – Diferenças (1) -  
Adolescente e Adolescência



## ANEXO T

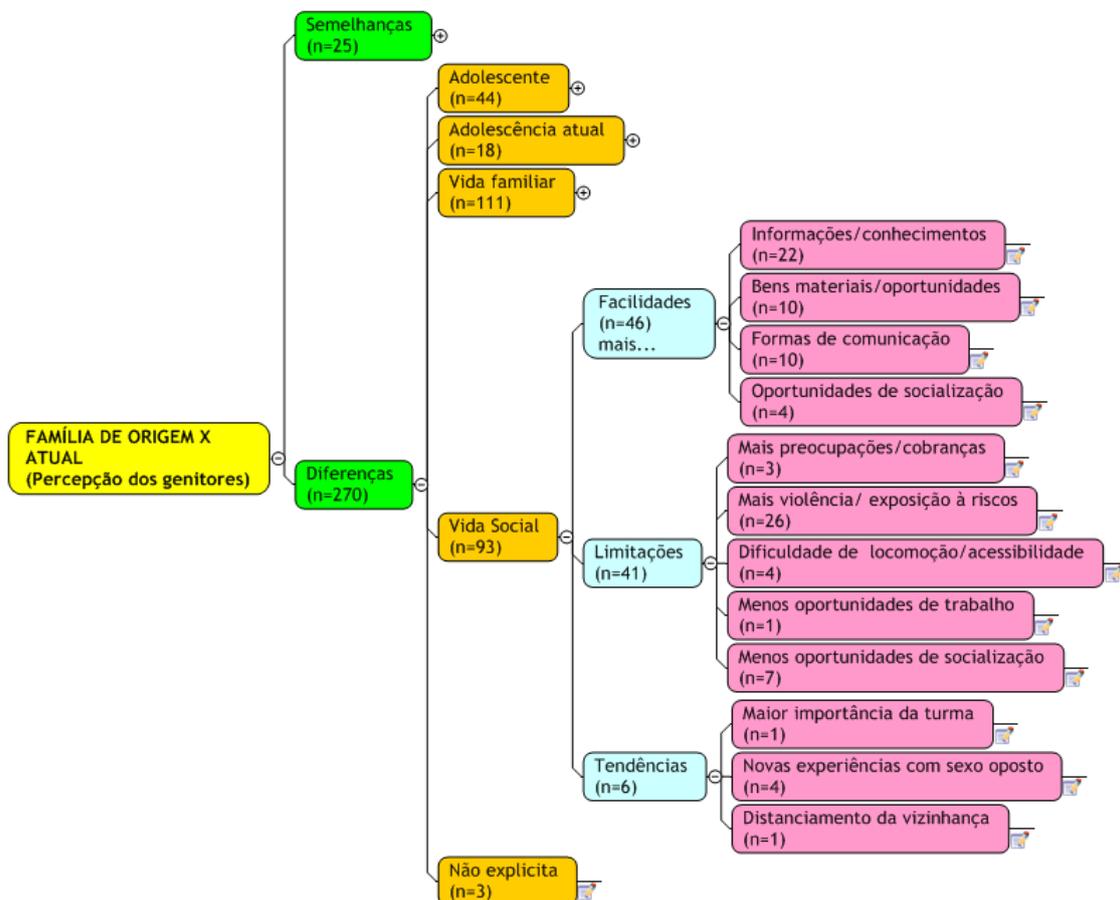
## Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais – Diferenças (2)

## - Vida Familiar



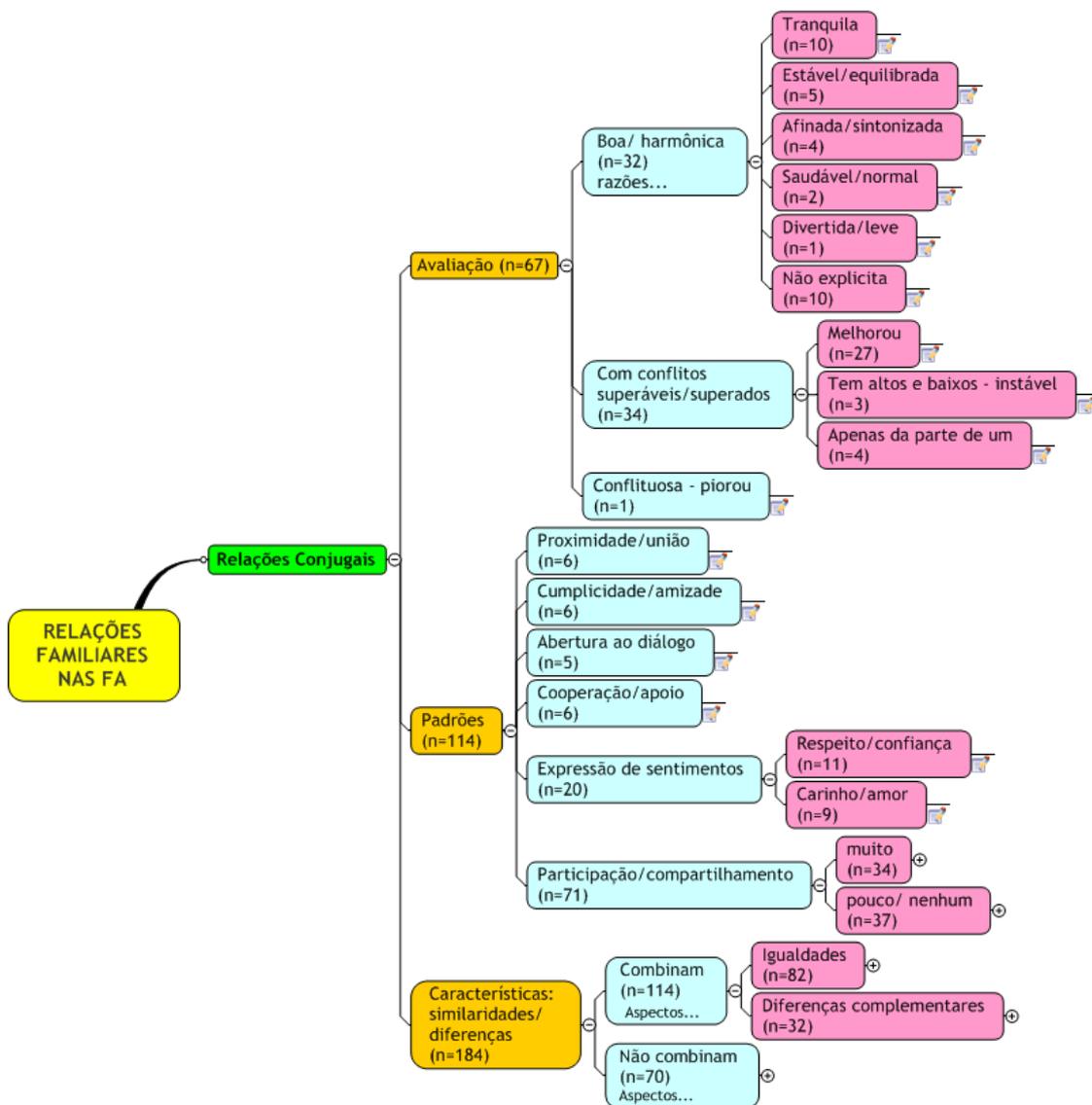
## ANEXO U

## Sistema de Categorias: Famílias de Origem X Famílias Atuais – Diferenças (3) - Vida Social



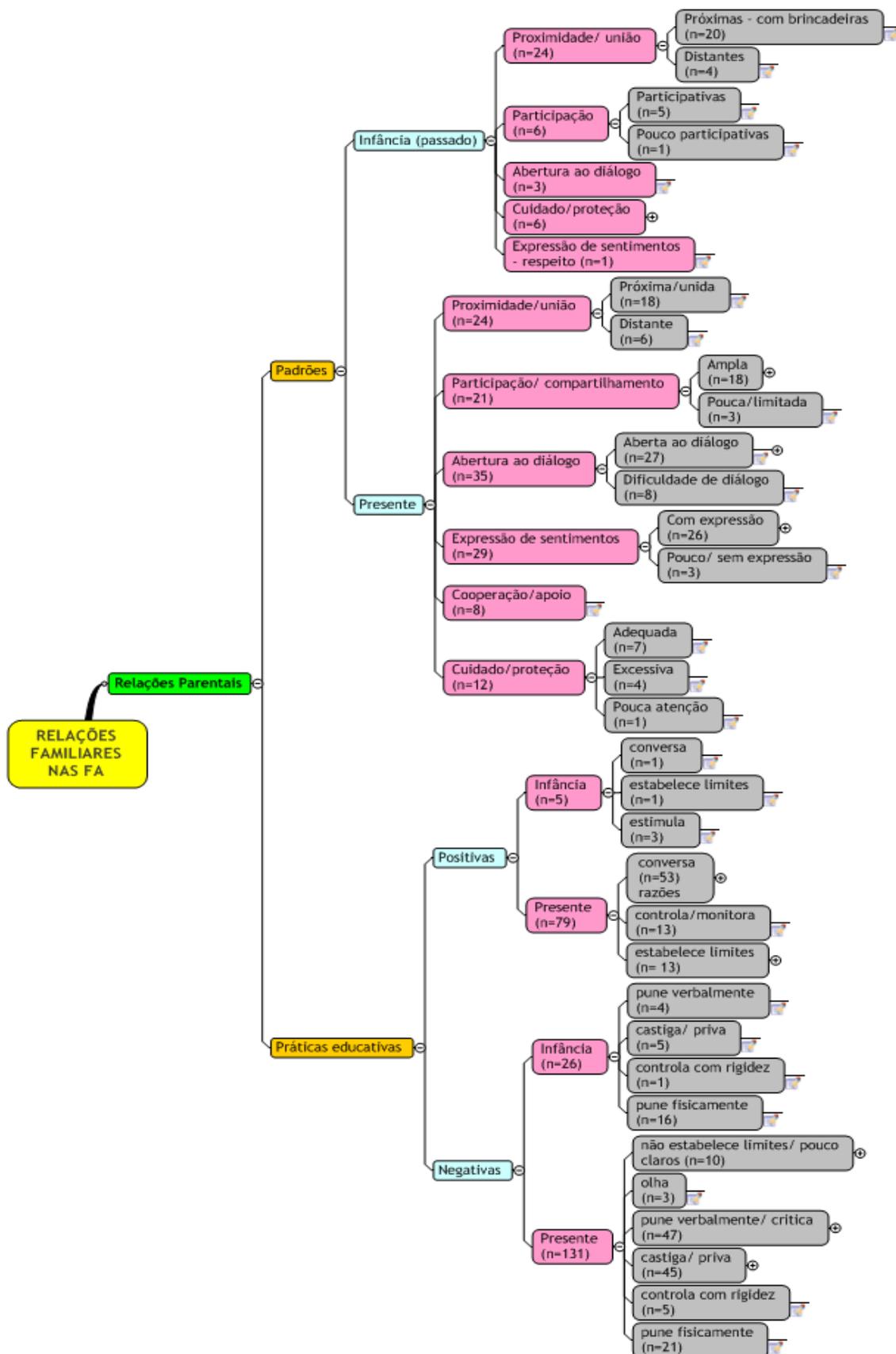
ANEXO V

Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais – Relações Conjugais



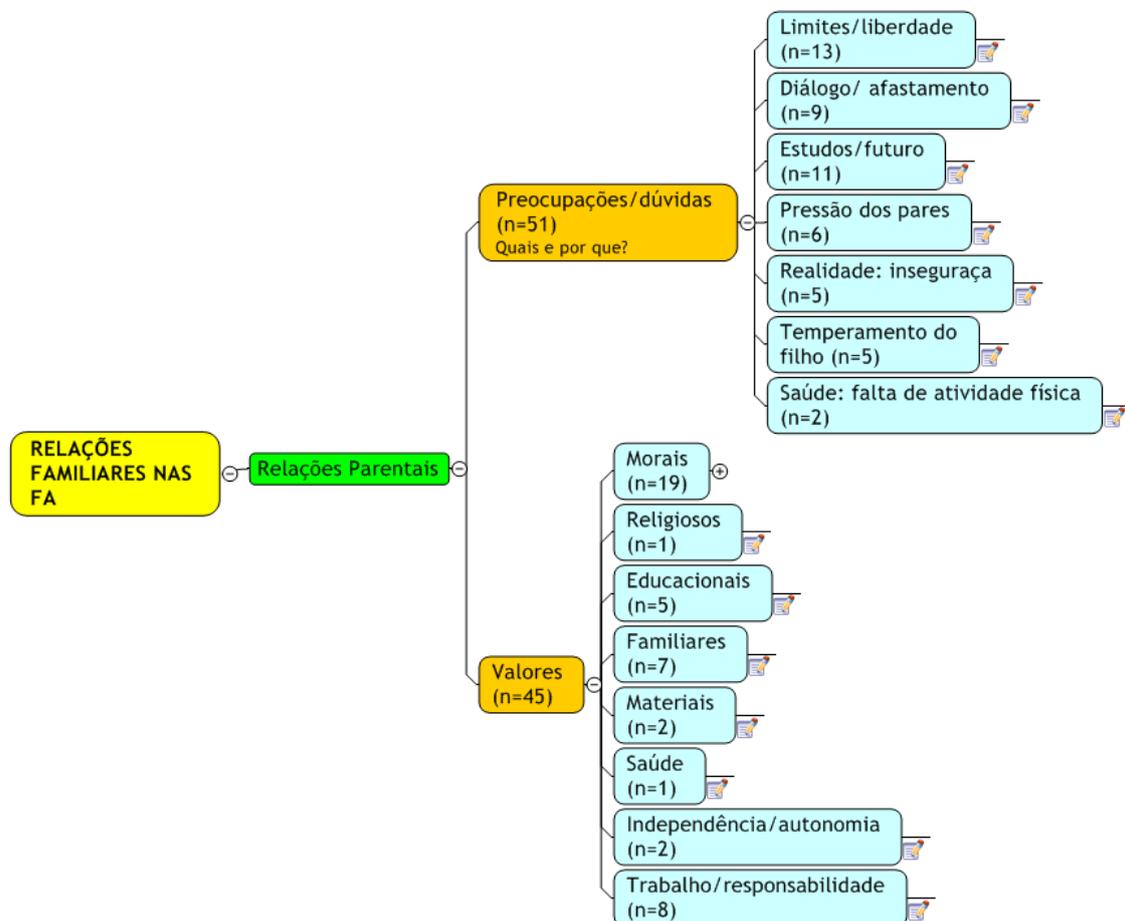
ANEXO W

Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais – Relações Parentais(1)



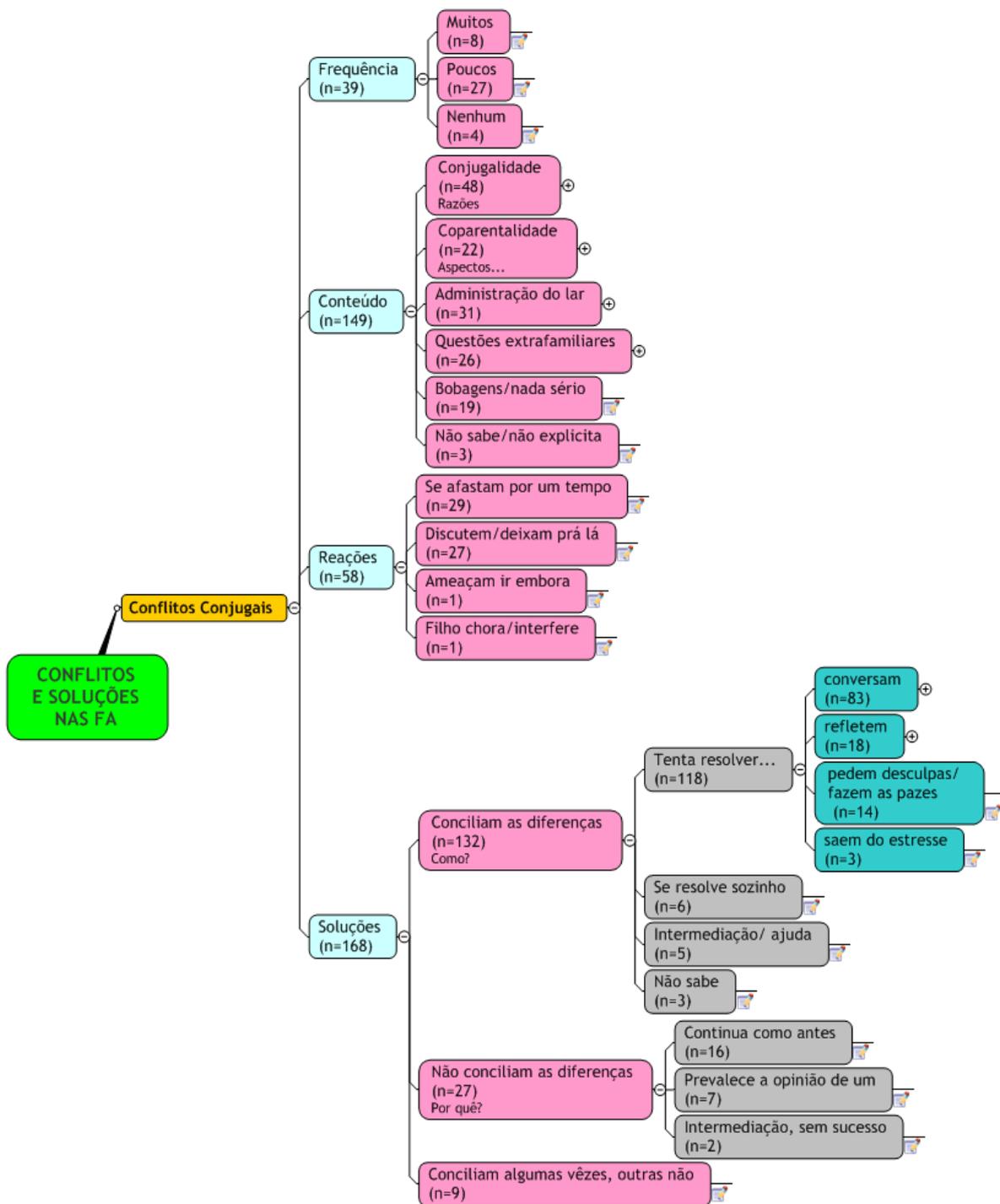
## ANEXO X

Sistema de Categorias: Relações Familiares nas Famílias Atuais – Relações Parentais (2) –  
Preocupações/ Dúvidas e Valores



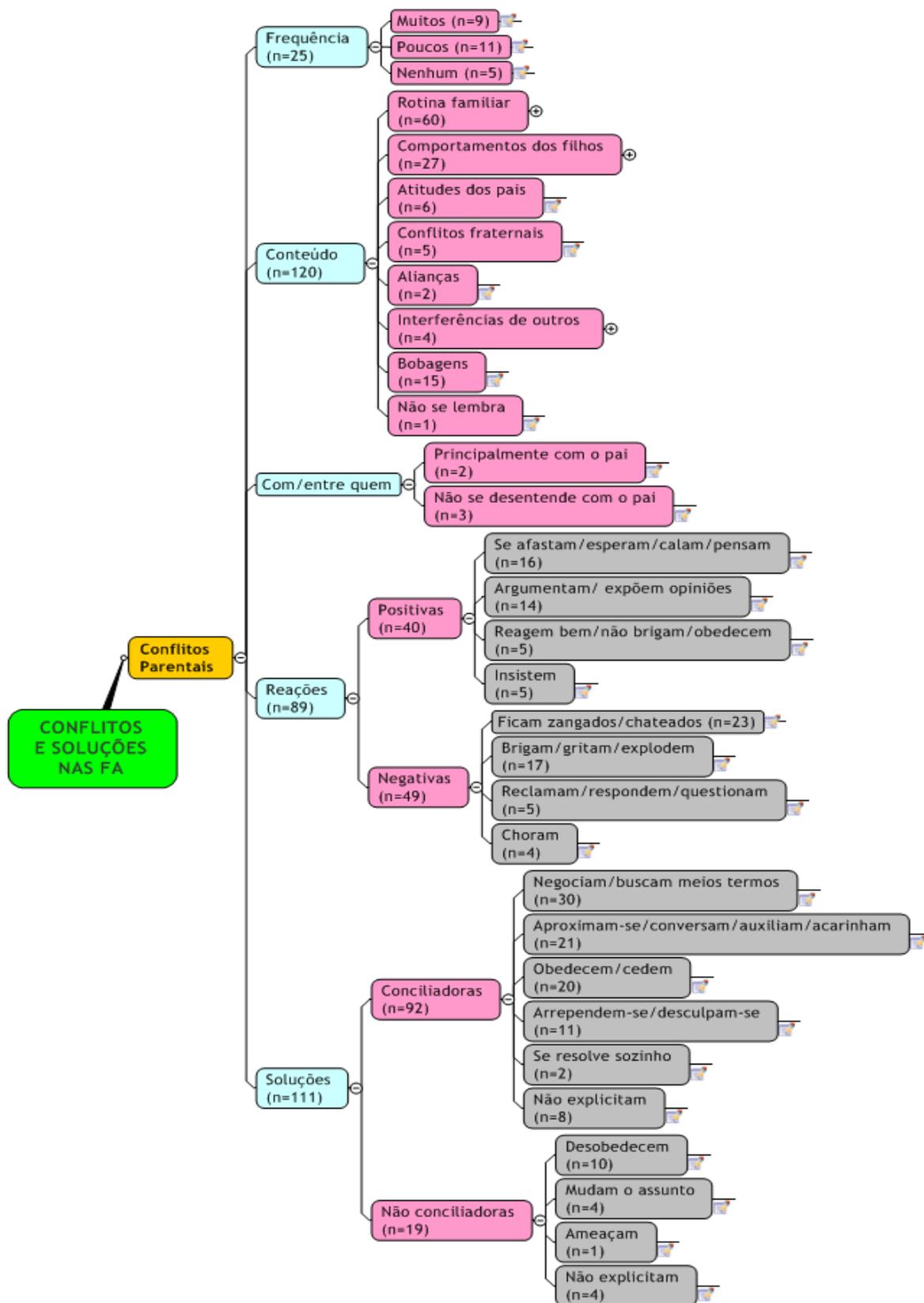
ANEXO Y

Sistema de Categorias: Conflitos Familiares nas Famílias Atuais – Conjugais



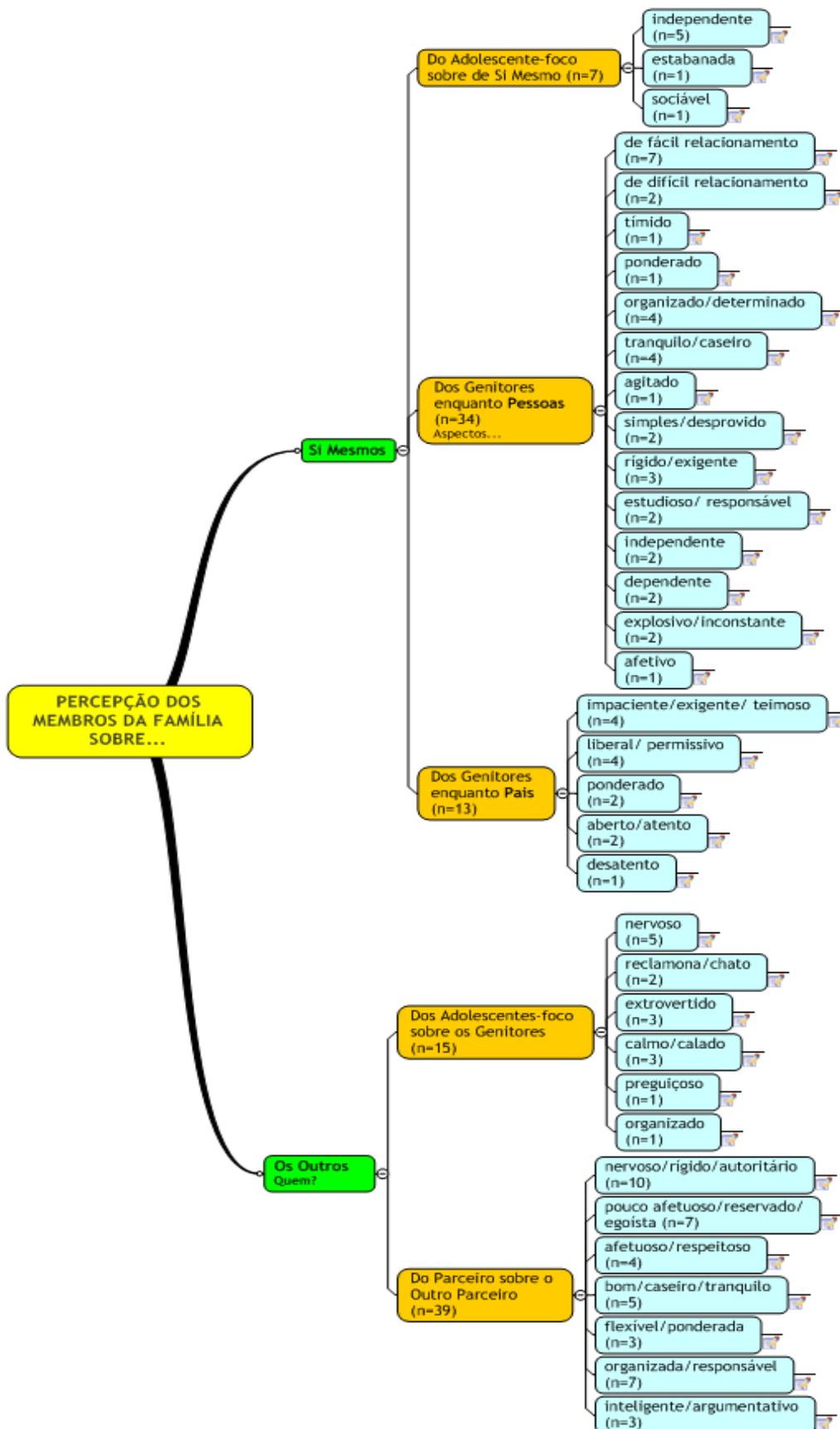
## ANEXO Z

## Sistema de Categorias: Conflitos Familiares nas Famílias Atuais – Parentais



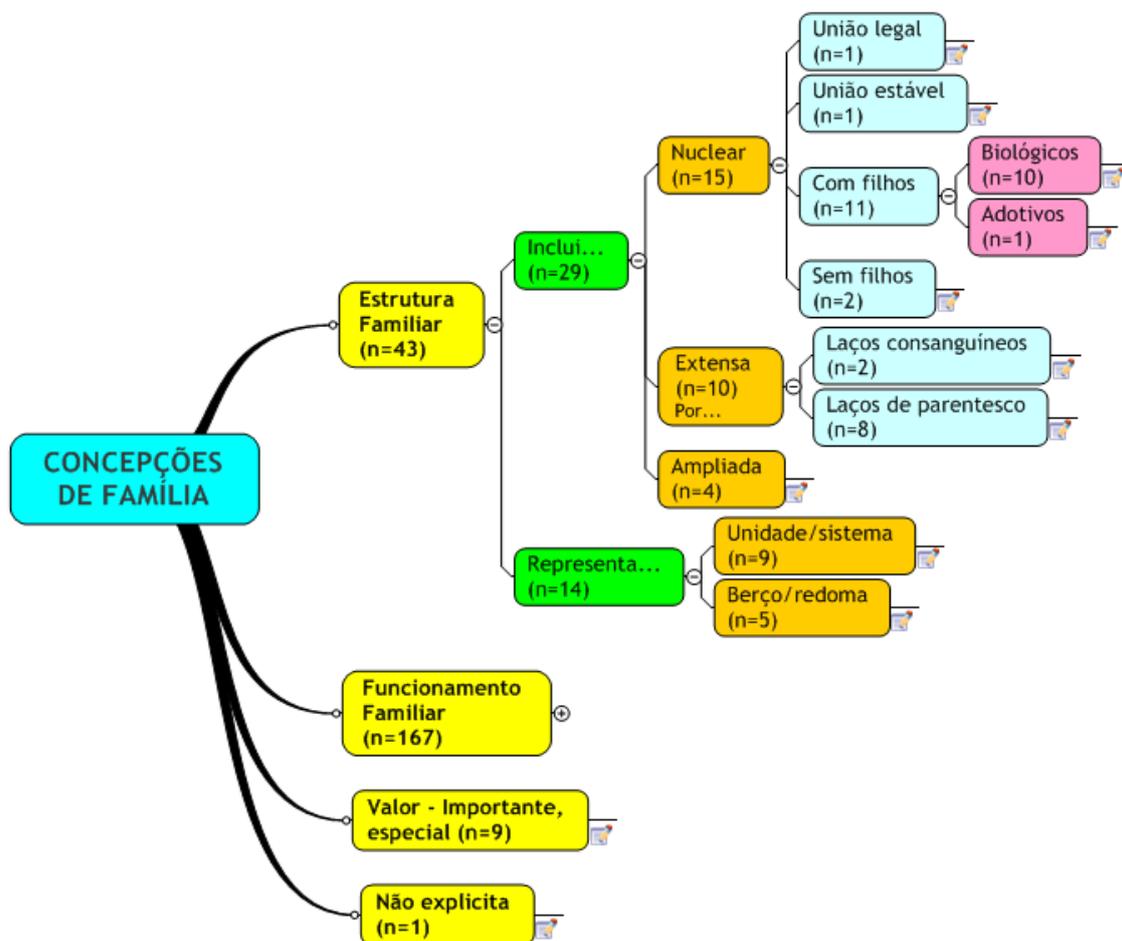
ANEXO AA

Sistema de Categorias: Percepções de Si Mesmos e dos Outros Familiares



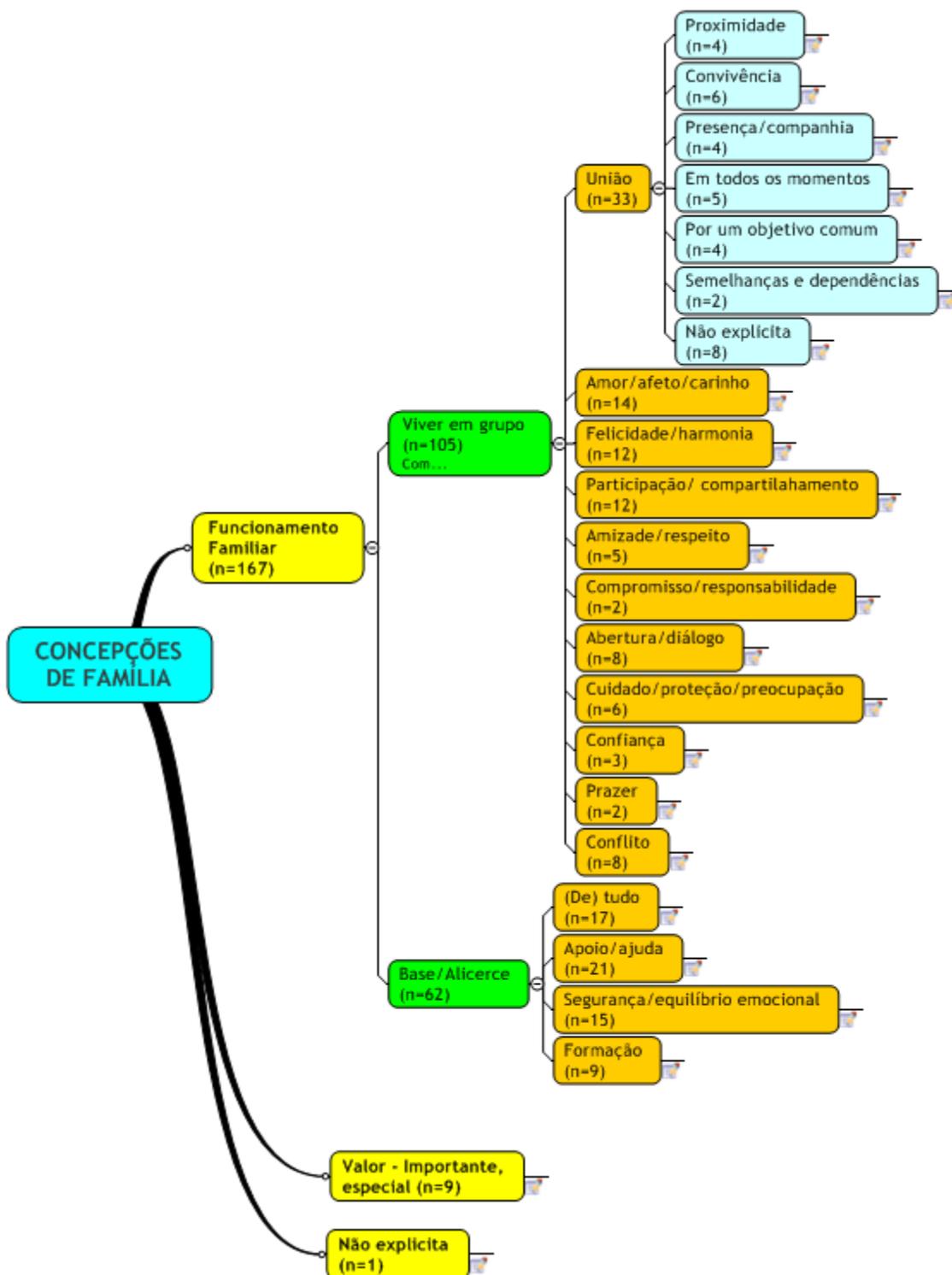
## ANEXO AB

## Sistema de Categorias: Concepções de Família (1) - Estrutura Familiar



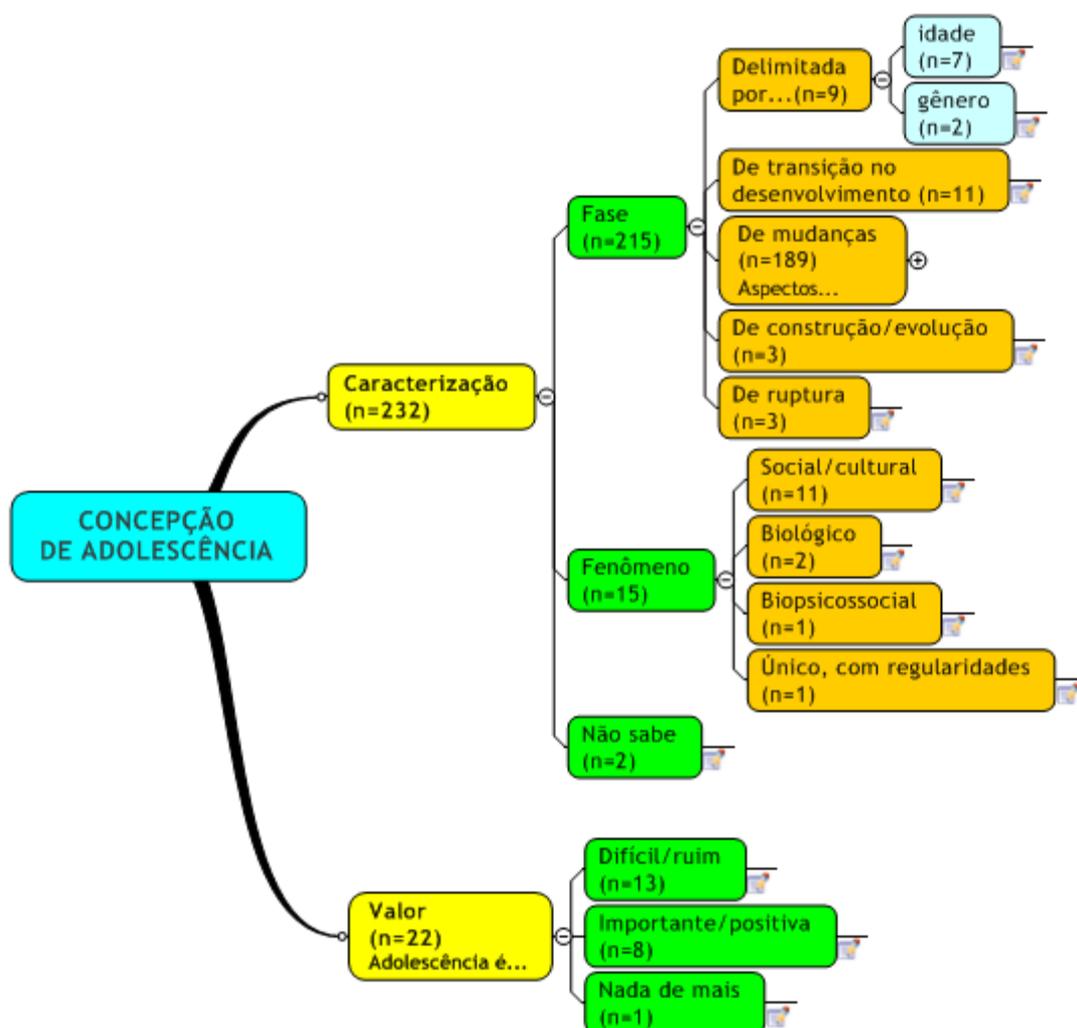
ANEXO AC

Sistema de Categorias: Concepções de Família (2) - Funcionamento e Valor



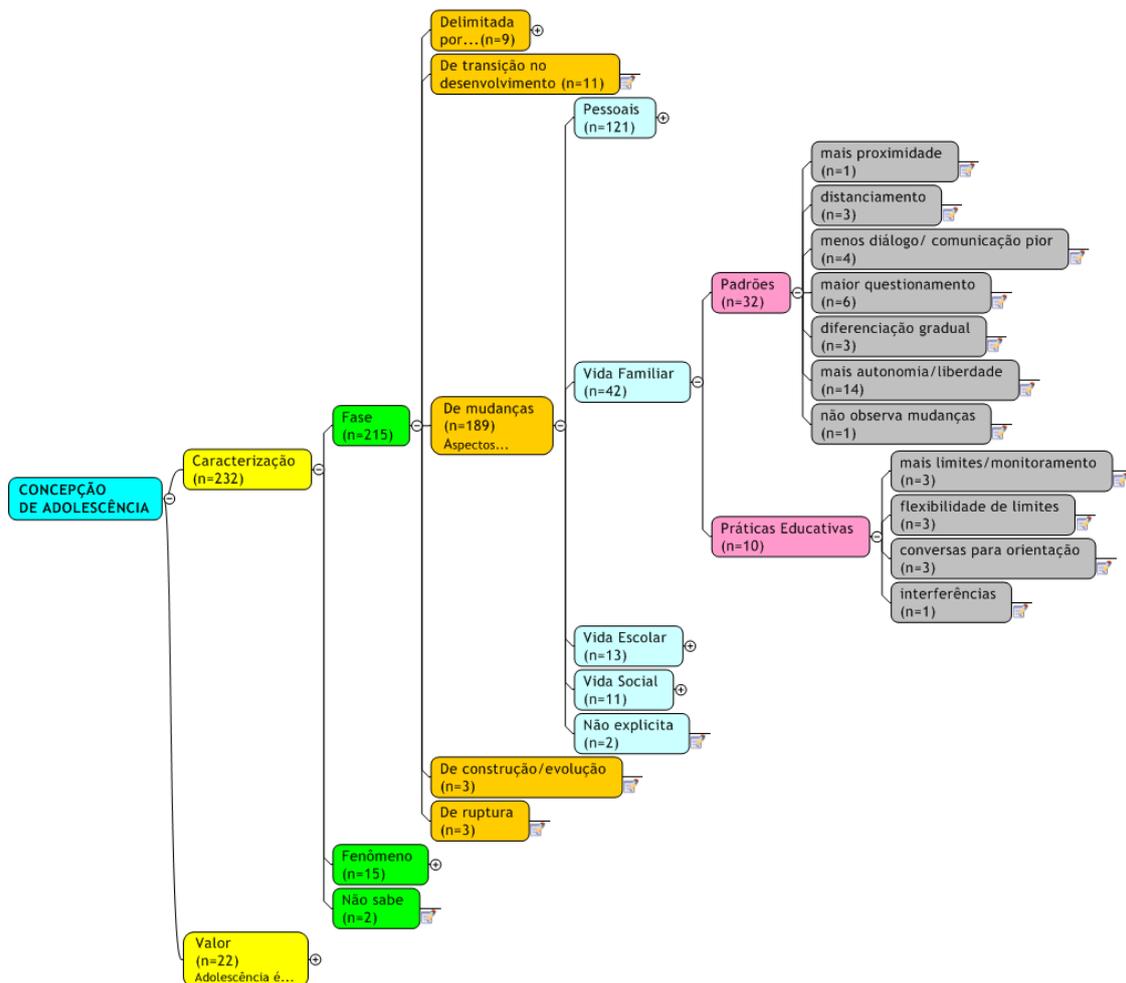
## ANEXO AD

## Sistema de Categorias: Concepções de Adolescência (1) – (geral)



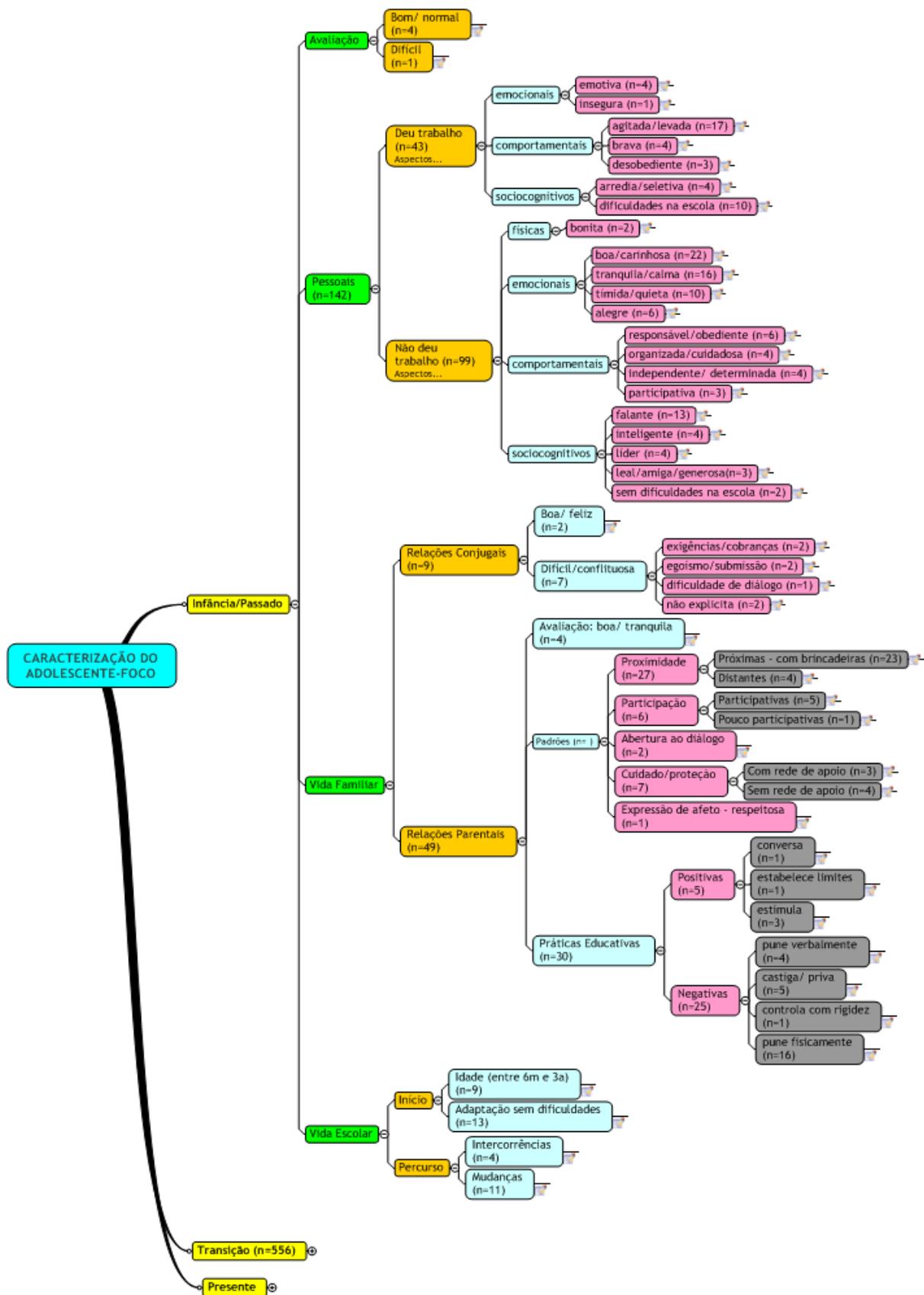
## ANEXO AE

## Sistema de Categorias: Concepções de Adolescência (2) – Fase de Mudanças



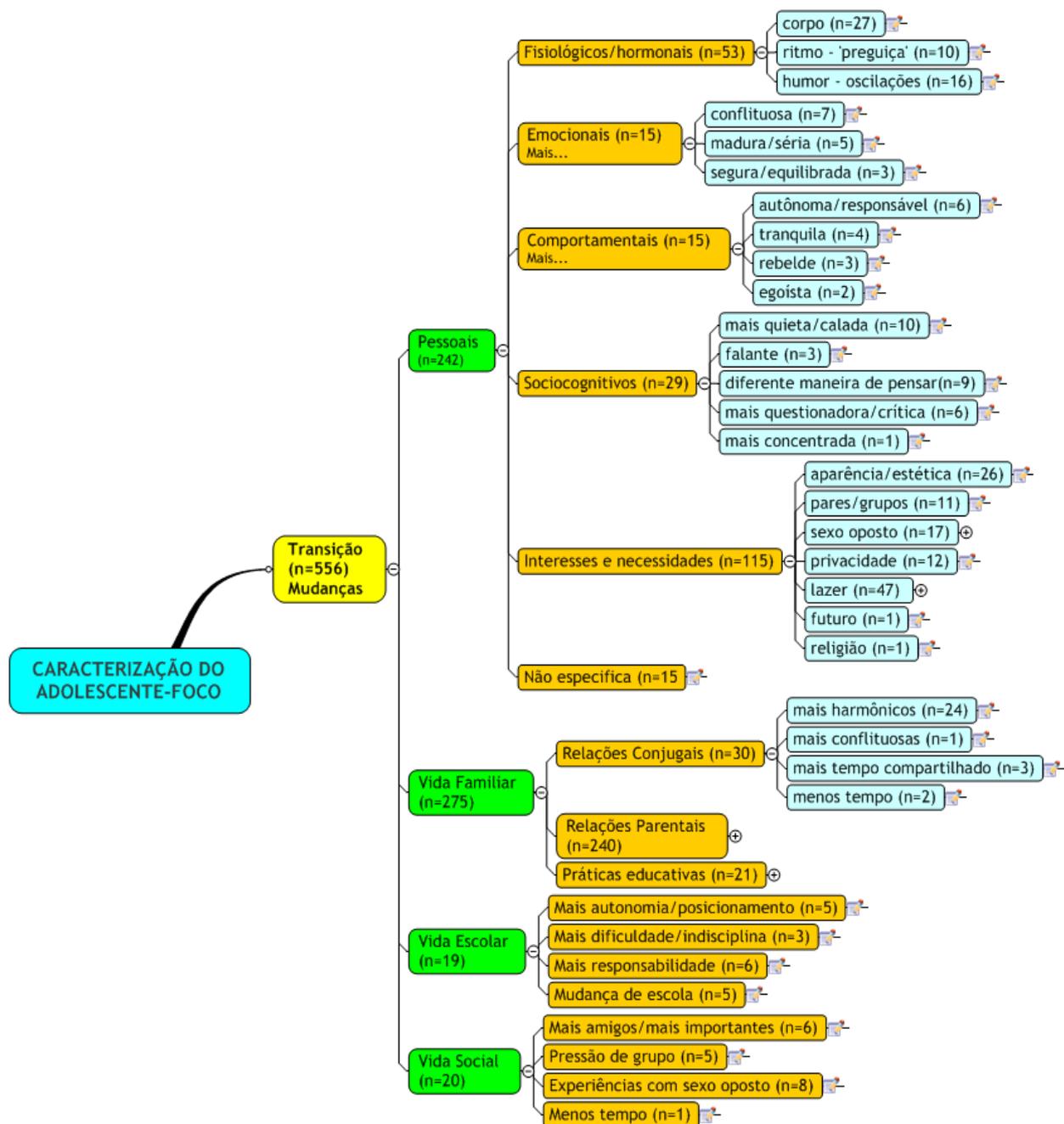
ANEXO AF

Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente-foco – Infância



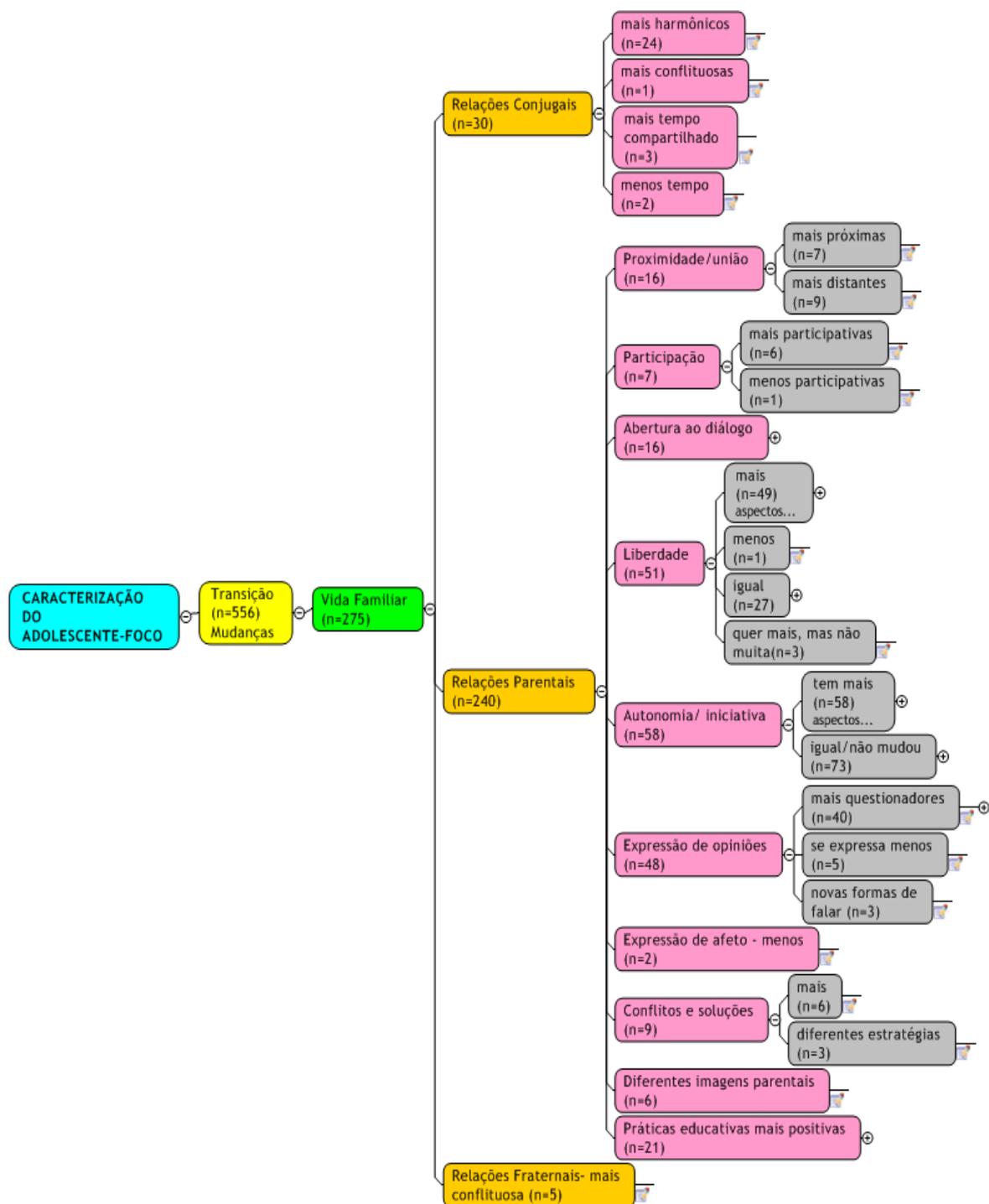
## ANEXO AG

Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente-foco – Transição (1) – Mudanças  
Pessoais, na Vida Escolar e Social



## ANEXO AH

## Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente-foco – Transição (2) – Mudanças na Vida Familiar



## ANEXO AI

## Sistema de Categorias: Caracterização do Adolescente-foco - Presente

